UNE ✦ SACRA

Clássicos Cristãos

A Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo

✦ ✦ ✦

Anna Catarina Emmerich (relato de Clemens Brentano)

Tradução (edição 1.2)

Créditos

Autor	Anna Catarina Emmerich (relato de Clemens Brentano)
Data	1833
Idioma original	Alemão
Versão	Tradução (edição 1.2)
Tradução	Tradução popular, a partir da tradução inglesa (Benziger, 1904)
Fonte	Project Gutenberg
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Visões da paixão de Jesus narradas por Anna Catarina Emmerich (1774–1824), freira agostiniana da Vestfália, na Alemanha, que viveu os últimos anos acamada em Dülmen e trazia, segundo os que a visitaram, os estigmas nas mãos, nos pés e no lado.

Entre 1819 e 1824 o poeta Clemens Brentano a ouviu quase todos os dias e anotou o que ela contava; o livro saiu em 1833.

Em meditações sobre a Última Ceia e capítulos que vão da agonia no Horto das Oliveiras à ressurreição, ela descreve com grande quantidade de detalhes os lugares, as pessoas, as roupas e os sofrimentos de Cristo e de Maria, muito além do que dizem os Evangelhos.

A Igreja trata esses relatos como revelação particular, que ninguém é obrigado a crer; Emmerich foi beatificada em 2004. O livro inspirou muita devoção e, em 2004, o filme "A Paixão de Cristo".

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/10866

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Meditação 1 — Preparativos para a Páscoa

Meditação 2 — A sala da ceia

Meditação 3 — Preparativos para comer o Cordeiro Pascal

Meditação 4 — O cálice usado na Última Ceia

Meditação 5 — Jesus sobe a Jerusalém

Meditação 6 — A Última Páscoa

Meditação 7 — O Lava-pés

Meditação 8 — Instituição da Santa Eucaristia

Meditação 9 — Instruções em particular e consagrações

Introdução à Paixão

1 — Jesus no Jardim das Oliveiras

2 — Judas e seu bando

3 — Jesus é preso

4 — Meios empregados pelos inimigos de Jesus para executar seus planos contra ele

5 — Um olhar sobre Jerusalém

6 — Jesus diante de Anás

7 — O Tribunal de Caifás

8 — Jesus diante de Caifás

9 — Os insultos recebidos por Jesus no tribunal de Caifás

10 — A negação de São Pedro

11 — Maria na Casa de Caifás

12 — Jesus confinado na prisão subterrânea

13 — O julgamento da manhã

14 — O Desespero de Judas

15 — Jesus é levado diante de Pilatos

16 — Descrição do Palácio de Pilatos e dos edifícios adjacentes

17 — Jesus diante de Pilatos

18 — A Origem da Via-Sacra

19 — Pilatos e sua Esposa

20 — Jesus diante de Herodes

21 — Jesus é levado de volta do tribunal de Herodes ao de Pilatos

22 — A flagelação de Jesus

23 — Maria durante a flagelação de nosso Senhor

24 — Interrupção das Visões da Paixão pela Aparição de São José sob a forma de uma Criança

25 — Descrição da aparência física da Santíssima Virgem

26 — A coroação de espinhos

27 — Ecce Homo

28 — Reflexões sobre as Visões

29 — Jesus condenado à crucificação

30 — Jesus carrega a cruz

31 — A primeira queda de Jesus

32 — A Segunda Queda de Jesus

33 — Simão de Cirene. Terceira Queda de Jesus

34 — O Véu de Verônica

35 — A Quarta e a Quinta Quedas de Jesus

36 — Jesus no Monte Gólgota

37 — A partida de Maria e das santas mulheres do Calvário

38 — Jesus é pregado na cruz

39 — A elevação da cruz

40 — A crucificação dos ladrões

41 — Jesus suspenso na cruz entre dois ladrões

42 — Primeira Palavra de Jesus na Cruz

43 — Eclipse do Sol

44 — O medo sentido pelos habitantes de Jerusalém

45 — Quinta, Sexta e Sétima Palavras de Jesus na Cruz

46 — O terremoto

47 — O pedido de José de Arimateia para que lhe fosse permitido ficar com o corpo de Jesus

48 — A abertura do lado de Jesus

49 — Uma descrição de algumas partes da antiga Jerusalém

50 — A Descida da Cruz

51 — O embalsamamento do corpo de Jesus

52 — O corpo de nosso Senhor é colocado no sepulcro

53 — A volta do sepulcro

54 — Sobre o nome do Calvário

55 — A Cruz e o lagar

56 — Aparições por ocasião da morte de Jesus

57 — Guardas são colocados ao redor do túmulo de Jesus

58 — Um olhar sobre os discípulos de Jesus no Sábado Santo

59 — Um relato separado da descida ao Inferno

60 — A Véspera da Ressurreição

61 — José de Arimateia é libertado milagrosamente

62 — A Noite da Ressurreição

63 — A Ressurreição de nosso Senhor

64 — As santas mulheres no sepulcro

65 — O relato feito pelas sentinelas que foram postadas ao redor do sepulcro

66 — O fim das meditações quaresmais

MEDITAÇÃO I — PREPARATIVOS PARA A PÁSCOA

✦

Quinta-feira Santa, 13 de nisã (29 de março).

Foi ontem à noite que aconteceu a última grande refeição pública de nosso Senhor e seus amigos na casa de Simão, o Leproso, em Betânia, e Maria Madalena ungiu pela última vez os pés de Jesus com um perfume precioso. Judas se escandalizou nessa ocasião e voltou imediatamente a Jerusalém para conspirar com os sumos sacerdotes a fim de entregar Jesus nas mãos deles.

Depois da refeição, Jesus voltou à casa de Lázaro, e alguns dos Apóstolos foram à hospedaria situada além de Betânia. Durante a noite, Nicodemos veio novamente à casa de Lázaro, teve uma longa conversa com nosso Senhor e voltou a Jerusalém antes do amanhecer, acompanhado por Lázaro em parte do caminho.

Os discípulos já haviam perguntado a Jesus onde ele comeria a Páscoa. Hoje, antes do amanhecer, nosso Senhor mandou chamar Pedro, Tiago e João, falou com eles demoradamente sobre tudo o que deveriam preparar e providenciar em Jerusalém e lhes disse que, ao subirem o monte Sião, encontrariam o homem que carregava um cântaro de água.

Eles já conheciam bem esse homem, pois, na última Páscoa, em Betânia, fora ele quem preparara a refeição para Jesus, e é por isso que São Mateus diz: certo homem. Deveriam segui-lo até sua casa e dizer-lhe: o Mestre diz:

Meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com meus discípulos (Mt 26:18).

Então lhes seria mostrada a sala da ceia, e eles deveriam fazer todos os preparativos necessários.

Vi os Apóstolos subindo em direção a Jerusalém, ao longo de uma ravina, ao sul do Templo e na direção do lado norte de Sião. No lado sul do monte sobre o qual se erguia o Templo, havia algumas fileiras de casas; eles caminhavam diante dessas casas, seguindo o curso de uma torrente que passava entre eles e as casas.

Quando chegaram ao cume do monte Sião, que é mais alto que o monte do Templo, voltaram seus passos para o sul e, bem no início de uma pequena subida, encontraram o homem que lhes havia sido indicado; seguiram-no e falaram com ele conforme Jesus havia ordenado.

Ele ficou muito satisfeito com suas palavras e respondeu que já haviam encomendado uma ceia para ser preparada em sua casa (provavelmente por Nicodemos), mas que ele não sabia para quem era e se alegrava ao saber que era para Jesus. Esse homem se chamava Heli e era cunhado de Zacarias de Hebrom, em cuja casa Jesus havia anunciado, no ano anterior, a morte de João Batista.

Tinha apenas um filho, que era levita e amigo de São Lucas antes que este fosse chamado por nosso Senhor, e cinco filhas, todas solteiras. Todos os anos ele subia com seus servos para a festa da Páscoa, alugava uma sala e preparava a Páscoa para pessoas que não tinham nenhum amigo na cidade em cuja casa pudessem se hospedar.

Naquele ano, havia alugado uma sala para a ceia que pertencia a Nicodemos e José de Arimateia. Mostrou aos dois Apóstolos sua localização e disposição interna.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 2 — A SALA DA CEIA

✦

No lado sul do monte Sião, não longe das ruínas do Castelo de Davi e do mercado que se realizava na subida que levava àquele castelo, erguia-se, a leste, uma construção antiga e sólida, entre fileiras de árvores frondosas, no meio de um pátio espaçoso cercado por muros resistentes.

À direita e à esquerda da entrada, viam-se outras construções junto ao muro, especialmente à direita, onde ficava a moradia do administrador e, perto dela, a casa em que a Santíssima Virgem e as santas mulheres passaram a maior parte do tempo depois da morte de Jesus.

A sala da ceia, que originalmente era maior, havia sido habitada pelos valentes capitães de Davi, que ali haviam aprendido o uso das armas.

Antes da construção do Templo, a Arca da Aliança havia sido guardada ali por bastante tempo, e ainda se podiam encontrar vestígios de sua presença em um aposento subterrâneo. Também vi o profeta Malaquias escondido sob esse mesmo teto: ali ele escreveu suas profecias sobre o Santíssimo Sacramento e o Sacrifício da Nova Lei.

Salomão tinha essa casa em grande estima e realizou dentro de seus muros algum ato figurativo e simbólico, do qual me esqueci. Quando grande parte de Jerusalém foi destruída pelos babilônios, essa casa foi poupada. Vi muitas outras coisas a respeito dessa mesma casa, mas só me lembro do que acabo de contar.

Essa construção estava em estado bastante precário quando se tornou propriedade de Nicodemos e José de Arimateia, que organizaram o edifício principal de maneira muito adequada e o alugavam como sala de ceia aos forasteiros que vinham a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa. Foi assim que nosso Senhor a havia utilizado no ano anterior.

Ademais, a casa e as construções ao redor serviam de depósitos para monumentos e outras pedras, e de oficinas para os trabalhadores; pois José de Arimateia possuía valiosas pedreiras em sua terra, de onde mandava trazer grandes blocos de pedra para que seus operários, sob sua supervisão, os transformassem em túmulos, ornamentos arquitetônicos e colunas para venda.

Nicodemos tinha participação nesse negócio e costumava passar muitas horas de lazer esculpindo pessoalmente. Trabalhava na sala ou em um aposento subterrâneo que vi debaixo dela, exceto nas épocas das festas; e, como essa ocupação o havia aproximado de José de Arimateia, eles se tornaram amigos e frequentemente se associavam em diversos negócios.

Esta manhã, enquanto Pedro e João conversavam com o homem que havia alugado a sala da ceia, vi Nicodemos nas construções à esquerda do pátio, onde havia sido colocada uma grande quantidade de pedras que obstruíam as passagens que levavam à sala da ceia. Uma semana antes, eu havia visto várias pessoas ocupadas em pôr as pedras de lado, limpar o pátio e preparar a sala da ceia para a celebração da Páscoa; parece-me até que havia entre elas alguns discípulos de nosso Senhor, talvez Aram e Themein, os primos de José de Arimateia.

A sala da ceia, propriamente dita, ficava quase no centro do pátio; seu comprimento era maior que sua largura; era cercada por uma fileira de colunas baixas, e, se os espaços entre as colunas tivessem sido desobstruídos, teriam formado parte da grande sala interna, pois todo o edifício era, por assim dizer, transparente; apenas era costume manter as passagens fechadas, salvo em ocasiões especiais.

A sala era iluminada por aberturas no alto das paredes. Na frente, havia primeiro um vestíbulo, ao qual davam acesso três portas; depois, a grande sala interna, onde várias lâmpadas pendiam da plataforma; as paredes estavam enfeitadas para a festa, até a metade da altura, com belas esteiras ou tapeçarias, e uma abertura havia sido feita no teto e coberta com gaze azul transparente.

A parte dos fundos dessa sala era separada do restante por uma cortina, também de gaze azul transparente. Essa divisão da sala da ceia em três partes lhe dava uma semelhança com o Templo — formando assim o Pátio externo, o Santo e o Santo dos Santos. Na última dessas divisões, dos dois lados, estavam colocadas as vestes e outras coisas necessárias para a celebração da festa.

No centro havia uma espécie de altar. Um banco de pedra elevado sobre três degraus, em forma de triângulo retângulo, projetava-se da parede; devia constituir a parte superior do forno usado para assar o Cordeiro Pascal, pois hoje os degraus estavam bastante quentes durante a refeição.

Não consigo descrever em detalhes tudo o que havia nessa parte da sala, mas ali se faziam todos os tipos de preparativos para a Ceia Pascal. Acima desse fogão em forma de altar, havia uma espécie de nicho na parede, di-

ante do qual vi uma imagem do Cordeiro Pascal, com uma faca na garganta e o sangue parecendo cair gota a gota sobre o altar; mas não me lembro claramente de como isso era feito.

Em um nicho na parede havia três armários de várias cores, que giravam como nossos sacrários para abrir ou fechar. Neles eram guardados diversos recipientes usados na celebração da Páscoa; mais tarde, o Santíssimo Sacramento foi colocado ali.

Nos aposentos aos lados da sala da ceia, havia alguns leitos sobre os quais estavam colocadas cobertas grossas enroladas e que podiam ser usados como camas. Havia porões espaçosos sob toda essa construção. A Arca da Aliança havia sido guardada antigamente sob o mesmo lugar onde mais tarde foi construído o fogão.

Cinco canais, sob a casa, serviam para levar os dejetos até a encosta da colina, em cuja parte superior a casa havia sido construída. Eu já havia visto Jesus pregar e realizar curas milagrosas ali, e os discípulos muitas vezes passavam a noite nos aposentos laterais.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 3 — PREPARATIVOS PARA COMER O CORDEIRO PASCAL

✦

Depois que os discípulos falaram com Heli de Hebrom, este voltou para dentro da casa pelo pátio, mas eles viraram à direita e desceram depressa pelo lado norte da colina, atravessando Sião. Passaram por uma ponte e, caminhando por uma estrada coberta de espinheiros, chegaram ao outro lado da ravina, que ficava diante do Templo e da fileira de casas ao sul daquele edifício.

Ali ficava a casa do velho Simeão, que morreu no Templo depois da apresentação de nosso Senhor; e seus filhos, alguns dos quais eram discípulos de Jesus em segredo, moravam ali naquela época. Os Apóstolos falaram com um deles, um homem alto, de pele morena, que exercia alguma função no Templo.

Foram com ele até o lado leste do Templo, passando pela parte de Ofel pela qual Jesus entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos, e dali ao mercado de gado, que ficava na cidade, ao norte do Templo. Na parte sul desse mercado, vi pequenos cercados nos quais alguns belos cordeiros saltitavam. Era ali que se compravam os cordeiros para a Páscoa.

Vi o filho de Simeão entrar em um desses cercados; e os cordeiros saltitavam ao redor dele como se o conhecessem. Ele escolheu quatro, que foram levados à sala da ceia, onde se ocupavam dos preparativos do Cordeiro Pascal.

Vi Pedro e João irem a várias partes da cidade e encomendarem diversas coisas. Também os vi parados diante da porta de uma casa situada ao norte do monte Calvário, onde os discípulos de Jesus se hospedavam a maior parte do tempo e que pertencia a Seráfia (mais tarde chamada Verônica). Pedro e João enviaram dali alguns discípulos à sala da ceia, dando-lhes várias tarefas, das quais me esqueci.

Eles também entraram na casa de Seráfia, onde tinham vários preparativos a fazer. Seu marido, que era membro do conselho, costumava estar ausente, ocupado com negócios; mas, mesmo quando estava em casa, ela pouco o via. Era uma mulher de aproximadamente a mesma idade da Santíssima Virgem e havia muito tempo mantinha relações com a Sagrada Família; pois, quando o Menino Jesus permaneceu os três dias em Jerusalém depois da festa, foi ela quem lhe forneceu alimento.

Os dois Apóstolos levaram dali, entre outras coisas, o cálice que nosso Senhor usou na instituição da Santa Eucaristia.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 4 — O CÁLICE USADO NA ÚLTIMA CEIA

✦

O cálice que os Apóstolos trouxeram da casa de Verônica tinha uma aparência maravilhosa e misteriosa. Durante muito tempo, ele havia sido guardado no Templo entre outros objetos preciosos de grande antiguidade, cujo uso e origem haviam sido esquecidos.

Algo semelhante aconteceu, em certa medida, na Igreja Cristã, onde muitas joias consagradas foram esquecidas e deixaram de ser usadas com o tempo. Vasos e joias antigos, enterrados sob o Templo, muitas vezes haviam sido desenterrados, vendidos ou recebido novas montagens.

Foi assim que, com a permissão de Deus, esse recipiente sagrado, que ninguém jamais conseguira fundir por ser feito de algum material desconhecido e que os sacerdotes haviam encontrado no tesouro do Templo entre outros objetos que já não eram usados, foi vendido a alguns antiquários.

Ele foi comprado por Seráfia, foi usado várias vezes por Jesus na celebração de festas e, desde o dia da Última Ceia, tornou-se propriedade exclusiva da santa comunidade cristã.

Esse recipiente nem sempre teve a mesma forma de quando foi usado por nosso Senhor em sua Última Ceia, e talvez tenha sido naquela ocasião que as várias peças que o compunham foram reunidas pela primeira vez. O grande cálice ficava sobre um prato, do qual também se podia retirar uma espécie de tabuleta, e ao redor dele havia seis pequenos copos.

O grande cálice continha outro vaso menor; acima dele havia um pequeno prato e, em seguida, uma tampa redonda. Uma colher ficava encaixada no pé do cálice e podia ser retirada facilmente para o uso. Todos esses diferentes recipientes eram cobertos com linho fino e, se não me engano, eram envolvidos por um estojo de couro.

O grande cálice era composto da taça e do pé, sendo que este último devia ter sido unido a ela em uma época posterior, pois era de um material diferente. A taça tinha forma de pera, era maciça, de cor escura e muito polida, com ornamentos de ouro e duas pequenas alças pelas quais podia ser levantada.

O pé era de ouro virgem, trabalhado com esmero, ornamentado com uma serpente e um pequeno cacho de uvas, e enriquecido com pedras preciosas.

O cálice foi deixado na Igreja de Jerusalém, nas mãos de São Tiago Menor; e vejo que ele ainda está preservado naquela cidade — um dia reaparecerá, da mesma maneira que antes. Outras Igrejas ficaram com as pequenas taças que o cercavam; uma foi levada para Antioquia e outra para Éfeso. Elas pertenciam aos patriarcas, que bebiam nelas alguma bebida misteriosa quando recebiam ou davam uma bênção, como vi muitas vezes.

O grande cálice havia pertencido a Abraão; Melquisedeque o trouxe consigo da terra de Semíramis para a terra de Canaã, quando começava a fundar alguns povoados no lugar onde Jerusalém foi construída mais tarde; ele o usou então para oferecer sacrifício, quando ofereceu pão e vinho na pre-

sença de Abraão, e o deixou em posse daquele santo patriarca. Esse mesmo cálice também havia sido preservado na Arca de Noé.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 5 — JESUS SOBE A JERUSALÉM

✦

Pela manhã, enquanto os Apóstolos estavam ocupados em Jerusalém com os preparativos para a Páscoa, Jesus, que havia permanecido em Betânia, despediu-se de maneira comovente das santas mulheres, de Lázaro e de sua Mãe Santíssima, e lhes deu algumas instruções finais.

Vi nosso Senhor conversando a sós com sua Mãe, e ele lhe disse, entre outras coisas, que havia enviado Pedro, o apóstolo da fé, e João, o apóstolo do amor, para preparar a Páscoa em Jerusalém. Ao falar de Madalena, cuja aflição era excessiva, disse que o amor dela era grande, mas ainda um tanto humano, e que, por isso, sua tristeza a deixava fora de si.

Ele também falou dos planos do traidor Judas, e a Santíssima Virgem rezou por ele. Judas havia saído novamente de Betânia para ir a Jerusalém, sob o pretexto de pagar algumas dívidas vencidas. Passou o dia inteiro indo às pressas de um fariseu a outro e fazendo seus últimos acordos com eles.

Mostraram-lhe os soldados que haviam sido contratados para prender nosso Divino Salvador, e ele organizou suas idas e vindas de modo a poder justificar sua ausência. Vi todos os seus planos perversos e todos os seus pensamentos.

Ele era naturalmente ativo e prestativo, mas essas boas qualidades foram sufocadas pela avareza, pela ambição e pela inveja, paixões que não fazia ne-

nhum esforço para controlar. Na ausência de nosso Senhor, ele havia até realizado milagres e curado os enfermos.

Quando nosso Senhor anunciou à sua Mãe Santíssima o que ia acontecer, ela lhe suplicou, com as palavras mais comoventes, que a deixasse morrer com ele. Mas ele a exortou a demonstrar mais calma em sua dor do que as outras mulheres, disse-lhe que ressuscitaria e indicou o lugar exato onde lhe apareceria.

Ela não chorou muito, mas sua dor era indescritível, e havia algo quase aterrador em sua expressão de profundo recolhimento. Nosso Divino Senhor agradeceu, como um Filho amoroso, por todo o amor que ela lhe havia dedicado, e a apertou contra o coração.

Também lhe disse que celebraria a Última Ceia com ela, espiritualmente, e indicou a hora em que ela receberia seu precioso Corpo e Sangue. Então, mais uma vez, com palavras comoventes, despediu-se de todos e lhes deu diferentes instruções.

Por volta do meio-dia, Jesus e os nove Apóstolos saíram de Betânia e subiram a Jerusalém, seguidos por sete discípulos que, com exceção de Natanael e Silas, eram de Jerusalém e dos arredores. Entre eles estavam João, Marcos e o filho da viúva pobre que, na quinta-feira anterior, havia oferecido sua pequena moeda no Templo, enquanto Jesus pregava ali. Jesus o havia acolhido em sua companhia alguns dias antes. As santas mulheres partiram mais tarde.

Jesus e seus companheiros caminharam ao redor do Monte das Oliveiras, pelas imediações do vale de Josafá, e chegaram até o Monte Calvário. Du-

rante todo esse percurso, ele continuou a lhes dar instruções.

Disse aos Apóstolos, entre outras coisas, que até então lhes havia dado seu pão e seu vinho, mas que naquele dia lhes daria seu Corpo e Sangue, a si mesmo por inteiro — tudo o que tinha e tudo o que era.

O rosto de nosso Senhor tinha uma expressão tão comovente enquanto falava que toda a sua alma parecia se derramar de seus lábios, e ele parecia desfalecer de amor e de desejo pelo momento em que se daria ao ser humano. Seus discípulos não o compreendiam, mas pensavam que ele estava falando do Cordeiro Pascal.

Nenhuma palavra pode dar uma ideia adequada do amor e da resignação expressos nessas últimas falas de nosso Senhor em Betânia e em seu caminho para Jerusalém.

Os sete discípulos que haviam seguido nosso Senhor até Jerusalém não foram para lá em sua companhia, mas levaram as vestes cerimoniais da Páscoa à sala da ceia e depois voltaram à casa de Maria, a mãe de Marcos.

Quando Pedro e João chegaram à sala da ceia com o cálice, todas as vestes cerimoniais já estavam no vestíbulo, para onde haviam sido levadas pelos discípulos dele e por alguns companheiros. Eles também haviam coberto as paredes com tecidos, desobstruído as aberturas mais altas nas laterais e colocado três lâmpadas.

Pedro e João foram então ao vale de Josafá e chamaram nosso Senhor e os doze Apóstolos. Os discípulos e amigos que também celebrariam sua Páscoa na sala da ceia chegaram mais tarde.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 6 — A ÚLTIMA PÁSCOA

✦

Jesus e seus discípulos comeram o Cordeiro Pascal na sala da ceia. Dividiram-se em três grupos. Jesus comeu o Cordeiro Pascal com os doze Apóstolos na sala da ceia propriamente dita; Natanael, com outros doze discípulos, em uma das salas laterais; e Eliacim (filho de Cléofas e de Maria, filha de Heli), que havia sido discípulo de João Batista, com mais doze, em outra sala lateral.

Três cordeiros foram imolados para eles no Templo, mas havia um quarto cordeiro, que foi imolado na sala da ceia e foi o que Jesus comeu com seus Apóstolos. Judas não sabia disso, pois, ocupado em tramar a traição de nosso Senhor, só voltou poucos instantes antes da refeição, depois que o cordeiro já havia sido imolado.

Foi muito comovente a cena da imolação do cordeiro que seria comido por Jesus e seus Apóstolos; ela aconteceu no vestíbulo da sala da ceia. Os Apóstolos e os discípulos estavam presentes, cantando o Salmo 118.

Jesus falou de um novo período que então começava e disse que o sacrifício de Moisés e a figura do Cordeiro Pascal estavam prestes a se cumprir, mas que, justamente por isso, o cordeiro devia ser imolado da mesma maneira que antigamente no Egito, e que eles estavam realmente prestes a sair da casa da escravidão.

Os recipientes e os instrumentos necessários foram preparados, e então os ajudantes trouxeram um belo cordeirinho, enfeitado com uma coroa, que foi enviado à Santíssima Virgem, na sala onde ela havia permanecido com as outras santas mulheres.

O cordeiro foi preso com as costas contra uma tábua, por uma corda ao redor do corpo, e me fez lembrar de Jesus amarrado à coluna e açoitado. O filho de Simeão segurava a cabeça do cordeiro; Jesus fez uma pequena incisão no pescoço dele com a ponta de uma faca, que depois entregou ao filho de Simeão, para que terminasse de matá-lo.

Jesus pareceu fazer o ferimento com um sentimento de repugnância, e seus movimentos eram rápidos, embora seu semblante fosse sério e sua maneira de agir inspirasse respeito. O sangue escorreu para uma bacia, e os ajudantes trouxeram um ramo de hissopo, que Jesus mergulhou nele.

Depois foi até a porta da sala, marcou os batentes laterais e a fechadura com sangue e colocou acima da porta o ramo que havia sido mergulhado no sangue. Então falou aos discípulos e lhes disse, entre outras coisas, que o anjo exterminador passaria por ali, que eles adorariam naquela sala sem medo nem ansiedade quando ele, o verdadeiro Cordeiro Pascal, tivesse sido imolado — que uma nova época e um novo sacrifício estavam prestes a começar e durariam até o fim do mundo.

Em seguida, foram para o outro lado da sala, perto da lareira onde antes estivera a Arca da Aliança. O fogo já havia sido aceso ali, e Jesus derramou um pouco de sangue sobre a lareira, consagrando-a como altar; o restante do sangue e a gordura foram lançados ao fogo debaixo do altar.

Depois disso, Jesus, seguido por seus Apóstolos, percorreu a sala da ceia, cantando alguns salmos e consagrando-a como um novo Templo. Todas as portas ficaram fechadas durante esse tempo. Enquanto isso, o filho de Simeão havia terminado de preparar o cordeiro.

Passou uma estaca pelo corpo dele, prendendo as patas dianteiras a uma peça transversal de madeira e estendendo as traseiras ao longo da estaca. Ele apresentava uma forte semelhança com Jesus na cruz e foi colocado no forno para ser assado ali com os outros três cordeiros trazidos do Templo.

Todos os Cordeiros Pascais dos judeus eram imolados no vestíbulo do Templo, mas em lugares diferentes, conforme as pessoas que iriam comê-los fossem ricas, pobres ou estrangeiras. O Cordeiro Pascal de Jesus não foi imolado no Templo, mas todo o restante foi feito rigorosamente de acordo com a lei. Jesus voltou a falar aos discípulos, dizendo que o cordeiro era apenas uma figura e que ele próprio seria, no dia seguinte, o verdadeiro Cordeiro Pascal, além de outras coisas que esqueci.

Quando Jesus terminou suas instruções sobre o Cordeiro Pascal e seu significado, tendo chegado a hora e estando Judas também de volta, as mesas foram preparadas. Os discípulos vestiram roupas de viagem que estavam no vestíbulo, calçados diferentes, uma túnica branca semelhante a uma camisa e um manto curto na frente e mais comprido atrás.

Suas mangas eram largas e estavam dobradas para trás, e eles prenderam as roupas ao redor da cintura. Cada grupo foi para sua própria mesa: os dois grupos de discípulos nas salas laterais, e nosso Senhor e seus Apóstolos na sala da ceia.

Seguravam cajados nas mãos e foram de dois em dois até a mesa, onde permaneceram de pé, cada um em seu lugar, com o cajado apoiado nos braços e as mãos erguidas.

A mesa era estreita e cerca de meio pé mais alta que os joelhos de um homem; tinha a forma de uma ferradura e, em frente a Jesus, na parte interna do semicírculo, havia um espaço vazio para que os ajudantes pudessem colocar os pratos.

Pelo que consigo lembrar, João, Tiago Maior e Tiago Menor sentaram-se à direita de Jesus; depois deles, Bartolomeu e, em seguida, depois da curva da mesa, Tomé e Judas Iscariotes. Pedro, André e Tadeu sentaram-se à esquerda de Jesus; depois vinha Simão e, em seguida, depois da curva, Mateus e Filipe.

O Cordeiro Pascal foi colocado em uma travessa no centro da mesa. Sua cabeça repousava sobre as patas dianteiras, que estavam presas a uma vara transversal; as patas traseiras estavam estendidas, e a travessa estava guarnecida com alho.

Ao lado havia uma travessa com a carne assada da Páscoa; depois vinha um prato com verduras apoiadas umas nas outras e outro com pequenos feixes de ervas amargas, que tinham a aparência de ervas aromáticas. Em frente a Jesus também havia uma travessa com diferentes ervas e outra contendo um molho de bebida de cor marrom.

Os convidados tinham diante de si alguns pães redondos em lugar de pratos e usavam facas de marfim.

⁂

Depois da oração, o mordomo colocou a faca para cortar o cordeiro sobre a mesa, diante de Jesus, que pôs uma taça de vinho à sua frente e encheu outras seis taças, cada uma entre dois Apóstolos. Jesus abençoou o vinho e bebeu, e os Apóstolos beberam de dois em dois da mesma taça.

Então nosso Senhor começou a cortar o cordeiro; seus Apóstolos apresentaram seus pedaços de pão, um de cada vez, e cada um recebeu sua porção. Comeram-no às pressas, separando a carne dos ossos com suas facas de marfim, e os ossos foram queimados depois. Também comeram às pressas o alho e as ervas verdes, mergulhando-os no molho.

Durante todo esse tempo permaneceram de pé, apenas apoiando-se levemente nos encostos de seus assentos. Jesus partiu um dos pães sem fermento, cobriu uma parte e dividiu o restante entre seus Apóstolos.

Outra taça de vinho foi trazida, mas Jesus não bebeu dela: 'Tomem isto', disse ele, 'e repartam entre vocês, pois de agora em diante não beberei do fruto da videira até aquele dia em que o beber novo com vocês no reino de meu Pai' (Mt. 26:29). Depois de beberem o vinho, cantaram um hino; então Jesus orou ou ensinou, e eles lavaram novamente as mãos. Depois disso, sentaram-se.

Nosso Senhor cortou outro cordeiro, que foi levado às santas mulheres em um dos edifícios do pátio, onde elas estavam sentadas à mesa. Os Apóstolos comeram mais alguns legumes e alface. O semblante de nosso Divino Salvador tinha uma expressão indescritível de serenidade e recolhimento, maior do que eu jamais havia visto.

Ele pediu aos Apóstolos que esquecessem todas as suas preocupações. A Santíssima Virgem também, sentada à mesa com as outras mulheres, parecia muito serena e tranquila. Quando as outras mulheres se aproximavam e seguravam seu véu para fazê-la se virar e falar com elas, cada um de seus movimentos expressava o mais doce domínio de si e a serenidade de espírito.

A princípio, Jesus conversou com amor e calma com seus discípulos, mas depois de algum tempo ficou sério e triste: 'Em verdade, em verdade, eu lhes digo que um de vocês está prestes a me trair', disse ele, 'aquele que põe a mão no prato comigo' (Mt. 26:21.23).

Jesus estava então distribuindo a alface, da qual havia apenas uma travessa, aos Apóstolos que estavam ao seu lado, e havia dado a Judas, que estava quase à sua frente, a tarefa de distribuí-la aos outros.

Quando Jesus falou de um traidor, expressão que encheu todos os Apóstolos de medo, disse: 'aquele que põe a mão no prato comigo', o que significa: 'um dos doze que estão comendo e bebendo comigo — um daqueles com quem estou comendo pão'.

Com essas palavras, ele não indicou claramente Judas aos outros, pois pôr a mão no mesmo prato era uma expressão usada para significar a convivência mais amistosa e íntima. Queria, contudo, dar uma advertência a Judas, que naquele momento realmente punha a mão no prato com nosso Salvador para distribuir a alface.

Jesus continuou a falar: 'O Filho do Homem vai, de fato', disse ele, 'como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por quem o Filho do Homem

será traído! Seria melhor para esse homem se não tivesse nascido.'

Os Apóstolos ficaram muito perturbados, e cada um deles exclamou: 'Senhor, sou eu?', pois todos tinham plena consciência de que não compreendiam inteiramente suas palavras.

Pedro inclinou-se para João, por trás de Jesus, e fez-lhe um sinal para que perguntasse a nosso Senhor quem seria o traidor, pois, tendo sido tantas vezes repreendido por nosso Senhor, tremia de medo de que fosse ele próprio a pessoa mencionada.

João estava sentado à direita de Jesus e, como todos se apoiavam no braço esquerdo e usavam o direito para comer, sua cabeça ficava perto do peito de Jesus. Então ele se recostou sobre seu peito e disse: 'Senhor, quem é?' Não vi Jesus lhe dizer com os lábios: 'É aquele a quem eu der o pão molhado'.

Não sei se ele lhe sussurrou isso, mas João ficou sabendo quando Jesus, depois de molhar o pão, que estava coberto de alface, o entregou com ternura a Judas, que também perguntou: 'Sou eu, Senhor?' Jesus olhou para ele com amor e lhe respondeu em termos gerais.

Entre os judeus, dar pão molhado era um sinal de amizade e confiança; nessa ocasião, Jesus deu o pedaço a Judas para assim adverti-lo, sem revelar sua culpa aos outros. Mas o coração de Judas ardia de raiva e, durante todo o tempo da refeição, vi uma pequena figura assustadora sentada a seus pés e, às vezes, subindo até seu coração.

Não vi João repetir a Pedro o que havia aprendido de Jesus, mas ele acalmou seus temores com um olhar.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 7 — O LAVA-PÉS

✦

Eles se levantaram da mesa e, enquanto arrumavam as roupas, como costumavam fazer antes de sua oração solene, o mordomo entrou com dois servos para retirar a mesa. Jesus, de pé no meio de seus Apóstolos, falou-lhes longamente, de maneira muito solene.

Eu não poderia repetir com exatidão todo o seu discurso, mas lembro que ele falou de seu reino, de sua ida para o Pai, do que lhes deixaria agora que estava prestes a ser levado, etc. Também lhes deu algumas instruções sobre a penitência, a confissão dos pecados, o arrependimento e a justificação.

Senti que essas instruções se referiam ao lava-pés, e vi que todos os Apóstolos reconheceram seus pecados e se arrependeram deles, com exceção de Judas. Esse discurso foi longo e solene. Quando terminou, Jesus mandou João e Tiago, o Menor, buscar água no vestíbulo e disse aos Apóstolos que dispusessem os assentos em semicírculo.

Ele próprio foi ao vestíbulo, onde amarrou uma toalha à cintura. Enquanto isso, os Apóstolos conversavam entre si e começaram a fazer suposições sobre qual deles seria o maior, pois, como nosso Senhor havia anunciado expressamente que estava prestes a deixá-los e que seu reino estava próximo, sentiram-se novamente fortalecidos na ideia de que ele tinha planos secretos e de que se referia a algum triunfo terreno que lhes caberia no último momento.

Enquanto isso, Jesus, no vestíbulo, disse a João que pegasse uma bacia e a Tiago, uma jarra cheia de água. Com esses objetos, eles o seguiram até a sala, onde o mordomo havia colocado outra bacia vazia.

Ao voltar para junto de seus discípulos de maneira tão humilde, Jesus lhes dirigiu algumas palavras de repreensão a respeito da discussão que havia surgido entre eles e disse, entre outras coisas, que ele próprio era seu servo e que deveriam se sentar para que ele lhes lavasse os pés. Sentaram-se, portanto, na mesma ordem em que haviam se sentado à mesa.

Jesus passou de um a outro, derramou a água da bacia que João carregava sobre os pés de cada um e depois os enxugou com a ponta da toalha que trazia amarrada à cintura. Muito amorosa e terna era a maneira de nosso Senhor ao se humilhar assim aos pés de seus Apóstolos.

Pedro, quando chegou sua vez, procurou, por humildade, impedir Jesus de lhe lavar os pés: 'Senhor', exclamou, 'tu vais lavar os meus pés?' Jesus respondeu: 'O que faço, tu não compreendes agora, mas compreenderás depois.' Pareceu-me que ele lhe disse em particular: 'Simão, tu mereceste que meu Pai te revelasse quem sou, de onde venho e para onde vou; só tu o confessaste expressamente.

Por isso, sobre ti edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Meu poder permanecerá com teus sucessores até o fim do mundo.'

Jesus o indicou aos outros Apóstolos e disse que, quando já não estivesse presente entre eles, Pedro deveria ocupar seu lugar junto deles. Pedro disse: 'Nunca lavarás meus pés!' Nosso Senhor respondeu: 'Se eu não te lavar, não

terás parte comigo.' Então Pedro exclamou: 'Senhor, não só meus pés, mas também minhas mãos e minha cabeça.' Jesus respondeu: 'Quem já se lavou precisa lavar apenas os pés, pois está inteiramente limpo. E vocês estão limpos, mas nem todos.'

Com essas últimas palavras, ele se referia a Judas. Havia falado do lava-pés como sinal da purificação das faltas diárias, porque os pés, que estão continuamente em contato com a terra, também estão continuamente sujeitos a se sujar, a menos que se tome muito cuidado.

Esse lava-pés era espiritual e servia como uma espécie de absolvição. Pedro, em seu zelo, não via nele senão um ato de humilhação grande demais por parte de seu Mestre; não sabia que, para salvá-lo, Jesus se humilharia já no dia seguinte até a morte vergonhosa na cruz.

Quando Jesus lavou os pés de Judas, fez isso da maneira mais amorosa e comovente; inclinou seu rosto sagrado até os pés do traidor e, em voz baixa, pediu-lhe que, ao menos agora, olhasse para dentro de si, pois havia sido um traidor infiel durante o último ano.

Judas parecia empenhado em não dar nenhuma atenção às suas palavras e falou com João, diante do que Pedro se irritou e exclamou: 'Judas, o Mestre está falando contigo!' Então Judas deu a nosso Senhor alguma resposta vaga e evasiva, como: 'Deus me livre, Senhor!' Os outros não haviam percebido que Jesus falava com Judas, pois essas palavras foram ditas em voz baixa para que não fossem ouvidas por eles e, além disso, estavam ocupados calçando os sapatos.

Nada, em todo o decorrer da Paixão, entristeceu Jesus tão profundamente quanto a traição de Judas.

Por fim, Jesus lavou os pés de João e Tiago.

Depois voltou a falar sobre a humildade, dizendo-lhes que aquele que fosse o maior entre eles deveria ser como seu servo e que, dali em diante, deveriam lavar os pés uns dos outros. Então ele vestiu suas roupas, e os Apóstolos soltaram as suas, que haviam prendido à cintura antes de comer o Cordeiro Pascal.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 8 — INSTITUIÇÃO DA SANTA EUCARISTIA

✦

Por ordem de nosso Senhor, o mordomo havia preparado novamente a mesa, que ele elevara um pouco; depois, tendo-a colocado mais uma vez no meio da sala, pôs debaixo dela uma urna cheia de vinho e outra com água. Pedro e João foram até a parte da sala próxima à lareira buscar o cálice que haviam trazido da casa de Seráfia e que ainda estava envolto em sua cobertura.

Carregaram-no entre os dois como se estivessem carregando um sacrário e o colocaram sobre a mesa diante de Jesus. Ali havia um prato oval com três belos pães ázimos brancos, postos sobre um pedaço de linho, ao lado da metade de um pão que Jesus havia reservado durante a refeição pascal; havia também uma jarra contendo vinho e água e três caixas, uma cheia de óleo espesso, outra com óleo líquido e a terceira vazia.

Em tempos anteriores, era costume que todos à mesa comessem do mesmo pão e bebessem da mesma taça ao fim da refeição, para expressar sua amizade e seu amor fraterno e para acolher uns aos outros e se despedir. Creio que as Escrituras devem conter algo sobre esse assunto.

No dia da Última Ceia, Jesus elevou esse costume, que até então não passava de um rito simbólico e figurativo, à dignidade do mais santo dos sacramentos. Uma das acusações apresentadas diante de Caifás, por ocasião da traição de Judas, foi a de que Jesus havia introduzido uma novidade nas ce-

rimônias pascais, mas Nicodemos provou pelas Escrituras que se tratava de uma prática antiga.

Jesus estava sentado entre Pedro e João, as portas estavam fechadas e tudo era feito da maneira mais misteriosa e solene. Quando o cálice foi retirado de sua cobertura, Jesus rezou e falou aos seus Apóstolos com a máxima solenidade. Eu o vi explicar-lhes a Ceia e toda a cerimônia, e isso me lembrou vivamente um sacerdote ensinando outros a celebrar a Missa.

Ele então puxou uma espécie de prateleira com sulcos da tábua sobre a qual estavam as jarras e, pegando um pedaço de linho branco que cobria o cálice, estendeu-o sobre a tábua e a prateleira. Vi então que ele retirou de cima do cálice um prato redondo e o colocou nessa mesma prateleira.

Em seguida, tirou os pães ázimos de debaixo do linho que os cobria e os colocou diante de si sobre a tábua; depois retirou do cálice um vaso menor e dispôs os seis copinhos de cada lado dele.

Então abençoou o pão e também o óleo, pelo que creio; depois disso, ergueu com as duas mãos a patena com os pães, levantou os olhos, rezou, fez a oferenda e recolocou a patena sobre a mesa, cobrindo-a novamente.

Depois pegou o cálice, fez Pedro despejar nele um pouco de vinho e João um pouco de água, que ele primeiro abençoou, acrescentando ainda um pouco mais de água, que despejou numa pequena colher; depois disso, abençoou o cálice, ergueu-o com uma oração, fez a oblação e o recolocou sobre a mesa.

João e Pedro despejaram um pouco de água sobre as mãos dele, que ele mantinha sobre o prato onde haviam sido colocados os pães ázimos; depois

ele pegou, com a colher que havia retirado da parte inferior do cálice, um pouco da água que havia sido derramada sobre suas mãos e a despejou sobre as deles.

Depois disso, o vaso passou de mão em mão ao redor da mesa, e todos os Apóstolos lavaram nele as mãos. Não me lembro se essa foi a ordem exata em que essas cerimônias foram realizadas; tudo o que sei é que elas me lembraram de maneira marcante o santo sacrifício da Missa.

Enquanto isso, nosso Divino Senhor se tornava cada vez mais terno e amoroso em seu modo de agir; disse aos seus Apóstolos que estava prestes a lhes dar tudo o que tinha, isto é, a si mesmo por inteiro, e parecia completamente transformado pelo amor. Eu o vi tornar-se transparente, até se assemelhar a uma sombra luminosa.

Partiu o pão em vários pedaços, que colocou juntos sobre a patena, e depois pegou uma ponta do primeiro pedaço e a deixou cair no cálice. No momento em que fazia isso, pareceu-me ver a Santíssima Virgem recebendo o Santo Sacramento de maneira espiritual, embora ela não estivesse presente na sala da ceia.

Não sei como isso aconteceu, mas julguei vê-la entrar sem tocar o chão e chegar diante de nosso Senhor para receber a Santa Eucaristia; depois disso, não a vi mais. Jesus lhe havia dito pela manhã, em Betânia, que celebraria a Páscoa com ela espiritualmente, e havia indicado a hora em que ela deveria se recolher em oração para recebê-la em espírito.

Ele voltou a rezar e a ensinar; suas palavras saíam de seus lábios como fogo e luz e entravam em cada um dos Apóstolos, com exceção de Judas. Pegou a

patena com os pedaços de pão, não sei se a havia colocado sobre o cálice, e disse: 'Tomem e comam; este é o meu Corpo, que é dado por vocês.' Estendeu a mão direita como se fosse abençoar e, enquanto fazia isso, uma luz brilhante saía dele, suas palavras eram luminosas, o pão entrava na boca dos Apóstolos como uma substância brilhante, e uma luz parecia penetrar e envolver a todos, permanecendo apenas Judas na escuridão.

Jesus apresentou o pão primeiro a Pedro, depois a João, e então fez um sinal para que Judas se aproximasse. Assim, Judas foi o terceiro a receber o Adorável Sacramento, mas as palavras de nosso Senhor pareciam se desviar da boca do traidor e voltar ao seu Divino Autor. Fiquei tão perturbada em espírito diante dessa visão que meus sentimentos não podem ser descritos.

Jesus lhe disse: 'O que você está fazendo, faça depressa.' Depois administrou o Santíssimo Sacramento aos outros Apóstolos, que se aproximaram dois a dois.

Jesus ergueu o cálice pelas duas alças até a altura do rosto e pronunciou as palavras da consagração. Enquanto fazia isso, parecia completamente transfigurado, como que transparente, e como se passasse por inteiro para aquilo que iria dar aos seus Apóstolos. Fez Pedro e João beberem do cálice que segurava na mão e depois o colocou novamente sobre a mesa.

João despejou o Sangue Divino do cálice nos copos menores, e Pedro os apresentou aos Apóstolos, que beberam dois a dois da mesma taça. Creio, mas não tenho plena certeza, que Judas também bebeu do cálice; ele não voltou ao seu lugar, mas saiu imediatamente da sala da ceia, e os outros Apóstolos pensaram que Jesus lhe havia dado alguma tarefa.

Ele saiu sem rezar nem fazer qualquer ação de graças, e por isso se pode perceber como é pecaminoso deixar de dar graças, seja depois de receber nosso alimento diário, seja depois de participar do Pão dos Anjos que dá a vida.

Durante toda a refeição, eu havia visto uma pequena figura assustadora, com um pé semelhante a um osso ressecado, permanecer perto de Judas; mas, quando ele chegou à porta, vi três demônios se apertando ao seu redor; um entrou em sua boca, o segundo o impelia adiante e o terceiro ia à sua frente. Era noite, e eles pareciam iluminar seu caminho, enquanto ele avançava apressado como um louco.

Nosso Senhor despejou algumas gotas do Precioso Sangue que restava no cálice no pequeno vaso de que já falei e depois colocou os dedos sobre o cálice, enquanto Pedro e João despejavam água e vinho sobre eles. Feito isso, fez com que bebessem novamente do cálice, e o que restou de seu conteúdo foi despejado nos copos menores e distribuído aos outros Apóstolos.

Então Jesus enxugou o cálice, colocou dentro dele o pequeno vaso que continha o restante do Sangue Divino e pôs sobre ele a patena com os fragmentos do pão consagrado; depois disso, tornou a colocar a tampa, envolveu o cálice e o pôs no meio das seis pequenas taças. Vi os Apóstolos receberem em comunhão esses restos do Adorável Sacramento depois da Ressurreição.

Não me lembro de ter visto nosso Senhor comer e beber dos elementos consagrados, nem vi Melquisedeque, ao oferecer o pão e o vinho, prová-los ele mesmo. Foi-me revelado por que os sacerdotes participam deles, embora Jesus não o tenha feito.

Aqui a irmã Emmerich levantou de repente os olhos e pareceu estar escutando. Foi-lhe dada alguma explicação sobre esse assunto, mas as palavras seguintes foram tudo o que ela conseguiu nos repetir: 'Se a função de distribuí-la tivesse sido dada aos anjos, eles não teriam participado dela; mas, se os sacerdotes não participassem, a Santíssima Eucaristia se perderia — é por meio da participação deles que ela se conserva.'

Havia uma solenidade e uma ordem indescritíveis em todas as ações de Jesus durante a instituição da Santa Eucaristia, e cada movimento seu era de grande majestade. Vi os Apóstolos fazendo anotações nos pequenos rolos de pergaminho que traziam consigo. Várias vezes durante as cerimônias, observei que eles se inclinavam uns diante dos outros, da mesma maneira que fazem nossos sacerdotes.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MEDITAÇÃO 9 — INSTRUÇÕES EM PARTICULAR E CONSAGRAÇÕES

✦

Jesus deu a seus Apóstolos algumas instruções em particular; disse-lhes como deveriam conservar o Santíssimo Sacramento em sua memória, até o fim do mundo; ensinou-lhes as formas necessárias para fazer uso dele e distribuí-lo em comunhão, e de que maneira deveriam, aos poucos, ensinar e divulgar esse mistério; por fim, disse-lhes quando deveriam receber o que restasse dos Elementos consagrados, quando dar uma parte à Santíssima Virgem e como eles próprios deveriam consagrar, depois que ele lhes tivesse enviado o Divino Consolador.

Depois falou sobre o sacerdócio, a sagrada unção e a preparação do Crisma e dos Santos Óleos. Tinha ali três caixas, duas das quais continham uma mistura de óleo e bálsamo. Ensinou-lhes como fazer essa mistura, quais partes do corpo deveriam ser ungidas com ela e em que ocasiões.

Lembro-me, entre outras coisas, de que mencionou um caso em que a Santa Eucaristia não poderia ser administrada; talvez o que disse se referisse à Extrema-Unção, pois minhas lembranças sobre esse ponto não são muito claras. Falou de diferentes tipos de unção, em particular da dos reis, e disse que até mesmo os reis perversos que eram ungidos recebiam dela poderes especiais.

Colocou unguento e óleo na caixa vazia e os misturou, mas não posso dizer com certeza se foi nesse momento, ou na hora da consagração do pão, que abençoou o óleo.

Vi então Jesus ungir Pedro e João, sobre cujas mãos já havia derramado a água que escorrera sobre as suas próprias, e aos quais havia dado de beber do cálice. Depois colocou as mãos sobre os ombros e a cabeça deles, enquanto eles, por sua vez, juntavam as mãos e cruzavam os polegares, inclinando-se profundamente diante dele — não tenho certeza se chegaram até a se ajoelhar.

Ungiu o polegar e o indicador de cada uma das mãos deles e traçou uma cruz sobre suas cabeças com o Crisma. Disse também que isso permaneceria com eles até o fim do mundo.

Tiago Menor, André, Tiago Maior e Bartolomeu também foram consagrados. Vi também que, sobre o peito de Pedro, ele cruzou uma espécie de estola usada ao redor do pescoço, enquanto nos outros simplesmente a colocou na diagonal, do ombro direito ao lado esquerdo. Não sei se isso foi feito no momento da instituição do Santíssimo Sacramento ou apenas para a unção.

Compreendi que Jesus lhes comunicou, por essa unção, algo essencial e sobrenatural, que não tenho capacidade de descrever. Disse-lhes que, depois de receberem o Espírito Santo, deveriam consagrar o pão e o vinho e ungir os outros Apóstolos.

Foi-me revelado então que, no dia de Pentecostes, Pedro e João impuseram as mãos sobre os outros Apóstolos e, uma semana depois, sobre vários dos discípulos. Depois da Ressurreição, João deu pela primeira vez o Adorável Sacramento à Santíssima Virgem. É uma festa que já não se celebra na Igreja na terra, mas que vejo ser celebrada na Igreja triunfante.

Nos primeiros dias depois de Pentecostes, vi apenas Pedro e João consagrarem a Santa Eucaristia, mas depois os outros também consagraram.

Em seguida, Nosso Senhor abençoou o fogo em um recipiente de latão, e tomou-se cuidado para que não se apagasse. Ele foi mantido perto do lugar onde o Santíssimo Sacramento havia sido depositado, em uma das divisões da antiga lareira pascal, e sempre se tirava fogo dali quando era necessário para fins espirituais.

Tudo o que Jesus fez nessa ocasião foi feito em particular e ensinado igualmente em particular. A Igreja conservou tudo o que havia de essencial nessas instruções secretas e, sob a inspiração do Espírito Santo, desenvolveu-as e adaptou-as a todas as suas necessidades.

Não posso afirmar se Pedro e João foram ambos consagrados bispos, ou se apenas Pedro foi consagrado bispo e João sacerdote, nem a que dignidade os outros quatro Apóstolos foram elevados. Mas as diferentes maneiras pelas quais Nosso Senhor dispôs as estolas dos Apóstolos parecem indicar diferentes graus de consagração.

Quando essas santas cerimônias terminaram, o cálice, perto do qual também estava o santo Crisma, foi coberto novamente, e o Adorável Sacramento foi levado por Pedro e João para a parte dos fundos da sala, separada por uma cortina, que dali em diante se tornou o Santuário. O lugar onde o Santíssimo Sacramento foi depositado ficava um pouco acima do fogão pascal. José de Arimateia e Nicodemos cuidaram do Santuário e da sala da ceia durante a ausência dos Apóstolos.

Jesus voltou a instruir seus Apóstolos por bastante tempo e também rezou várias vezes. Muitas vezes parecia conversar com seu Pai Celestial e transbordar de entusiasmo e amor. Os Apóstolos também estavam cheios de alegria e zelo, e lhe fizeram várias perguntas, às quais ele respondeu imediatamente. As Escrituras devem conter boa parte desse último discurso e dessa conversa.

Ele disse a Pedro e João diversas coisas que deveriam ser reveladas mais tarde aos outros Apóstolos, os quais, por sua vez, deveriam transmiti-las aos discípulos e às santas mulheres, conforme a capacidade de cada um para esse conhecimento. Teve uma conversa em particular com João, a quem disse que sua vida seria mais longa que a dos outros.

Falou-lhe também sobre sete Igrejas, algumas coroas e anjos, e o instruiu sobre o significado de certas figuras misteriosas que representavam, tanto quanto creio, diferentes épocas. Os outros Apóstolos sentiram um pouco de ciúme por essa comunicação confidencial feita a João.

Jesus também falou do traidor. 'Agora ele está fazendo isto ou aquilo', dizia, e eu, de fato, via Judas fazer exatamente o que ele dizia a seu respeito. Como Pedro protestava com veemência que permaneceria sempre fiel, Nosso Senhor lhe disse: 'Simão, Simão, veja que Satanás pediu para ter vocês e peneirá-los como trigo. Mas eu rezei por você, para que sua fé não desfaleça; e você, depois de se converter, fortaleça seus irmãos.'

Nosso Senhor disse ainda que eles não poderiam segui-lo para onde estava indo, ao que Pedro exclamou: 'Senhor, estou pronto para ir com você tanto para a prisão como para a morte.' E Jesus respondeu: 'Em verdade, em verdade lhe digo: antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes.'

Jesus, ao revelar a seus Apóstolos que tempos de provação estavam próximos para eles, disse: 'Quando enviei vocês sem bolsa, sem sacola e sem calçados, faltou-lhes alguma coisa?' Eles responderam: 'Nada.' 'Mas agora', continuou ele, 'quem tem uma bolsa, leve-a, e também uma sacola; e quem não tem, venda seu manto e compre uma espada.

Pois eu lhes digo que ainda deve se cumprir em mim o que está escrito: E FOI CONTADO ENTRE OS PERVERSOS. Pois as coisas a meu respeito têm um fim.' Os Apóstolos entenderam suas palavras apenas em sentido carnal, e Pedro lhe mostrou duas espadas, que eram curtas e grossas, como cutelos.

Jesus disse: 'Basta; vamos sair daqui.' Então cantaram o hino de ação de graças, puseram a mesa de lado e foram para o vestíbulo.

Ali, Jesus encontrou sua Mãe, Maria de Cléofas e Madalena, que lhe imploraram com insistência que não fosse ao Monte das Oliveiras, pois havia se espalhado a notícia de que seus inimigos procuravam prendê-lo. Mas Jesus as consolou com poucas palavras e seguiu apressadamente — eram então cerca de nove horas. Desceram pelo caminho por onde Pedro e João tinham vindo à sala da ceia e dirigiram seus passos para o Monte das Oliveiras.

Sempre vi a Páscoa e a instituição do Santíssimo Sacramento acontecerem na ordem relatada acima. Mas, a cada vez, meus sentimentos eram tão intensamente despertados e minha emoção era tão grande que eu não conseguia prestar muita atenção a todos os detalhes; agora, porém, eu os vi com mais clareza.

Não há palavras que descrevam como é doloroso e exaustivo contemplar os recantos ocultos dos corações, o amor e a constância de nosso Salvador, e ao mesmo tempo saber tudo o que lhe acontecerá. Como seria possível observar tudo o que é apenas exterior!

O coração transborda de admiração, gratidão e amor — a cegueira dos homens parece totalmente incompreensível — e a alma fica tomada de tristeza ao pensar na ingratidão do mundo inteiro e em seus próprios pecados!

Jesus comeu o Cordeiro Pascal rapidamente e em inteira conformidade com todas as prescrições da Lei. Os fariseus tinham o costume de acrescentar algumas cerimônias minuciosas e supersticiosas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

INTRODUÇÃO À PAIXÃO

✦

Na noite de 18 de fevereiro de 1823, um amigo da irmã Emmerich aproximou-se da cama onde ela estava deitada, aparentemente adormecida; e, profundamente tocado pela expressão bela e triste de seu rosto, sentiu-se interiormente inspirado a elevar com fervor o coração a Deus e oferecer a Paixão de Cristo ao Pai Eterno, em união com os sofrimentos de todos os que carregaram sua cruz seguindo-o.

Enquanto fazia essa breve oração, aconteceu de pousar por um momento os olhos nas mãos estigmatizadas da irmã Emmerich. Ela imediatamente as escondeu sob a colcha, sobressaltando-se como se alguém lhe tivesse dado um golpe. Surpreso com isso, ele lhe perguntou: 'O que aconteceu com você?' 'Muitas coisas', respondeu ela em tom expressivo.

Enquanto ele refletia sobre o que ela poderia querer dizer, ela parecia estar dormindo. Cerca de um quarto de hora depois, ela de repente se ergueu com toda a impetuosidade de alguém que trava uma luta violenta com outra pessoa, estendeu os dois braços, cerrando a mão, como para repelir um inimigo que estivesse do lado esquerdo de sua cama, e exclamou com voz indignada: 'O que você quer dizer com esse contrato de Magdala?' Então continuou a falar com o ardor de alguém que está sendo interrogado durante uma discussão: 'Sim, é aquele espírito maldito — o mentiroso desde o princípio — Satanás, que o censura pelo contrato de Magdala e por outras coisas da mesma natureza, e diz que ele gastou todo aquele dinheiro consigo mesmo.' Quando lhe perguntaram: 'Quem gastou dinheiro?

Com quem estão falando dessa maneira?', ela respondeu: 'Jesus, meu adorável Esposo, no Monte das Oliveiras.' Então se voltou novamente para a esquerda, com gestos ameaçadores, e exclamou: 'O que você quer dizer, ó pai da mentira, com seu contrato de Magdala? Ele não libertou vinte e sete pobres prisioneiros em Tirza com o dinheiro obtido pela venda de Magdala?

Eu o vi, e você ousa dizer que ele causou desordem em toda a propriedade, expulsou seus habitantes e esbanjou o dinheiro pelo qual ela foi vendida? Mas chegou a sua hora, espírito maldito! Você será acorrentado, e o calcanhar dele esmagará a sua cabeça.'

Nesse momento, ela foi interrompida pela entrada de outra pessoa; seus amigos pensaram que ela estava delirando e sentiram pena dela. Na manhã seguinte, ela admitiu que, na noite anterior, havia imaginado estar acompanhando nosso Salvador ao Jardim das Oliveiras, depois da instituição da Santíssima Eucaristia, mas que, justamente naquele momento, como alguém havia olhado para os estigmas de suas mãos com certa veneração, ela ficara tão horrorizada por isso acontecer na presença de nosso Senhor que os escondera às pressas, com um sentimento de dor.

Então relatou sua visão do que aconteceu no Jardim das Oliveiras e, à medida que continuava seus relatos nos dias seguintes, o amigo que a escutava pôde ligar entre si as diferentes cenas da Paixão. Mas, como durante a Quaresma ela também celebrava os combates de nosso Senhor com Satanás no deserto, teve de suportar em sua própria pessoa muitos sofrimentos e tentações.

Por isso, houve algumas pausas na história da Paixão, cujas lacunas, porém, foram facilmente preenchidas por meio de alguns relatos posteriores.

Ela costumava falar em alemão comum, mas, quando estava em êxtase, sua linguagem se tornava muito mais pura, e seus relatos reuniam a simplicidade de uma criança e uma inspiração digna. Seu amigo anotava tudo o que ela havia dito assim que voltava aos seus aposentos, pois raramente conseguia sequer tomar notas na presença dela.

Aquele que concede todos os bons dons lhe deu memória, zelo e forças para suportar muitas dificuldades e fadigas, de modo que ele pôde levar esta obra à conclusão. Sua consciência lhe diz que fez o melhor que pôde, e ele pede humildemente ao leitor que, se estiver satisfeito com o resultado de seu trabalho, lhe conceda a esmola de uma oração de vez em quando.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

1 — JESUS NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

✦

Quando Jesus saiu da sala da ceia com os onze Apóstolos, depois da instituição do Adorável Sacramento do Altar, sua alma estava profundamente oprimida, e sua tristeza aumentava. Ele conduziu os onze, por um caminho pouco frequentado, ao Vale de Josafá. Ao saírem da casa, vi a lua, que ainda não estava inteiramente cheia, surgindo diante da montanha.

Nosso Divino Senhor, enquanto caminhava com seus Apóstolos pelo vale, disse-lhes que um dia voltaria ali para julgar o mundo, mas não em um estado de pobreza e humilhação, como estava então, e que os homens tremeriam de medo e gritariam: 'Montanhas, caiam sobre nós!' Seus discípulos não o compreenderam e pensaram, o que de modo algum era a primeira vez naquela noite, que a fraqueza e o esgotamento haviam afetado seu cérebro.

Ele lhes disse de novo: 'Todos vocês se escandalizarão por minha causa esta noite. Pois está escrito: FERIREI O PASTOR, E AS OVELHAS DO REBANHO SERÃO DISPERSAS. Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia.'

Os Apóstolos ainda estavam, em certa medida, animados pelo espírito de entusiasmo e devoção que a recepção do Santíssimo Sacramento e as palavras solenes e comoventes de Jesus lhes haviam inspirado. Eles se aglomeravam ansiosamente ao seu redor e expressavam seu amor de mil maneiras diferentes, afirmando com fervor que jamais o abandonariam.

Mas, como Jesus continuava a falar no mesmo tom, Pedro exclamou: 'Ainda que todos se escandalizem por sua causa, eu jamais me escandalizarei!' E nosso Senhor lhe respondeu: 'Em verdade, eu lhe digo que, nesta noite, antes que o galo cante, você me negará três vezes.' Mas Pedro ainda insistiu, dizendo: 'Sim, mesmo que eu tenha de morrer com o Senhor, não o negarei.' E todos os outros disseram o mesmo.

Eles ora seguiam caminhando, ora paravam, pois a tristeza de nosso Divino Senhor continuava a aumentar. Os Apóstolos tentavam consolá-lo com argumentos humanos, assegurando-lhe que aquilo que ele previa não aconteceria. Cansaram-se nesses esforços vãos, começaram a duvidar e foram assaltados pela tentação.

Atravessaram o riacho Cedron, não pela ponte onde, algumas horas depois, Jesus foi levado preso, mas por outra, pois haviam deixado o caminho direto. O Getsêmani, para onde iam, ficava a cerca de uma milha e meia da sala da ceia, pois da sala da ceia ao Vale de Josafá eram três quartos de milha, e dali ao Getsêmani, aproximadamente a mesma distância.

O lugar chamado Getsêmani (onde Jesus, ultimamente, havia passado a noite várias vezes com seus discípulos) era um grande jardim, cercado por uma sebe, que continha apenas algumas árvores frutíferas e flores, enquanto do lado de fora havia algumas construções desertas e abertas.

Os Apóstolos e várias outras pessoas tinham chaves desse jardim, que às vezes era usado como lugar de recreação e outras vezes como lugar de recolhimento para a oração. Alguns caramanchões feitos de folhas e galhos haviam sido erguidos ali, e oito dos Apóstolos permaneceram neles, juntando-se a eles, mais tarde, outros discípulos.

O Jardim das Oliveiras era separado do Getsêmani por uma estrada; era aberto, cercado apenas por um muro de terra, e menor que o Jardim do Getsêmani. Nesse jardim havia cavernas, terraços e muitas oliveiras, e era fácil encontrar ali um lugar adequado para a oração e a meditação. Foi à parte mais selvagem que Jesus se dirigiu para rezar.

Eram cerca de nove horas quando Jesus chegou ao Getsêmani com seus discípulos. A lua havia surgido e já iluminava o céu, embora a terra ainda estivesse escura. Jesus estava profundamente triste e disse a seus Apóstolos que o perigo estava próximo.

Os discípulos se sentiram inquietos, e ele disse a oito dos que o seguiam que permanecessem no Jardim do Getsêmani enquanto ele prosseguia para rezar. Levou consigo Pedro, Tiago e João e, avançando um pouco mais, entrou no Jardim das Oliveiras. Não há palavras que possam descrever a tristeza que então oprimia sua alma, pois o tempo da provação estava próximo.

João lhe perguntou como era possível que ele, que até então sempre os havia consolado, estivesse agora tão abatido. 'Minha alma está triste até a morte', foi sua resposta. E ele viu sofrimentos e tentações que o cercavam por todos os lados e se aproximavam cada vez mais, sob a forma de figuras assustadoras transportadas sobre nuvens.

Foi então que disse aos três Apóstolos: 'Fiquem aqui e vigiem comigo. Rezem, para que não caiam em tentação.' Jesus deu alguns passos para a esquerda, descendo uma colina, e se ocultou debaixo de uma rocha, numa gruta de cerca de seis pés de profundidade, enquanto os Apóstolos permaneceram numa espécie de cavidade acima.

O terreno descia gradualmente à medida que se entrava nessa gruta, e as plantas que pendiam da rocha escondiam seu interior, como uma cortina, das pessoas que estavam do lado de fora.

Quando Jesus deixou seus discípulos, vi várias figuras assustadoras cercando-o num círculo cada vez mais estreito.

Sua tristeza e angústia de alma continuavam a aumentar, e ele tremia por inteiro quando entrou na gruta para rezar, como um viajante exausto da caminhada que procura às pressas abrigo contra uma tempestade repentina; mas as terríveis visões o perseguiam até ali e se tornavam cada vez mais claras e distintas. Ah!

Aquela pequena caverna parecia conter o terrível quadro de todos os pecados que haviam sido ou seriam cometidos desde a queda de Adão até o fim do mundo, e do castigo que mereciam. Foi ali, no Monte das Oliveiras, que Adão e Eva se refugiaram quando foram expulsos do Paraíso para vagar sem lar pela terra, e foi nessa mesma gruta que choraram e se lamentaram.

Senti que Jesus, ao se entregar à Justiça Divina em reparação pelos pecados do mundo, fez com que sua divindade retornasse, de certo modo, ao seio da Santíssima Trindade, concentrou-se, por assim dizer, em sua humanidade pura, amorosa e inocente e, forte apenas em seu amor inefável, entregou-a à angústia e ao sofrimento.

Ele caiu com o rosto por terra, esmagado por uma tristeza indizível, e todos os pecados do mundo se apresentaram diante dele, sob incontáveis formas e em toda a sua verdadeira deformidade. Ele tomou todos sobre si e, em sua

oração, ofereceu sua própria Pessoa adorável à justiça de seu Pai Celestial, em pagamento de tão terrível dívida.

Mas Satanás, que estava entronizado em meio a todos esses horrores, e até cheio de alegria diabólica ao vê-los, soltou sua fúria contra Jesus e apresentou aos olhos de sua alma visões cada vez mais terríveis, dirigindo-se ao mesmo tempo à sua adorável humanidade com palavras como estas: 'Você toma até este pecado sobre si? Está disposto a suportar seu castigo? Está preparado para reparar todos esses pecados?'

⁂

E então um longo raio de luz, como um caminho luminoso no ar, desceu do Céu; era uma procissão de anjos que se aproximaram de Jesus e o fortaleceram e revigoraram.

O restante da gruta estava cheio de visões assustadoras de nossos crimes; Jesus tomou todos sobre si, mas aquele Coração adorável, tão cheio do mais perfeito amor a Deus e aos homens, foi inundado de angústia e esmagado sob o peso de tantos crimes abomináveis.

Quando essa enorme massa de iniquidades, como as ondas de um oceano sem fundo, passou sobre sua alma, Satanás apresentou inúmeras tentações, como fizera antes no deserto, ousando até levantar várias acusações contra ele. 'E você toma todas essas coisas sobre si', exclamou, 'você que também não está sem mancha?' Então, com insolência infernal, atribuiu a nosso Senhor uma multidão de crimes imaginários.

Censurou-o pelas faltas de seus discípulos, pelos escândalos que haviam causado e pelas perturbações que ele havia provocado no mundo ao aban-

donar antigos costumes.

Nenhum fariseu, por mais astuto e severo que fosse, poderia ter superado Satanás nessa ocasião; ele censurou Jesus por ter sido a causa do massacre dos Inocentes, bem como dos sofrimentos de seus pais no Egito, por não ter salvado João Batista da morte, por ter levado a desunião às famílias, protegido homens de caráter desprezível, recusado curar vários doentes, prejudicado os habitantes de Gergesa ao permitir que homens possuídos pelo diabo derrubassem suas tinas e que demônios fizessem porcos se lançarem ao mar; por ter abandonado sua família e desperdiçado os bens de outros; em suma, Satanás, na esperança de fazer Jesus vacilar, sugeriu-lhe todos os pensamentos com que teria tentado, na hora da morte, um mortal comum que pudesse ter praticado todas essas ações sem uma intenção sobre-humana; pois lhe estava oculto que Jesus era o Filho de Deus, e ele o tentava apenas como o mais justo dos homens.

Nosso Divino Salvador permitiu que sua humanidade assim predominasse sobre sua divindade, pois quis suportar até mesmo aquelas tentações com que as almas santas são assaltadas na hora da morte a respeito do mérito de suas boas obras.

Para beber o cálice do sofrimento até a última gota, permitiu que o espírito maligno tentasse sua sagrada humanidade como teria tentado um homem que desejasse atribuir às suas boas obras algum valor especial em si mesmas, além daquele que pudessem ter por sua união com os méritos de nosso Salvador.

Não houve uma ação da qual ele não conseguisse formular alguma acusação, e censurou Jesus, entre outras coisas, por ter gasto o valor da proprie-

dade de Maria Madalena em Mágdala, que havia recebido de Lázaro.

Entre os pecados do mundo que Jesus tomou sobre si, vi também os meus; e uma corrente, na qual eu via distintamente cada uma de minhas faltas, parecia fluir em minha direção, saindo das tentações que o cercavam. Durante esse tempo, meus olhos estavam fixos em meu Esposo Celestial; com ele chorei e rezei, e com ele me voltei para os anjos consoladores. Ah, como nosso querido Senhor se contorcia, de fato, como um verme sob o peso de sua angústia e de seus sofrimentos!

Enquanto Satanás despejava suas acusações contra Jesus, eu mal conseguia conter minha indignação, mas, quando ele falou da venda da propriedade de Madalena, não pude mais ficar em silêncio e exclamei: 'Como você pode censurá-lo pela venda dessa propriedade como se fosse um crime? Não vi eu mesma nosso Senhor empregar em obras de misericórdia a quantia que Lázaro lhe deu e libertar vinte e oito devedores presos em Tirza?'

A princípio, Jesus parecia calmo ao se ajoelhar e rezar, mas, depois de algum tempo, sua alma se aterrorizou diante dos inúmeros crimes dos homens e de sua ingratidão para com Deus, e sua angústia era tão grande que ele tremia e estremecia ao exclamar: 'Pai, se for possível, afasta de mim este cálice! Pai, tudo é possível para ti, afasta de mim este cálice!' Mas, no instante seguinte, acrescentou: 'Porém, não se faça a minha vontade, mas a tua.' Sua vontade e a de seu Pai eram uma só, mas agora que seu amor havia determinado que ele fosse entregue a toda a fraqueza de sua natureza humana, ele tremia diante da perspectiva da morte.

Vi a caverna em que ele estava ajoelhado cheia de figuras aterradoras; vi todos os pecados, maldades, vícios e ingratidão da humanidade torturando-o

e esmagando-o contra a terra; o horror da morte e o terror que ele sentia como homem diante dos sofrimentos expiatórios que estavam prestes a cair sobre ele cercavam e atacavam sua Pessoa Divina sob a forma de espectros horrendos.

Ele tombava de um lado para o outro, apertando as mãos uma contra a outra; seu corpo estava coberto de suor frio, e ele tremia e estremecia. Então se levantou, mas seus joelhos tremiam e pareciam mal conseguir sustentá-lo; seu rosto estava pálido e com a aparência inteiramente alterada, seus lábios brancos e seus cabelos em pé.

Era por volta das dez e meia quando se ergueu da posição em que estava ajoelhado e, banhado em suor frio, dirigiu seus passos trêmulos e fracos para seus três Apóstolos. Com dificuldade, subiu pelo lado esquerdo da caverna e chegou a um lugar onde o chão era plano e onde eles dormiam, esgotados pelo cansaço, pela tristeza e pela ansiedade.

Aproximou-se deles como um homem dominado por uma tristeza amarga, a quem o terror impele a procurar os amigos, mas também como um bom pastor que, avisado da aproximação do perigo, se apressa a visitar seu rebanho, cuja segurança está ameaçada; pois sabia muito bem que eles também estavam sendo postos à prova pelo sofrimento e pela tentação.

As terríveis visões não o deixavam, nem mesmo enquanto assim procurava seus discípulos. Quando viu que estavam dormindo, apertou as mãos uma contra a outra e caiu de joelhos ao lado deles, vencido pela tristeza e pela ansiedade, e disse: 'Simão, você está dormindo?' Eles acordaram e o levantaram, e ele, na desolação de seu espírito, lhes disse: 'Como?

Vocês não puderam vigiar uma hora comigo?' Quando olharam para ele e o viram pálido e esgotado, mal conseguindo se sustentar, banhado em suor, tremendo e estremecendo — quando ouviram o quanto sua voz havia mudado e se tornado quase inaudível, não souberam o que pensar; e, se ele não estivesse ainda cercado por uma auréola de luz bem conhecida, jamais o teriam reconhecido como Jesus.

João lhe disse: 'Mestre, o que aconteceu com você? Devo chamar os outros discípulos? Devemos fugir?' Jesus lhe respondeu: 'Se eu vivesse, ensinasse e realizasse milagres por mais trinta e três anos, isso não bastaria para realizar o que deve se cumprir antes desta hora amanhã.

Não chamem os oito; não os trouxe até aqui porque não poderiam me ver agonizando assim sem se escandalizarem; cederiam à tentação, esqueceriam grande parte do passado e perderiam a confiança em mim.

Mas vocês, que viram o Filho do Homem transfigurado, também podem vê-lo envolto em uma nuvem e em abandono de espírito; ainda assim, vigiem e orem para não caírem em tentação, pois o espírito está disposto, mas a carne é fraca.'

⁂

Com essas palavras, ele procurava ao mesmo tempo encorajá-los a perseverar e lhes dar a conhecer a luta que sua natureza humana travava contra a morte, juntamente com a causa de sua fraqueza. Em sua tristeza esmagadora, permaneceu com eles por quase um quarto de hora e voltou a lhes falar.

Depois retornou à gruta, com seus sofrimentos mentais ainda aumentando, enquanto seus discípulos, por sua vez, estendiam as mãos em sua direção, choravam e se abraçavam, perguntando: 'O que pode ser? O que está acontecendo com ele? Parece estar em um estado de completa desolação.' Depois disso, cobriram a cabeça e começaram a orar, tristes e ansiosos.

Cerca de uma hora e meia havia passado desde que Jesus entrara no Jardim das Oliveiras. É verdade que a Escritura nos diz que ele falou: 'Vocês não puderam vigiar uma hora comigo?', mas suas palavras não devem ser tomadas literalmente, nem segundo nossa maneira de contar o tempo.

Os três Apóstolos que estavam com Jesus tinham orado no início, mas depois adormeceram, pois a tentação os havia atingido por causa de sua falta de confiança em Deus.

Os outros oito, que tinham permanecido fora do jardim, não dormiram, pois as últimas palavras de nosso Senhor, tão cheias de sofrimento e tristeza, haviam enchido seus corações de pressentimentos sombrios, e eles vagavam pelo Monte das Oliveiras, tentando encontrar algum lugar de refúgio em caso de perigo.

A cidade de Jerusalém estava muito quieta; os judeus estavam em suas casas, ocupados com os preparativos para a festa, mas vi, aqui e ali, alguns dos amigos e discípulos de Jesus andando de um lado para o outro, com semblantes ansiosos, conversando seriamente entre si e evidentemente esperando algum grande acontecimento.

A Mãe de nosso Senhor, Madalena, Marta, Maria de Cléofas, Maria Salomé e Salomé tinham ido da sala da ceia para a casa de Maria, a mãe de

Marcos. Maria estava alarmada com os rumores que se espalhavam e desejava voltar à cidade com suas amigas para saber algo de Jesus.

Lázaro, Nicodemos, José de Arimateia e alguns parentes de Hebrom vieram vê-la e tentar tranquilizá-la, pois, como sabiam, por conhecimento próprio ou pelo que os discípulos lhes haviam contado, das tristes predições que Jesus fizera na sala da ceia, tinham procurado informações com alguns fariseus conhecidos e não tinham conseguido saber de nenhuma conspiração em andamento naquele momento contra nosso Senhor.

Sem saber absolutamente nada da traição de Judas, asseguraram a Maria que o perigo ainda não podia ser muito grande e que os inimigos de Jesus não atentariam contra ele, pelo menos até que a festa terminasse. Maria lhes contou como Judas ultimamente parecera inquieto e perturbado e como saíra abruptamente da sala da ceia.

Ela não tinha dúvida de que ele fora trair nosso Senhor, pois muitas vezes o havia advertido de que era um filho da perdição. As santas mulheres então voltaram à casa de Maria, a mãe de Marcos.

Quando Jesus, sem nenhum alívio de todo o peso de seus sofrimentos, voltou à gruta, caiu prostrado, com o rosto no chão e os braços estendidos, e orou a seu Pai Eterno; mas sua alma teve de suportar uma segunda luta interior, que durou três quartos de hora.

Anjos vieram e lhe mostraram, em uma série de visões, todos os sofrimentos que teria de suportar para expiar o pecado; como era grande a beleza do homem, imagem de Deus, antes da queda, e como essa beleza se alterou e foi apagada quando o pecado entrou no mundo.

Ele contemplou como todos os pecados tiveram origem no de Adão, o significado e a essência da concupiscência, seu terrível efeito sobre as faculdades da alma e, da mesma forma, o significado e a essência de todos os sofrimentos decorrentes da concupiscência.

Eles lhe mostraram a reparação que teria de oferecer à Justiça Divina e como ela consistiria em um grau de sofrimento em sua alma e em seu corpo que abrangeria todos os sofrimentos devidos à concupiscência de toda a humanidade, já que a dívida de todo o gênero humano tinha de ser paga por aquela humanidade que, somente ela, era sem pecado — a humanidade do Filho de Deus.

Os anjos lhe mostraram todas essas coisas sob diferentes formas, e eu sentia o que diziam, embora não ouvisse voz alguma. Nenhuma língua pode descrever a angústia e o horror que tomaram a alma de Jesus diante de tão terrível expiação — seus sofrimentos eram, de fato, tão grandes que um suor de sangue saía de todos os poros desse corpo sagrado.

Enquanto a adorável humanidade de Cristo era assim esmagada contra a terra sob esse terrível peso de sofrimento, os anjos pareciam cheios de compaixão; houve uma pausa, e percebi que desejavam ardentemente consolá-lo e oravam para esse fim diante do trono de Deus.

Por um instante, pareceu haver uma espécie de luta entre a misericórdia e a justiça de Deus e aquele amor que se sacrificava. Foi-me permitido ver uma imagem de Deus, já não sentado em um trono, como antes, mas sob uma forma luminosa.

Contemplei a natureza divina do Filho na Pessoa do Pai e como que recolhida em seu seio; a Pessoa do Espírito Santo procedia do Pai e do Filho e estava, por assim dizer, entre eles, e, no entanto, o conjunto formava um só Deus — mas essas coisas são indescritíveis.

⁂

Tudo isso foi mais uma percepção interior do que uma visão sob formas distintas, e me pareceu que a Vontade Divina de nosso Senhor se recolhia de algum modo no Pai Eterno, a fim de permitir que todos aqueles sofrimentos dos quais sua vontade humana suplicava ao Pai que o poupasse pesassem apenas sobre sua humanidade.

Vi isso no momento em que os anjos, cheios de compaixão, desejavam consolar Jesus, que, de fato, sentiu um leve alívio naquele instante. Então tudo desapareceu, e os anjos se afastaram de nosso Senhor, cuja alma estava prestes a suportar novos ataques.

Quando nosso Redentor, no Monte das Oliveiras, quis experimentar e vencer aquela violenta repugnância da natureza humana ao sofrimento e à morte que constitui uma parte de todos os sofrimentos, foi permitido ao tentador fazer com ele o que faz com todos os homens que desejam se sacrificar por uma causa santa.

Na primeira parte da agonia, Satanás expôs diante dos olhos de nosso Senhor a enormidade daquela dívida de pecado que ele iria pagar, e teve até a ousadia e a malícia de procurar falhas nas próprias obras de nosso Salvador.

Na segunda agonia, Jesus contemplou, em toda a sua extensão e em toda a sua amargura, o sofrimento expiatório que seria exigido para satisfazer a

Justiça Divina. Isso lhe foi mostrado por anjos; pois não cabe a Satanás mostrar que a expiação é possível, e o pai da mentira e do desespero nunca apresenta aos homens as obras da Misericórdia Divina.

Tendo Jesus resistido vitoriosamente a todos esses ataques por sua inteira e absoluta submissão à vontade de seu Pai Celestial, uma sucessão de novas e aterradoras visões foi apresentada diante de seus olhos, e aquele sentimento de dúvida e ansiedade que um homem prestes a fazer algum grande sacrifício sempre experimenta surgiu na alma de nosso Senhor, enquanto ele se fazia a tremenda pergunta: 'E que bem resultará deste sacrifício?' Então um quadro terrível do futuro foi exposto diante de seus olhos e encheu de angústia seu terno coração.

Quando Deus criou o primeiro Adão, fez cair sobre ele um sono profundo, abriu seu lado e tirou uma de suas costelas, da qual fez Eva, sua esposa e a mãe de todos os viventes. Então a levou a Adão, que exclamou: 'Esta agora é osso dos meus ossos e carne da minha carne...

Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua esposa, e os dois serão uma só carne.' Esse foi o casamento do qual está escrito: 'Este é um grande Sacramento.

Falo em Cristo e na Igreja.' Jesus Cristo, o segundo Adão, também quis deixar que o sono viesse sobre ele — o sono da morte na cruz — e também quis deixar que seu lado fosse aberto, para que dele fosse formada a segunda Eva, sua Esposa virgem, a Igreja, a mãe de todos os viventes.

Foi sua vontade dar a ela o sangue da redenção, a água da purificação e seu espírito — os três que dão testemunho na terra — e conceder-lhe também

os santos Sacramentos, para que ela fosse pura, santa e imaculada; ele seria sua cabeça, e nós seríamos seus membros, submissos à cabeça, osso dos seus ossos e carne da sua carne.

Ao assumir a natureza humana para sofrer a morte por nós, ele também havia deixado seu Pai Eterno para se unir à sua Esposa, a Igreja, e tornou-se uma só carne com ela, alimentando-a com o Adorável Sacramento do Altar, no qual se une sem cessar a nós.

Ele quis permanecer na terra com sua Igreja até que todos nós sejamos reunidos por ele dentro de seu redil, e disse: 'As portas do inferno jamais prevalecerão contra ela.' Para satisfazer seu amor inexprimível pelos pecadores, nosso Senhor havia se tornado homem e irmão desses mesmos pecadores, para assim tomar sobre si o castigo devido por todos os seus crimes.

Ele havia contemplado com profunda tristeza a grandeza dessa dívida e os sofrimentos inexprimíveis pelos quais ela seria paga. Ainda assim, havia se entregado com a maior alegria à vontade de seu Pai Celestial como vítima de expiação.

Agora, porém, contemplava todos os sofrimentos, combates e feridas futuros de sua Esposa celestial; em uma palavra, contemplava a ingratidão dos homens.

A alma de Jesus contemplou todos os sofrimentos futuros de seus Apóstolos, discípulos e amigos; depois disso, ele viu a Igreja primitiva, que a princípio contava com poucas almas em seu redil e que, à medida que seu número aumentava, era perturbada por heresias e cismas que surgiam entre seus filhos, os quais repetiam o pecado de Adão pelo orgulho e pela desobe-

diência. Ele viu a tibieza, a maldade e a corrupção de um número infinito de cristãos, as mentiras e os enganos de mestres orgulhosos, todos os sacrilégios de sacerdotes perversos, as consequências fatais de cada pecado e a abominação da desolação no reino de Deus, no santuário daqueles seres humanos ingratos que ele estava prestes a redimir com seu sangue, à custa de sofrimentos inexprimíveis.

Os escândalos de todas as épocas, até o dia de hoje e mesmo até o fim do mundo — toda espécie de erro, engano, fanatismo insensato, obstinação e maldade — foram apresentados diante de seus olhos, e ele contemplou, como que flutuando à sua frente, todos os apóstatas, heresiarcas e pretensos reformadores que enganam os homens com uma aparência de santidade.

Os corruptores e os corrompidos de todas as épocas o ultrajavam e atormentavam por ele não ter sido crucificado à maneira deles, ou por não ter sofrido precisamente como eles decidiam ou imaginavam que deveria ter sofrido.

Disputavam entre si para rasgar a túnica sem costura de sua Igreja; muitos o maltratavam, insultavam e negavam, e muitos se afastavam com desprezo, balançando a cabeça diante dele, evitando seu abraço compassivo e apressando-se em direção ao abismo onde por fim eram tragados.

Ele viu incontáveis outros homens que não ousavam negá-lo abertamente, mas que seguiam adiante, desgostosos à vista das feridas de sua Igreja, assim como o levita passou ao largo do pobre homem que havia caído nas mãos de ladrões.

Como filhos covardes e infiéis que abandonam a mãe no meio da noite, ao verem os ladrões e assaltantes aos quais sua negligência ou sua maldade havia aberto a porta, eles fugiam de sua Esposa ferida.

Ele contemplou todos esses homens, às vezes separados da Videira Verdadeira e descansando entre árvores de frutos silvestres, às vezes como ovelhas perdidas, deixadas à mercê dos lobos, conduzidas por mercenários desprezíveis a pastagens ruins e recusando-se a entrar no redil do Bom Pastor que deu a vida por suas ovelhas.

Vagavam sem lar pelo deserto, em meio à areia levantada pelo vento, e estavam obstinadamente decididos a não ver sua Cidade situada sobre uma colina, que não podia ficar escondida, a Casa de sua Esposa, sua Igreja construída sobre uma rocha, com a qual ele havia prometido permanecer até o fim dos tempos.

Construíam sobre a areia moradias miseráveis, que estavam continuamente derrubando e reconstruindo, mas nas quais não havia altar nem sacrifício; tinham cata-ventos nos telhados, e suas doutrinas mudavam conforme o vento; por isso, estavam sempre em oposição uns aos outros.

Nunca conseguiam chegar a um entendimento mútuo e permaneciam sempre inquietos, muitas vezes destruindo suas próprias moradias e arremessando os fragmentos contra a Pedra Angular da Igreja, que permanecia sempre inabalável.

⁂

Como não havia nada além de escuridão na morada desses homens, muitos deles, em vez de dirigir seus passos para a Vela colocada no Candelabro na

Casa da Esposa de Cristo, vagavam de olhos fechados ao redor dos jardins da Igreja, sustentando a vida apenas pela inalação dos doces aromas que deles se espalhavam por perto e por longe, estendendo as mãos para ídolos sombrios e seguindo estrelas errantes que os levavam a poços onde não havia água.

Mesmo à beira do precipício, recusavam-se a ouvir a voz da Esposa que os chamava e, embora morressem de fome, ridicularizavam, insultavam e zombavam daqueles servos e mensageiros enviados para convidá-los ao Banquete Nupcial.

Recusavam-se obstinadamente a entrar no jardim, porque temiam os espinhos da cerca, embora não tivessem trigo para saciar a fome nem vinho para matar a sede, mas estivessem apenas embriagados de orgulho e estima por si mesmos e, cegos por suas próprias luzes falsas, persistissem em afirmar que a Igreja do Verbo feito carne era invisível.

Jesus contemplou todos eles, chorou por eles e quis sofrer por todos aqueles que não o veem e que não querem carregar suas cruzes seguindo-o em sua Cidade construída sobre uma colina — sua Igreja fundada sobre uma rocha, à qual ele se entregou na Santa Eucaristia e contra a qual as portas do Inferno jamais prevalecerão.

Ocupando um lugar de destaque nessas visões dolorosas contempladas pela alma de Jesus, vi Satanás, que arrastava e estrangulava uma multidão de homens redimidos pelo sangue de Cristo e santificados pela unção de seu Sacramento.

Nosso Divino Salvador contemplou com a mais amarga angústia a ingratidão e a corrupção dos cristãos da primeira época e de todas as épocas seguintes, até o fim do mundo, e, durante todo esse tempo, a voz do tentador repetia sem cessar: 'Podes decidir sofrer por esses réprobos tão ingratos?', enquanto as diversas aparições se sucediam com extrema rapidez e oprimiam e esmagavam a alma de Jesus com tamanha violência que sua sagrada humanidade era tomada por uma angústia inexprimível.

Jesus — o Ungido do Senhor, o Filho do Homem — lutava e se contorcia ao cair de joelhos, com as mãos unidas, como que aniquilado sob o peso de seu sofrimento. Tão violenta foi a luta que então se travou entre sua vontade humana e sua repugnância em sofrer tanto por uma raça tão ingrata, que de cada poro de seu corpo sagrado brotaram grandes gotas de sangue, que caíam e escorriam pelo chão.

Em sua amarga agonia, ele olhou ao redor, como se procurasse ajuda, e pareceu tomar o Céu, a terra e as estrelas do firmamento como testemunhas de seus sofrimentos.

Jesus, em sua angústia de espírito, elevou a voz e soltou vários gritos de dor. Os três Apóstolos acordaram, escutaram e desejaram se aproximar dele, mas Pedro deteve Tiago e João, dizendo: 'Fiquem aqui; eu vou até ele.' Então vi Pedro correr depressa e entrar na gruta. 'Mestre', exclamou, 'o que te aconteceu?' Mas, ao ver Jesus assim banhado em seu próprio sangue e caindo ao chão sob o peso do medo e da angústia mortais, recuou e parou por um momento, tomado de terror.

Jesus não lhe respondeu e parecia não perceber sua presença. Pedro voltou para os outros dois e lhes disse que o Senhor não lhe havia respondido se-

não com gemidos e suspiros. Depois disso, ficaram cada vez mais tristes, cobriram a cabeça e se sentaram para chorar e orar.

Então voltei para junto de meu Esposo Celestial em sua mais amarga agonia. As visões terríveis da futura ingratidão dos homens cuja dívida para com a Justiça Divina ele tomava sobre si continuavam a se tornar cada vez mais vívidas e assustadoras. Várias vezes o ouvi exclamar: 'Ó meu Pai, será possível que eu sofra por uma raça tão ingrata? Ó meu Pai, se este cálice não pode passar de mim sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!'

Em meio a todas essas aparições, Satanás ocupava um lugar de destaque, sob diversas formas que representavam diferentes espécies de pecados. Às vezes aparecia na forma de uma gigantesca figura negra, às vezes nas de um tigre, uma raposa, um lobo, um dragão ou uma serpente.

Não que ele realmente assumisse qualquer uma dessas formas, mas apenas alguma de suas características, combinada com outras formas horrendas. Nenhuma dessas aparições assustadoras se parecia inteiramente com alguma criatura; eram símbolos de abominação, discórdia, contradição e pecado — em uma palavra, eram demoníacas no mais alto grau.

Essas figuras diabólicas impeliam, arrastavam e despedaçavam, diante dos próprios olhos de Jesus, incontáveis homens por cuja redenção ele estava entrando no doloroso caminho da Cruz. A princípio, eu raramente via a serpente; logo, porém, ela apareceu com uma coroa na cabeça.

Esse réptil odioso era de tamanho gigantesco, parecia possuir uma força sem limites e conduzia incontáveis legiões de inimigos de Jesus de todas as épocas e de todas as nações. Armados com todo tipo de armas destrutivas,

às vezes despedaçavam uns aos outros e depois renovavam seus ataques contra nosso Salvador com fúria redobrada.

Era, de fato, uma visão terrível, pois amontoavam sobre ele os mais temíveis ultrajes, amaldiçoando-o, golpeando-o, ferindo-o e despedaçando-o. Suas armas, espadas e lanças voavam pelo ar, cruzando-se e tornando a se cruzar continuamente em todas as direções, como os malhos dos debulhadores em um imenso celeiro; e a fúria de cada um desses demônios parecia dirigida exclusivamente contra Jesus — aquele grão de trigo celestial que desceu à terra para nela morrer, a fim de alimentar eternamente os homens com o Pão da Vida.

⁂

Assim exposto à fúria desses bandos infernais, alguns dos quais me pareciam inteiramente compostos de homens cegos, Jesus ficou tão ferido e machucado como se os golpes deles fossem reais. Eu o vi cambalear de um lado para o outro, às vezes se erguendo e às vezes caindo de novo, enquanto a serpente, em meio às multidões que conduzia sem cessar contra Jesus, batia no chão com a cauda e despedaçava ou engolia todos aqueles que assim derrubava.

Foi-me revelado que essas aparições eram todas aquelas pessoas que, de diversas maneiras, insultam e ultrajam Jesus, real e verdadeiramente presente no Santíssimo Sacramento. Reconheci entre elas todos os que, de alguma forma, profanam a Santíssima Eucaristia.

Contemplei com horror todos os ultrajes assim feitos a nosso Senhor, fosse por descuido, irreverência e omissão do que lhe era devido; por desprezo

aberto, abusos e os mais terríveis sacrilégios; pela adoração de ídolos mundanos; por trevas espirituais e falso conhecimento; ou, finalmente, por erro, incredulidade, fanatismo, ódio e perseguição aberta.

Entre essas pessoas vi muitas que eram cegas, paralíticas, surdas e mudas, e até crianças — cegos que não queriam ver a verdade; paralíticos que não queriam avançar, segundo suas orientações, pelo caminho que conduz à vida eterna; surdos que se recusavam a ouvir suas advertências e ameaças; mudos que jamais usavam a voz em sua defesa; e, finalmente, crianças que se desviavam ao seguir pais e mestres cheios de amor pelo mundo e esquecidos de Deus, que se alimentavam dos luxos terrenos, se embriagavam de falsa sabedoria e detestavam tudo o que dizia respeito à religião.

Entre estas últimas, cuja visão me entristeceu especialmente, porque Jesus tanto amava as crianças, vi muitos acólitos irreverentes e malcomportados, que não honravam nosso Senhor nas cerimônias sagradas de que participavam. Contemplei com pavor que muitos sacerdotes, alguns dos quais até se julgavam cheios de fé e piedade, também ultrajavam Jesus no Sacramento Adorável.

Vi muitos que acreditavam na doutrina da Presença Real e a ensinavam, mas não a levavam suficientemente a sério, pois esqueciam e negligenciavam o palácio, o trono e a morada do Deus Vivo, isto é, a igreja, o altar, o sacrário, o cálice, o ostensório, os vasos e os ornamentos; em uma palavra, tudo o que é usado em seu culto ou para adornar sua casa.

O completo abandono reinava por toda parte, tudo era deixado a se deteriorar em meio à poeira e à sujeira, e o culto a Deus, quando não era profanado interiormente, era ao menos desonrado exteriormente.

Isso tampouco se devia à verdadeira pobreza, mas à indiferença, à preguiça, à preocupação com os vãos assuntos terrenos e, muitas vezes, também ao egoísmo e à morte espiritual; pois vi esse tipo de descuido em igrejas cujos pastores e fiéis eram ricos ou, pelo menos, tinham condições razoáveis.

Vi muitas outras em que enfeites mundanos, de mau gosto e inadequados haviam substituído os magníficos adornos de uma época mais piedosa.

Vi que muitas vezes os mais pobres estavam mais bem alojados em suas cabanas do que o Senhor do céu e da terra em suas igrejas. Ah, como a falta de hospitalidade das pessoas entristecia profundamente Jesus, que se havia entregado a elas para ser seu Alimento!

Na verdade, não é preciso ser rico para receber aquele que recompensa cem vezes mais o copo de água fria dado a quem tem sede; mas como é vergonhosa nossa conduta quando, ao dar de beber ao Divino Senhor, que tem sede de nossas almas, lhe oferecemos água estragada em um copo imundo!

Em consequência de todo esse descuido, vi os fracos escandalizados, o Sacramento Adorável profanado, as igrejas desertas e os sacerdotes desprezados. Esse estado de impureza e negligência se estendia até às almas dos fiéis, que deixavam o sacrário de seus corações sem preparo e sem limpeza quando Jesus estava prestes a entrar neles, exatamente como deixavam seu sacrário no altar.

Mesmo que eu falasse durante um ano inteiro, jamais conseguiria descrever em detalhes todos os insultos feitos a Jesus no Sacramento Adorável que me foram revelados dessa maneira. Vi seus autores atacarem Jesus em

grupos e o golpearem com diferentes armas, correspondentes às suas diversas ofensas.

Vi cristãos irreverentes de todas as idades, sacerdotes descuidados ou sacrílegos, multidões de comungantes mornos e indignos, soldados perversos profanando os vasos sagrados e servos do demônio fazendo uso da Santa Eucaristia nos terríveis mistérios de um culto infernal.

Entre esses grupos vi um grande número de teólogos, que haviam sido arrastados à heresia por seus pecados, atacando Jesus no Santo Sacramento de sua Igreja e arrancando de seu Coração, com palavras e promessas sedutoras, muitas almas pelas quais ele havia derramado seu sangue. Ah!

Era de fato uma visão terrível, pois eu via a Igreja como o corpo de Cristo; e todos esses grupos de pessoas, que se separavam da Igreja, dilaceravam e arrancavam pedaços inteiros de sua carne viva. Ai! Ele olhava para eles da maneira mais comovente e lamentava que assim causassem sua própria perdição eterna.

Ele nos havia dado seu próprio Ser divino como Alimento no Santíssimo Sacramento, para unir em um só corpo — o da Igreja, sua Esposa — pessoas que estavam infinitamente divididas e separadas umas das outras; e agora se via dilacerado e partido em dois nesse mesmo corpo; pois sua principal obra de amor, a Santa Comunhão, na qual as pessoas deveriam tornar-se inteiramente unidas, havia se tornado, pela malícia de falsos mestres, motivo de separação.

Contemplei nações inteiras assim arrancadas de seu seio e privadas de qualquer participação no tesouro de graças deixado à Igreja. Por fim, vi to-

dos os que estavam separados da Igreja mergulhados nas profundezas da descrença, da superstição, da heresia e da falsa filosofia mundana; e eles davam vazão à sua fúria feroz reunindo-se em grandes grupos para atacar a Igreja, incitados pela serpente que se divertia no meio deles. Ai! Era como se o próprio Jesus tivesse sido despedaçado em mil pedaços!

⁂

Tão grandes eram meu horror e meu pavor que meu Esposo Celestial me apareceu e, com misericórdia, pôs a mão sobre meu coração, dizendo: 'Ninguém ainda viu todas essas coisas, e seu coração se partiria de tristeza se eu não lhe desse forças.'

Vi o sangue escorrer em grandes gotas pelo rosto pálido de nosso Salvador, seus cabelos grudados uns aos outros e sua barba ensanguentada e emaranhada. Depois da visão que acabo de descrever, ele fugiu, por assim dizer, da gruta e voltou para seus discípulos. Mas cambaleava ao andar; sua aparência era a de um homem coberto de feridas e curvado sob um pesado fardo, e ele tropeçava a cada passo.

Quando chegou junto dos três Apóstolos, eles não estavam deitados dormindo como da primeira vez, mas tinham a cabeça coberta e haviam se deixado cair de joelhos, numa postura frequentemente adotada pelas pessoas daquele país quando estavam tristes ou desejavam rezar. Tinham adormecido, vencidos pela tristeza e pelo cansaço. Jesus, tremendo e gemendo, aproximou-se deles, e eles acordaram.

Mas quando, à luz da lua, o viram diante deles, com o rosto pálido e ensanguentado e os cabelos em desordem, seus olhos cansados não o reconhece-

ram de imediato, pois ele estava indescritivelmente mudado.

Ele juntou as mãos, e então eles se levantaram e o ampararam com carinho em seus braços, e ele lhes disse, com voz triste, que no dia seguinte seria morto — que dentro de uma hora seria preso, levado a um tribunal, maltratado, ultrajado, açoitado e, por fim, submetido a uma morte muito cruel. Pediu-lhes com insistência que consolassem sua Mãe e também Madalena.

Eles não responderam, pois não sabiam o que dizer, tão alarmados estavam com sua aparência e suas palavras, e chegaram a pensar que ele devia estar delirando. Quando quis voltar à gruta, não tinha forças para andar. Vi João e Tiago levá-lo de volta e retornarem depois que ele entrou na gruta. Eram então cerca de onze e quinze.

Durante essa agonia de Jesus, vi a Santíssima Virgem também dominada pela tristeza e pela angústia da alma, na casa de Maria, mãe de Marcos. Ela estava com Madalena e Maria no jardim da casa, quase prostrada de dor, com todo o corpo curvado enquanto permanecia de joelhos. Desmaiou várias vezes, pois contemplava em espírito diferentes momentos da agonia de Jesus.

Havia enviado alguns mensageiros para buscar notícias dele, mas sua profunda ansiedade não lhe permitiu esperar que voltassem, e ela foi com Madalena e Salomé até o Vale de Josafá.

Caminhava com a cabeça coberta por um véu, estendendo muitas vezes os braços em direção ao Monte das Oliveiras; pois contemplava em espírito

Jesus banhado em suor de sangue, e seus gestos eram como se desejasse, com as mãos estendidas, enxugar o rosto de seu Filho.

Vi esses movimentos interiores de sua alma em direção a Jesus, que pensava nela e voltava os olhos para onde ela estava, como se buscasse seu auxílio. Contemplei a comunicação espiritual que havia entre eles, sob a forma de raios que iam e vinham de um para o outro.

Nosso Divino Senhor também pensava em Madalena, comovia-se com sua aflição e, por isso, recomendou aos Apóstolos que a consolassem; pois sabia que seu amor por sua adorável Pessoa era maior do que o de qualquer outra pessoa, exceto o de sua Santíssima Mãe, e previa que ela sofreria muito por sua causa e nunca mais o ofenderia.

Por essa mesma época, os oito Apóstolos voltaram ao caramanchão do Getsêmani e, depois de conversarem por algum tempo, acabaram adormecendo. Estavam vacilantes, desanimados e fortemente tentados. Cada um havia procurado um lugar de refúgio em caso de perigo, e perguntavam uns aos outros, aflitos: 'O que faremos quando o tiverem matado?

Deixamos tudo para segui-lo; somos pobres e a escória do mundo, entregamo-nos completamente ao seu serviço, e agora ele próprio está tão triste e tão abatido que não pode nos dar consolo algum.' Os outros discípulos haviam, a princípio, vagado em várias direções, mas depois, tendo ouvido algo a respeito das terríveis profecias que Jesus havia feito, quase todos se retiraram para Betfagé.

Vi Jesus ainda rezando na gruta, lutando contra a aversão ao sofrimento própria da natureza humana e entregando-se inteiramente à vontade de

seu Pai Eterno. Nesse momento, o abismo se abriu diante dele, e ele teve uma visão da primeira parte do Limbo.

Viu Adão e Eva, os patriarcas, os profetas e os justos, os pais de sua Mãe e João Batista, que aguardavam sua chegada ao mundo inferior com um desejo tão intenso que essa visão fortaleceu seu coração amoroso e lhe deu novo ânimo. Sua morte abriria o Céu a esses cativos — sua morte os libertaria daquela prisão em que definhavam numa espera ansiosa e cheia de esperança!

Depois que Jesus contemplou, profundamente comovido, esses santos da antiguidade, os anjos lhe apresentaram todos os grupos de santos dos tempos futuros que, unindo seus trabalhos aos méritos de sua Paixão, seriam, por meio dele, unidos a seu Pai Celestial.

Muito bela e consoladora era essa visão, na qual ele contemplava a salvação e a santificação fluindo em correntes incessantes da fonte da redenção aberta por sua morte.

Os Apóstolos, os discípulos, as virgens e as santas mulheres, os mártires, os confessores, os eremitas, os papas e os bispos, e grandes grupos de religiosos de ambos os sexos — em uma palavra, todo o exército dos bem-aventurados — apareceram diante dele.

Todos traziam na cabeça coroas triunfais, e as flores de suas coroas diferiam na forma, na cor, no perfume e na perfeição, conforme a diferença dos sofrimentos, trabalhos e vitórias que lhes haviam alcançado a glória eterna.

Toda a sua vida, todas as suas ações, seus méritos e seu poder, assim como toda a glória de seu triunfo, vinham unicamente de sua união com os méri-

tos de Jesus Cristo.

A influência recíproca que esses santos exerciam uns sobre os outros, e a maneira como todos bebiam de uma única Fonte — o Adorável Sacramento e a Paixão de nosso Senhor — formavam um espetáculo profundamente comovente e maravilhoso. Nada neles era desprovido de profundo significado — suas obras, seu martírio, suas vitórias, sua aparência e suas vestes —, tudo, embora de uma variedade indescritível, se mesclava numa harmonia e unidade infinitas; e essa unidade na diversidade era produzida pelos raios de um único Sol, pela Paixão do Senhor, do Verbo feito carne, em quem estava a vida, a luz dos homens, que brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

⁂

O exército dos futuros santos passou diante da alma de nosso Senhor, que assim se encontrava entre os patriarcas cheios de anseio e a multidão triunfante dos futuros bem-aventurados; e esses dois exércitos, unindo-se e completando-se um ao outro, por assim dizer, cercavam o amoroso Coração de nosso Salvador como uma coroa de vitória.

Esse espetáculo tão comovente e consolador concedeu certa força e conforto à alma de Jesus. Ah! Ele amava tanto seus irmãos e suas criaturas que, para realizar a redenção de uma única alma, teria aceitado com alegria todos os sofrimentos aos quais agora se entregava. Como essas visões se referiam ao futuro, espalhavam-se a certa altura no ar.

Mas essas visões consoladoras se desvaneceram, e os anjos apresentaram diante dele as cenas de sua Paixão bem perto da terra, pois ela estava próxima.

Vi cada cena claramente representada, desde o beijo de Judas até as últimas palavras de Jesus na cruz, e vi nessa única visão tudo o que vejo em minhas meditações sobre a Paixão.

A traição de Judas, a fuga dos discípulos, os insultos dirigidos a nosso Senhor diante de Anás e Caifás, a negação de Pedro, o tribunal de Pilatos, a zombaria de Herodes, a flagelação e a coroação de espinhos, a condenação à morte, o carregamento da cruz, o pano de linho apresentado por Verônica, a crucificação, os insultos dos fariseus, as dores de Maria, de Madalena e de João, a ferida da lança em seu lado, depois da morte; em uma palavra, cada parte da Paixão lhe foi mostrada nos mínimos detalhes.

Ele aceitou tudo voluntariamente, submetendo-se a tudo por amor ao homem. Viu e sentiu também os sofrimentos que sua Mãe suportava naquele momento, cuja união interior com a agonia dele era tão completa que ela havia desmaiado nos braços de suas duas amigas.

Quando as visões da Paixão terminaram, Jesus caiu com o rosto em terra como alguém à beira da morte; os anjos desapareceram, e o suor de sangue tornou-se mais abundante, de modo que vi que havia encharcado sua veste. Uma escuridão completa reinava na caverna quando vi um anjo descer até Jesus.

Esse anjo era mais alto do que qualquer outro que eu já havia visto, e sua forma também era mais nítida e mais semelhante à de um homem. Estava vestido como um sacerdote, com uma longa veste esvoaçante, e trazia à sua frente, nas mãos, um pequeno recipiente, de formato semelhante ao cálice usado na Última Ceia.

Na parte superior desse cálice havia um pequeno corpo oval, mais ou menos do tamanho de um feijão, que irradiava uma luz avermelhada. O anjo, sem tocar a terra com os pés, estendeu a mão direita a Jesus, que se levantou; então colocou o misterioso alimento na boca dele e lhe deu de beber do cálice luminoso. Depois desapareceu.

Jesus, tendo aceitado livremente o cálice de seus sofrimentos e recebido novas forças, permaneceu mais alguns minutos na gruta, absorvido numa meditação serena e dando graças a seu Pai Celestial.

Ainda estava em profunda aflição de espírito, mas sobrenaturalmente confortado a tal ponto que podia ir até seus discípulos sem cambalear ao caminhar nem se curvar sob o peso de seus sofrimentos. Seu rosto ainda estava pálido e alterado, mas seu passo era firme e decidido.

Havia enxugado o rosto com um pano de linho e ajeitado os cabelos, que caíam sobre seus ombros, emaranhados e úmidos de sangue.

Quando Jesus chegou aos discípulos, eles estavam, como antes, deitados junto ao muro do terraço, dormindo e com a cabeça coberta. Nosso Senhor lhes disse que aquela não era hora de dormir, mas que deviam se levantar e rezar: 'Eis que a hora está próxima, e o Filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores', disse ele. 'Levantem-se, vamos; eis que está próximo aquele que vai me trair.

Melhor seria para ele se esse homem não tivesse nascido.' Os Apóstolos se levantaram muito assustados e olharam ao redor com ansiedade. Quando se recompuseram um pouco, Pedro disse com ardor: 'Senhor, vou chamar os outros, para que possamos te defender.' Mas Jesus lhes mostrou, a certa

distância no vale, do outro lado do riacho do Cedron, um grupo de homens armados que avançavam com tochas, e disse que um deles o havia traído.

Falou com calma, exortou-os a consolar sua Mãe e disse: 'Vamos ao encontro deles — eu me entregarei sem resistência nas mãos de meus inimigos.' Então deixou o Jardim das Oliveiras com os três Apóstolos e foi ao encontro dos arqueiros pelo caminho que levava daquele jardim ao Getsêmani.

Quando a Santíssima Virgem, sob os cuidados de Madalena e Salomé, recobrou os sentidos, alguns discípulos, que haviam visto os soldados se aproximarem, a conduziram de volta à casa de Maria, a mãe de Marcos. Os arqueiros tomaram um caminho mais curto do que aquele que Jesus havia seguido ao sair da sala da ceia.

A gruta em que Jesus havia rezado naquele dia não era aquela onde costumava rezar no Monte das Oliveiras. Ele geralmente ia a uma cabana mais distante, onde, certo dia, depois de ter amaldiçoado a figueira estéril, havia rezado em grande aflição de espírito, com os braços estendidos e apoiado numa rocha.

As marcas de seu corpo e de suas mãos ficaram impressas na pedra e foram veneradas mais tarde. Mas não se sabia em que ocasião o milagre havia acontecido. Vi várias vezes marcas semelhantes deixadas na pedra, seja pelos Profetas do Antigo Testamento, seja por Jesus, Maria ou alguns dos Apóstolos, e também vi aquelas feitas pelo corpo de Santa Catarina no Monte Sinai. Essas marcas não parecem profundas, mas se assemelham às

que ficariam num pedaço grosso de massa se alguém apoiasse a mão sobre ele.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

2 — JUDAS E SEU BANDO

✦

Judas não esperava que sua traição produzisse resultados tão fatais. Estava ansioso por obter a recompensa prometida e agradar aos fariseus, entregando Jesus nas mãos deles, mas nunca imaginara que as coisas chegariam tão longe, nem pensara que os inimigos de seu Mestre realmente o levariam a julgamento e o crucificariam; sua mente estava inteiramente tomada pelo amor ao lucro, e alguns fariseus e saduceus astutos, com os quais havia estabelecido relações, o incitavam constantemente à traição por meio de lisonjas.

Estava farto da vida cansativa, errante e perseguida que os Apóstolos levavam. Havia vários meses vinha roubando continuamente das esmolas confiadas aos seus cuidados, e sua avareza, ressentida com os gastos de Madalena ao derramar o precioso perfume nos pés de nosso Senhor, o incitou a cometer o maior dos crimes.

Sempre esperara que Jesus estabelecesse um reino temporal e lhe concedesse nele algum cargo brilhante e lucrativo, mas, ao ver suas expectativas frustradas, voltou seus pensamentos para o acúmulo de uma fortuna.

Via que os sofrimentos e as perseguições aumentavam para nosso Senhor e seus seguidores, e procurou fazer amizade com os poderosos inimigos de nosso Salvador antes que chegasse a hora do perigo, pois via que Jesus não se tornava rei, enquanto a dignidade e o poder efetivos do Sumo Sacerdote e de todos os que estavam ligados ao seu serviço causavam uma impressão muito forte em sua mente.

Pouco a pouco, começou a estabelecer uma ligação estreita com os agentes deles, que o lisonjeavam constantemente e lhe asseguravam com firmeza que, de qualquer modo, logo se poria fim à atuação de nosso Divino Senhor.

Ouvia com avidez cada vez maior as sugestões criminosas de seu coração corrompido e, nos últimos dias, não fizera outra coisa senão ir e vir para levar os chefes dos sacerdotes a chegar a algum acordo. Mas eles não estavam dispostos a agir imediatamente e o tratavam com desprezo.

Diziam que não haveria tempo suficiente antes do dia da festa e que haveria um tumulto entre o povo. Somente o Sinédrio ouvia suas propostas com alguma atenção. Depois que Judas recebeu sacrilegamente o Santíssimo Sacramento, Satanás tomou posse completa dele, e ele saiu imediatamente para consumar seu crime.

Primeiro, procurou as pessoas que até então o haviam lisonjeado e feito acordos com ele, e que ainda o recebiam com uma amizade fingida. Alguns outros se juntaram ao grupo, entre eles Anás e Caifás, mas estes o trataram com muita arrogância e desprezo.

Todos esses inimigos de Cristo estavam extremamente indecisos e longe de sentir qualquer confiança no sucesso, pois desconfiavam de Judas.

Vi o império do Inferno dividido contra si mesmo; Satanás desejava o crime dos judeus e ansiava ardentemente pela morte de Jesus, aquele que convertia as almas, o santo Mestre, o Justo, que lhe era tão odioso; mas, ao mesmo tempo, sentia um extraordinário temor interior diante da morte da Vítima inocente, que não se esconderia de seus perseguidores. Vi então

que, por um lado, ele estimulava o ódio e a fúria dos inimigos de Jesus e, por outro, insinuava a alguns deles que Judas era um homem perverso e desprezível, e que não seria possível pronunciar a sentença antes da festa nem reunir um número suficiente de testemunhas contra Jesus.

Cada um propunha algo diferente, e alguns interrogavam Judas, dizendo: 'Conseguiremos prendê-lo? Ele não tem homens armados consigo?' E o traidor respondeu: 'Não, ele está sozinho com onze discípulos; está muito abatido, e os onze são homens medrosos.' Disse-lhes que era agora ou nunca a hora de prender Jesus, que mais tarde talvez já não estivesse em seu poder entregar nosso Senhor nas mãos deles e que talvez nunca mais voltasse para junto dele, pois havia vários dias ficara muito claro que os outros discípulos e o próprio Jesus suspeitavam dele e certamente o matariam se voltasse para junto deles.

Disse-lhes também que, se não prendessem Jesus imediatamente, ele escaparia e voltaria com um exército de seus partidários para fazer-se proclamar Rei. Essas ameaças de Judas produziram algum efeito, suas propostas foram aceitas, e ele recebeu o preço dessa traição — trinta moedas de prata.

Essas moedas eram alongadas, com furos nas laterais, unidas por argolas numa espécie de corrente, e traziam certas marcas gravadas.

Judas não pôde deixar de perceber que o olhavam com desprezo e desconfiança, pois as palavras e os gestos deles revelavam seus sentimentos, e o orgulho lhe sugeriu devolver o dinheiro como uma oferta para o Templo, a fim de fazê-los supor que suas intenções haviam sido justas e desinteressadas.

Mas rejeitaram sua proposta, porque o preço de sangue não podia ser oferecido no Templo. Judas viu o quanto o desprezavam, e sua raiva foi extrema. Não esperava colher os frutos amargos de sua traição antes mesmo de consumá-la, mas havia ido tão longe com aqueles homens que estava em poder deles, e já não era possível escapar.

Vigiavam-no cuidadosamente e não o deixavam sair de sua presença até que lhes mostrasse exatamente quais medidas deveriam ser tomadas para prender Jesus. Três fariseus o acompanharam quando desceu a uma sala onde estavam reunidos os soldados do Templo, dos quais apenas alguns eram judeus, sendo os demais de várias nações.

Quando tudo ficou acertado e o número necessário de soldados foi reunido, Judas se apressou em ir primeiro à sala da ceia, acompanhado por um servo dos fariseus, para verificar se Jesus havia saído, pois poderiam prendê-lo ali sem dificuldade, uma vez que tivessem assegurado o controle das portas. Combinou enviar-lhes um mensageiro com a informação necessária.

Pouco antes, quando Judas recebera o preço dessa traição, um fariseu havia saído e mandado sete escravos buscar madeira com a qual preparar a Cruz para nosso Salvador, caso ele fosse julgado, porque no dia seguinte não haveria tempo suficiente devido ao início da festividade pascal.

Eles conseguiram essa madeira num lugar a cerca de três quartos de milha de distância, perto de um muro alto, onde havia uma grande quantidade de outras madeiras pertencentes ao Templo, e a arrastaram até uma praça situada atrás do tribunal de Caifás.

A peça principal da Cruz vinha de uma árvore que antes crescia no vale de Josafá, perto da torrente do Cedron, e que, tendo caído sobre o curso de água, fora usada como uma espécie de ponte.

Quando Neemias escondeu o fogo sagrado e os vasos santos na piscina de Betsaida, ela havia sido lançada sobre aquele lugar, junto com outros pedaços de madeira; mais tarde, fora retirada e deixada de lado. A Cruz foi preparada de uma maneira muito peculiar, fosse com o propósito de zombar da realeza de Jesus, fosse por aquilo que os homens poderiam chamar de acaso.

Era composta de cinco pedaços de madeira, sem contar a inscrição. Vi muitas outras coisas a respeito da Cruz, e também me foi dado conhecer o significado de diversas circunstâncias, mas esqueci tudo isso. Judas voltou e disse que Jesus já não estava na sala da ceia, mas que certamente devia estar no monte das Oliveiras, no lugar onde costumava rezar.

Pediu que apenas um pequeno número de homens fosse enviado com ele, para que os discípulos que estavam de vigia não percebessem nada e provocassem uma revolta.

Trezentos homens deveriam ficar posicionados nas portas e nas ruas de Ofel, uma parte da cidade situada ao sul do Templo, e ao longo do vale de Milo até a casa de Anás, no alto do monte Sião, para estarem prontos a enviar reforços, se necessário, pois, segundo ele, todas as pessoas das classes mais baixas de Ofel eram partidárias de Jesus.

O traidor também lhes recomendou que tomassem cuidado para que ele não lhes escapasse, pois, por meios misteriosos, tantas vezes se escondera no

monte e se tornara subitamente invisível aos que estavam ao redor. Recomendou-lhes, além disso, que o prendessem com uma corrente e usassem certas fórmulas mágicas para impedi-lo de rompê-la.

Os judeus ouviram todos esses conselhos com uma indiferença desdenhosa e responderam: 'Assim que o tivermos em nossas mãos, cuidaremos de não deixá-lo ir.'

Em seguida, Judas começou a fazer seus acertos com os que o acompanhariam. Queria entrar no jardim antes deles e abraçar e saudar Jesus como se estivesse voltando para junto dele como amigo e discípulo, e então os soldados deveriam correr à frente e prender Jesus.

Estava ansioso para que se pensasse que eles haviam chegado ali por acaso, de modo que, quando aparecessem, ele pudesse fugir como os outros discípulos e nunca mais se ouvisse falar dele. Também pensava que talvez se seguisse um tumulto, que os Apóstolos se defendessem e que Jesus passasse pelo meio de seus inimigos, como fizera tantas vezes antes.

Detinha-se especialmente nesses pensamentos quando seu orgulho era ferido pela maneira desdenhosa com que os judeus o tratavam; mas não se arrependia, pois havia se entregado inteiramente a Satanás.

Desejava também que os soldados que o seguiam não levassem correntes nem cordas, e seus cúmplices fingiam atender a todos os seus desejos, embora, na realidade, o tratassem como um traidor em quem não se podia confiar e que deveria ser descartado assim que fizesse o que se queria dele.

Os soldados receberam ordens de permanecer perto de Judas, vigiá-lo cuidadosamente e não deixá-lo escapar até que Jesus fosse preso, pois ele havia

recebido sua recompensa, e temia-se que fugisse com o dinheiro e, no fim, Jesus não fosse preso, ou que outro fosse preso em seu lugar.

O bando escolhido para acompanhar Judas era composto de vinte soldados, selecionados entre a guarda do Templo e outros militares que estavam sob as ordens de Anás e Caifás.

Vestiam-se de maneira muito semelhante aos soldados romanos, tinham morriões (capacetes de metal com crista) como os deles e usavam tiras pendentes ao redor das coxas, mas suas barbas eram longas, enquanto os soldados romanos em Jerusalém tinham apenas costeletas e raspavam o queixo e o lábio superior.

Todos tinham espadas, alguns também estavam armados com lanças, e levavam varas com lanternas e tochas; mas, quando partiram, acenderam apenas uma. A princípio, pretendia-se que Judas fosse acompanhado por uma escolta mais numerosa, mas ele chamou a atenção deles para o fato de que um número tão grande de homens seria visto com muita facilidade, porque do monte das Oliveiras se avistava todo o vale.

A maior parte dos soldados permaneceu, portanto, em Ofel, e sentinelas foram posicionadas por todos os lados para reprimir qualquer tentativa que se fizesse de libertar Jesus.

Judas partiu com os vinte soldados, mas era seguido a certa distância por quatro arqueiros, que eram apenas oficiais de justiça comuns, levando cordas e correntes, e depois deles vinham os seis agentes com os quais Judas mantinha contato havia algum tempo.

Um deles era sacerdote e confidente de Anás, um segundo era dedicado a Caifás, o terceiro e o quarto eram fariseus, e os outros dois, saduceus e herodianos. Esses seis homens eram cortesãos de Anás e Caifás, atuavam como espiões e eram inimigos ferrenhos de Jesus.

Os soldados mantiveram relações amistosas com Judas até chegarem ao lugar onde a estrada separa o Jardim das Oliveiras do Jardim do Getsêmani, mas ali se recusaram a permitir que ele avançasse sozinho e mudaram inteiramente de atitude, tratando-o com muita insolência e dureza.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

3 — JESUS É PRESO

✦

Jesus estava com seus três Apóstolos na estrada entre o Getsêmani e o Jardim das Oliveiras quando Judas e o grupo que o acompanhava apareceram. Surgiu uma discussão acalorada entre Judas e os soldados, porque ele queria se aproximar primeiro e falar discretamente com Jesus, como se nada estivesse acontecendo, para que só depois eles chegassem e prendessem nosso Salvador, deixando-o assim supor que Judas não tinha nenhuma ligação com o caso.

Mas os homens responderam com grosseria: 'Nada disso, amigo, você não escapará de nossas mãos até que tenhamos o Galileu bem amarrado'. E, ao verem os oito Apóstolos que se apressavam em se reunir a Jesus ao ouvirem a discussão, eles, apesar da oposição de Judas, chamaram para ajudar quatro arqueiros que haviam deixado a uma pequena distância.

Quando Jesus e os três Apóstolos viram pela primeira vez o grupo de homens armados à luz da lua, Pedro quis repeli-los pela força das armas e disse: 'Senhor, os outros oito estão por perto, vamos atacar os arqueiros'. Mas Jesus ordenou que ele se calasse e então se virou e recuou alguns passos.

Nesse momento, quatro discípulos saíram do jardim e perguntaram o que estava acontecendo. Judas ia responder, mas os soldados o interromperam e não o deixaram falar.

Esses quatro discípulos eram Tiago, o Menor, Filipe, Tomé e Natanael; este último, que era filho do idoso Simeão, havia se juntado com alguns outros aos oito Apóstolos no Getsêmani, talvez enviado pelos amigos de Jesus para saber o que estava acontecendo, ou talvez movido apenas pela curiosidade e pela inquietação.

Os outros discípulos andavam de um lado para outro, atentos e prontos para fugir a qualquer momento.

Jesus se aproximou dos soldados e disse com voz firme e clara: 'A quem vocês procuram?' Os soldados responderam: 'Jesus de Nazaré'. Jesus lhes disse: 'Sou eu'. Mal havia pronunciado essas palavras, todos caíram no chão, como se tivessem sofrido um ataque de apoplexia.

Judas, que estava ao lado deles, ficou muito assustado e, como parecia querer se aproximar, Jesus estendeu a mão e disse: 'Amigo, para que você veio?' Judas gaguejou alguma coisa sobre assuntos que o haviam trazido até ali. Jesus respondeu em poucas palavras, cujo sentido era: 'Seria melhor para você nunca ter nascido'; contudo, não consigo me lembrar das palavras exatas.

Enquanto isso, os soldados haviam se levantado e se aproximado de Jesus novamente, mas esperavam pelo sinal do beijo com que Judas prometera saudar seu Mestre para que o reconhecessem.

Pedro e os outros discípulos cercaram Judas e o insultaram sem medida, chamando-o de ladrão e traidor; ele tentou aplacar a ira deles com todo tipo de mentira, mas seus esforços foram inúteis, pois os soldados se aproxi-

maram e se ofereceram para defendê-lo, atitude que revelou imediatamente a verdade.

Jesus perguntou novamente: 'A quem vocês procuram?' Eles responderam: 'Jesus de Nazaré'. Jesus respondeu: 'Já lhes disse que sou eu; portanto, se é a mim que vocês procuram, deixem estes seguir seu caminho'.

A essas palavras, os soldados caíram no chão pela segunda vez, em convulsões semelhantes às da epilepsia, e os Apóstolos cercaram Judas novamente e expressaram sua indignação diante de sua vergonhosa traição. Jesus disse aos soldados: 'Levantem-se', e eles se levantaram, mas a princípio estavam sem fala de tanto terror.

Então mandaram Judas dar imediatamente o sinal combinado, pois suas ordens eram prender apenas aquele a quem Judas beijasse. Judas, então, se aproximou de Jesus e lhe deu um beijo, dizendo: 'Salve, Rabi'. Jesus respondeu: 'Como, Judas, você trai o Filho do Homem com um beijo?' Os soldados cercaram Jesus imediatamente, e os arqueiros o agarraram.

Judas quis fugir, mas os Apóstolos não permitiram; eles avançaram contra os soldados e gritaram: 'Mestre, devemos atacar com a espada?' Pedro, que era mais impetuoso que os outros, pegou a espada e golpeou Malco, o servo do sumo sacerdote, que queria afastar os Apóstolos, e lhe cortou a orelha direita; Malco caiu no chão, e houve um grande tumulto.

Os arqueiros haviam agarrado Jesus e queriam amarrá-lo, enquanto Malco e os demais soldados estavam ao redor. Quando Pedro golpeou Malco, os outros estavam ocupados em repelir os discípulos que se aproximavam demais e em perseguir os que fugiam.

Quatro discípulos apareceram ao longe e olharam com medo para a cena diante deles; mas os soldados ainda estavam assustados demais com a queda que haviam acabado de sofrer para se preocuparem muito com eles, e, além disso, não queriam deixar nosso Salvador sem um número suficiente de homens para vigiá-lo.

Judas fugiu assim que deu o beijo traiçoeiro, mas encontrou alguns discípulos, que o cobriram de repreensões. Seis fariseus, porém, vieram em seu socorro, e ele escapou enquanto os arqueiros estavam ocupados em amarrar os braços de Jesus.

Quando Pedro golpeou Malco, Jesus lhe disse: 'Guarde novamente sua espada no lugar, pois todos os que pegam a espada morrerão pela espada. Você pensa que não posso pedir a meu Pai, e ele me dará imediatamente mais de doze legiões de anjos?

Como, então, se cumprirão as Escrituras, segundo as quais isso deve acontecer?' Então disse: 'Deixem-me curar este homem'; e, aproximando-se de Malco, tocou sua orelha, orou, e ela foi curada.

Os soldados que estavam perto, assim como os arqueiros e os seis fariseus, longe de se comoverem com esse milagre, continuaram a insultar nosso Senhor e disseram aos que estavam presentes: 'É um truque do diabo; os poderes da feitiçaria fizeram a orelha parecer cortada, e agora o mesmo poder faz com que pareça curada'.

Então Jesus lhes falou novamente: 'Vocês saíram com espadas e porretes para me prender, como se eu fosse um ladrão. Todos os dias eu me sentava com vocês, ensinando no Templo, e vocês não me prenderam; mas esta é a

hora de vocês e do poder das trevas'. Os fariseus ordenaram que o amarrassem com ainda mais força e responderam em tom de desprezo: 'Ah!

Você não conseguiu nos derrubar com sua feitiçaria'. Jesus respondeu, mas não me lembro de suas palavras, e todos os discípulos fugiram. Os quatro arqueiros e os seis fariseus não caíram no chão diante das palavras de Jesus porque, como me foi revelado depois, eles, assim como Judas, que também não caiu, estavam inteiramente sob o poder de Satanás, enquanto todos os que caíram e se levantaram depois se converteram e se tornaram cristãos; eles haviam apenas cercado Jesus, sem pôr as mãos nele.

Malco se converteu imediatamente pela cura que recebeu e, durante a Paixão, sua ocupação foi levar e trazer mensagens para Maria e os outros amigos de nosso Senhor.

Os arqueiros, que agora começaram a amarrar os braços de Jesus com a maior brutalidade, eram pagãos da mais baixa origem, baixos, robustos e ágeis, de pele amarelada, semelhante à dos escravos egípcios, e com as pernas, os braços e o pescoço descobertos.

Amarraram suas mãos o mais apertado possível com cordas novas e ásperas, prendendo o pulso direito debaixo do cotovelo esquerdo e o pulso esquerdo debaixo do cotovelo direito. Cercaram sua cintura com uma espécie de cinto cravejado de pontas de ferro, e a esse aro estavam presas duas tiras de couro, que se cruzavam sobre seu peito como uma estola e se prendiam ao cinto.

Depois, amarraram quatro cordas a diferentes partes do cinto e, por meio delas, arrastavam nosso bendito Senhor de um lado para outro da maneira

mais cruel. As cordas eram novas; creio que foram compradas quando os fariseus decidiram pela primeira vez prender Jesus. Os fariseus acenderam novas tochas, e o cortejo partiu.

Dez soldados iam à frente, seguidos pelos arqueiros que seguravam as cordas e arrastavam Jesus, e os fariseus e outros dez soldados fechavam o cortejo. Os discípulos vagavam à distância, chorando e gemendo como se estivessem fora de si de tanta dor.

Apenas João seguia o cortejo e caminhava não muito longe dos soldados, até que os fariseus, ao vê-lo, ordenaram aos guardas que o prendessem. Eles tentaram obedecer, mas ele fugiu, deixando em suas mãos um pano com que se cobria e que eles haviam agarrado ao tentarem prendê-lo.

Ele havia tirado sua veste para escapar mais facilmente das mãos de seus inimigos e ficara apenas com uma roupa de baixo curta e sem mangas e com a longa faixa que os judeus costumavam usar, enrolada no pescoço, na cabeça e nos braços.

Os arqueiros tratavam Jesus da maneira mais cruel enquanto o conduziam; faziam isso para agradar aos seis fariseus, que, como bem sabiam, odiavam e detestavam profundamente nosso Senhor.

Conduziam-no pelo caminho mais acidentado que conseguiam escolher, sobre as pedras mais pontiagudas e pelo lamaçal mais espesso; puxavam as cordas o mais apertado possível; batiam nele com cordas cheias de nós, como um açougueiro bateria no animal que está prestes a abater; e acompanhavam esse tratamento cruel com insultos tão vis e indecentes que não posso relatá-los.

Os pés de Jesus estavam descalços; além das roupas comuns, ele usava uma veste de lã sem costura e um manto por cima de tudo. Esqueci-me de dizer que, quando Jesus foi preso, isso aconteceu sem que nenhuma ordem fosse apresentada ou qualquer formalidade legal fosse cumprida; ele foi tratado como alguém fora da proteção da lei.

⁂

O cortejo avançava a passos rápidos; quando saíram da estrada que passa entre o Jardim das Oliveiras e o Getsêmani, viraram à direita e logo chegaram a uma ponte sobre a torrente do Cedron.

Quando Jesus foi ao Jardim das Oliveiras com os Apóstolos, não atravessou essa ponte, mas seguiu por uma trilha particular que passava pelo Vale de Josafá e levava a outra ponte, mais ao sul.

A ponte pela qual os soldados conduziram Jesus era longa, pois passava não apenas sobre a torrente, que era muito larga nesse trecho, mas também sobre o vale, que se estende por uma distância considerável à direita e à esquerda e fica muito abaixo do leito do rio.

Vi nosso Senhor cair duas vezes antes de chegar à ponte, e essas quedas foram causadas inteiramente pela maneira bárbara como os soldados o arrastavam; mas, quando chegaram ao meio da ponte, deram plena vazão à sua brutalidade e golpearam Jesus com tanta violência que o atiraram da ponte para a água, recomendando-lhe com desprezo que matasse ali sua sede.

Se Deus não o tivesse protegido, ele teria morrido nessa queda; caiu primeiro sobre o joelho e depois com o rosto no chão, mas amorteceu um pouco a queda estendendo as mãos, que, embora antes estivessem tão aper-

tadamente amarradas, haviam sido soltas, não sei se por milagre ou se os soldados haviam cortado as cordas antes de jogá-lo na água.

As marcas de seus pés, cotovelos e dedos ficaram milagrosamente gravadas na rocha sobre a qual caiu, e essas marcas foram depois mostradas para a veneração dos cristãos. Essas pedras eram menos duras que os corações incrédulos dos homens perversos que cercavam Jesus e deram testemunho, naquele momento terrível, do Poder Divino que as havia tocado.

Eu não havia visto Jesus tomar nada para saciar a sede que o consumia desde sua agonia no jardim, mas ele bebeu quando caiu no Cedron, e o ouvi repetir estas palavras do Salmo profético: 'Em sua sede, ele beberá água da torrente' (Salmo 108).

Os arqueiros ainda seguravam as pontas das cordas com que Jesus estava amarrado, mas teria sido difícil arrastá-lo para fora da água daquele lado, por causa de um muro construído na margem; eles voltaram e o arrastaram através de todo o Cedron até a margem, e depois o fizeram atravessar a ponte pela segunda vez, acompanhando cada ação com insultos, blasfêmias e golpes.

Sua longa veste de lã, que estava completamente encharcada, grudava em suas pernas, dificultava cada movimento e tornava quase impossível caminhar; quando chegou ao fim da ponte, ele caiu por terra.

Eles o levantaram novamente da maneira mais cruel, golpearam-no com cordas e prenderam as pontas de sua veste molhada ao cinto, ao mesmo tempo que o maltratavam da maneira mais covarde.

Ainda não era bem meia-noite quando vi os quatro arqueiros arrastando Jesus desumanamente por um caminho estreito, obstruído por pedras, saliências de rocha, cardos e espinhos, na margem oposta do Cedron.

Os seis fariseus brutais caminhavam o mais perto possível de nosso Senhor, golpeavam-no constantemente com bastões grossos e pontiagudos e, vendo que seus pés descalços e ensanguentados eram rasgados pelas pedras e pelos espinheiros, exclamavam com desprezo: 'Seu precursor, João Batista, certamente não lhe preparou um bom caminho aqui'; ou: 'As palavras de Malaquias, "Eis que envio meu anjo à tua frente, para preparar o caminho diante de ti", não se aplicam exatamente agora.' Cada zombaria proferida por esses homens incitava os arqueiros a uma crueldade ainda maior.

Os inimigos de Jesus perceberam que várias pessoas apareciam ao longe; eram apenas discípulos que haviam se reunido ao saber que seu Mestre fora preso e que estavam ansiosos para descobrir qual seria o desfecho; mas a visão deles deixou os fariseus inquietos, receosos de que alguém tentasse resgatar Jesus, e por isso mandaram buscar um reforço de soldados.

A uma distância muito curta de uma entrada em frente ao lado sul do Templo, que leva, através de uma pequena aldeia chamada Ofel, ao monte Sião, onde ficavam as residências de Anás e Caifás, vi um grupo de cerca de cinquenta soldados, que carregavam tochas e pareciam prontos para qualquer coisa; o comportamento desses homens era ultrajante, e eles davam gritos altos, tanto para anunciar sua chegada como para felicitar seus companheiros pelo sucesso da expedição.

Isso causou uma ligeira confusão entre os soldados que conduziam Jesus, e Malco e alguns outros aproveitaram a ocasião para partir e fugir em direção

ao monte das Oliveiras.

Quando o novo grupo de soldados saiu de Ofel, vi aqueles discípulos que haviam se reunido se dispersarem; alguns foram para um lado, e outros para outro. A Santíssima Virgem e cerca de nove das santas mulheres, cheias de ansiedade, dirigiram seus passos para o vale de Josafá, acompanhadas por Lázaro, João, filho de Marcos, o filho de Verônica e o filho de Simão.

Este último estava no Getsêmani com Natanael e os oito Apóstolos, e havia fugido quando os soldados apareceram. Ele estava contando à Santíssima Virgem tudo o que havia acontecido quando o novo grupo de soldados se juntou aos que conduziam Jesus, e ela então ouviu seus gritos tumultuosos e viu a luz das tochas que carregavam.

Essa visão a abalou por completo; ela perdeu os sentidos, e João a levou para a casa de Maria, mãe de Marcos.

Os cinquenta soldados enviados para se juntar aos que haviam prendido Jesus eram um destacamento de uma companhia de trezentos homens posicionados para guardar os portões e os arredores de Ofel; pois o traidor Judas havia lembrado aos sumos sacerdotes que os habitantes de Ofel, que eram principalmente da classe trabalhadora e cuja principal ocupação era levar água e lenha ao Templo, eram os mais dedicados partidários de Jesus e talvez tentassem resgatá-lo.

O traidor sabia que Jesus havia consolado, instruído, ajudado e curado as doenças de muitos desses pobres trabalhadores, e que Ofel era o lugar onde ele havia parado durante sua viagem de Betânia a Hebrom, quando João

Batista acabara de ser executado. Judas também sabia que Jesus havia curado muitos dos pedreiros feridos pela queda da torre de Siloé.

A maior parte dos habitantes de Ofel se converteu depois da morte de nosso Senhor e se juntou à primeira comunidade cristã formada depois de Pentecostes; e, quando os cristãos se separaram dos judeus e construíram novas moradias, instalaram suas cabanas e tendas no vale situado entre o monte das Oliveiras e Ofel, e ali viveu Santo Estêvão.

Ofel ficava numa colina ao sul do Templo, cercada por muros, e seus habitantes eram muito pobres. Acho que era menor que Dülmen.

⁂

O sono dos bons habitantes de Ofel foi perturbado pelo barulho dos soldados; eles saíram de suas casas e correram até a entrada da aldeia para perguntar a causa do tumulto; mas os soldados os receberam com brutalidade, ordenaram que voltassem para casa e, em resposta às suas numerosas perguntas, disseram: 'Acabamos de prender Jesus, seu falso profeta, aquele que os enganou tão grosseiramente; os sumos sacerdotes estão prestes a julgá-lo, e ele será crucificado.' Gritos e lamentações se ergueram de todos os lados; as pobres mulheres e crianças corriam de um lado para outro, chorando e torcendo as mãos; e, lembrando-se de todos os benefícios que haviam recebido de nosso Senhor, caíram de joelhos para implorar a proteção do Céu.

Mas os soldados as empurraram para o lado, golpearam-nas, obrigaram-nas a voltar para suas casas e exclamaram: 'Que outra prova é necessária? A conduta dessas pessoas não mostra claramente que o Galileu incita a rebelião?'

Eles, porém, tiveram um pouco de cautela em suas palavras e em seu comportamento, por medo de causar uma insurreição em Ofel, e por isso procuraram apenas afastar os habitantes das partes da aldeia que Jesus era obrigado a atravessar.

Quando os cruéis soldados que conduziam nosso Senhor estavam perto dos portões de Ofel, ele caiu novamente e pareceu incapaz de dar mais um passo; então um deles, movido de compaixão, disse a outro: 'Você vê que o pobre homem está completamente exausto, não consegue se sustentar com o peso das correntes; se quisermos levá-lo vivo ao sumo sacerdote, precisamos afrouxar as cordas com que suas mãos estão amarradas, para que ele possa se amparar um pouco quando cair.' O grupo parou por um momento, as amarras foram afrouxadas, e outro soldado bondoso trouxe água para Jesus de uma fonte próxima.

Jesus lhe agradeceu e falou das 'fontes de água viva', das quais beberiam os que acreditassem nele; mas suas palavras enfureceram ainda mais os fariseus, que o cobriram de insultos e palavras ofensivas.

Vi o coração do soldado que havia feito com que Jesus fosse desamarrado, assim como o daquele que lhe trouxe água, ser subitamente iluminado pela graça; ambos se converteram antes da morte de Jesus e imediatamente se juntaram aos seus discípulos.

O cortejo voltou a andar e chegou ao portão de Ofel. Ali Jesus foi novamente saudado pelos gritos de dor e compaixão daqueles que lhe deviam tanta gratidão, e os soldados tiveram grande dificuldade para conter os homens e mulheres que se aglomeravam ao redor, vindos de todas as partes.

Eles juntavam as mãos, caíam de joelhos, lamentavam e exclamavam: 'Entreguem-nos este homem, soltem-no! Quem nos ajudará, quem nos consolará, quem curará nossas doenças?

Entreguem-no a nós!' Era de fato dilacerante olhar para Jesus; seu rosto estava pálido, desfigurado e ferido, seus cabelos estavam em desalinho, suas roupas molhadas e sujas, e seus guardas selvagens e embriagados o arrastavam e golpeavam com bastões como um pobre animal sem fala levado ao abate.

Assim ele foi conduzido em meio aos aflitos habitantes de Ofel, e o paralítico que ele havia curado, o mudo a quem havia restituído a fala e o cego cujos olhos havia aberto se uniram, mas em vão, nas súplicas por sua libertação.

Muitas pessoas das classes mais baixas e degradadas haviam sido enviadas por Anás, Caifás e os outros inimigos de Jesus para se juntar ao cortejo e ajudar os soldados tanto a maltratar Jesus como a afastar os habitantes de Ofel. A aldeia de Ofel ficava sobre uma colina, e vi ali uma grande quantidade de madeira colocada, pronta para a construção.

O cortejo teve de descer uma colina e depois passar por uma porta aberta no muro. De um lado dessa porta havia um grande edifício construído originalmente por Salomão, e do outro, a piscina de Betsaida. Depois de passarem por ali, seguiram em direção ao oeste, descendo uma rua íngreme chamada Milo, no fim da qual uma curva para o sul os levou à casa de Anás.

Os guardas não cessaram de tratar cruelmente nosso Divino Salvador e justificavam essa conduta dizendo que as multidões que se reuniam à frente do cortejo os obrigavam a agir com severidade. Jesus caiu sete vezes entre o monte das Oliveiras e a casa de Anás.

Os habitantes de Ofel ainda estavam em estado de consternação e tristeza quando a visão da Santíssima Virgem, que passava pela aldeia acompanhada das santas mulheres e de alguns outros amigos, a caminho do vale do Cedron para a casa de Maria, mãe de Marcos, os comoveu ainda mais; e fizeram o lugar ressoar com soluços e lamentações, enquanto a cercavam e quase a carregavam nos braços.

Maria estava sem fala de tanta dor e, depois de chegar à casa de Maria, mãe de Marcos, não abriu os lábios até a chegada de João, que relatou tudo o que havia visto desde que Jesus saíra da sala da ceia; e, um pouco mais tarde, ela foi levada à casa de Marta, que ficava perto da de Lázaro.

Pedro e João, que haviam seguido Jesus à distância, foram às pressas procurar alguns servos do sumo sacerdote que João conhecia, para tentar, por meio deles, conseguir entrada no tribunal onde seu Mestre seria julgado.

Esses servos atuavam como mensageiros e acabavam de receber ordens para ir às casas dos anciãos e dos outros membros do Conselho, a fim de convocá-los para a reunião que havia sido marcada.

Como desejavam atender aos Apóstolos, mas previam muita dificuldade para conseguir sua entrada no tribunal, deram-lhes mantos semelhantes aos que eles próprios usavam e os fizeram ajudar a levar mensagens aos membros, para que depois pudessem entrar no tribunal de Caifás e se mis-

turar, sem serem reconhecidos, aos soldados e às falsas testemunhas, pois todas as outras pessoas seriam expulsas.

Como Nicodemos, José de Arimateia e outras pessoas bem-intencionadas eram membros desse Conselho, os Apóstolos se encarregaram de lhes informar o que seria feito no Conselho, garantindo assim a presença daqueles amigos de Jesus que os fariseus haviam deixado de convidar de propósito.

Enquanto isso, Judas vagava de um lado para outro pelos precipícios íngremes e agrestes ao sul de Jerusalém, com o desespero marcado em cada traço do rosto, e o diabo o perseguia por toda parte, enchendo sua imaginação de visões ainda mais sombrias e não lhe permitindo um momento de descanso.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

4 — MEIOS EMPREGADOS PELOS INIMIGOS DE JESUS PARA EXECUTAR SEUS PLANOS CONTRA ELE

✦

Assim que Jesus foi preso, Anás e Caifás foram informados e imediatamente começaram a traçar seus planos quanto ao procedimento a seguir. A confusão logo tomou conta de tudo: os aposentos foram iluminados às pressas, guardas foram postos nas entradas e mensageiros foram enviados a diferentes partes da cidade para convocar os membros do Conselho, os escribas e todos os que participariam do julgamento.

Muitos deles, porém, haviam se reunido na casa de Caifás assim que o acordo traiçoeiro com Judas fora concluído e ali permaneceram à espera dos acontecimentos.

As diferentes classes de anciãos também estavam reunidas e, como os fariseus, saduceus e herodianos tinham vindo de todas as partes do país a Jerusalém para celebrar a festa e havia muito vinham combinando com o Conselho medidas para prender nosso Senhor, os sumos sacerdotes mandaram então chamar aqueles que sabiam ser os mais hostis a Jesus e lhes pediram que reunissem as testemunhas, juntassem todas as provas possíveis e levassem tudo e todos diante do Conselho.

Os orgulhosos saduceus de Nazaré, de Cafarnaum, de Tirza, de Gabara, de Jotapata e de Siló, a quem Jesus tantas vezes havia repreendido diante do povo, estavam de fato ardendo de desejo de vingança. Apressaram-se a percorrer todas as hospedarias em busca das pessoas que sabiam ser inimigas

de nosso Senhor e lhes ofereceram subornos para garantir seu comparecimento.

Mas, com exceção de algumas calúnias ridículas, que certamente seriam desmentidas assim que fossem investigadas, nada de concreto podia ser apresentado contra Jesus, a não ser, de fato, aquelas acusações insensatas que ele tantas vezes havia refutado na sinagoga.

Os inimigos de Jesus, porém, apressaram-se a ir ao tribunal de Caifás, escoltados pelos escribas e fariseus de Jerusalém e acompanhados por muitos daqueles comerciantes que nosso Senhor expulsara do Templo quando ali faziam comércio; também os acompanhavam os orgulhosos doutores que ele havia feito calar diante de todo o povo e até alguns que não conseguiam perdoar a humilhação de terem seus erros demonstrados quando ele discutiu com eles no Templo aos doze anos de idade.

Havia também um grande grupo de pecadores impenitentes que ele se recusara a curar, pecadores reincidentes cujas doenças haviam voltado, jovens mundanos que ele não quisera receber como discípulos e pessoas avarentas que ele enfurecera ao fazer com que o dinheiro que esperavam possuir fosse distribuído em esmolas.

Havia outros cujos amigos ele havia curado, frustrando assim suas expectativas de herdar bens; libertinos cujas vítimas ele havia convertido; e muitas pessoas desprezíveis que faziam fortuna adulando e alimentando os vícios dos poderosos.

Todos esses emissários de Satanás transbordavam de fúria contra tudo o que era santo e, por isso, de um ódio indescritível pelo Santo dos Santos.

Eram ainda mais instigados pelos inimigos de nosso Senhor e, assim, reuniram-se em multidões ao redor do palácio de Caifás para apresentar todas as suas falsas acusações e tentar cobrir de infâmia aquele Cordeiro sem mancha, que tomou sobre si os pecados do mundo e aceitou esse fardo para reconciliar o ser humano com Deus.

Enquanto todos esses seres perversos se ocupavam em discutir o que seria melhor fazer, a angústia e a ansiedade enchiam o coração dos amigos de Jesus, pois desconheciam o mistério que estava prestes a se cumprir e vagavam de um lado para outro, suspirando e ouvindo as mais diversas opiniões.

Cada palavra que diziam despertava suspeitas naqueles a quem se dirigiam e, se ficavam calados, seu silêncio era visto como algo errado. Muitas pessoas bem-intencionadas, mas fracas e indecisas, cederam à tentação, escandalizaram-se e perderam a fé; de fato, o número dos que perseveraram foi muito pequeno.

As coisas eram então como tantas vezes são agora: as pessoas estavam dispostas a servir a Deus se não encontrassem oposição de seus semelhantes, mas tinham vergonha da Cruz se fossem desprezadas pelos outros. O coração de alguns, porém, foi tocado pela paciência demonstrada por nosso Senhor em meio a seus sofrimentos, e eles se afastaram em silêncio e tristes.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

5 — UM OLHAR SOBRE JERUSALÉM

✦

Concluídas as orações e os preparativos habituais para a celebração da festa, a maior parte dos habitantes da populosa cidade de Jerusalém, assim como os estrangeiros ali reunidos, estava mergulhada no sono depois das fadigas do dia, quando, de repente, foi anunciada a prisão de Jesus, e todos despertaram, tanto seus amigos como seus inimigos.

Muitos atenderam imediatamente ao chamado do sumo sacerdote e saíram de suas casas para se reunir no pátio dele. Em alguns lugares, a luz da lua lhes permitia encontrar o caminho com segurança pelas ruas escuras e sombrias, mas, em outros, eram obrigados a usar tochas.

Pouquíssimas casas tinham janelas voltadas para a rua e, em geral, suas portas ficavam em pátios internos, o que dava às ruas um aspecto ainda mais sombrio do que o habitual àquela hora.

Os passos de todos se dirigiam a Sião, e um ouvinte atento poderia ter ouvido pessoas parando às portas de seus amigos e batendo para acordá-los — depois seguindo depressa, parando de novo para interrogar outros e, por fim, retomando apressadamente o caminho para Sião.

Espalhadores de notícias e criados corriam à frente para descobrir o que estava acontecendo, a fim de voltar e contar aos que tinham ficado em casa. Podia-se ouvir claramente o ruído de portas sendo trancadas e bloqueadas, pois muitas pessoas estavam bastante alarmadas e temiam uma insurreição, enquanto se faziam mil suposições diferentes e se davam opiniões como es-

tas: 'Lázaro e suas irmãs logo saberão quem é esse homem em quem depositaram tamanha confiança.

Joana de Cuza, Susana, Maria, mãe de Marcos, e Salomé se arrependerão, mas tarde demais, da imprudência de sua conduta; Serápia, mulher de Sirac, será obrigada agora a pedir desculpas ao marido, pois tantas vezes ele a censurou por sua predileção pelo Galileu. Os partidários desse fanático, desse incitador de rebeliões, fingiam estar cheios de compaixão por todos os que viam as coisas de maneira diferente da deles, e agora não saberão onde esconder a cabeça. Agora ele não encontrará ninguém que estenda mantos e espalhe ramos de oliveira a seus pés.

Aqueles hipócritas que fingiam ser tão melhores que os outros receberão o que merecem, pois estão todos envolvidos com o Galileu. É um caso muito mais sério do que se pensava a princípio. Gostaria de saber como Nicodemos e José de Arimateia sairão dessa; os sumos sacerdotes desconfiam deles há algum tempo; eles se uniram à causa de Lázaro, mas são extremamente astutos. Agora, porém, tudo virá à luz.'

Palavras como essas eram proferidas por pessoas enfurecidas não apenas contra os discípulos de Jesus, mas também contra as santas mulheres que haviam suprido suas necessidades materiais e expressado publicamente, sem medo, sua veneração por seus ensinamentos e sua fé em sua missão divina.

Mas, embora muitas pessoas falassem de Jesus e de seus seguidores dessa maneira desdenhosa, havia outras que tinham opiniões muito diferentes. Destas, algumas estavam assustadas, e outras, dominadas pela tristeza, procuravam amigos com quem pudessem abrir o coração e diante de quem

pudessem, sem medo, dar vazão aos seus sentimentos; mas era pequeno o número dos que tinham coragem suficiente para declarar abertamente sua admiração por Jesus.

No entanto, essas perturbações aconteciam apenas em algumas partes de Jerusalém — naquelas aonde os sumos sacerdotes e os fariseus haviam enviado mensageiros para convocar os membros do Conselho e reunir as testemunhas. Pareceu-me ver sentimentos de ódio e fúria irromperem em diferentes partes da cidade sob a forma de chamas.

Essas chamas percorriam as ruas, uniam-se a outras que encontravam e seguiam na direção de Sião, aumentando a cada momento, até que por fim pararam sob o tribunal de Caifás, onde permaneceram, formando juntas um verdadeiro turbilhão de fogo.

Os soldados romanos não tomavam parte no que estava acontecendo; não compreendiam a agitação do povo, mas suas sentinelas foram duplicadas, suas coortes postas em formação, e eles mantinham uma vigilância rigorosa. Isso, de fato, era habitual durante a solenidade da Páscoa, por causa do grande número de estrangeiros que então se reuniam.

Os fariseus procuravam evitar as proximidades das sentinelas, por medo de serem interrogados por elas e de contraírem impureza ao responder às suas perguntas. Os sumos sacerdotes haviam enviado uma mensagem a Pilatos, comunicando seus motivos para posicionar soldados ao redor de Ofel e de Sião; mas ele desconfiava de suas intenções, pois havia muita hostilidade entre os romanos e os judeus.

Não conseguia dormir e passou a maior parte da noite andando de um lado para outro, ouvindo os diversos relatos e dando ordens de acordo com o que ouvia; sua mulher dormia, mas seu sono era perturbado por sonhos terríveis, e ela alternava gemidos e lágrimas.

Em nenhuma parte de Jerusalém a prisão de Jesus provocou demonstrações de tristeza mais comoventes do que entre os pobres habitantes de Ofel, dos quais a maior parte trabalhava por jornada, enquanto os demais se ocupavam principalmente de tarefas humildes a serviço do Templo.

A notícia os pegou de surpresa; por algum tempo, duvidaram da veracidade do relato e oscilaram entre a esperança e o medo. Mas a visão de seu Mestre, seu Benfeitor, seu Consolador, arrastado pelas ruas, ferido, machucado e maltratado de todas as maneiras imagináveis, encheu-os de horror.

Sua tristeza aumentou ainda mais ao verem a Mãe aflita dele andando de rua em rua, acompanhada pelas santas mulheres, procurando obter alguma notícia de seu Filho divino.

Essas santas mulheres eram muitas vezes obrigadas a se esconder em cantos e sob entradas de casas, por medo de serem vistas pelos inimigos de Jesus; mas, mesmo com essas precauções, eram frequentemente insultadas e tomadas por mulheres de má vida.

Seus sentimentos eram constantemente feridos pelas palavras maldosas e expressões de triunfo que ouviam dos judeus cruéis, e raramente, muito raramente, uma palavra de bondade ou compaixão chegava aos seus ouvidos. Estavam completamente exaustas antes de chegar ao seu refúgio, mas pro-

curavam consolar e amparar umas às outras e cobriam a cabeça com véus espessos.

Quando finalmente se sentaram, ouviram uma batida repentina à porta e ficaram escutando, com a respiração suspensa. A batida se repetiu, mas suavemente, por isso tiveram certeza de que não era um inimigo; ainda assim, abriram a porta com cautela, temendo uma armadilha.

Era de fato um amigo, e elas saíram e caminharam por algum tempo, voltando depois ao seu refúgio — com o coração ainda mais despedaçado do que antes.

A maioria dos Apóstolos, dominada pelo terror, vagava pelos vales que cercam Jerusalém e, às vezes, se refugiava nas cavernas abaixo do monte das Oliveiras. Assustavam-se quando se encontravam, falavam com a voz trêmula e se separavam ao ouvir o menor ruído.

Primeiro se escondiam numa caverna, depois em outra; em seguida, tentavam voltar à cidade, enquanto alguns deles subiam ao alto do monte das Oliveiras e lançavam olhares ansiosos para as tochas, cuja luz podiam ver brilhar em Sião e ao redor dela.

Escutavam cada som distante, faziam mil conjecturas diferentes e depois voltavam ao vale, na esperança de obter alguma notícia segura.

As ruas próximas ao tribunal de Caifás estavam intensamente iluminadas por lâmpadas e tochas, mas, à medida que as multidões se reuniam ao redor dele, o barulho e a confusão continuavam aumentando. Misturados a esses sons discordantes, ouviam-se os mugidos dos animais que estavam

amarrados do lado de fora das muralhas de Jerusalém e os balidos queixosos dos cordeiros.

Havia algo profundamente comovente no balido desses cordeiros, que seriam sacrificados no dia seguinte no Templo — somente o único Cordeiro que estava prestes a se oferecer voluntariamente em sacrifício não abria a boca, como a ovelha nas mãos do açougueiro, que não resiste, ou o cordeiro que fica em silêncio diante do tosquiador; e esse Cordeiro era o Cordeiro de Deus — o Cordeiro sem mancha — o verdadeiro Cordeiro Pascal — o próprio Jesus Cristo.

O céu parecia escuro, sombrio e ameaçador — a lua estava vermelha e coberta de manchas lívidas; parecia temer chegar à fase cheia, porque então seu Criador morreria.

Em seguida, lancei um olhar para fora da cidade e, perto do portão sul, vi o traidor, Judas Iscariotes, vagando sozinho, entregue aos tormentos de sua consciência culpada. Ele temia até a própria sombra e era seguido por muitos demônios, que procuravam transformar seus sentimentos de remorso em sombrio desespero.

Milhares de espíritos malignos agiam por toda parte, tentando os homens ora a um pecado, ora a outro. Parecia que os portões do inferno haviam sido escancarados e que Satanás lutava furiosamente, empregando todas as suas forças para aumentar a pesada carga de iniquidades que o Cordeiro sem mancha havia tomado sobre si.

Os anjos oscilavam entre a alegria e a tristeza; desejavam ardentemente prostrar-se diante do trono de Deus e obter permissão para ajudar Jesus;

mas, ao mesmo tempo, estavam cheios de assombro e só podiam adorar aquele milagre de justiça e misericórdia divinas que existia no Céu por toda a eternidade e estava agora prestes a se realizar.

Pois os anjos creem, como nós, em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, começou nesta noite a padecer sob Pôncio Pilatos e, no dia seguinte, seria crucificado; morreria e seria sepultado; desceria aos infernos, ressuscitaria ao terceiro dia, subiria ao Céu, se sentaria à direita de Deus Pai todo-poderoso e de lá viria julgar os vivos e os mortos.

Eles creem igualmente no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

6 — JESUS DIANTE DE ANÁS

✦

Era quase meia-noite quando Jesus chegou ao palácio de Anás, e seus guardas o conduziram imediatamente a um salão muito grande, onde Anás, cercado por vinte e oito conselheiros, estava sentado sobre uma espécie de plataforma, um pouco elevada acima do piso e situada em frente à entrada.

Os soldados que haviam prendido Jesus o arrastaram então com brutalidade até os pés do tribunal. O salão estava completamente cheio, entre soldados, os servos de Anás, algumas pessoas da multidão que haviam sido admitidas e as falsas testemunhas que depois se dirigiram ao salão de Caifás.

Anás estava encantado com a ideia de que nosso Senhor seria levado à sua presença e aguardava sua chegada com a maior impaciência. A expressão de seu rosto era extremamente repulsiva, pois revelava em cada traço não apenas a alegria infernal que o enchia, mas também toda a astúcia e falsidade de seu coração. Ele presidia uma espécie de tribunal instituído para interrogar pessoas acusadas de ensinar falsas doutrinas; se fossem consideradas culpadas ali, eram então levadas diante do sumo sacerdote.

Jesus estava diante de Anás. Parecia exausto e abatido; suas roupas estavam cobertas de lama, as mãos algemadas, a cabeça baixa, e ele não dizia uma palavra. Anás era um velho magro, de aparência mal-humorada, com uma barba rala.

Seu orgulho e sua arrogância eram grandes; ao se sentar, sorriu ironicamente, fingindo que nada sabia e que estava absolutamente espantado ao

descobrir que o prisioneiro, que acabara de ser informado de que seria levado à sua presença, era ninguém menos que Jesus de Nazaré. 'É possível', disse ele, 'é possível que você seja Jesus de Nazaré?

Onde estão seus discípulos, seus numerosos seguidores? Onde está seu reino? Receio que as coisas não tenham saído como você esperava. As autoridades, suponho, descobriram que já era hora de pôr um fim à sua conduta, tão desrespeitosa para com Deus e seus sacerdotes, e a essas violações do sábado. Que discípulos você tem agora? Para onde foram todos eles? Você fica calado!

Fale, sedutor! Fale, incitador de rebelião! Você não comeu o cordeiro pascal de maneira ilícita, em hora imprópria e em lugar impróprio? Não deseja introduzir novas doutrinas? Quem lhe deu o direito de pregar? Onde estudou? Fale, quais são os princípios de sua religião?'.

Jesus então ergueu a cabeça cansada, olhou para Anás e disse: 'Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no Templo, onde todos os judeus se reúnem; e nada falei em segredo. Por que me pergunta? Pergunte aos que ouviram o que lhes falei; veja, eles sabem o que eu disse'.

Diante dessa resposta de Jesus, o rosto de Anás ficou vermelho de fúria e indignação. Um criado vil que estava por perto percebeu isso e imediatamente golpeou nosso Senhor no rosto com sua luva de ferro, exclamando ao mesmo tempo: 'É assim que você responde ao sumo sacerdote?'.

Jesus quase caiu com a violência do golpe, de modo que, quando os guardas também o insultaram e golpearam, ele caiu de vez, e o sangue escorreu

de seu rosto para o chão. Risadas, insultos e palavras amargas ressoaram pelo salão.

Os arqueiros o ergueram novamente com brutalidade, e ele respondeu com brandura: 'Se falei mal, dê testemunho do mal; mas, se falei bem, por que me bate?'.

Anás ficou ainda mais enfurecido ao ver a atitude serena de Jesus e, voltando-se para as testemunhas, pediu que apresentassem suas acusações. Todos começaram a falar ao mesmo tempo: 'Ele se declarou rei; diz que Deus é seu Pai; que os fariseus são uma geração adúltera. Provoca insurreição entre o povo; cura os doentes com a ajuda do diabo no dia de sábado.

Os habitantes de Ofel se reuniram ao redor dele há pouco tempo e o chamaram pelos títulos de Salvador e Profeta. Deixa que o chamem de Filho de Deus; diz que foi enviado por Deus; prevê a destruição de Jerusalém. Não jejua; come com pecadores, com pagãos e com publicanos, e convive com mulheres de má reputação.

Há pouco tempo, disse a um homem que lhe deu água para beber às portas de Ofel "que lhe daria a água da vida eterna, e que, depois de bebê-la, ele nunca mais teria sede". Seduz o povo com palavras de duplo sentido', etc., etc.

Todas essas acusações eram gritadas ao mesmo tempo; algumas das testemunhas se colocaram diante de Jesus e, enquanto falavam, o insultavam com gestos de zombaria, e os arqueiros chegaram até a golpeá-lo, dizendo ao mesmo tempo: 'Fale; por que não responde?'.

Anás e seus partidários acrescentavam zombaria aos insultos, exclamando a cada pausa nas acusações: 'Então é essa a sua doutrina? O que pode responder a isso? Dê suas ordens, grande Rei; homem enviado por Deus, dê provas de sua missão'. 'Quem é você?', continuou Anás, em um tom de desprezo cortante; 'por quem foi enviado?

É o filho de um carpinteiro obscuro ou é Elias, que foi levado ao céu em um carro de fogo? Dizem que ele ainda vive, e me contaram que você pode se tornar invisível quando quer. Talvez seja o profeta Malaquias, cujas palavras cita com tanta frequência. Alguns dizem que um anjo era seu pai e que ele também ainda está vivo.

Um impostor como você não poderia ter melhor oportunidade de enganar as pessoas do que se fazendo passar por esse profeta. Diga-me, sem mais rodeios, a que ordem de reis pertence? Você é maior que Salomão — pelo menos é o que afirma ser, e até espera que acreditem. Fique tranquilo, não lhe negarei mais o título e o cetro que lhe são devidos com tanta justiça'.

Anás então mandou trazer a folha de pergaminho, de cerca de uma jarda de comprimento e seis polegadas de largura; nela escreveu uma série de palavras em letras grandes, e cada palavra expressava uma acusação diferente feita contra nosso Senhor.

Depois a enrolou, colocou-a em um pequeno tubo oco, prendeu-o cuidadosamente na ponta de uma cana e apresentou essa cana a Jesus, dizendo ao mesmo tempo, com um sorriso de desprezo: 'Veja o cetro de seu reino; ele contém seus títulos, bem como a relação das honras a que tem direito e seu direito ao trono.

Leve-os ao sumo sacerdote, para que ele reconheça sua dignidade real e o trate conforme seus merecimentos. Amarrem as mãos deste rei e levem-no diante do sumo sacerdote'.

As mãos de Jesus, que haviam sido soltas, foram então amarradas cruzadas sobre o peito, de modo a obrigá-lo a segurar o falso cetro que continha as acusações de Anás, e ele foi levado ao tribunal de Caifás em meio às vaias, aos gritos e aos golpes com que a multidão brutal o cobria.

A casa de Anás não ficava a mais de trezentos passos da de Caifás; havia muros altos e casas de aparência comum dos dois lados da rua, iluminada por tochas e lanternas colocadas em postes, e muitos judeus estavam por ali, conversando de maneira exaltada e furiosa.

Os soldados mal conseguiam abrir caminho pela multidão, e aqueles que haviam tratado Jesus de modo tão vergonhoso no tribunal de Anás continuaram com seus insultos e maus-tratos durante todo o percurso até a casa de Caifás.

Vi homens armados ligados ao tribunal darem dinheiro aos que tratavam Jesus da pior maneira, e os vi empurrarem para fora do caminho todos os que olhavam para ele com compaixão. Os primeiros tiveram permissão para entrar no tribunal de Caifás.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

7 — O TRIBUNAL DE CAIFÁS

✦

Para entrar no tribunal de Caifás, era preciso atravessar um grande pátio, que pode ser chamado de pátio exterior; dali se entrava em um pátio interior, que se estendia ao redor de todo o edifício. O próprio edifício era muito mais comprido do que largo, e na frente havia uma espécie de vestíbulo aberto, cercado em três lados por colunas não muito altas.

No quarto lado, as colunas eram mais altas, e atrás delas havia uma sala quase tão grande quanto o próprio vestíbulo, onde os assentos dos membros do Conselho estavam dispostos sobre uma espécie de plataforma redonda elevada acima do piso.

O assento destinado ao sumo sacerdote ficava acima dos demais; o acusado a ser julgado permanecia no centro do semicírculo formado pelos assentos. As testemunhas e os acusadores ficavam ao lado ou atrás do prisioneiro. Havia três portas atrás dos assentos dos juízes, que levavam a outro aposento, também cheio de assentos. Essa sala era usada para deliberações secretas.

Entradas situadas nos lados direito e esquerdo dessa sala davam para o pátio interior, que era arredondado, assim como a parte de trás do edifício. Quem saía da sala pela porta à direita via, do lado esquerdo do pátio, o portão que levava a uma prisão subterrânea escavada sob a sala.

Havia muitas prisões subterrâneas ali, e foi em uma delas que Pedro e João ficaram presos por uma noite inteira, depois de curarem o homem coxo no

Templo, após Pentecostes. Tanto a casa quanto os pátios estavam cheios de tochas e lâmpadas, que os deixavam tão claros quanto o dia.

Havia uma grande fogueira acesa no meio do pórtico, de cada lado da qual havia tubos ocos que serviam de chaminés para a fumaça, e ao redor dessa fogueira estavam soldados, criados e testemunhas da classe mais baixa, que haviam recebido subornos para dar seus falsos depoimentos.

Algumas mulheres também estavam ali, encarregadas de servir aos soldados uma espécie de bebida vermelha e de assar bolos, serviços pelos quais recebiam uma pequena remuneração.

A maioria dos juízes já estava sentada ao redor de Caifás; os outros chegaram pouco depois, e o pórtico estava quase cheio, entre testemunhas verdadeiras e falsas, enquanto muitas outras pessoas também tentavam entrar para satisfazer sua curiosidade, mas eram impedidas.

Pedro e João entraram no pátio exterior vestidos como viajantes, pouco antes de Jesus ser conduzido por ali, e João conseguiu entrar no pátio interior por intermédio de um servo que conhecia. A porta foi fechada imediatamente depois que ele passou; por isso, Pedro, que vinha um pouco atrás, ficou do lado de fora.

Ele pediu à criada que lhe abrisse a porta, mas ela não atendeu nem às suas súplicas nem às de João, e ele teria permanecido do lado de fora se Nicodemos e José de Arimateia, que chegaram naquele momento, não o tivessem levado consigo.

Os dois Apóstolos então devolveram os mantos que haviam tomado emprestados e se colocaram em um lugar de onde podiam ver os juízes e ouvir

tudo o que se passava.

Caifás estava sentado no centro da plataforma elevada, e setenta dos membros do Sinédrio estavam dispostos ao seu redor, enquanto os oficiais públicos, os escribas e os anciãos permaneciam de pé dos dois lados, com as falsas testemunhas atrás deles. Soldados estavam posicionados desde a base da plataforma até a porta do vestíbulo pela qual Jesus entraria.

O semblante de Caifás era extremamente solene, mas essa gravidade vinha acompanhada de sinais inequívocos de raiva contida e intenções sinistras. Ele usava um longo manto de cor vermelha sem brilho, bordado com flores e guarnecido de franjas douradas; era preso nos ombros e no peito, além de ser ornamentado na frente com fechos de ouro.

O adorno que usava na cabeça era alto e enfeitado com fitas pendentes; os lados eram abertos, e ele se parecia um pouco com a mitra de um bispo. Caifás já esperava havia algum tempo com seus partidários pertencentes ao Grande Conselho, e estava tão impaciente que se levantou várias vezes, foi ao pátio exterior com suas vestes magníficas e perguntou com raiva se Jesus de Nazaré já havia chegado. Quando viu o cortejo se aproximar, voltou ao seu assento.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

8 — JESUS DIANTE DE CAIFÁS

✦

Jesus foi conduzido através do pátio, e a multidão o recebeu com gemidos e vaias. Ao passar por Pedro e João, olhou para eles, mas sem virar a cabeça, por receio de denunciá-los. Mal havia chegado à sala do conselho, Caifás exclamou em voz alta: 'Então você chegou, afinal, inimigo de Deus, blasfemador, que perturba a paz desta noite santa!' O tubo que continha as acusações de Anás e estava preso ao falso cetro nas mãos de Jesus foi imediatamente aberto, e seu conteúdo foi lido.

Caifás usou a linguagem mais insultuosa, e os guardas voltaram a golpear e maltratar nosso Senhor, gritando ao mesmo tempo: 'Responda logo! Fale! Você é mudo?' Caifás, cujo temperamento era indescritivelmente orgulhoso e arrogante, ficou ainda mais enfurecido do que Anás e fez mil perguntas, uma após a outra, mas Jesus permaneceu diante dele em silêncio e de olhos baixos.

Os guardas tentaram obrigá-lo a falar com golpes repetidos, e uma criança maldosa pressionou o polegar contra os lábios dele, mandando, em tom de zombaria, que o mordesse. Então foram chamadas as testemunhas.

As primeiras eram pessoas da classe mais baixa, cujas acusações eram tão incoerentes e inconsistentes quanto as apresentadas no tribunal de Anás, e nada se podia concluir delas; por isso, Caifás se voltou para as principais testemunhas, os fariseus e os saduceus, que tinham vindo de todas as partes do país.

Eles procuravam falar com calma, mas seus rostos e modos revelavam a inveja e o ódio ferozes que lhes transbordavam do coração, e repetiam sem parar as mesmas acusações às quais ele já havia respondido tantas vezes: 'Que curava os doentes e expulsava demônios com a ajuda de demônios — que profanava o sábado — incitava o povo à revolta — chamava os fariseus de raça de víboras e adúlteros — previa a destruição de Jerusalém — andava na companhia de publicanos e pecadores — reunia o povo e se apresentava como rei, profeta e Filho de Deus.' Declararam 'que ele falava constantemente de seu reino — que proibia o divórcio — que se chamava o Pão da Vida e dizia que quem não comesse sua carne e não bebesse seu sangue não teria a vida eterna.'

Assim, distorciam e interpretavam mal as palavras que ele havia pronunciado, os ensinamentos que havia dado e as parábolas com que ilustrara seus ensinamentos, dando-lhes aparência de crimes.

Mas essas testemunhas não conseguiam concordar em seus depoimentos, pois uma dizia: 'Ele se chama rei'; e uma segunda a contradizia imediatamente, dizendo: 'Não, ele permite que as pessoas o chamem assim; mas, assim que tentaram proclamá-lo, fugiu.' Outra dizia: 'Ele se chama Filho de Deus', mas era interrompida por uma quarta, que exclamava: 'Não, ele só se intitula Filho de Deus porque faz a vontade de seu Pai Celestial.' Algumas testemunhas afirmaram que ele as havia curado, mas que suas doenças tinham voltado e que suas supostas curas eram realizadas apenas por magia.

Falaram também da cura do paralítico no tanque de Betsaida, mas distorceram os fatos para lhes dar aparência de crimes, e mesmo nessas acusações

não conseguiam concordar, contradizendo umas às outras.

Os fariseus de Séforis, com quem ele certa vez discutira sobre o divórcio, acusaram-no de ensinar falsas doutrinas, e um jovem de Nazaré, a quem ele não havia permitido tornar-se um de seus discípulos, também foi desprezível o bastante para testemunhar contra ele.

Constatou-se que era inteiramente impossível provar um único fato, e as testemunhas pareciam se apresentar com o único propósito de insultar Jesus, em vez de demonstrar a verdade de suas declarações.

Enquanto discutiam umas com as outras, Caifás e alguns dos outros membros do Conselho se ocupavam em interrogar Jesus e transformar suas respostas em motivo de zombaria. 'Que espécie de rei você é? Dê provas de seu poder! Chame as legiões de anjos de que falou no Jardim das Oliveiras!

O que fez com o dinheiro que lhe deram as viúvas e os outros ingênuos que você seduziu com suas falsas doutrinas? Responda logo: fale — você é mudo? Teria sido muito mais sensato ficar em silêncio quando estava no meio daquela multidão insensata: ali você falou demais.'

Todas essas perguntas eram acompanhadas de golpes dos criados dos membros do tribunal, e, se nosso Senhor não tivesse sido amparado do alto, não teria sobrevivido a esse tratamento.

Algumas das testemunhas desprezíveis tentaram provar que ele era filho ilegítimo; mas outras declararam que sua mãe era uma Virgem piedosa, ligada ao Templo, e que depois a tinham visto prometida em casamento a um homem que temia a Deus. As testemunhas censuraram Jesus e seus discípulos por não terem oferecido sacrifícios no Templo.

É verdade que nunca vi Jesus nem seus discípulos oferecerem qualquer sacrifício no Templo, com exceção do cordeiro pascal; mas José e Ana costumavam, durante suas vidas, oferecer sacrifícios com frequência pelo Menino Jesus. Contudo, até essa acusação era pueril, pois os essênios nunca ofereciam sacrifícios, e ninguém os estimava menos por não fazê-lo.

Os inimigos de Jesus continuavam a acusá-lo de ser feiticeiro, e Caifás afirmou várias vezes que a confusão nos depoimentos das testemunhas era causada unicamente por feitiçaria.

Alguns disseram que ele havia comido o cordeiro pascal no dia anterior, o que era contrário à lei, e que, no ano anterior, havia feito várias alterações na maneira de celebrar essa cerimônia. Mas as testemunhas se contradiziam a tal ponto que Caifás e seus partidários constataram, para seu enorme aborrecimento e sua ira, que nenhuma acusação podia ser realmente provada.

Nicodemos e José de Arimateia foram chamados e receberam ordem de explicar como haviam permitido que ele comesse a Páscoa no dia errado, numa sala que lhes pertencia; eles provaram, por meio de documentos antigos, que desde tempos imemoriais os galileus tinham permissão para comer a Páscoa um dia antes dos demais judeus.

Acrescentaram que todas as outras partes da cerimônia haviam sido realizadas de acordo com as orientações da lei e que pessoas ligadas ao Templo estavam presentes na ceia.

Isso deixou as testemunhas inteiramente perplexas, e Nicodemos aumentou a ira dos inimigos de Jesus ao indicar as passagens nos arquivos que

comprovavam o direito dos galileus e explicavam a razão pela qual esse privilégio lhes fora concedido.

A razão era esta: os sacrifícios não teriam terminado antes do sábado se as imensas multidões que se reuniam para esse fim fossem todas obrigadas a realizar a cerimônia no mesmo dia; e, embora os galileus nem sempre tivessem feito uso desse direito, sua existência foi comprovada de forma incontestável por Nicodemos.

A ira dos fariseus aumentou quando ele observou que os membros do Conselho tinham motivos para se sentir profundamente ofendidos com as contradições gritantes nos depoimentos das testemunhas e que a maneira extraordinária e apressada como todo o caso havia sido conduzido mostrava que a maldade e a inveja eram os únicos motivos que moviam os acusadores e os levavam a apresentar o caso num momento em que todos estavam ocupados com os preparativos para a festa mais solene do ano.

Eles olharam furiosamente para Nicodemos e não conseguiram responder, mas continuaram a interrogar as testemunhas de maneira ainda mais precipitada e imprudente.

Por fim, apresentaram-se duas testemunhas, que disseram: 'Este homem disse: "Destruirei este Templo feito por mãos humanas e, dentro de três dias, construirei outro que não será feito por mãos humanas"'; contudo, nem mesmo essas testemunhas concordavam em suas declarações, pois uma disse que o acusado desejava construir um novo Templo e que havia comido a Páscoa num lugar incomum porque desejava a destruição do antigo Templo; mas a outra disse: 'Não é assim: o edifício onde ele comeu a

Páscoa foi construído por mãos humanas, portanto ele não poderia estar se referindo àquilo.'

⁂

A ira de Caifás era indescritível, pois o tratamento cruel que Jesus havia sofrido, sua paciência divina e as contradições das testemunhas começavam a causar uma forte impressão em muitos dos presentes; ouviram-se algumas vaias, e o coração de alguns ficou tão tocado que não conseguiam silenciar a voz da consciência.

Dez soldados deixaram o tribunal sob o pretexto de uma indisposição, mas, na verdade, estavam dominados pela emoção. Ao passarem pelo lugar onde Pedro e João estavam, exclamaram: 'O silêncio de Jesus de Nazaré, em meio a um tratamento tão cruel, é sobre-humano: derreteria um coração de ferro.

O espantoso é que a terra não se abra e engula homens tão perversos como devem ser seus acusadores. Mas digam-nos: aonde devemos ir?' Os dois Apóstolos ou desconfiavam dos soldados e pensavam que eles apenas procuravam traí-los, ou temiam ser reconhecidos pelos que estavam ao redor e denunciados como discípulos de Jesus, pois apenas responderam em tom triste: 'Se a verdade os chama, sigam-na, e tudo se acertará por si mesmo.' Os soldados saíram imediatamente da sala e deixaram Jerusalém pouco depois.

Encontraram pessoas nos arredores da cidade que lhes indicaram as cavernas ao sul de Jerusalém, do outro lado do monte Sião, onde muitos dos Apóstolos haviam se refugiado. Estes, a princípio, ficaram alarmados ao ver

estranhos entrarem em seu esconderijo; mas os soldados logo dissiparam todo o medo e lhes relataram os sofrimentos de Jesus.

Caifás, que já estava perturbado, ficou inteiramente enfurecido com as declarações contraditórias das duas últimas testemunhas e, levantando-se de seu assento, aproximou-se de Jesus e disse: 'Você não responde nada às coisas que estes testemunham contra você?'

Jesus não levantou a cabeça nem olhou para o Sumo Sacerdote, o que aumentou ao máximo a ira deste; e os guardas, percebendo isso, agarraram nosso Senhor pelos cabelos, puxaram sua cabeça para trás e lhe deram golpes debaixo do queixo; mas ele continuou de olhos baixos. Caifás levantou as mãos e exclamou, em tom enfurecido: 'Eu o intimo pelo Deus vivo a nos dizer se você é o Cristo, o Messias, o filho do Deus vivo!'

Seguiu-se uma breve e solene pausa. Então Jesus respondeu com uma voz majestosa e sobre-humana: 'Você o disse. Contudo, eu lhes digo: de agora em diante, vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus e vindo nas nuvens do Céu.' Enquanto Jesus pronunciava essas palavras, pareceu-me que uma luz brilhante o envolvia; o Céu se abriu acima de sua cabeça; vi o Pai Eterno, mas nenhuma palavra escrita por mão humana pode descrever a visão intuitiva dele que então me foi concedida. Vi também os anjos e as orações dos justos subindo até o trono de Deus.

No mesmo instante, percebi o abismo escancarado do inferno como um meteoro de fogo aos pés de Caifás; estava cheio de demônios horríveis; apenas uma fina gaze parecia separá-lo de suas chamas escuras. Eu podia ver a fúria demoníaca que transbordava de seu coração, e toda a casa me parecia o inferno.

No momento em que nosso Senhor pronunciou as palavras solenes: 'Eu sou o Cristo, o Filho do Deus vivo', o inferno pareceu ser abalado de uma extremidade à outra e depois, por assim dizer, irromper e inundar cada pessoa na casa de Caifás com sentimentos de ódio redobrado contra nosso Senhor.

Essas coisas sempre me são mostradas sob a aparência de algum objeto material, o que as torna menos difíceis de compreender e as grava na mente de maneira mais clara e forte, pois, sendo nós mesmos seres materiais, os fatos nos são mais facilmente ilustrados quando se manifestam por meio dos sentidos.

O desespero e a fúria que essas palavras produziram no inferno me foram mostrados sob a aparência de mil figuras aterrorizantes em diferentes lugares. Lembro-me de ter visto, entre outras coisas assustadoras, vários pequenos seres negros, semelhantes a cães com garras, que andavam sobre as patas traseiras; naquele momento eu sabia que espécie de maldade essa aparição indicava, mas agora não consigo lembrar.

Vi esses fantasmas horríveis entrarem no corpo da maior parte dos presentes ou se colocarem sobre suas cabeças ou seus ombros. Nesse momento, vi também espectros assustadores saírem dos sepulcros do outro lado de Sião; creio que eram espíritos malignos.

Vi, nas proximidades do Templo, muitas outras aparições que se assemelhavam a prisioneiros carregados de correntes: não sei se eram demônios ou almas condenadas a permanecer em alguma parte específica da terra e que então se dirigiam ao Limbo, que a condenação de nosso Senhor à morte lhes havia aberto.

É extremamente difícil explicar esses fatos, pelo receio de escandalizar os que não têm conhecimento dessas coisas; mas as pessoas que os veem os sentem, e eles muitas vezes fazem os cabelos se arrepiarem. Penso que João viu algumas dessas aparições, pois depois o ouvi falar delas. Todos aqueles cujo coração não estava profundamente corrompido sentiram um enorme terror diante desses acontecimentos, mas os de coração endurecido nada sentiram além de um aumento do ódio e da ira contra nosso Senhor.

Caifás então se levantou e, instigado por Satanás, pegou a ponta de seu manto, perfurou-o com sua faca e o rasgou de uma extremidade à outra, exclamando ao mesmo tempo, em voz alta: 'Ele blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Vejam, agora vocês ouviram a blasfêmia: o que acham?' Todos os que estavam presentes se levantaram e exclamaram com uma maldade espantosa: 'Ele merece a morte!'

Durante toda essa cena terrível, os demônios estavam num estado de agitação extrema; pareciam ter a posse completa não apenas dos inimigos de Jesus, mas também de seus partidários e seguidores covardes.

Os poderes das trevas me pareciam proclamar um triunfo sobre a luz, e os poucos entre os espectadores cujo coração ainda conservava um vislumbre de luz ficaram tão consternados que, cobrindo a cabeça, partiram imediatamente.

As testemunhas que pertenciam às classes superiores tinham o coração menos endurecido que as outras; suas consciências eram atormentadas pelo remorso, e elas seguiram o exemplo das pessoas mencionadas acima e deixaram a sala o mais depressa possível, enquanto os demais se aglomeravam ao

redor do fogo no vestíbulo e comiam e bebiam, depois de receber o pagamento integral por seus serviços.

O Sumo Sacerdote então se dirigiu aos guardas e disse: 'Entrego este rei nas mãos de vocês; prestem ao blasfemador as honras que lhe são devidas.' Depois dessas palavras, retirou-se com os membros de seu Conselho para a sala redonda atrás do tribunal, que não podia ser vista do vestíbulo.

Em meio à amarga aflição que inundava o coração de João, seus pensamentos estavam com a Mãe de Jesus; ele temia que a terrível notícia da condenação de seu Filho lhe fosse comunicada de repente, ou que talvez algum inimigo lhe desse a informação de maneira cruel.

Por isso, olhou para Jesus e, dizendo em voz baixa: 'Senhor, tu sabes por que te deixo', saiu depressa em busca da Santíssima Virgem, como se tivesse sido enviado pelo próprio Jesus.

Pedro estava inteiramente dominado pela ansiedade e pela tristeza, que, somadas ao cansaço, o faziam sentir frio; por isso, como a manhã estava fria, aproximou-se do fogo onde muitas pessoas do povo se aqueciam. Fez o possível para esconder sua dor na presença delas, pois não conseguia se decidir a ir para casa e deixar seu amado Mestre.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

9 — OS INSULTOS RECEBIDOS POR JESUS NO TRIBUNAL DE CAIFÁS

✦

Assim que Caifás e os outros membros do Conselho deixaram o tribunal, uma multidão de malfeitores — a própria escória do povo — cercou Jesus como um enxame de vespas enfurecidas e começou a cobri-lo de todos os insultos imagináveis.

Mesmo durante o julgamento, enquanto as testemunhas falavam, os arqueiros e alguns outros não conseguiam conter seus impulsos cruéis: arrancavam punhados de seus cabelos e de sua barba, cuspiam nele, davam-lhe socos, feriam-no com varas pontiagudas e até espetavam agulhas em seu corpo; mas, quando Caifás saiu da sala, sua barbárie passou a não ter limites.

Primeiro colocaram em sua cabeça uma coroa feita de palha e casca de árvores e depois a tiraram, saudando-o ao mesmo tempo com expressões insultuosas como estas: 'Vejam o Filho de Davi usando a coroa de seu pai.' 'Alguém maior que Salomão está aqui; este é o rei que está preparando uma festa de casamento para seu filho.' Assim ridicularizavam aquelas verdades eternas que ele havia ensinado em forma de parábolas àqueles que viera do céu salvar; e, enquanto repetiam essas palavras de zombaria, continuavam a golpeá-lo com os punhos e com varas e a cuspir em seu rosto.

Em seguida, colocaram uma coroa de juncos em sua cabeça, tiraram sua túnica e seu escapulário e jogaram sobre seus ombros um manto velho e rasgado, que mal chegava aos joelhos; penduraram em seu pescoço uma longa

corrente de ferro, com uma argola de ferro em cada ponta, coberta de pontas afiadas, que machucavam e rasgavam seus joelhos enquanto ele andava.

Voltaram a prender seus braços, puseram uma cana em sua mão e cobriram de cuspe seu rosto divino. Já haviam jogado todo tipo de sujeira sobre seus cabelos, seu peito e o manto velho.

Vendaram seus olhos com um trapo sujo e o golpearam, gritando ao mesmo tempo: 'Profetize para nós, ó Cristo: quem foi que bateu em você?' Ele não respondeu uma palavra, mas suspirava e rezava por eles em seu íntimo.

Depois de muitos outros insultos, agarraram a corrente que pendia de seu pescoço, arrastaram-no até a sala para onde o Conselho havia se retirado e, com sua vara, forçaram-no a entrar, gritando ao mesmo tempo: 'Avance, Rei de Palha!

Apresente-se ao Conselho com as insígnias das honras reais que lhe prestamos.' Um grande grupo de conselheiros, com Caifás à frente, ainda estava na sala, e eles olhavam com prazer e aprovação para a cena vergonhosa que se desenrolava, vendo com satisfação as cerimônias mais sagradas serem transformadas em motivo de zombaria.

Os guardas impiedosos cobriram-no de lama e cuspe e, com uma seriedade fingida, exclamaram: 'Receba a unção profética — a unção real.' Depois parodiaram de maneira ímpia as cerimônias do batismo e o ato piedoso de Madalena ao esvaziar o vaso de perfume sobre sua cabeça. 'Como ousa', exclamaram, 'apresentar-se ao Conselho nessas condições?

Você purifica os outros e não é puro; mas logo vamos purificá-lo.' Buscaram uma bacia de água suja, que derramaram sobre seu rosto e seus ombros, en-

quanto se ajoelhavam diante dele e exclamavam: 'Veja sua preciosa unção, veja o nardo que vale trezentos denários; você foi batizado na piscina de Betsaida.' Com isso, pretendiam ridicularizar o ato de respeito e veneração demonstrado por Madalena quando derramou o precioso perfume sobre a cabeça dele, na casa do fariseu.

Com suas palavras de zombaria sobre o batismo dele na piscina de Betsaida, apontavam, embora sem querer, a semelhança entre Jesus e o cordeiro pascal, pois os cordeiros eram lavados primeiro no tanque perto da porta Probática e depois levados à piscina de Betsaida, onde passavam por outra purificação antes de serem levados ao Templo para o sacrifício. Os inimigos de Jesus também faziam alusão ao homem que estivera enfermo por trinta e oito anos e fora curado por Jesus na piscina de Betsaida; pois vi esse homem ser lavado ou batizado ali; digo lavado ou batizado porque não me lembro exatamente das circunstâncias.

Depois arrastaram Jesus pela sala, diante de todos os membros do Conselho, que continuavam a dirigir-lhe palavras de censura e insulto. Todos os rostos pareciam diabólicos e enfurecidos, e tudo ao redor estava escuro, confuso e tomado de terror. Nosso Senhor, ao contrário, desde o momento em que declarou ser o Filho de Deus, esteve quase sempre cercado por um halo de luz.

Muitos dos presentes pareciam ter uma percepção confusa desse fato e ficar cheios de consternação ao perceberem que nem as agressões nem as humilhações conseguiam alterar a expressão majestosa de seu rosto.

O halo que brilhava ao redor de Jesus desde o momento em que ele declarou ser o Cristo, o Filho do Deus vivo, só servia para incitar seus inimigos a

uma fúria ainda maior; no entanto, era tão resplandecente que eles não conseguiam olhar para ele, e acredito que sua intenção ao jogar o trapo sujo sobre a cabeça dele era diminuir seu brilho.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10 — A NEGAÇÃO DE SÃO PEDRO

✦

No momento em que Jesus pronunciou as palavras 'Você o disse' e o sumo sacerdote rasgou sua veste, toda a sala ressoou com gritos tumultuosos. Pedro e João, que haviam sofrido intensamente durante a cena que acabara de acontecer e à qual tinham sido obrigados a assistir em silêncio, já não suportavam vê-la.

Pedro então se levantou para sair da sala, e João o seguiu pouco depois. Este foi ao encontro da Santíssima Virgem, que estava na casa de Marta com as santas mulheres, mas o amor de Pedro por Jesus era tão grande que ele não conseguia se decidir a deixá-lo; seu coração estava prestes a se partir, e ele chorava amargamente, embora procurasse conter e esconder as lágrimas.

Era impossível permanecer no tribunal, pois sua profunda emoção diante dos sofrimentos de seu amado Mestre o teria denunciado; por isso, foi ao vestíbulo e se aproximou do fogo, ao redor do qual soldados e pessoas do povo estavam sentados, falando da maneira mais insensível e repugnante sobre os sofrimentos de Jesus e contando tudo o que eles mesmos lhe haviam feito.

Pedro permaneceu em silêncio, mas seu silêncio e seu jeito abatido despertaram suspeitas nos que estavam ali. A porteira se aproximou do fogo no meio da conversa, lançou um olhar atrevido a Pedro e disse: 'Você também estava com Jesus, o Galileu.' Essas palavras assustaram e alarmaram Pedro; ele tremia ao pensar no que poderia acontecer se admitisse a verdade di-

ante daqueles companheiros brutais e, por isso, respondeu depressa: 'Mulher, eu não o conheço', levantou-se e saiu do vestíbulo.

Nesse momento, o galo cantou em algum lugar nos arredores da cidade. Não me lembro de tê-lo ouvido, mas senti que estava cantando. Quando ele saía, outra criada olhou para ele e disse aos que estavam com ela: 'Este homem também estava com ele', e as pessoas a quem ela se dirigiu imediatamente perguntaram a Pedro se suas palavras eram verdadeiras, dizendo: 'Você não é um dos discípulos desse homem?' Pedro ficou ainda mais alarmado do que antes e repetiu sua negação com estas palavras: 'Não sou; não conheço esse homem.'

Ele saiu do pátio interno e entrou no pátio externo; estava chorando, e sua angústia e sua dor eram tão grandes que não refletiu nem um pouco sobre as palavras que acabara de pronunciar. O pátio externo estava cheio de pessoas, e algumas haviam subido no alto do muro para ouvir o que acontecia no pátio interno, onde eram proibidas de entrar.

Alguns dos discípulos também estavam ali, pois sua preocupação com Jesus era tão grande que não conseguiam se decidir a permanecer escondidos nas cavernas de Hinom.

Aproximaram-se de Pedro e, em meio a muitas lágrimas, perguntaram-lhe sobre seu amado Mestre, mas ele estava tão abalado e com tanto medo de se denunciar que lhes recomendou brevemente que fossem embora, pois era perigoso ficar, e afastou-se deles no mesmo instante. Continuou entregue à sua intensa dor, enquanto eles se apressavam em sair da cidade.

Entre esses discípulos, que eram cerca de dezesseis, reconheci Bartolomeu, Natanael, Saturnino, Judas Barsabás, Simão, que mais tarde foi bispo de Jerusalém, Zaqueu e Manaém, o homem que nascera cego e fora curado por Nosso Senhor.

Pedro não conseguia encontrar sossego em lugar algum, e seu amor por Jesus o levou a voltar ao pátio interno, onde lhe permitiam entrar porque José de Arimateia e Nicodemos o haviam levado para dentro na primeira vez.

Ele não voltou a entrar no vestíbulo, mas virou à direita e foi em direção à sala redonda que ficava atrás do tribunal, onde Jesus sofria todos os insultos e humilhações possíveis nas mãos de seus cruéis inimigos.

Pedro se aproximou timidamente da porta e, embora tivesse plena consciência de que todos os presentes suspeitavam que ele fosse um seguidor de Jesus, não conseguiu permanecer do lado de fora; seu amor pelo Mestre o impelia adiante; entrou na sala, avançou e logo se viu bem no meio da multidão brutal que saciava seus olhos cruéis com os sofrimentos de Jesus.

Naquele momento, arrastavam-no de um lado para o outro de maneira humilhante, com a coroa de palha sobre a cabeça; ele lançou a Pedro um olhar triste e até severo, que o feriu no coração, mas, como ainda estava muito assustado e naquele momento ouviu alguns dos presentes gritarem 'Quem é esse homem?', voltou ao pátio e, vendo que as pessoas no vestíbulo o observavam, aproximou-se do fogo e permaneceu diante dele por algum tempo.

Várias pessoas que haviam observado seu rosto ansioso e perturbado começaram a falar de Jesus com insultos, e uma delas lhe disse: 'Você também é

um dos discípulos dele; você também é galileu; seu próprio modo de falar o denuncia.' Pedro se levantou, querendo sair da sala, quando um irmão de Malco se aproximou dele e disse: 'Eu não vi você no jardim com ele? Não foi você que cortou a orelha do meu irmão?'

Pedro ficou quase fora de si de terror; começou a lançar maldições e a jurar 'que não conhecia aquele homem' e saiu correndo do vestíbulo para o pátio externo; o galo então cantou de novo, e Jesus, que naquele momento era conduzido pelo pátio, lançou ao seu apóstolo um olhar em que se misturavam compaixão e tristeza.

Esse olhar de Nosso Senhor atravessou o coração de Pedro — trouxe à sua memória, da maneira mais forte e terrível, as palavras que Nosso Senhor lhe dirigira na noite anterior: 'Antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes.' Ele havia esquecido todas as promessas e declarações feitas a Nosso Senhor de que morreria antes de negá-lo — havia esquecido o aviso que Nosso Senhor lhe dera; mas, quando Jesus olhou para ele, sentiu a enormidade de sua falta, e seu coração quase se partiu de dor.

Havia negado seu Senhor quando aquele amado Mestre era agredido, insultado e entregue às mãos de juízes injustos — quando sofria tudo com paciência e em silêncio.

Seu remorso era impossível de expressar; voltou ao pátio externo, cobriu o rosto e chorou amargamente; todo o medo de ser reconhecido havia passado — estava pronto para proclamar ao universo inteiro tanto sua falta quanto seu arrependimento.

Que homem ousará afirmar que teria demonstrado mais coragem do que Pedro se, com seu temperamento impulsivo e ardente, estivesse exposto a tamanho perigo, aflição e tristeza, num momento em que também estivesse inteiramente abalado pelo medo e pela dor, e esgotado pelos sofrimentos daquela triste noite? Nosso Senhor deixou Pedro entregue às próprias forças, e ele foi fraco; como todos os que se esquecem das palavras: 'Vigiem e rezem, para que não caiam em tentação.'

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

11 — MARIA NA CASA DE CAIFÁS

✦

A Santíssima Virgem estava sempre unida a seu Filho Divino por comunicações espirituais interiores; por isso, tinha pleno conhecimento de tudo o que lhe acontecia — sofria com ele e se unia à sua oração contínua por seus assassinos.

Mas seus sentimentos maternos a levavam a suplicar com todo o fervor a Deus Todo-Poderoso que não permitisse que o crime se consumasse e que salvasse seu Filho de tormentos tão terríveis.

Ela desejava ardentemente voltar para junto dele; e quando João, que havia deixado o tribunal no momento em que se ergueu o terrível grito: 'Ele é réu de morte', chegou à casa de Lázaro para saber como ela estava e relatar os detalhes da terrível cena que acabara de presenciar, ela, assim como Madalena e algumas das outras santas mulheres, pediu que as levassem ao lugar onde Jesus estava sofrendo.

João, que só havia deixado nosso Salvador para consolar aquela a quem mais amava depois de seu Mestre Divino, atendeu imediatamente ao pedido delas e as conduziu pelas ruas, iluminadas apenas pela lua e cheias de pessoas que se apressavam para voltar para casa.

As santas mulheres estavam bem cobertas por seus véus; mas os soluços que não conseguiam conter fizeram com que muitos dos que passavam reparassem nelas, e seus sentimentos eram dilacerados pelos insultos que ouviam dirigir a Jesus aqueles que conversavam sobre sua prisão.

A Santíssima Virgem, que via sempre em espírito o tratamento humilhante que seu querido Filho recebia, continuava 'a guardar todas essas coisas em seu coração'; como ele, sofria em silêncio; mas, mais de uma vez, perdeu inteiramente os sentidos.

Alguns discípulos de Jesus, que voltavam da sala de Caifás, viram-na desfalecer nos braços das santas mulheres e, comovidos de pena, pararam para olhá-la com compaixão e a saudaram com estas palavras: 'Salve! Mãe infeliz — salve, Mãe do Santíssimo de Israel, a mais aflita de todas as mães!' Maria ergueu a cabeça, agradeceu-lhes com gratidão e continuou seu triste caminho.

Quando chegaram às proximidades da casa de Caifás, sua dor se renovou ao verem um grupo de homens que trabalhavam atarefados sob uma tenda, preparando a cruz para a crucificação de nosso Senhor.

Os inimigos de Jesus haviam dado ordens para que a cruz fosse preparada logo depois de sua prisão, a fim de poderem executar sem demora a sentença que esperavam convencer Pilatos a pronunciar contra ele.

Os romanos já haviam preparado as cruzes dos dois ladrões, e os trabalhadores que faziam a de Jesus estavam muito irritados por serem obrigados a trabalhar nela durante a noite; não procuravam esconder sua raiva por isso e proferiam as mais terríveis pragas e maldições, que traspassavam o coração da terna Mãe de Jesus; mas ela rezava por essas criaturas cegas que assim, sem saber, blasfemavam contra o Salvador que estava prestes a morrer por sua salvação e preparavam a cruz para sua cruel execução.

Maria, João e as santas mulheres atravessaram o pátio externo da casa de Caifás. Pararam sob o arco de uma porta que dava para o pátio interno. O coração de Maria estava com seu Filho Divino, e ela desejava ardentemente ver aquela porta aberta, para ter novamente a oportunidade de contemplá-lo, pois sabia que só ela a separava da prisão onde ele estava detido.

Por fim, a porta se abriu, e Pedro saiu correndo, com o rosto coberto pelo manto, torcendo as mãos e chorando amargamente. À luz das tochas, logo reconheceu João e a Santíssima Virgem, mas vê-los apenas renovou os terríveis sentimentos de remorso que o olhar de Jesus havia despertado em seu peito.

Maria se aproximou dele imediatamente e disse: 'Simão, diga-me, eu lhe suplico, o que aconteceu com Jesus, meu Filho?' Essas palavras lhe traspassaram o coração; ele não conseguia sequer olhar para ela, mas se virou e tornou a torcer as mãos.

Maria se aproximou ainda mais e disse, com a voz trêmula de emoção: 'Simão, filho de João, por que você não me responde?' — 'Mãe!', exclamou Pedro, em tom abatido, 'Ó, Mãe, não fale comigo — seu Filho está sofrendo mais do que as palavras podem expressar: não fale comigo!

Eles o condenaram à morte, e eu o neguei três vezes.' João se aproximou para fazer mais algumas perguntas, mas Pedro saiu correndo do pátio como se estivesse fora de si e não parou um só instante até chegar à gruta no monte das Oliveiras — aquela gruta em cujas pedras a marca das mãos de nosso Salvador havia ficado milagrosamente impressa. Creio que seja a gruta em que Adão se refugiou para chorar depois de sua queda.

A Santíssima Virgem sentiu uma dor inexprimível ao saber do novo sofrimento infligido ao coração amoroso de seu Filho Divino: a dor de ouvir-se negado por aquele discípulo que fora o primeiro a reconhecê-lo como o Filho do Deus Vivo; ela não conseguiu se manter de pé e caiu sobre a pedra da soleira, na qual a marca de seus pés e mãos permanece até hoje.

Vi essas pedras, que estão preservadas em algum lugar, mas neste momento não consigo me lembrar onde. A porta não voltou a ser fechada, pois a multidão estava se dispersando, e, quando a Santíssima Virgem voltou a si, pediu que a levassem a algum lugar o mais próximo possível de seu Filho Divino.

João, então, levou-a com as santas mulheres para diante da prisão onde Jesus estava detido. Maria estava com Jesus em espírito, e Jesus estava com ela; mas essa Mãe amorosa desejava ouvir com seus próprios ouvidos a voz de seu Filho Divino. Ela escutou e ouviu não apenas seus gemidos, mas também os insultos daqueles que o cercavam.

Era impossível que as santas mulheres permanecessem por mais tempo no pátio sem chamar a atenção. A dor de Madalena era tão intensa que ela não conseguia escondê-la; e, embora a Santíssima Virgem, por uma graça especial de Deus Todo-Poderoso, mantivesse uma aparência calma e digna em meio a seus sofrimentos, até ela foi reconhecida e ouviu palavras duras como estas: 'Não é aquela a Mãe do Galileu?

Seu Filho certamente será executado, mas não antes da festa, a menos, é claro, que seja o maior dos criminosos.'

A Santíssima Virgem deixou o pátio e se aproximou da fogueira no vestíbulo, onde algumas pessoas ainda estavam de pé. Quando chegou ao lugar onde Jesus havia dito que era o Filho de Deus e os judeus perversos haviam gritado: 'Ele é réu de morte', desmaiou novamente, e João e as santas mulheres a levaram dali, parecendo mais um cadáver do que uma pessoa viva.

Os presentes não disseram uma palavra; pareciam tomados de espanto, e reinou naquele vestíbulo um silêncio como o que a passagem de um ser celestial poderia ter produzido no inferno.

As santas mulheres passaram novamente pelo lugar onde a cruz estava sendo preparada; os trabalhadores pareciam encontrar tanta dificuldade para concluí-la quanto os juízes haviam encontrado para pronunciar a sentença e eram obrigados a buscar mais madeira a todo momento, pois algumas peças não se encaixavam e outras rachavam; isso continuou até que os diferentes tipos de madeira fossem colocados na cruz conforme as intenções da Divina Providência. Vi anjos que obrigavam esses homens a recomeçar o trabalho e não os deixavam descansar até que tudo fosse feito da maneira devida; mas minha lembrança dessa visão é imprecisa.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

12 — JESUS CONFINADO NA PRISÃO SUBTERRÂNEA

✦

Os judeus, depois de esgotarem toda a sua barbárie, encerraram Jesus numa pequena prisão abobadada, cujos restos subsistem até hoje. Apenas dois dos arqueiros permaneceram com ele, e logo foram substituídos por outros dois. Ele ainda estava vestido com o velho manto sujo e coberto de cuspe e de outras imundícies que haviam lançado sobre ele; pois não lhe tinham permitido vestir novamente suas próprias roupas, mas mantinham suas mãos firmemente amarradas uma à outra.

Quando nosso Senhor entrou nessa prisão, rezou com o maior fervor para que seu Pai Celestial aceitasse tudo o que ele já havia sofrido e tudo o que estava prestes a sofrer como um sacrifício de expiação, não apenas por seus algozes, mas também por todos os que, nos séculos futuros, tivessem de sofrer tormentos como os que ele estava prestes a suportar e fossem tentados à impaciência ou à ira.

Os inimigos de nosso Senhor não lhe permitiram um momento de descanso, nem mesmo nessa prisão sombria, mas o amarraram a uma coluna que ficava no centro e não o deixavam apoiar-se nela, embora estivesse tão esgotado pelos maus-tratos, pelo peso das correntes e pelas numerosas quedas que mal conseguia sustentar-se sobre os pés inchados e feridos. Não cessavam de insultá-lo nem por um momento; e, quando o primeiro grupo se cansava, outros os substituíam.

É inteiramente impossível descrever tudo o que o Santo dos Santos sofreu nas mãos desses seres sem coração; pois aquela visão me abalou tanto que fiquei realmente doente e senti como se não pudesse sobreviver a ela.

De fato, deveríamos nos envergonhar dessa fraqueza e sensibilidade que nos tornam incapazes de ouvir com serenidade as descrições, ou de falar sem repugnância, daqueles sofrimentos que nosso Senhor suportou com tanta calma e paciência por nossa salvação.

O horror que sentimos é tão grande quanto o de um assassino que é obrigado a pôr as mãos sobre a ferida que ele próprio causou em sua vítima. Jesus suportou tudo sem abrir a boca; e foi o homem, o homem pecador, quem cometeu todos esses ultrajes contra aquele que era, ao mesmo tempo, seu Irmão, seu Redentor e seu Deus.

Eu também sou uma grande pecadora, e meus pecados causam esses sofrimentos. No dia do juízo, quando as coisas mais ocultas forem reveladas, veremos a parte que tivemos nos tormentos suportados pelo Filho de Deus; veremos até que ponto os causamos pelos pecados que cometemos com tanta frequência e que são, de fato, uma espécie de consentimento que damos às torturas infligidas a Jesus por seus cruéis inimigos, e uma participação nelas.

Se, ah!, refletíssemos seriamente sobre isso, repetiríamos com muito mais fervor as palavras que encontramos tantas vezes nos livros de oração: 'Senhor, concede que eu morra antes de voltar a te ofender voluntariamente pelo pecado.'

Jesus continuou a rezar por seus inimigos, e eles, finalmente cansados, o deixaram em paz por um breve tempo, durante o qual ele se apoiou na coluna para descansar, e uma luz intensa brilhou ao seu redor.

O dia começava a raiar — o dia de sua Paixão, de nossa Redenção —, e um tênue raio, entrando pela estreita abertura de ventilação da prisão, caiu sobre o santo e imaculado Cordeiro, que havia tomado sobre si os pecados do mundo.

Jesus voltou-se para o raio de luz, ergueu as mãos acorrentadas e, da maneira mais comovente, deu graças a seu Pai Celestial pelo amanhecer daquele dia, havia tanto tempo desejado pelos profetas, pelo qual ele próprio havia suspirado tão ardentemente desde o momento de seu nascimento na terra, e a respeito do qual dissera a seus discípulos: 'Tenho um batismo com o qual devo ser batizado, e como me angustio até que ele se cumpra!' Rezei com ele; mas não consigo reproduzir as palavras de sua oração, pois fiquei inteiramente tomada pela emoção e comovida ao ouvi-lo dar graças a seu Pai pelos terríveis sofrimentos que já havia suportado por mim e pelos ainda maiores que estava prestes a suportar.

Eu só conseguia repetir sem cessar, com o maior fervor: 'Senhor, eu te suplico, dá-me esses sofrimentos: eles me pertencem: eu os mereci como castigo por meus pecados.' Fiquei inteiramente tomada por sentimentos de amor e compaixão ao vê-lo assim acolher a primeira luz do grande dia de seu Sacrifício, e aquele raio de luz que entrava em sua prisão poderia, de fato, ser comparado à visita de um juiz que deseja reconciliar-se com um criminoso antes que seja executada a sentença de morte que pronunciou contra ele.

Os arqueiros, que cochilavam, acordaram por um momento e olharam para ele com surpresa: nada disseram, mas pareciam um tanto espantados e assustados. Nosso Divino Senhor ficou confinado nessa prisão por cerca de uma hora.

Enquanto Jesus estava nesse calabouço, Judas, que havia vagado de um lado para outro pelo vale de Hinom como um louco, dirigiu seus passos à casa de Caifás, com as trinta moedas de prata, recompensa de sua traição, ainda penduradas à cintura.

Tudo ao redor estava em silêncio, e ele se dirigiu a alguns dos sentinelas, sem lhes revelar quem era, e perguntou o que fariam com o Galileu. 'Ele foi condenado à morte e certamente será crucificado', foi a resposta. Judas andava de um lado para outro e ouvia as diversas conversas sobre Jesus.

Alguns falavam do tratamento cruel que ele havia recebido; outros, de sua espantosa paciência; e outros ainda falavam do julgamento solene que ocorreria pela manhã diante do grande Conselho.

Enquanto o traidor ouvia atentamente as diferentes opiniões expressas, o dia raiou; os membros do tribunal começaram seus preparativos, e Judas se esgueirou para trás do edifício para não ser visto, pois, como Caim, procurava esconder-se dos olhos humanos, e o desespero começava a tomar conta de sua alma.

O lugar onde se refugiou era justamente o ponto em que os trabalhadores haviam preparado a madeira para fazer a cruz de nosso Senhor; tudo estava pronto, e os homens dormiam ao lado dela.

Judas ficou tomado de horror diante daquela visão: estremeceu e fugiu ao ver o instrumento daquela morte cruel à qual, por uma quantia insignificante de dinheiro, havia entregado seu Senhor e Mestre; correu de um lado para outro em terrível agonia de remorso e, por fim, escondeu-se numa caverna próxima, onde decidiu esperar pelo julgamento que ocorreria pela manhã.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

13 — O JULGAMENTO DA MANHÃ

✦

Caifás, Anás, os anciãos e os escribas reuniram-se pela manhã no grande salão do tribunal para realizar um julgamento legal, pois as reuniões noturnas não eram permitidas por lei e só podiam ser consideradas audiências preparatórias.

A maioria dos membros havia dormido na casa de Caifás, onde lhes tinham preparado camas, mas alguns, entre eles Nicodemos e José de Arimateia, haviam ido para casa e retornado ao amanhecer. A reunião estava lotada, e os membros começaram seus trabalhos com a maior pressa possível.

Queriam condenar Jesus à morte imediatamente, mas Nicodemos, José e alguns outros se opuseram à sua vontade e exigiram que a decisão fosse adiada para depois da festa, por receio de provocar uma revolta entre o povo, sustentando também que nenhum criminoso podia ser condenado com justiça por acusações que não fossem provadas e que, no caso que tinham diante de si, todas as testemunhas se contradiziam.

Os sumos sacerdotes e seus partidários ficaram muito irados e disseram a José e Nicodemos, sem rodeios, que não se surpreendiam por eles manifestarem desagrado com o que havia sido feito, pois eles próprios eram partidários do Galileu e de suas doutrinas e temiam ser condenados.

O sumo sacerdote chegou até a tentar excluir do Conselho todos os membros que fossem, ainda que minimamente, favoráveis a Jesus. Esses membros declararam em protesto que lavavam as mãos de todos os futuros pro-

cedimentos do Conselho e, saindo da sala, foram ao Templo; a partir daquele dia, nunca mais ocuparam seus lugares no Conselho.

Caifás então ordenou aos guardas que trouxessem Jesus mais uma vez à sua presença e preparassem tudo para levá-lo ao tribunal de Pilatos assim que ele pronunciasse a sentença.

Os emissários do Conselho correram para a prisão e, com sua brutalidade habitual, desamarraram as mãos de Jesus, arrancaram o velho manto que haviam lançado sobre seus ombros, fizeram-no vestir sua própria roupa suja e, depois de prenderem cordas ao redor de sua cintura, arrastaram-no para fora da prisão.

A aparência de Jesus, ao passar pelo meio da multidão que já se reunia diante da casa, era a de uma vítima conduzida ao sacrifício; seu rosto estava inteiramente mudado e desfigurado pelos maus-tratos, e suas roupas, manchadas e rasgadas; mas a visão de seus sofrimentos, longe de despertar compaixão nos judeus de coração endurecido, apenas os enchia de repulsa e aumentava sua fúria. A piedade era, de fato, um sentimento desconhecido em seus corações cruéis.

Caifás, que não fazia o menor esforço para esconder seu ódio, dirigiu-se a nosso Senhor com arrogância, nestas palavras: 'Se você é o Cristo, diga-nos claramente.' Então Jesus ergueu a cabeça e respondeu com grande dignidade e calma: 'Se eu lhes disser, vocês não acreditarão em mim; e, se eu também lhes fizer perguntas, vocês não me responderão nem me deixarão ir.

Mas, de agora em diante, o Filho do Homem estará sentado à direita do poder de Deus.' Os sumos sacerdotes olharam uns para os outros e disseram a Jesus, com uma risada de desprezo: 'Você é, então, o Filho de Deus?' E Jesus respondeu, com a voz da verdade eterna: 'Vocês dizem que eu sou.' Diante dessas palavras, todos exclamaram: 'Que necessidade temos de mais algum testemunho? Pois nós mesmos o ouvimos de sua própria boca.'

Todos se levantaram imediatamente e competiram entre si para ver quem cobriria Jesus com os insultos mais ofensivos, chamando-o de um malfeitor de origem humilde que aspirava a ser seu Messias e alegava ter o direito de sentar-se à direita de Deus. Ordenaram aos arqueiros que amarrassem de novo suas mãos e prendessem uma corrente ao redor de seu pescoço (isso costumava ser feito com criminosos condenados à morte), e então se prepararam para conduzi-lo ao salão de Pilatos, para onde já haviam enviado um mensageiro a fim de pedir que ele deixasse tudo pronto para julgar um criminoso, pois era necessário evitar qualquer demora por causa do dia da festa.

Os sacerdotes judeus murmuravam entre si por serem obrigados a recorrer ao governador romano para a confirmação de sua sentença, mas isso era necessário, pois não tinham o direito de condenar criminosos, exceto por questões que dissessem respeito unicamente à religião e ao Templo, e não podiam pronunciar uma sentença de morte.

Queriam provar que Jesus era inimigo do imperador, e essa acusação dizia respeito a assuntos que estavam sob a jurisdição de Pilatos. Os soldados estavam todos diante da casa, cercados por um grande grupo de inimigos de Jesus e de pessoas comuns atraídas pela curiosidade.

Os sumos sacerdotes e uma parte do Conselho seguiam à frente da procissão, e Jesus, conduzido pelos arqueiros e vigiado pelos soldados, vinha em seguida, enquanto a multidão fechava o cortejo.

Foram obrigados a descer o monte Sião e atravessar uma parte da cidade baixa para chegar ao palácio de Pilatos, e muitos sacerdotes que haviam participado do Conselho foram ao Templo logo depois, pois era necessário fazer os preparativos para a festa.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

14 — O DESESPERO DE JUDAS

✦

Enquanto os judeus conduziam Jesus a Pilatos, o traidor Judas andava por ali, ouvindo as conversas da multidão que os seguia, e chegaram aos seus ouvidos palavras como estas: 'Estão levando-o diante de Pilatos; os sumos sacerdotes condenaram o Galileu à morte; ele será crucificado; eles o levarão à morte; ele já foi terrivelmente maltratado; sua paciência é admirável, ele não responde; suas únicas palavras são que ele é o Messias e que estará sentado à direita de Deus; vão crucificá-lo por causa dessas palavras; se não as tivesse dito, não poderiam tê-lo condenado à morte.

O miserável que o vendeu era um de seus discípulos e, pouco antes, havia comido o cordeiro pascal com ele; por nada neste mundo eu teria participado de um ato desses; por mais culpado que o Galileu seja, ao menos ele não vendeu seu amigo por dinheiro; um indivíduo tão infame como esse discípulo merece infinitamente mais a morte.' Então, mas tarde demais, a angústia, o desespero e o remorso se apoderaram da mente de Judas.

Satanás imediatamente o incitou a fugir. Ele fugiu como se mil fúrias estivessem em seu encalço, e a bolsa que pendia ao seu lado batia nele enquanto corria e o impelia como uma espora do inferno; mas ele a segurou com a mão para impedir seus golpes. Fugiu o mais depressa possível, mas para onde fugia?

Não em direção à multidão, para se lançar aos pés de Jesus, seu misericordioso Salvador, implorar seu perdão e pedir para morrer com ele — não para confessar sua culpa com verdadeiro arrependimento diante de Deus, mas

para tentar se livrar, diante do mundo, de seu crime e do preço de sua traição.

Correu como alguém fora de si para dentro do Templo, onde vários membros do Conselho se haviam reunido depois do julgamento de Jesus. Eles se entreolharam espantados; depois voltaram para Judas seus rostos altivos, nos quais se via um sorriso de ironia.

Com um gesto frenético, ele arrancou de seu lado as trinta moedas de prata e, estendendo-as com a mão direita, exclamou num tom do mais profundo desespero: 'Tomem de volta sua prata — essa prata com que me subornaram para trair este homem justo; tomem de volta sua prata; libertem Jesus; nosso acordo está desfeito; pequei gravemente, pois traí sangue inocente.' Os sacerdotes lhe responderam da maneira mais desdenhosa e, como se temessem se contaminar pelo contato com a recompensa do traidor, não quiseram tocar na prata que ele estendia, mas responderam: 'O que temos a ver com seu pecado?

Se você acha que vendeu sangue inocente, isso é problema seu; sabemos pelo que pagamos e o julgamos digno de morte. Você tem seu dinheiro, não diga mais nada.' Disseram-lhe essas palavras no tom brusco com que os homens costumam falar quando estão ansiosos para se livrar de uma pessoa incômoda, e imediatamente se levantaram e foram embora.

Essas palavras encheram Judas de tamanha raiva e desespero que ele quase perdeu a razão: os cabelos se eriçaram em sua cabeça; ele rasgou em duas a bolsa que continha as trinta moedas de prata, atirou-as no chão do Templo e fugiu para os arredores da cidade.

Voltei a vê-lo correndo de um lado para outro como um louco no vale de Hinom: Satanás estava ao seu lado sob uma forma horrenda, sussurrando em seu ouvido, para tentar levá-lo ao desespero, todas as maldições que os profetas haviam lançado sobre esse vale, onde antigamente os judeus sacrificavam seus filhos aos ídolos.

Parecia que todas essas maldições eram dirigidas contra ele, como nestas palavras, por exemplo: 'Eles sairão e verão os cadáveres daqueles que pecaram contra mim, cujo verme não morre e cujos fogos nunca serão apagados.' Então o diabo murmurou em seus ouvidos: 'Caim, onde está seu irmão Abel? O que você fez?

— o sangue dele clama a mim por vingança: você é maldito sobre a terra, um errante para sempre.' Quando chegou à torrente do Cedrom e viu o monte das Oliveiras, ele estremeceu, desviou-se, e novamente as palavras ressoaram em seu ouvido: 'Amigo, para que você veio?

Judas, você trai o Filho do Homem com um beijo?' O horror encheu sua alma, sua mente começou a delirar, e o chefe dos demônios sussurrou novamente: 'Foi aqui que Davi atravessou o Cedrom quando fugia de Absalão. Absalão pôs fim à própria vida enforcando-se. Foi de você que Davi falou quando disse: "E eles me retribuíram o bem com o mal; meu amor, com ódio.

Que o diabo fique à sua direita; quando for julgado, que saia condenado. Que seus dias sejam poucos, e que outro tome seu bispado. Que a iniquidade de seu pai seja lembrada diante do Senhor, e que o pecado de sua mãe não seja apagado, porque ele não se lembrou de mostrar misericórdia, mas

perseguiu o pobre, o mendigo e o de coração despedaçado, para levá-lo à morte.

E ele amou a maldição, e ela virá sobre ele. E vestiu a maldição como uma roupa, e ela entrou como água em suas entranhas e como óleo em seus ossos. Que ela seja para ele como uma roupa que o cobre e como um cinto com que está sempre cingido."' Dominado por esses pensamentos terríveis, Judas seguiu correndo e chegou ao pé do monte.

Era um lugar sombrio e desolado, cheio de entulho e restos em decomposição; sons discordantes vindos da cidade reverberavam em seus ouvidos, e Satanás repetia sem parar: 'Agora estão prestes a matá-lo; você o vendeu. Você não conhece as palavras da lei: "Quem vender uma alma dentre seus irmãos e receber o preço por ela deverá morrer"?

Ponha fim à sua miséria, infeliz; ponha fim à sua miséria.' Dominado pelo desespero, Judas arrancou seu cinto e se enforcou numa árvore que crescia numa fenda da rocha; depois de sua morte, seu corpo se rompeu, e suas entranhas se espalharam ao redor.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

15 — JESUS É LEVADO DIANTE DE PILATOS

✦

Os inimigos maliciosos de nosso Salvador o conduziram pela parte mais movimentada da cidade para levá-lo diante de Pilatos. O cortejo desceu lentamente pelo lado norte do monte Sião, depois passou pela região a leste do Templo, chamada Acre, em direção ao palácio e ao tribunal de Pilatos, que ficavam a noroeste do Templo, de frente para uma grande praça.

Caifás, Anás e muitos outros membros do Conselho Supremo caminhavam à frente, em trajes de festa; eram seguidos por uma multidão de escribas e muitos outros judeus, entre os quais estavam as falsas testemunhas e os perversos fariseus que haviam tido o papel mais destacado na acusação contra Jesus.

Nosso Senhor vinha a uma curta distância; estava cercado por um grupo de soldados e era conduzido pelos arqueiros. A multidão se aglomerava por todos os lados e seguia o cortejo, bradando as mais terríveis pragas e maldições, enquanto grupos de pessoas corriam de um lado para outro, empurrando-se e esbarrando umas nas outras.

Jesus fora despido de tudo, exceto de sua túnica interior, que estava manchada e suja pela imundície que lhe haviam atirado; uma longa corrente pendia de seu pescoço e batia em seus joelhos enquanto caminhava; suas mãos estavam amarradas como no dia anterior, e os arqueiros o arrastavam pelas cordas presas em torno de sua cintura.

Ele mais cambaleava do que caminhava e estava quase irreconhecível pelos efeitos dos sofrimentos daquela noite; estava pálido, abatido, com o rosto inchado e até sangrando, e seus perseguidores impiedosos continuavam a atormentá-lo cada vez mais.

Haviam reunido um grande grupo da escória do povo para fazer daquela entrada humilhante na cidade uma paródia de sua entrada triunfal no Domingo de Ramos. Zombavam dele e, com gestos de escárnio, chamavam-no de rei e lançavam em seu caminho pedras, pedaços de madeira e trapos imundos; faziam dele motivo de riso e o ridicularizavam com mil provocações durante aquela falsa entrada triunfal.

Na esquina de um edifício, não muito longe da casa de Caifás, a aflita Mãe de Jesus, com João e Madalena, aguardava sua passagem. Sua alma estava sempre unida à dele; mas, movida pelo amor, ela tentava todos os meios que lhe permitissem realmente se aproximar dele.

Depois de sua visita à meia-noite ao tribunal de Caifás, permaneceu por algum tempo no Cenáculo, sem forças e sem fala de tanta dor; mas, quando Jesus foi arrastado para fora da prisão para ser novamente levado diante de seus juízes, ela se levantou, cobriu-se com o véu e o manto e disse a Madalena e João: 'Vamos seguir meu Filho até o tribunal de Pilatos; preciso vê-lo outra vez.' Foram para um lugar por onde o cortejo teria de passar e ficaram à espera.

A Mãe de Jesus sabia que seu Filho sofria terrivelmente, mas jamais poderia ter imaginado o estado deplorável e dilacerante a que a brutalidade de seus inimigos o havia reduzido. Sua imaginação o havia retratado sofrendo

terrivelmente, mas ainda amparado e iluminado pela santidade, pelo amor e pela paciência. Agora, porém, a triste realidade se revelou diante dela.

Primeiro apareceram no cortejo os sacerdotes, os inimigos mais implacáveis de seu Filho Divino. Estavam adornados com vestes amplas; mas, é terrível dizer, em vez de resplandecerem em sua condição de sacerdotes do Altíssimo, haviam se transformado em sacerdotes de Satanás, pois ninguém podia olhar para seus rostos perversos sem ver ali, retratadas em cores vivas, as paixões malignas que enchiam suas almas: o engano, a astúcia infernal e uma ânsia furiosa de consumar o mais terrível dos crimes, a morte de seu Senhor e Salvador, o Filho único de Deus.

Em seguida vinham as falsas testemunhas, seus acusadores traiçoeiros, cercados pela população que gritava; e, por último, ele próprio, seu Filho, Jesus, o Filho de Deus, o Filho do Homem, carregado de correntes, mal conseguindo se sustentar, mas arrastado sem piedade por seus inimigos infernais, recebendo golpes de uns, bofetadas de outros e, de toda a turba reunida, maldições, insultos e as palavras mais grosseiras.

Ele estaria completamente irreconhecível até mesmo aos olhos de sua mãe, despido como estava de tudo, salvo um resto rasgado de sua veste, se ela não tivesse percebido imediatamente o contraste entre seu comportamento e o de seus vis algozes.

Somente ele, em meio à perseguição e ao sofrimento, parecia calmo e resignado e, longe de revidar os golpes, nunca erguia as mãos senão para suplicar a seu Pai Eterno o perdão de seus inimigos. Quando ele se aproximou, ela já não conseguiu se conter e exclamou com voz comovente: 'Ai! É esse o meu Filho? Ah, sim! Vejo que é meu Filho amado.

Ó Jesus, meu Jesus!' Quando o cortejo estava quase diante dela, Jesus a olhou com uma expressão do mais profundo amor e compaixão; esse olhar foi demais para aquela mãe de coração dilacerado: por um momento, ela perdeu completamente os sentidos, e João e Madalena tentaram levá-la para casa, mas ela logo recobrou os sentidos e acompanhou o discípulo amado até a casa de Pilatos.

Os habitantes da cidade de Ofel estavam todos reunidos em um espaço aberto para encontrar Jesus, mas, longe de lhe oferecer consolo, acrescentaram um novo ingrediente ao seu cálice de dor; causaram-lhe aquela angústia profunda que sempre sentem aqueles que veem seus amigos abandonálos na hora da adversidade.

Jesus havia feito muito pelos habitantes de Ofel, mas, assim que o viram reduzido a tal estado de miséria e degradação, sua fé foi abalada; já não conseguiam acreditar que ele fosse um rei, um profeta, o Messias e o Filho de Deus.

Os fariseus zombavam deles e os ridicularizavam por causa da admiração que antes haviam demonstrado por Jesus. 'Olhem agora para o seu rei', exclamavam; 'prestem-lhe homenagem; não têm felicitações a lhe oferecer agora que ele está prestes a ser coroado e colocado em seu trono?

Todos os milagres de que tanto se vangloriava chegaram ao fim; o Sumo Sacerdote pôs fim aos seus truques e à sua feitiçaria.'

Apesar da lembrança que aquelas pobres pessoas tinham dos milagres e das curas maravilhosas que Jesus havia realizado diante de seus próprios olhos; apesar dos grandes benefícios que ele lhes havia concedido, sua fé foi aba-

lada ao vê-lo assim ridicularizado e apontado como objeto de desprezo pelo Sumo Sacerdote e pelos membros do Sinédrio, que eram tratados em Jerusalém com a maior veneração. Alguns foram embora cheios de dúvidas, enquanto outros permaneceram e tentaram se juntar à turba, mas foram impedidos pelos guardas, que os fariseus haviam enviado para evitar tumultos e confusão.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

16 — DESCRIÇÃO DO PALÁCIO DE PILATOS E DOS EDIFÍCIOS ADJACENTES

✦

O palácio do governador romano, Pilatos, foi construído no lado noroeste do monte em que ficava o Templo, e, para chegar até ele, era preciso subir uma escadaria de mármore. Dali se avistava uma grande praça cercada por uma colunata, sob a qual os comerciantes se sentavam para vender suas diversas mercadorias.

Apenas um parapeito e uma entrada em cada um dos lados norte, sul, leste e oeste quebravam a uniformidade dessa parte do mercado, que se chamava fórum e fora construída em terreno mais elevado que as ruas adjacentes, que desciam a partir dela.

O palácio de Pilatos não ficava imediatamente junto ao fórum, mas era separado dele por um grande pátio, cuja entrada pelo lado leste se dava por um arco alto, de frente para uma rua que levava à porta chamada 'Probática', no caminho para o Monte das Oliveiras. A entrada sul se dava por outro arco, que leva a Sião, nas proximidades da fortaleza de Acra.

Do alto da escadaria de mármore do palácio de Pilatos, era possível ver, do outro lado do pátio, o fórum, em cuja entrada havia algumas colunas e bancos de pedra.

Era junto a esses bancos que os sacerdotes judeus paravam, para não se tornarem impuros entrando no tribunal de Pilatos; uma linha traçada no pa-

vimento do pátio indicava o limite exato que não podiam ultrapassar sem contrair impureza.

Havia um grande parapeito perto da entrada oeste, sustentado pelas laterais do Pretório de Pilatos, que formava uma espécie de pórtico entre ele e a praça. A parte do palácio de Pilatos que ele usava quando exercia a função de juiz era chamada de Pretório.

Várias colunas cercavam o parapeito de que acabamos de falar, e no centro havia uma parte descoberta, com uma área subterrânea onde estavam presos os dois ladrões condenados a ser crucificados com nosso Senhor, e essa parte estava cheia de soldados romanos. A coluna em que nosso Senhor foi açoitado ficava no próprio fórum, não muito longe desse parapeito e da colunata.

Havia muitas outras colunas nesse lugar; as mais próximas do palácio eram usadas para a aplicação de diversos castigos corporais, e as outras serviam de postes aos quais eram amarrados os animais trazidos para venda.

No próprio fórum, em frente a esse edifício, havia uma plataforma cheia de assentos de pedra; e era dessa plataforma, chamada Gábata, que Pilatos costumava pronunciar a sentença contra os grandes criminosos.

A escadaria de mármore pela qual subiam as pessoas que iam ao palácio do governador também levava a um terraço descoberto, e foi desse terraço que Pilatos recebeu os sacerdotes e fariseus quando apresentaram suas acusações contra Jesus. Todos ficaram diante dele no fórum e se recusaram a avançar além dos bancos de pedra já mencionados.

Uma pessoa que falasse em voz alta do terraço podia ser ouvida com facilidade por quem estivesse no fórum.

Atrás do palácio de Pilatos havia muitos outros terraços, além de jardins e uma casa de campo. Os jardins ficavam entre o palácio do governador e a moradia de sua esposa, Cláudia Procles. Um grande fosso separava esses edifícios do monte em que ficava o Templo, e desse lado podiam ser vistas as casas habitadas pelos que serviam no Templo.

O palácio de Herodes, o Velho, ficava a leste do palácio de Pilatos; e foi em seu pátio interno que muitos dos Inocentes foram massacrados. Atualmente, a aparência desses dois edifícios está um pouco alterada, pois suas entradas foram mudadas.

Quatro das principais ruas começavam nessa parte da cidade e seguiam em direção ao sul: três levavam ao fórum e ao palácio de Pilatos, e a quarta, à porta pela qual passavam as pessoas a caminho de Betsur. A bela casa que pertencia a Lázaro, assim como a de Marta, ficava em uma parte de destaque dessa rua.

Uma dessas ruas ficava muito perto do Templo e começava na porta chamada Probática. A piscina Probática ficava perto dessa porta, do lado direito, e nela as ovelhas eram lavadas pela primeira vez antes de serem levadas ao Templo; já a segunda lavagem, mais solene, acontecia na piscina de Betsaida, que fica perto da entrada sul do Templo.

Na segunda das ruas mencionadas acima havia uma casa pertencente a Santa Ana, mãe da Santíssima Virgem, onde ela costumava ficar quando subia a Jerusalém com sua família para oferecer sacrifícios no Templo.

Creio que foi nessa casa que se celebrou o noivado de São José e da Santíssima Virgem.

O fórum, como já expliquei, foi construído em terreno mais elevado que as ruas vizinhas, e os aquedutos que passavam por essas ruas desaguavam na piscina Probática. No Monte Sião, bem em frente ao antigo castelo do rei Davi, havia uma construção muito semelhante ao fórum, enquanto a sudeste se podia ver o Cenáculo e, um pouco mais ao norte, os tribunais de Anás e Caifás.

O castelo do rei Davi era uma fortaleza deserta, cheia de pátios, aposentos vazios e estábulos, em geral alugados a viajantes. Estava nesse estado de ruína havia muito tempo, certamente desde antes do nascimento de nosso Senhor. Vi os Magos entrarem nele com sua numerosa comitiva antes de irem a Jerusalém.

Quando, em meditação, contemplo as ruínas de antigos castelos e templos, vejo seu estado de abandono e desolação e reflito sobre os usos que hoje lhes são dados, tão diferentes das intenções daqueles que os ergueram, minha mente sempre se volta aos acontecimentos de nossos dias, em que tantos dos belos edifícios construídos por nossos piedosos e zelosos antepassados são destruídos, desfigurados ou usados para fins mundanos, quando não perversos.

A pequena igreja de nosso convento, na qual nosso Senhor se dignou habitar, apesar de nossa indignidade, e que para mim era um paraíso na terra, está agora sem telhado nem janelas, e todos os monumentos foram apagados ou levados embora. E nosso querido convento, o que será feito dele em pouco tempo?

Aquele convento onde eu era mais feliz em minha pequena cela, com minha cadeira quebrada, do que um rei poderia ser em seu trono, pois de sua janela eu contemplava a parte da igreja em que ficava o Santíssimo Sacramento.

Daqui a alguns anos, talvez ninguém saiba que ele sequer existiu — ninguém saberá que um dia abrigou centenas de almas consagradas a Deus, que passavam seus dias implorando sua misericórdia pelos pecadores. Mas Deus saberá de tudo, ele nunca se esquece — o passado e o futuro estão igualmente presentes para ele.

É ele quem me revela acontecimentos de tanto tempo atrás, e, no dia do juízo, quando for preciso prestar contas de tudo e pagar todas as dívidas, até o último centavo, ele se lembrará tanto das boas quanto das más ações praticadas em lugares há muito esquecidos. Para Deus não há distinção de pessoas ou lugares; seus olhos veem tudo, até a vinha de Nabote.

Há entre nós uma tradição de que nosso convento foi originalmente fundado por duas pobres freiras, cujos bens terrenos consistiam em uma jarra de óleo e um saco de feijão. No último dia, Deus as recompensará pela maneira como puseram esse pequeno talento a render juros e pela grande colheita que obtiveram e lhe apresentaram.

Muitas vezes se diz que as pobres almas permanecem no purgatório como castigo pelo que nos parece uma falta tão pequena quanto não terem restituído algumas moedas de cobre que possuíam indevidamente. Que Deus,

portanto, tenha misericórdia daqueles que se apoderaram dos bens dos pobres ou da Igreja.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

17 — JESUS DIANTE DE PILATOS

✦

Eram cerca de oito da manhã, segundo nossa maneira de contar o tempo, quando o cortejo chegou ao palácio de Pilatos. Anás, Caifás e os chefes do Sinédrio pararam num espaço entre o fórum e a entrada do Pretório, onde haviam sido colocados alguns assentos de pedra para eles. Os guardas brutais arrastaram Jesus até o pé da escadaria que levava ao tribunal de Pilatos.

Pilatos descansava numa cadeira confortável, num terraço de onde se avistava o fórum, e ao seu lado havia uma pequena mesa de três pernas, sobre a qual estavam as insígnias de seu cargo e alguns outros objetos. Estava cercado de oficiais e soldados vestidos com a magnificência habitual do exército romano.

Os judeus e os sacerdotes não entraram no Pretório, por medo de se tornarem impuros, mas permaneceram do lado de fora.

Quando Pilatos viu entrar o cortejo tumultuoso e percebeu como os cruéis judeus haviam tratado vergonhosamente seu prisioneiro, levantou-se e lhes falou num tom tão desdenhoso quanto o de um general vitorioso dirigindo-se ao chefe vencido de alguma aldeia insignificante: 'Por que vieram tão cedo? Por que maltrataram este prisioneiro de maneira tão vergonhosa?

Não é possível deixar de despedaçar assim seus criminosos e de começar a executá-los antes mesmo de serem julgados?' Eles não responderam, mas gritaram aos guardas: 'Tragam-no!

Tragam-no para ser julgado!' Depois, voltando-se para Pilatos, disseram: 'Ouça nossas acusações contra este malfeitor, pois não podemos entrar no tribunal para não nos tornarmos impuros.' Mal haviam terminado essas palavras, ouviu-se uma voz no meio da multidão compacta.

Era de um velho de aparência venerável e estatura imponente, que exclamou: 'Vocês têm razão em não entrar no Pretório, pois ele foi santificado pelo sangue dos Inocentes.

Há apenas uma Pessoa que tem o direito de entrar e que, sozinha, pode entrar, porque só ela é pura como os Inocentes que ali foram massacrados.' A pessoa que pronunciou essas palavras em voz alta e depois desapareceu entre a multidão era um homem rico chamado Zadoque, primo de primeiro grau de Obede, marido de Verônica.

Dois de seus filhos estavam entre os Inocentes que Herodes mandara matar por ocasião do nascimento de nosso Salvador. Desde aquele momento terrível, ele havia renunciado ao mundo e, junto com sua esposa, seguia as regras dos essênios. Certa vez, vira nosso Salvador na casa de Lázaro e ali o ouvira falar.

A visão da maneira bárbara como ele era arrastado à presença de Pilatos trouxe à sua memória tudo o que ele próprio sofrera quando seus pequeninos foram cruelmente assassinados diante de seus olhos, e ele decidiu dar esse testemunho público de sua fé na inocência de Jesus.

Os perseguidores de nosso Senhor estavam irritados demais com a atitude arrogante de Pilatos e com a posição humilhante que eram obrigados a ocupar para prestar atenção às palavras de um desconhecido.

Os guardas brutais arrastaram nosso Senhor pela escadaria de mármore e o levaram até a extremidade do terraço, de onde Pilatos conversava com os sacerdotes judeus.

O governador romano ouvira falar muitas vezes de Jesus, embora nunca o tivesse visto, e agora estava profundamente admirado com a dignidade serena da postura de um homem trazido à sua presença em condição tão lastimável.

O comportamento desumano dos sacerdotes e dos anciãos o irritava e aumentava seu desprezo por eles, e ele logo lhes informou que não tinha a menor intenção de condenar Jesus sem provas satisfatórias da veracidade de sua acusação. 'Que acusação vocês apresentam contra este homem?', perguntou ele, dirigindo-se aos sacerdotes no tom mais desdenhoso possível. 'Se ele não fosse um malfeitor, não o teríamos entregado ao senhor', responderam os sacerdotes, mal-humorados. 'Levem-no', disse Pilatos, 'e julguem-no segundo a lei de vocês.' 'O senhor sabe muito bem', responderam, 'que não nos é permitido condenar ninguém à morte.' Os inimigos de Jesus estavam furiosos.

Queriam encerrar o julgamento e executar sua vítima o mais depressa possível, para estarem prontos, no dia da festa, para sacrificar o cordeiro pascal. Miseráveis que eram, não sabiam que aquele que haviam arrastado ao tribunal de um juiz idólatra, em cuja casa não queriam entrar por medo de se tornarem impuros antes de participar da vítima simbólica, era ele, e somente ele, o verdadeiro Cordeiro Pascal, do qual o outro era apenas a sombra.

Pilatos, porém, finalmente ordenou que apresentassem suas acusações. Eram três acusações, e eles trouxeram dez testemunhas para atestar a veracidade de cada uma. Seu grande objetivo era fazer Pilatos acreditar que Jesus era o líder de uma conspiração contra o imperador, para que ele o condenasse à morte como rebelde.

Eles próprios não tinham poder em tais assuntos, pois só lhes era permitido julgar delitos religiosos. Seu primeiro esforço foi provar que ele desencaminhava o povo, incitava-o à rebelião e era inimigo da paz e da tranquilidade públicas.

Para provar essas acusações, apresentaram algumas testemunhas falsas e declararam também que ele violava o sábado e até o profanava, curando os doentes nesse dia. Diante dessa acusação, Pilatos os interrompeu e disse em tom de zombaria: 'É bem evidente que nenhum de vocês estava doente.

Se estivessem, não teriam reclamado de serem curados no sábado.' 'Ele desencaminha o povo e ensina as doutrinas mais repugnantes. Chega a dizer que ninguém pode alcançar a vida eterna sem comer sua carne e beber seu sangue.' Pilatos ficou muito irritado com o ódio intenso que suas palavras e seus rostos expressavam e, virando-lhes as costas com um olhar de desprezo, exclamou: 'Com toda a certeza vocês devem querer seguir suas doutrinas e alcançar a vida eterna, pois estão sedentos tanto de seu corpo como de seu sangue.'

Os judeus então apresentaram a segunda acusação contra Jesus: ele proibia o povo de pagar tributo ao imperador. Essas palavras despertaram a indignação de Pilatos, pois cabia a ele garantir que todos os impostos fossem devidamente pagos, e ele exclamou com raiva: 'Isso é mentira!

Eu devo saber mais sobre isso do que vocês.' Isso obrigou os inimigos de nosso Senhor a passar à terceira acusação, o que fizeram com palavras como estas: 'Embora este homem seja de origem obscura, ele é o chefe de um grande partido.

À frente de seus seguidores, lança maldições contra Jerusalém e conta parábolas de duplo sentido sobre um rei que prepara uma festa de casamento para seu filho. A multidão que ele havia reunido numa montanha tentou certa vez fazê-lo seu rei, mas isso aconteceu antes do que ele pretendia: seus planos ainda não estavam maduros, por isso fugiu e se escondeu.

Ultimamente, ele tem se mostrado muito mais. Ainda outro dia entrou em Jerusalém à frente de uma multidão tumultuosa que, por suas ordens, fez o povo encher o ar com aclamações de "Hosana ao Filho de Davi! Bendito seja o império de nosso pai Davi, que agora começa."

Ele obriga seus partidários a prestar-lhe honras de rei e lhes diz que é o Cristo, o Ungido do Senhor, o Messias, o rei prometido aos judeus, e quer ser chamado por esses belos títulos.' Então as testemunhas deram depoimento sobre essas coisas. A última acusação, de que Jesus fazia com que o chamassem de rei, causou certa impressão em Pilatos.

Ele ficou um pouco pensativo, deixou o terraço e, lançando um olhar atento sobre Jesus, entrou no aposento ao lado e ordenou aos guardas que o trouxessem sozinho à sua presença. Pilatos não era apenas supersticioso, mas também extremamente fraco de espírito e impressionável.

Durante sua educação pagã, ouvira muitas vezes falar de filhos de seus deuses que haviam vivido algum tempo na terra. Também sabia muito bem

que os profetas judeus haviam anunciado, havia muito tempo, que surgiria entre eles alguém que seria o Ungido do Senhor, seu Salvador e Libertador da escravidão, e que muitos entre o povo acreditavam nisso firmemente.

Lembrava-se também de que reis do Oriente haviam procurado Herodes, o antecessor do atual monarca desse nome, para prestar homenagem a um rei dos judeus recém-nascido, e de que Herodes, por esse motivo, dera ordens para o massacre dos Inocentes.

Ouvira falar muitas vezes das tradições sobre o Messias e o rei dos judeus, e até as examinara com alguma curiosidade, embora, naturalmente, por ser pagão, não tivesse a menor fé nelas. Se tivesse alguma fé, provavelmente teria concordado com os herodianos e com aqueles judeus que esperavam um rei poderoso e vitorioso.

Com essas impressões, a ideia de que os judeus acusassem o pobre e miserável indivíduo que haviam trazido à sua presença de se apresentar como o rei e Messias prometido lhe parecia, naturalmente, absurda. Mas, como os inimigos de Jesus apresentavam essas acusações como prova de traição ao imperador, ele achou conveniente interrogá-lo em particular a respeito delas.

⁂

'Você é o rei dos judeus?', perguntou Pilatos, olhando para nosso Senhor, sem conseguir conter sua admiração diante da expressão divina de seu rosto.

Jesus respondeu: 'Você diz isso por si mesmo, ou outros lhe disseram isso a meu respeito?'.

Pilatos ficou ofendido por Jesus achar possível que ele acreditasse em tal coisa e respondeu: 'Por acaso sou judeu? Sua própria nação e os chefes dos sacerdotes o entregaram a mim como alguém que merece a morte. O que você fez?'.

Jesus respondeu com majestade: 'Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus servos certamente lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui.'

Pilatos ficou um tanto comovido com essas palavras solenes e lhe disse num tom mais sério: 'Então você é rei?'.

Jesus respondeu: 'Você diz que eu sou rei. Para isso nasci e para isso vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve minha voz.'

Pilatos olhou para ele e, levantando-se de seu assento, disse: 'A verdade! O que é a verdade?'.

Eles então trocaram mais algumas palavras, das quais agora não me lembro, e Pilatos voltou ao terraço. As respostas e a conduta de Jesus estavam muito além de sua compreensão, mas ele via claramente que sua pretensão à realeza não entraria em conflito com a do imperador, pois não era um reino deste mundo que ele reivindicava, enquanto o imperador não se importava com nada além deste mundo.

Por isso, do terraço, dirigiu-se novamente aos chefes dos sacerdotes e disse: 'Não encontro culpa nele.' Os inimigos de Jesus ficaram furiosos e fizeram mil acusações diferentes contra nosso Salvador. Mas ele permaneceu em si-

lêncio, ocupado apenas em orar por seus inimigos vis, e não respondeu quando Pilatos lhe dirigiu estas palavras: 'Você não responde nada?

Veja de quantas coisas o acusam!' Pilatos ficou cheio de espanto e disse: 'Vejo claramente que tudo o que alegam é falso.' Mas seus acusadores, cuja raiva continuava a crescer, gritaram: 'O senhor não encontra culpa nele? Não é crime incitar o povo à revolta em todas as partes do reino? Espalhar suas falsas doutrinas, não apenas aqui, mas também na Galileia?'.

A menção da Galileia fez Pilatos parar. Ele refletiu por um momento e então perguntou: 'Este homem é galileu e súdito de Herodes?' Eles responderam: 'É. Seus pais moravam em Nazaré, e atualmente ele mora em Cafarnaum.'

'Sendo assim', respondeu Pilatos, 'levem-no à presença de Herodes. Ele está aqui para a festa e pode julgá-lo imediatamente, já que é seu súdito.' Jesus foi imediatamente levado para fora do tribunal, e Pilatos enviou um oficial a Herodes para informá-lo de que Jesus de Nazaré, que era seu súdito, estava prestes a ser levado à sua presença para ser julgado.

Pilatos tinha duas razões para agir dessa maneira. Em primeiro lugar, estava contente por escapar de ter de pronunciar ele próprio a sentença, pois se sentia muito incomodado com todo o caso. Em segundo lugar, estava satisfeito com a oportunidade de agradar a Herodes, com quem tivera uma desavença, pois sabia que ele tinha muita curiosidade de ver Jesus.

Os inimigos de nosso Senhor ficaram enfurecidos por serem assim dispensados por Pilatos diante de toda a multidão e deram vazão à sua raiva maltratando-o ainda mais do que antes. Amarraram novamente seus braços e

não pararam de cobri-lo de maldições e golpes enquanto o conduziam às pressas pela multidão em direção ao palácio de Herodes, que ficava a pouca distância do fórum. Alguns soldados romanos haviam se juntado ao cortejo.

Durante o julgamento, Cláudia Procles, esposa de Pilatos, lhe enviara frequentes mensagens para comunicar que desejava muito falar com ele. Quando Jesus foi enviado a Herodes, ela se colocou numa sacada e observou a conduta cruel de seus inimigos com sentimentos misturados de medo, tristeza e horror.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

18 — A ORIGEM DA VIA-SACRA

✦

Durante toda a cena que acabamos de descrever, a Mãe de Jesus, com Madalena e João, permaneceu em um recanto do fórum: estavam tomados pela mais amarga tristeza, que só aumentava com tudo o que ouviam e viam. Quando Jesus foi levado à presença de Herodes, João conduziu a Santíssima Virgem e Madalena pelos lugares que haviam sido santificados por seus passos.

Tornaram a olhar a casa de Caifás, a de Anás, Ofel, Getsêmani e o Jardim das Oliveiras; pararam e contemplaram cada lugar onde ele havia caído ou sofrido de modo particular; e choraram em silêncio ao pensar em tudo o que ele havia suportado.

A Santíssima Virgem se ajoelhava frequentemente e beijava o chão onde seu Filho havia caído, enquanto Madalena retorcia as mãos em amarga aflição, e João, embora não pudesse conter as próprias lágrimas, procurava consolar suas companheiras, amparando-as e conduzindo-as adiante.

Assim foi praticada pela primeira vez a santa devoção da 'Via-Sacra'; assim foram honrados pela primeira vez os Mistérios da Paixão de Jesus, antes mesmo que essa Paixão se consumasse, e a Santíssima Virgem, esse modelo de pureza sem mancha, foi a primeira a manifestar a profunda veneração que a Igreja sente por nosso amado Senhor.

Como é doce e consolador acompanhar essa Mãe Imaculada, indo de um lado para outro e banhando com suas lágrimas os lugares sagrados. Mas,

ah! Quem pode descrever a espada de dor, tão afiada, tão afiada, que então atravessava sua terna alma?

Ela, que havia trazido o Salvador do mundo em seu ventre casto e o amamentado por tanto tempo — ela, que havia verdadeiramente concebido aquele que era o Verbo de Deus, em Deus desde toda a eternidade, e verdadeiramente Deus —, ela, sob cujo coração cheio de graça ele se dignara habitar durante nove meses, que o havia sentido vivo dentro de si antes que ele aparecesse entre os homens para lhes conceder a bênção da salvação e ensinar suas doutrinas celestiais; ela sofria com Jesus, partilhando com ele não apenas os sofrimentos de sua amarga Paixão, mas também aquele desejo ardente de redimir o homem caído por uma morte infamante, que o consumia.

Dessa maneira comovente, a Virgem puríssima e santa lançou os fundamentos da devoção chamada Via-Sacra; assim, em cada estação marcada pelos sofrimentos de seu Filho, ela guardava em seu coração os méritos inesgotáveis da Paixão dele e os recolhia como pedras preciosas ou flores perfumadas, para apresentá-los como uma oferta escolhida ao Pai Eterno em favor de todos os verdadeiros fiéis.

A dor de Madalena era tão intensa que a fazia parecer quase uma pessoa enlouquecida. O amor santo e sem limites que sentia por nosso Senhor a impelia a se lançar aos pés dele e ali derramar os sentimentos de seu coração (como certa vez derramara o precioso unguento sobre a cabeça dele, enquanto ele estava à mesa); mas, quando estava prestes a seguir esse impulso, um abismo escuro parecia se interpor entre ela e ele.

O arrependimento que sentia por suas faltas era imenso, e não menos intensa era sua gratidão pelo perdão delas; mas, quando ansiava por oferecer atos de amor e agradecimento como incenso precioso aos pés de Jesus, ela o via traído, sofrendo e prestes a morrer para expiar as ofensas dela, que ele havia tomado sobre si, e essa visão a enchia de horror e quase lhe despedaçava a alma com sentimentos de amor, arrependimento e gratidão.

A visão da ingratidão daqueles por quem ele estava prestes a morrer aumentava dez vezes a amargura desses sentimentos, e cada passo, palavra ou movimento demonstrava a agonia de sua alma. O coração de João estava cheio de amor, e ele sofria intensamente, mas não dizia uma palavra.

Amparava a Mãe de seu amado Mestre nessa primeira peregrinação pelas estações da Via-Sacra e a ajudava a dar o exemplo daquela devoção que desde então tem sido praticada com tanto fervor pelos membros da Igreja cristã.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

19 — PILATOS E SUA ESPOSA

✦

Enquanto os judeus levavam Jesus a Herodes, vi Pilatos ir até sua esposa, Cláudia Procles. Ela se apressou em encontrá-lo, e os dois foram juntos para um pequeno pavilhão de jardim que ficava em um dos terraços atrás do palácio. Cláudia parecia muito agitada e dominada pelo medo. Era uma mulher alta e de bela aparência, embora extremamente pálida.

Seus cabelos estavam trançados e discretamente enfeitados, mas parcialmente cobertos por um longo véu que caía com graça sobre seus ombros. Usava brincos e um colar, e seu vestido solto era franzido e preso por uma espécie de fecho.

Conversou com Pilatos por muito tempo e lhe suplicou, por tudo o que ele considerava sagrado, que não fizesse mal a Jesus, aquele Profeta, aquele santo dos santos; e relatou os sonhos ou visões extraordinários que tivera a respeito dele na noite anterior.

Enquanto ela falava, vi a maior parte dessas visões: as seguintes foram as mais marcantes. Em primeiro lugar, os principais acontecimentos da vida de nosso Senhor — a anunciação, o nascimento, a adoração dos pastores e a dos reis, a profecia de Simeão e a de Ana, a fuga para o Egito, o massacre dos Inocentes e a tentação de nosso Senhor no deserto.

Também lhe haviam sido mostrados, durante o sono, os aspectos mais marcantes da vida pública de Jesus. Ele sempre lhe aparecia cercado por uma

luz resplandecente, mas seus inimigos maldosos e cruéis assumiam as formas mais horríveis e repugnantes que se possa imaginar.

Ela viu seus sofrimentos intensos, sua paciência e seu amor inesgotável, assim como a angústia de sua Mãe e sua perfeita resignação. Essas visões encheram a esposa de Pilatos da maior ansiedade e terror, principalmente porque eram acompanhadas de símbolos que a faziam compreender seu significado, e seus sentimentos delicados eram dilacerados pela visão de cenas tão terríveis.

Ela havia sofrido com elas durante a noite inteira; às vezes eram obscuras, mas, com mais frequência, claras e distintas; e, quando amanheceu e ela foi despertada pelo barulho da multidão tumultuosa que arrastava Jesus para ser julgado, olhou para o cortejo e viu imediatamente que a vítima que não oferecia resistência em meio à multidão, amarrada, sofrendo e tratada de modo tão desumano que mal se podia reconhecê-la, era aquele mesmo ser luminoso e glorioso que tantas vezes havia aparecido diante de seus olhos nas visões da noite anterior.

Ficou profundamente abalada com essa visão, mandou chamar Pilatos imediatamente e lhe contou tudo o que lhe havia acontecido. Falou com muita veemência e emoção; e, embora houvesse muita coisa no que tinha visto que ela não conseguia compreender, muito menos expressar, ainda assim suplicou e implorou ao marido, nos termos mais comoventes, que atendesse ao seu pedido.

Pilatos ficou ao mesmo tempo espantado e perturbado com as palavras de sua esposa. Comparou o relato com tudo o que já havia ouvido a respeito de Jesus; e refletiu sobre o ódio dos judeus, o silêncio majestoso de nosso

Salvador e as respostas misteriosas que ele havia dado a todas as suas perguntas.

Hesitou por algum tempo, mas por fim cedeu às súplicas da esposa e lhe disse que já havia declarado sua convicção da inocência de Jesus e que não o condenaria, pois via que as acusações eram meras invenções de seus inimigos.

Falou das palavras que Jesus lhe dirigira, prometeu à esposa que nada o levaria a condenar aquele homem justo e até lhe deu um anel antes de se separarem, como garantia de sua promessa.

Pilatos tinha um caráter devasso e indeciso, mas suas piores qualidades eram um orgulho extremo e uma mesquinhez que o faziam nunca hesitar em praticar uma injustiça, desde que ela servisse aos seus propósitos. Era excessivamente supersticioso e, quando se via em alguma dificuldade, recorria a amuletos e encantamentos.

Estava muito perplexo e alarmado com o julgamento de Jesus; e eu o vi correndo de um lado para outro, oferecendo incenso primeiro a um deus e depois a outro, e implorando que o ajudassem; mas Satanás enchia sua imaginação de uma confusão ainda maior; incutia em sua mente primeiro uma ideia falsa e depois outra.

Ele então recorreu a uma de suas práticas supersticiosas favoritas, a de observar os frangos sagrados comerem, mas em vão — sua mente continuou envolta em trevas, e ele se tornou cada vez mais indeciso.

Primeiro pensou em absolver nosso Salvador, que bem sabia ser inocente, mas depois temeu provocar a ira de seus falsos deuses se o poupasse, pois

imaginava que ele pudesse ser uma espécie de semideus, odioso a eles. 'É possível', disse consigo mesmo, 'que este homem seja realmente aquele rei dos judeus sobre cuja vinda existem tantas profecias.

Foi um rei dos judeus que os Magos vieram do Oriente adorar. Talvez ele seja um inimigo secreto tanto de nossos deuses quanto do imperador; poderia ser muito imprudente de minha parte poupar sua vida.

Quem sabe se sua morte não seria um triunfo para meus deuses?' Então se lembrou dos sonhos maravilhosos que sua esposa, que nunca havia visto Jesus, lhe havia descrito, e mudou de novo de ideia, decidindo que seria mais seguro não o condenar.

Tentou se convencer de que desejava pronunciar uma sentença justa; mas enganava a si mesmo, pois, quando se perguntou: 'O que é a verdade?', não esperou pela resposta. Sua mente estava cheia de confusão, e ele não sabia como agir, pois seu único desejo era não se expor a nenhum risco.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

20 — JESUS DIANTE DE HERODES

✦

O palácio do tetrarca Herodes havia sido construído ao norte do fórum, na cidade nova, não muito longe do palácio de Pilatos. Uma escolta de soldados romanos, em sua maioria vindos da região situada entre a Suíça e a Itália, havia se juntado ao cortejo.

Os inimigos de Jesus estavam furiosos com o incômodo de serem obrigados a ir de um lado para outro e, por isso, descarregavam nele sua raiva. O mensageiro de Pilatos havia seguido à frente do cortejo; assim, Herodes já os esperava.

Ele estava sentado sobre uma pilha de almofadas, amontoadas de modo a formar uma espécie de trono, em um salão espaçoso, cercado de cortesãos e guerreiros. Os chefes dos sacerdotes entraram e se colocaram ao seu lado, deixando Jesus na entrada.

Herodes estava muito exultante e satisfeito por Pilatos ter reconhecido assim, publicamente, seu direito de julgar os galileus, e também se alegrava ao ver aquele Jesus, que nunca se dignara a comparecer diante dele, reduzido a tamanho estado de humilhação e degradação.

Sua curiosidade havia sido muito despertada pelos termos grandiosos com que João Batista anunciara a vinda de Jesus, e ele também ouvira falar muito a seu respeito pelos herodianos e pelos muitos espiões que enviara a diversos lugares.

Por isso, estava encantado com a oportunidade de interrogá-lo na presença dos cortesãos e dos sacerdotes judeus, esperando fazer uma grande demonstração de seus próprios conhecimentos e talentos.

Como Pilatos lhe mandara dizer que 'não conseguia encontrar motivo de acusação naquele homem', concluiu que essas palavras eram uma indicação de que ele, Pilatos, desejava que os acusadores fossem tratados com desprezo e desconfiança. Por isso, dirigiu-se a eles da maneira mais altiva e distante possível, aumentando indescritivelmente sua raiva e sua cólera.

Todos começaram ao mesmo tempo a bradar suas acusações, às quais Herodes mal prestava atenção, empenhado apenas em satisfazer sua curiosidade examinando de perto Jesus, a quem tantas vezes desejara ver. Mas, quando o viu despido de toda roupa, exceto por um resto de manto, mal conseguindo ficar em pé, com o rosto inteiramente desfigurado pelos golpes recebidos e pela lama e pelos objetos que a turba lhe atirara à cabeça, o príncipe dado ao luxo e efeminado virou-se com repugnância, pronunciou o nome de Deus e disse aos sacerdotes, em um tom que misturava pena e desprezo: 'Tirem-no daqui e não o tragam de volta à minha presença em um estado tão deplorável.' Os guardas levaram Jesus ao pátio externo e conseguiram uma bacia com água, com a qual limparam suas roupas sujas e seu rosto desfigurado; mas nem mesmo enquanto faziam isso conseguiram conter sua brutalidade, e não tiveram consideração alguma pelas feridas que cobriam seu corpo.

Enquanto isso, Herodes se dirigiu aos sacerdotes em termos muito semelhantes aos de Pilatos. 'O comportamento de vocês se parece muito com o de açougueiros', disse ele, 'e vocês começam suas imolações bem cedo pela

manhã.' Os chefes dos sacerdotes apresentaram imediatamente suas acusações. Quando Jesus foi novamente levado à sua presença, Herodes fingiu sentir alguma compaixão e lhe ofereceu um copo de vinho para recuperar as forças; mas Jesus virou o rosto e recusou esse alívio.

Herodes começou então a falar longamente, com grande loquacidade, sobre tudo o que ouvira a respeito de nosso Senhor. Fez mil perguntas e o exortou a realizar um milagre em sua presença; mas Jesus não respondeu uma palavra e permaneceu diante dele com os olhos baixos.

Essa atitude irritou e desconcertou Herodes, embora ele procurasse esconder sua raiva e continuasse a interrogá-lo. A princípio, expressou surpresa e usou palavras persuasivas. 'É possível, Jesus de Nazaré', exclamou, 'que seja você mesmo quem aparece diante de mim como criminoso? Ouvi falar tanto de seus feitos.

Talvez você não saiba que me ofendeu gravemente ao libertar os prisioneiros que eu havia mandado prender em Tirza, mas é possível que suas intenções fossem boas. O governador romano agora o enviou a mim para ser julgado; que resposta você pode dar a todas essas acusações? Você fica calado?

Ouvi falar muito de sua sabedoria e da religião que ensina; deixe-me ouvi-lo responder e confundir seus inimigos. Você é o rei dos judeus? É o Filho de Deus? Quem é você? Dizem que realizou milagres maravilhosos; faça um agora em minha presença. Tenho o poder de libertá-lo.

É verdade que devolveu a visão aos cegos, ressuscitou Lázaro dentre os mortos e alimentou duas ou três mil pessoas com alguns pães? Por que não

responde? Recomendo que faça logo um milagre diante de mim; talvez depois você se alegre por ter atendido aos meus desejos.'

Jesus continuou em silêncio, e Herodes continuou a interrogá-lo com ainda maior loquacidade.

'Quem é você?', disse ele. 'De onde vem seu poder? Como é que já não o possui? Você é aquele cujo nascimento foi anunciado de maneira tão maravilhosa? Reis do Oriente vieram procurar meu pai para ver um rei dos judeus recém-nascido: é verdade que você era aquela criança? Você escapou quando tantas crianças foram massacradas, e como conseguiu escapar?

Por que permaneceu desconhecido durante tantos anos? Responda às minhas perguntas! Você é rei? Sua aparência certamente não é de um rei. Disseram-me que há pouco tempo você foi conduzido em triunfo ao Templo. Qual era o sentido de semelhante exibição? — Fale de uma vez! — Responda-me!'

Herodes continuou a interrogar Jesus dessa maneira rápida; mas nosso Senhor não se dignou a responder. Foi-me mostrado, como de fato eu já sabia, que Jesus permanecia assim em silêncio porque Herodes estava em estado de excomunhão, tanto por causa de seu casamento adúltero com Herodíades quanto por ter ordenado a execução de São João Batista.

Anás e Caifás, vendo como Herodes estava indignado com o silêncio de Jesus, procuraram imediatamente tirar proveito de sua ira e recomeçaram suas acusações, dizendo que ele havia chamado o próprio Herodes de raposa; que seu grande objetivo, havia muitos anos, era derrubar a família de

Herodes; que estava tentando estabelecer uma nova religião e havia celebrado a Páscoa no dia anterior.

Embora Herodes estivesse extremamente enfurecido com a conduta de Jesus, não perdeu de vista os objetivos políticos que desejava promover. Estava decidido a não condenar nosso Senhor, tanto porque sentia uma secreta e indefinível sensação de terror em sua presença quanto porque ainda sentia remorso ao pensar que mandara matar João Batista.

Além disso, detestava os sumos sacerdotes por não lhe terem permitido participar dos sacrifícios por causa de sua união adúltera com Herodíades.

⁂

Mas sua principal razão para decidir não condenar Jesus era o desejo de retribuir de alguma forma a cortesia de Pilatos, e achava que a melhor retribuição seria a gentileza de mostrar respeito por sua decisão e concordar com sua opinião. Mas falou com Jesus da maneira mais desdenhosa e, voltando-se para os guardas e criados que o cercavam, cerca de duzentos ao todo, disse: 'Levem este tolo e prestem-lhe a homenagem que merece; ele é louco, mais do que culpado de algum crime.'

Nosso Senhor foi imediatamente levado a um grande pátio, onde o cobriram de todos os insultos e afrontas possíveis. Esse pátio ficava entre as duas alas do palácio, e Herodes permaneceu por algum tempo em uma plataforma, observando. Anás e Caifás estavam ao seu lado, tentando convencê-lo a condenar nosso Salvador.

Mas seus esforços foram inúteis, e Herodes respondeu em um tom alto o bastante para ser ouvido pelos soldados romanos: 'Não, eu agiria muito

mal se o condenasse.' Queria dizer que seria errado condenar como culpado alguém que Pilatos declarara inocente, embora tivesse sido tão cortês a ponto de lhe confiar o julgamento final.

Quando os sumos sacerdotes e os outros inimigos de Jesus perceberam que Herodes estava decidido a não ceder aos seus desejos, enviaram emissários à parte da cidade chamada Acre, habitada principalmente por fariseus, para avisá-los de que deveriam se reunir nas proximidades do palácio de Pilatos, juntar a turba e suborná-la para provocar um tumulto e exigir a condenação de nosso Senhor.

Também enviaram agentes secretos para amedrontar o povo com ameaças de vingança divina, caso não insistisse na execução de Jesus, a quem chamavam de blasfemador sacrílego.

Esses agentes também receberam ordens de alarmá-lo, insinuando que, se Jesus não fosse morto, passaria para o lado dos romanos e ajudaria no extermínio da nação judaica, pois era a isso que se referia quando falava de seu reino futuro.

Procuraram espalhar, em outras partes da cidade, o boato de que Herodes o havia condenado, mas que ainda era necessário que o povo também manifestasse sua vontade, pois seus partidários eram temíveis; se fosse libertado, ele se uniria aos romanos, provocaria uma perturbação no dia da festa e se vingaria da maneira mais desumana.

Alguns deles espalhavam notícias contraditórias e alarmantes para agitar o povo e provocar uma insurreição; outros distribuíam dinheiro entre os soldados para suborná-los a maltratar Jesus de modo a causar sua morte, que

desejavam ardentemente que ocorresse o mais depressa possível, por receio de que Pilatos o absolvesse.

Enquanto os fariseus se ocupavam dessa maneira, nosso bendito Salvador sofria os maiores ultrajes dos soldados brutais aos quais Herodes o entregara para que zombassem dele como de um tolo.

Arrastaram-no para o pátio, e um deles, tendo conseguido um grande saco branco que antes estivera cheio de algodão, fez um buraco no meio dele com uma espada e o enfiou pela cabeça de Jesus, acompanhando cada ação com explosões das risadas mais desdenhosas.

Outro soldado trouxe o resto de um velho manto escarlate e o passou em volta de seu pescoço, enquanto os demais se ajoelhavam diante dele — empurravam-no — insultavam-no — cuspiam nele — batiam-lhe no rosto porque se recusara a responder ao rei deles, zombavam dele fingindo prestar-lhe homenagem — atiravam lama nele — agarravam-no pela cintura, fingindo fazê-lo dançar; depois, tendo-o jogado no chão, arrastaram-no por uma sarjeta que corria ao lado do pátio, fazendo assim sua sagrada cabeça bater nas colunas e nas laterais do muro.

Quando finalmente o levantaram, foi apenas para recomeçar os insultos. Os soldados e criados de Herodes reunidos naquele pátio somavam mais de duzentos, e todos pensavam em agradar ao monarca torturando Jesus de alguma maneira nunca vista.

Muitos foram subornados pelos inimigos de nosso Senhor para lhe bater na cabeça com seus bastões, e aproveitaram a confusão e o tumulto para fazê-lo. Jesus olhava para eles com compaixão; a dor excessiva arrancava

dele, de vez em quando, gemidos e lamentos, mas seus inimigos se alegravam com seus sofrimentos e zombavam de seus gemidos, e ninguém em toda aquela multidão demonstrou o menor sinal de compaixão.

Vi sangue escorrendo de sua cabeça, e três vezes os golpes o derrubaram, mas anjos choravam ao seu lado e ungiam sua cabeça com bálsamo celestial. Foi-me revelado que, sem esse auxílio milagroso, ele teria morrido por causa daquelas feridas.

Os filisteus de Gaza, que davam vazão à sua ira atormentando o pobre Sansão cego, eram muito menos bárbaros do que esses cruéis algozes de nosso Senhor.

Os sacerdotes, porém, estavam impacientes para voltar ao Templo; por isso, depois de se certificarem de que suas ordens a respeito de Jesus seriam obedecidas, voltaram a Herodes e procuraram convencê-lo a condenar nosso Senhor. Mas ele, decidido a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para agradar a Pilatos, recusou-se a atender aos desejos deles e mandou Jesus de volta, vestido com a roupa de tolo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

21 — JESUS É LEVADO DE VOLTA DO TRIBUNAL DE HERODES AO DE PILATOS

✦

Os inimigos de Jesus estavam inteiramente enfurecidos por serem obrigados a levá-lo de volta, ainda sem condenação, a Pilatos, que tantas vezes havia declarado sua inocência. Conduziram-no por um caminho muito mais longo, primeiro para que as pessoas daquela parte da cidade o vissem no estado de humilhação a que estava reduzido e, segundo, para dar aos seus emissários mais tempo para agitar o povo.

Esse caminho era extremamente acidentado e irregular; e os soldados, encorajados pelos fariseus, mal deixavam de atormentar Jesus por um instante. A longa veste que ele usava dificultava seus passos e o fez cair com força mais de uma vez; e seus cruéis guardas, assim como muitos daquela multidão brutal, em vez de ajudá-lo em seu estado de esgotamento, procuravam obrigá-lo a se levantar com golpes e pontapés.

A todos esses ultrajes Jesus não ofereceu a menor resistência; orava constantemente a seu Pai, pedindo graça e força para não sucumbir sob eles, mas realizar a obra de sua Paixão para nossa redenção.

Eram cerca de oito horas quando o cortejo chegou ao palácio de Pilatos. A multidão era compacta, e os fariseus podiam ser vistos andando de um lado para outro, procurando incitá-la e enfurecê-la ainda mais. Pilatos, que se lembrava de uma insurreição ocorrida no ano anterior durante a Páscoa,

havia reunido mais de mil soldados, que posicionou ao redor do Pretório, do Fórum e de seu palácio.

A Santíssima Virgem, sua irmã mais velha Maria (filha de Heli), Mari (filha de Cléofas), Madalena e cerca de vinte das santas mulheres estavam em uma sala de onde podiam ver tudo o que acontecia, e, a princípio, João estava com elas.

Os fariseus conduziram Jesus, ainda vestido com a roupa de louco, pelo meio da multidão insolente, e haviam feito tudo ao seu alcance para reunir os mais vis e perversos malfeitores dentre a escória do povo.

Um servo enviado por Herodes já havia chegado a Pilatos com uma mensagem dizendo que seu senhor havia apreciado muito a cortesia de consultar sua opinião, mas que considerava o tão famoso galileu nada mais que um louco, que o havia tratado como tal e agora o mandava de volta.

Pilatos ficou bastante satisfeito ao saber que Herodes havia chegado à mesma conclusão que ele e, por isso, respondeu com uma mensagem cortês. A partir daquela hora, tornaram-se amigos, depois de terem sido inimigos por muitos anos; na verdade, desde o desabamento do aqueduto.

[A causa da desavença entre Pilatos e Herodes foi, segundo o relato da irmã Emmerich, simplesmente esta: Pilatos havia se comprometido a construir um aqueduto no lado sudeste do monte onde ficava o Templo, à beira da torrente na qual desaguavam as águas do tanque de Betsaida, e esse aqueduto deveria levar embora os resíduos do Templo.

Herodes, por intermédio de um de seus confidentes, que era membro do Sinédrio, concordou em lhe fornecer os materiais necessários, assim como

vinte e oito arquitetos, que também eram herodianos. Seu objetivo era colocar os judeus ainda mais contra o governador romano, fazendo o empreendimento fracassar.

Assim, fez um acordo secreto com os arquitetos, que concordaram em construir o aqueduto de tal maneira que seu fracasso fosse certo. Quando a obra estava quase terminada, e vários pedreiros de Ofel trabalhavam ativamente na retirada dos andaimes, os vinte e oito construtores subiram ao alto da Torre de Siloé para contemplar o desabamento que sabiam que ocorreria.

Não só toda a construção se despedaçou, caiu e matou noventa e três trabalhadores, como também a torre em que estavam os vinte e oito arquitetos desabou, e nenhum deles escapou da morte.

Esse acidente ocorreu pouco antes de 8 de janeiro, dois anos depois de Jesus ter começado a pregar; aconteceu no aniversário de Herodes, no mesmo dia em que João Batista foi decapitado no Castelo de Maqueronte. Nenhum oficial romano compareceu àquelas festividades por causa do caso do aqueduto, embora Pilatos tivesse sido convidado, com hipócrita cortesia, a participar delas.

A irmã Emmerich viu alguns dos discípulos de Jesus levarem a notícia desse acontecimento à Samaria, onde ele estava ensinando, em 8 de janeiro. Dali, Jesus foi a Hebrom para consolar a família de João; e ela o viu, em 13 de janeiro, curar muitos dos trabalhadores de Ofel que haviam ficado feridos na queda do aqueduto.

Vimos, pelo relato apresentado anteriormente, quão pouca gratidão lhe demonstraram. A inimizade de Herodes por Pilatos aumentou ainda mais pela maneira como este se vingou dos seguidores de Herodes. Inseriremos aqui alguns detalhes que foram comunicados em diferentes ocasiões à irmã Emmerich.

Em 25 de março do segundo ano da pregação de nosso Senhor, quando Jesus e seus discípulos estavam nas proximidades de Betânia, foram avisados por Lázaro de que Judas de Gaulon pretendia provocar uma insurreição contra Pilatos.

Em 28 de março, Pilatos publicou uma proclamação anunciando que pretendia impor um tributo, cuja arrecadação serviria, em parte, para cobrir as despesas que tivera ao erguer a construção que acabara de desabar. Esse anúncio foi seguido de uma revolta chefiada por Judas de Gaulon, que sempre defendia a liberdade e que, sem saber, era um instrumento nas mãos dos herodianos.

Os herodianos eram um tanto semelhantes aos nossos maçons. Em 30 de março, às dez horas da noite, Jesus, vestido com uma roupa escura, ensinava no Templo, com seus apóstolos e trinta discípulos. A revolta dos galileus contra Pilatos irrompeu naquele mesmo dia, e os rebeldes libertaram cinquenta dos seus que haviam sido presos no dia anterior; e muitos romanos foram mortos.

Em 6 de abril, Pilatos mandou massacrar os galileus no momento em que ofereciam sacrifício, por meio de soldados disfarçados que havia escondido no Templo. Judas foi morto com seus companheiros. Esse massacre deixou

Herodes ainda mais furioso contra Pilatos, e acabamos de ver por quais meios se realizou a reconciliação entre eles.]

⁂

Jesus foi novamente conduzido à casa de Pilatos. Os arqueiros o arrastaram escada acima com a brutalidade de sempre; seus pés se enroscaram na longa veste, e ele caiu sobre os degraus de mármore branco, que ficaram manchados com o sangue de sua sagrada cabeça.

Seus inimigos haviam tomado novamente seus lugares à entrada do fórum; a multidão riu de sua queda, e os arqueiros golpearam sua vítima inocente, em vez de ajudá-lo a se levantar. Pilatos estava recostado em uma espécie de poltrona, com uma pequena mesa diante de si, cercado de oficiais e de pessoas que seguravam tiras de pergaminho cobertas de escrita.

Ele se adiantou e disse aos acusadores de Jesus: 'Vocês me apresentaram este homem como alguém que desvia o povo, e vejam: depois de interrogá-lo diante de vocês, não encontro neste homem nenhuma culpa nas coisas de que o acusam. Nem Herodes encontrou. Pois eu os enviei a ele, e vejam: nada digno de morte lhe foi feito. Por isso, vou castigá-lo e soltá-lo.'

Quando os fariseus ouviram essas palavras, ficaram furiosos e fizeram tudo ao seu alcance para convencer o povo a se revoltar, distribuindo dinheiro entre eles para esse fim. Pilatos olhou ao redor com desprezo e se dirigiu a eles com palavras de escárnio.

Era justamente a ocasião em que, segundo um antigo costume, o povo tinha o privilégio de pedir a libertação de um prisioneiro. Os fariseus haviam enviado emissários para convencer o povo a pedir a morte, e não a

vida, de nosso Senhor. Pilatos esperava que pedissem Jesus e decidiu darlhes a escolha entre ele e um criminoso chamado Barrabás, que havia sido condenado por um assassinato terrível cometido durante uma revolta, assim como por muitos outros crimes, e que, além disso, era detestado pelo povo.

Havia grande agitação entre a multidão; uma parte dela se adiantou, e seus porta-vozes, dirigindo-se a Pilatos em voz alta, disseram: 'Conceda-nos o favor que sempre concedeu no dia da festa.' Pilatos respondeu: 'É meu costume libertar um criminoso para vocês na época da Páscoa; quem vocês querem que eu solte, Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?'

Embora Pilatos não tivesse em seu íntimo nenhuma certeza de que Jesus era o Rei dos Judeus, ainda assim o chamava desse modo, em parte porque seu orgulho romano o fazia sentir prazer em humilhar os judeus, chamando de rei deles uma pessoa de aparência tão desprezível; e em parte porque sentia uma espécie de crença interior de que Jesus talvez fosse realmente aquele rei milagroso, aquele Messias que havia sido prometido.

Via claramente que os sacerdotes eram movidos apenas pela inveja em suas acusações contra Jesus; isso o deixava muito ansioso por frustrá-los, e esse desejo aumentava com aquele vislumbre da verdade que iluminava parcialmente sua mente.

Houve alguma hesitação entre a multidão quando Pilatos fez essa pergunta, e algumas vozes responderam: 'Barrabás.' Um servo enviado pela mulher de Pilatos o procurou naquele momento; ele deixou o estrado, e o mensageiro lhe apresentou o objeto que ele havia dado a ela como garantia, dizendo ao mesmo tempo: 'Cláudia Procles pede que se lembre de sua pro-

messa desta manhã.' Os fariseus e os sacerdotes andavam ansiosos e apressados entre a multidão, ameaçando uns e dando ordens a outros, embora, na verdade, pouco fosse necessário para incitar aquela multidão já enfurecida.

Maria, com Madalena, João e as santas mulheres, estava em um canto do fórum, tremendo e chorando; pois, embora a Mãe de Jesus soubesse perfeitamente que a redenção da humanidade não poderia se realizar por nenhum outro meio senão a morte de seu Filho, estava cheia da angústia de uma mãe e de um desejo ardente de salvá-lo daquelas torturas e daquela morte que ele estava prestes a sofrer.

Rogava a Deus que não permitisse a prática de um crime tão terrível; repetia as palavras de Jesus no Jardim das Oliveiras: 'Se for possível, que este cálice se afaste.' Ainda sentia um vislumbre de esperança, porque corria a notícia de que Pilatos desejava absolver Jesus.

Grupos de pessoas, em sua maioria moradores de Cafarnaum, onde Jesus havia ensinado e entre os quais havia realizado tantas curas milagrosas, estavam reunidos perto dela; fingiam não se lembrar nem dela nem de suas companheiras que choravam; apenas lançavam um olhar de vez em quando, como que por acaso, para suas figuras cobertas por véus bem fechados.

Muitos pensavam, assim como seus companheiros, que ao menos aquelas pessoas rejeitariam Barrabás e implorariam pela vida de seu Salvador e Benfeitor; mas essas esperanças eram, infelizmente, enganosas.

Pilatos devolveu à mulher o objeto dado como garantia, assegurando assim sua intenção de cumprir a promessa. Voltou a se adiantar no estrado e sen-

tou-se à pequena mesa.

Os chefes dos sacerdotes também tomaram seus lugares, e Pilatos perguntou mais uma vez: 'Qual dos dois devo soltar para vocês?' Um grito geral ressoou pelo salão: 'Este homem não, mas Barrabás!' 'Mas o que devo fazer com Jesus, chamado Cristo?', respondeu Pilatos. Todos exclamaram em meio a um tumulto: 'Que ele seja crucificado!

Que ele seja crucificado!' 'Mas que mal ele fez?', perguntou Pilatos pela terceira vez. 'Não encontro culpa nele. Vou mandar açoitá-lo e depois absolvê-lo.' Mas o grito 'Crucifique-o! Crucifique-o!' irrompeu da multidão, e os sons ecoaram como uma tempestade infernal; os sumos sacerdotes e os fariseus vociferavam e corriam de um lado para outro como loucos.

Pilatos finalmente cedeu; seu caráter fraco e covarde não conseguiu resistir a manifestações tão violentas; entregou Barrabás ao povo e condenou Jesus ao açoite.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

22 — A FLAGELAÇÃO DE JESUS

✦

Pilatos, o mais fraco e indeciso de todos os juízes, havia repetido várias vezes estas palavras covardes: 'Não encontro crime algum nele; por isso, vou castigá-lo e soltá-lo'; ao que os judeus continuavam respondendo: 'Crucifica-o! Crucifica-o!' Mas ele decidiu manter sua resolução de não condenar nosso Senhor à morte e ordenou que fosse açoitado segundo o costume dos romanos.

Os guardas receberam, então, ordem de conduzi-lo por entre a multidão furiosa até o fórum, o que fizeram com a maior brutalidade, ao mesmo tempo que o cobriam de insultos e o golpeavam com seus bastões.

A coluna onde os criminosos eram açoitados ficava ao norte do palácio de Pilatos, perto do corpo da guarda, e logo chegaram os carrascos, trazendo chicotes, varas e cordas, que jogaram ao pé dela.

Eram seis homens de pele escura e bronzeada, um pouco mais baixos que Jesus; tinham o peito coberto por um pedaço de couro ou algum tecido sujo; traziam a cintura cingida e os braços peludos e musculosos descobertos.

Eram malfeitores das fronteiras do Egito, condenados por seus crimes a trabalhos forçados e empregados principalmente na abertura de canais e na construção de edifícios públicos; os piores criminosos eram escolhidos para servir de carrascos no Pretório.

Esses homens cruéis muitas vezes haviam açoitado pobres criminosos até a morte nessa coluna. Pareciam feras ou demônios e davam a impressão de estar meio embriagados. Socavam nosso Senhor e o arrastavam pelas cordas que lhe prendiam os braços, embora ele os seguisse sem oferecer a menor resistência; por fim, derrubaram-no brutalmente contra a coluna.

Essa coluna, colocada no centro do pátio, ficava isolada e não sustentava nenhuma parte do edifício; não era muito alta, pois um homem alto podia tocar seu topo estendendo o braço; havia uma grande argola de ferro no alto e outras argolas e ganchos um pouco mais abaixo.

É absolutamente impossível descrever a crueldade desses brutamontes para com Jesus: arrancaram-lhe o manto com que o haviam vestido por zombaria na corte de Herodes e quase o derrubaram de novo.

Jesus tremia e estremecia diante da coluna e tirava suas roupas o mais depressa que podia, mas suas mãos estavam ensanguentadas e inchadas. Sua única resposta aos golpes e insultos dos brutais carrascos era orar por eles da maneira mais comovente: uma vez, voltou o rosto para sua Mãe, que estava ali dominada pela dor; esse olhar a deixou sem forças: ela desmaiou e teria caído se as santas mulheres que ali estavam não a tivessem amparado.

Jesus passou os braços ao redor da coluna e, quando suas mãos estavam assim erguidas, os arqueiros as prenderam à argola de ferro no alto da coluna; depois puxaram seus braços a tal altura que seus pés, firmemente amarrados à base da coluna, mal tocavam o chão.

Assim, o Santo dos Santos foi violentamente esticado, sem uma única peça de roupa, numa coluna usada para castigar os maiores criminosos; então,

dois brutamontes furiosos, sedentos de seu sangue, começaram a açoitar seu corpo sagrado da cabeça aos pés da maneira mais bárbara.

Os chicotes ou açoites que usaram primeiro me pareceram feitos de uma espécie de madeira branca e flexível, mas talvez fossem de tendões de boi ou de tiras de couro.

Nosso amoroso Senhor, o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, contorcia-se como um verme sob os golpes desses bárbaros; seus gemidos suaves, mas profundos, podiam ser ouvidos de longe; ressoavam pelo ar, formando uma espécie de acompanhamento comovente para o assobio dos instrumentos de tortura.

Esses gemidos se pareciam mais com um comovente clamor de oração e súplica do que com gemidos de angústia. A gritaria dos fariseus e do povo formava outra espécie de acompanhamento que, às vezes, como uma tempestade ensurdecedora, abafava e sufocava esses gritos sagrados e dolorosos, e em seu lugar se ouviam as palavras: 'Matem-no!'

'Crucifiquem-no!' Pilatos continuava a discutir com o povo e, quando exigia silêncio para poder falar, era obrigado a anunciar sua vontade à assembleia ruidosa pelo som de uma trombeta; nesses momentos, podia-se ouvir de novo o ruído dos açoites, os gemidos de Jesus, as maldições dos soldados e o balido dos cordeiros pascais que estavam sendo lavados na piscina Probática, não muito longe do fórum.

Havia algo especialmente comovente no balido lastimoso desses cordeiros: só eles pareciam unir seus lamentos aos gemidos de sofrimento de nosso Senhor.

A multidão de judeus estava reunida a certa distância da coluna onde acontecia o terrível castigo, e soldados romanos estavam posicionados em vários pontos ao redor.

Muitas pessoas andavam de um lado para o outro, algumas em silêncio, outras falando de Jesus nos termos mais insultuosos possíveis, e umas poucas pareciam comovidas; julguei ver raios de luz saindo de nosso Senhor e entrando no coração destas últimas.

Vi grupos de jovens de má índole e aparência insolente, que em sua maioria se ocupavam perto do corpo da guarda preparando novos açoites, enquanto outros iam buscar ramos de espinhos.

Vários servos dos sumos sacerdotes se aproximaram dos brutais carrascos e lhes deram dinheiro, além de uma grande jarra cheia de um líquido forte, de um vermelho vivo, que os embriagou completamente e multiplicou por dez sua crueldade contra a Vítima inocente.

Os dois brutamontes continuaram a golpear nosso Senhor com violência incessante por um quarto de hora e depois foram substituídos por outros dois. Seu corpo estava inteiramente coberto de marcas negras, roxas e vermelhas; o sangue escorria até o chão, e, mesmo assim, os gritos furiosos que vinham dos judeus reunidos mostravam que sua crueldade estava longe de se satisfazer.

⁂

A noite havia sido extremamente fria, e a manhã estava escura e nublada; havia caído um pouco de granizo, o que surpreendeu a todos, mas, por volta do meio-dia, o dia clareou e o sol apareceu.

Os dois novos carrascos começaram a açoitar Jesus com a maior fúria possível; usavam um tipo diferente de vara — uma espécie de bastão espinhoso, coberto de nós e farpas. Os golpes desses bastões dilaceravam sua carne; seu sangue jorrava a ponto de manchar os braços deles, e ele gemia, orava e estremecia.

Nesse momento, alguns forasteiros montados em camelos passaram pelo fórum; pararam por um instante e ficaram tomados de compaixão e horror diante da cena, ao que algumas pessoas presentes lhes explicaram a causa do que viam. Alguns desses viajantes haviam sido batizados por João, e outros tinham ouvido o sermão de Jesus na montanha. O barulho e o tumulto da multidão eram ainda mais ensurdecedores perto da casa de Pilatos.

Dois novos carrascos tomaram o lugar dos últimos mencionados, que começavam a se cansar; seus açoites eram feitos de pequenas correntes ou de correias cobertas de ganchos de ferro, que penetravam até o osso e arrancavam grandes pedaços de carne a cada golpe. Ah! Que palavra poderia descrever essa cena terrível, de cortar o coração!

Ainda assim, a crueldade desses bárbaros não estava satisfeita; desamarraram Jesus e o prenderam novamente, agora com as costas voltadas para a coluna. Como ele era totalmente incapaz de se manter de pé, passaram cordas ao redor de sua cintura, debaixo dos braços e acima dos joelhos e, depois de prenderem firmemente suas mãos às argolas que ficavam na parte superior da coluna, recomeçaram a açoitá-lo com fúria ainda maior que antes; e um deles o golpeava sem parar no rosto com uma nova vara.

O corpo de nosso Senhor estava inteiramente dilacerado — era uma única ferida. Ele olhava para seus torturadores com os olhos cheios de sangue, como se implorasse misericórdia; mas a brutalidade deles parecia aumentar, e seus gemidos ficavam mais fracos a cada momento.

A terrível flagelação prosseguia sem interrupção havia três quartos de hora quando um forasteiro de origem humilde, parente de Ctesifonte, o cego que Jesus havia curado, saiu correndo do meio da multidão e se aproximou da coluna com uma faca em forma de sabre na mão.

'Parem!', exclamou em tom indignado. 'Parem! Não açoitem este inocente até a morte!' Os canalhas embriagados, pegos de surpresa, pararam de repente, enquanto ele cortava rapidamente as cordas que prendiam Jesus à coluna e desaparecia entre a multidão. Jesus caiu quase inconsciente no chão, que estava banhado de seu sangue.

Os carrascos o deixaram ali e voltaram a se juntar aos seus cruéis companheiros, que se divertiam no corpo da guarda bebendo e trançando a coroa de espinhos.

Nosso Senhor permaneceu por algum tempo no chão, ao pé da coluna, banhado em seu próprio sangue, e duas ou três moças de aparência insolente se aproximaram para satisfazer sua curiosidade e se afastaram com repugnância, mas naquele momento a dor das feridas de Jesus era tão intensa que ele ergueu a cabeça ensanguentada e olhou para elas. Elas se retiraram depressa, e os soldados e guardas riram e zombaram delas.

Durante a flagelação de nosso Senhor, vi anjos chorando se aproximarem dele muitas vezes; também ouvi as orações que ele dirigia constantemente

a seu Pai pelo perdão de nossos pecados — orações que não cessaram durante todo o tempo em que lhe infligiram esse castigo cruel.

Enquanto ele jazia banhado em seu sangue, vi um anjo lhe oferecer um vaso com uma bebida de aspecto brilhante, que pareceu revigorá-lo em certa medida. Os arqueiros logo voltaram e, depois de lhe darem alguns golpes com seus bastões, mandaram que se levantasse e os seguisse.

Ele se ergueu com enorme dificuldade, pois seus membros trêmulos mal conseguiam sustentar o peso de seu corpo; não lhe deram tempo suficiente para vestir suas roupas, mas jogaram sua veste exterior sobre seus ombros nus e o levaram da coluna ao corpo da guarda, onde ele enxugou o sangue que escorria por seu rosto com uma ponta da veste.

Quando passou diante dos bancos em que os sumos sacerdotes estavam sentados, eles gritaram: 'Matem-no! Crucifiquem-no! Crucifiquem-no!' e depois se viraram com desprezo. Os carrascos o levaram para o interior do corpo da guarda, que estava cheio de escravos, arqueiros, carregadores de argamassa e da própria escória do povo, mas não havia soldados.

A grande agitação entre o povo alarmou tanto Pilatos que ele mandou pedir à fortaleza Antônia um reforço de soldados romanos e posicionou essas tropas bem disciplinadas ao redor do corpo da guarda; eles tinham permissão para falar e zombar de Jesus de todas as maneiras possíveis, mas estavam proibidos de sair de suas fileiras. Esses soldados, que Pilatos mandara buscar para intimidar a multidão, eram cerca de mil.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

23 — MARIA DURANTE A FLAGELAÇÃO DE NOSSO SENHOR

✦

Vi a Santíssima Virgem em êxtase contínuo durante a flagelação de seu Filho divino; ela via e sofria, com amor e dor inexprimíveis, todos os tormentos que ele suportava. Ela gemia baixinho, e seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Um grande véu a cobria, e ela se apoiava em Maria de Heli, sua irmã mais velha, que era idosa e muito parecida com a mãe delas, Ana.

Maria de Cléofas, filha de Maria de Heli, também estava ali. Os amigos de Jesus e de Maria estavam ao redor desta última; usavam grandes véus, pareciam dominados pela dor e pela angústia e choravam como se esperassem a morte a qualquer momento.

O vestido de Maria era azul; era comprido e estava parcialmente coberto por um manto de lã branca, e seu véu era de um branco um tanto amarelado. Madalena estava completamente fora de si de tanta dor, e seus cabelos caíam soltos sob o véu.

Quando Jesus caiu ao pé da coluna, depois da flagelação, vi Cláudia Procles, esposa de Pilatos, enviar alguns grandes pedaços de linho à Mãe de Deus. Não sei se ela pensava que Jesus seria libertado e que sua Mãe precisaria então de linho para cuidar de suas feridas, ou se essa senhora compassiva sabia o uso que seria feito de seu presente.

Ao terminar a flagelação, Maria voltou a si por algum tempo e viu seu Filho divino, todo dilacerado e desfigurado, sendo levado pelos arqueiros depois do suplício: ele enxugou os olhos, que estavam cheios de sangue, para poder olhar para sua Mãe, e ela estendeu as mãos em sua direção e continuou a olhar para as marcas de sangue deixadas por seus passos.

Pouco depois, vi Maria e Madalena se aproximarem da coluna onde Jesus havia sido açoitado; a multidão estava distante, e elas estavam parcialmente ocultas pelas outras santas mulheres e por algumas pessoas de bom coração que se haviam juntado a elas; ajoelharam-se no chão perto da coluna e recolheram o sangue sagrado com o linho que Cláudia Procles havia enviado.

João não estava naquele momento com as santas mulheres, que eram cerca de vinte. Os filhos de Simeão e de Obede, Verônica e também os dois sobrinhos de José de Arimateia — Aram e Temni — estavam no Templo e pareciam dominados pela dor. Não passava das nove horas da manhã quando a flagelação terminou.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

24 — INTERRUPÇÃO DAS VISÕES DA PAIXÃO PELA APARIÇÃO DE SÃO JOSÉ SOB A FORMA DE UMA CRIANÇA

✦

Durante todo o período das visões que acabamos de narrar (isto é, de 18 de fevereiro a 8 de março), a irmã Emmerich continuou a sofrer todas as torturas mentais e físicas que nosso Senhor havia suportado.

Inteiramente imersa nessas meditações e como que morta para as coisas exteriores, ela chorava e gemia como uma pessoa nas mãos de um carrasco, tremia, estremecia e se contorcia em seu leito, enquanto seu rosto se parecia com o de um homem prestes a morrer sob tortura, e um suor de sangue muitas vezes lhe escorria pelo peito e pelos ombros.

Em geral, transpirava tão abundantemente que sua cama e suas roupas ficavam encharcadas. Seus sofrimentos causados pela sede também eram terríveis, e ela bem podia ser comparada a uma pessoa que morre no deserto por falta de água.

De modo geral, pela manhã sua boca estava tão ressecada, e sua língua tão contraída e seca, que ela não conseguia falar, sendo obrigada a pedir alívio por sinais e sons inarticulados.

Seu estado constante de febre provavelmente era provocado pelas grandes dores que suportava, às quais se somavam as doenças e calamidades tempo-

rais merecidas por outras pessoas, que ela também tomava muitas vezes sobre si.

Era sempre necessário que descansasse por algum tempo antes de relatar as diferentes cenas da Paixão, e nem sempre conseguia falar do que havia visto, sendo até muitas vezes obrigada a interromper suas narrações pelo restante do dia.

Ela se encontrava nesse estado de sofrimento no sábado, 8 de março, e com enorme dificuldade e sofrimento descreveu a flagelação de nosso Senhor, que havia visto na visão da noite anterior e que parecia permanecer em sua mente durante a maior parte do dia seguinte.

Ao cair da tarde, porém, ocorreu uma mudança, e houve uma interrupção na sequência das meditações sobre a Paixão, que ultimamente se sucediam com tanta regularidade.

Descreveremos essa interrupção, em primeiro lugar, para dar aos nossos leitores uma compreensão mais completa da vida interior dessa pessoa tão extraordinária; e, em segundo, para permitir que façam uma pausa e descansem a mente por algum tempo, pois bem sei que as meditações sobre a Paixão de nosso Senhor esgotam os fracos, mesmo quando se lembram de que foi pela salvação deles que ele sofreu e morreu.

A vida da irmã Emmerich, tanto no que dizia respeito à sua existência espiritual quanto à intelectual, estava invariavelmente em harmonia com o espírito da Igreja nas diferentes épocas do ano.

Essa harmonia era ainda mais forte do que a da vida natural do homem com as estações ou com as horas do dia, e isso fazia dela (se assim podemos

nos expressar) uma concretização da existência e das diversas intenções da Igreja.

Sua união com o espírito da Igreja era tão completa que, assim que começava um dia de festa (isto é, na véspera), ocorria dentro dela uma transformação completa, tanto intelectual quanto espiritual.

Assim que se punha o sol espiritual desses dias de festa da Igreja, ela dirigia todos os seus pensamentos para aquele que nasceria no dia seguinte e orientava todas as suas orações, boas obras e sofrimentos para alcançar as graças especiais ligadas à festa que estava prestes a começar, como uma planta que absorve o orvalho e se deleita com o calor e a luz dos primeiros raios do sol.

Essas mudanças, como facilmente se pode acreditar, nem sempre ocorriam no exato momento em que o toque do Ângelus anunciava o início de uma festa e convocava os fiéis à oração; pois esse sino muitas vezes, por ignorância ou negligência, é tocado na hora errada; elas começavam, contudo, no momento em que a festa realmente tinha início.

Se a Igreja comemorava um mistério doloroso, ela parecia abatida, sem forças e quase incapaz de se mover; mas, no instante em que começava a celebração de uma festa alegre, tanto o corpo quanto a alma despertavam para uma nova vida, como se fossem revigorados pelo orvalho de novas graças, e ela permanecia nesse estado calmo, tranquilo e feliz, inteiramente livre de todo tipo de sofrimento, até a noite.

Essas coisas aconteciam em sua alma de maneira completamente independente de sua vontade; mas, como desde a infância ela tivera o mais ardente

desejo de ser obediente a Jesus e à sua Igreja, Deus lhe havia concedido aquelas graças especiais que dão uma facilidade natural para praticar a obediência.

Todas as faculdades de sua alma se voltavam para a Igreja, da mesma maneira que uma planta que, mesmo colocada num porão escuro, naturalmente volta suas folhas para cima e parece procurar a luz.

No sábado, 8 de março de 1823, depois do pôr do sol, a irmã Emmerich havia descrito, com enorme dificuldade, os diferentes acontecimentos da flagelação de nosso Senhor, e o autor destas páginas pensava que sua mente estava ocupada na contemplação da 'coroação de espinhos', quando, subitamente, seu semblante, antes pálido e abatido como o de uma pessoa à beira da morte, tornou-se radiante e sereno, e ela exclamou num tom carinhoso, como se falasse com uma criança: 'Oh, que menininho querido!

Quem é ele? — Esperem, vou perguntar a ele. Seu nome é José. Ele abriu caminho pela multidão para chegar até mim. Pobre criança, ele está rindo: não sabe absolutamente nada do que está acontecendo. Como sua roupa é leve! Tenho receio de que esteja com frio, o ar está tão cortante nesta manhã.

Espere, meu filho; deixe-me cobrir você com mais alguma coisa.' Depois de dizer essas palavras num tom de voz tão natural que era quase impossível aos presentes não se virarem na expectativa de ver a criança, ela ergueu um vestido que estava perto, como faria uma pessoa bondosa que desejasse vestir uma pobre criança enregelada.

O amigo que estava ao lado de sua cama não teve tempo suficiente para lhe pedir que explicasse as palavras que havia dito, pois uma mudança repentina ocorreu em toda a sua aparência e em seu comportamento quando sua acompanhante pronunciou a palavra obediência — um dos votos pelos quais ela havia se consagrado a nosso Senhor.

No mesmo instante, ela voltou a si e, como uma criança obediente que desperta de um sono profundo e se levanta ao ouvir a voz da mãe, estendeu a mão, pegou o rosário e o crucifixo que estavam sempre ao seu lado, ajeitou o vestido, esfregou os olhos e se sentou.

Foi então carregada da cama para uma cadeira, pois não conseguia ficar em pé nem andar; e, como era a hora de arrumar sua cama, o amigo saiu do quarto para escrever o que havia ouvido durante o dia.

⁂

No domingo, 9 de março, o amigo perguntou à acompanhante o que a irmã Emmerich quisera dizer na noite anterior, quando falara de uma criança chamada José. A acompanhante respondeu: 'Ela voltou a falar dele muitas vezes ontem à noite; ele é filho de uma prima minha, e ela tem muito carinho por ele. Receio que falar tanto dele seja um sinal de que ele vai adoecer, pois ela disse tantas vezes que a pobre criança estava quase sem roupa e que devia estar com frio.'

O amigo se lembrou de ter visto muitas vezes esse pequeno José brincando na cama da irmã Emmerich e supôs que ela estivesse sonhando com ele no dia anterior. Quando foi visitá-la mais tarde naquele dia, para tentar obter uma continuação das narrações da Paixão, encontrou-a, ao contrário do que

esperava, mais calma e aparentemente com melhor saúde do que no dia anterior.

Ela lhe disse que não havia visto mais nada depois da flagelação de nosso Senhor; e, quando ele a interrogou sobre o que havia dito a respeito do pequeno José, ela não conseguiu se lembrar de ter falado da criança.

Ele então perguntou por que ela estava tão calma, serena e aparentemente com boa saúde; e ela respondeu: 'Sempre me sinto assim quando chega o meio da Quaresma, pois então a Igreja canta com Isaías no introito da missa: "Alegre-se, ó Jerusalém, e reúnam-se todos vocês que a amam; alegrem-se com júbilo, vocês que estiveram em tristeza, para que possam exultar e se saciar nos seios de sua consolação."

O domingo do meio da Quaresma é, portanto, um dia de alegria; e você também deve se lembrar de que, no Evangelho deste dia, a Igreja relata como nosso Senhor alimentou cinco mil homens com cinco pães e dois peixes, dos quais sobraram doze cestos de pedaços; por isso devemos nos alegrar.'

Ela também acrescentou que nosso Senhor se dignara visitá-la naquele dia na santa comunhão e que sempre sentia uma consolação espiritual especial quando o recebia naquele dia específico do ano.

O amigo lançou os olhos sobre o calendário da diocese de Münster e viu que naquele dia se celebrava não apenas o domingo do meio da Quaresma, mas também a festa de São José, pai de criação de nosso Senhor; ele não sabia disso antes, pois em outros lugares a festa de São José é celebrada no dia

19, e comentou essa circunstância com a irmã Emmerich, perguntando se ela não achava que essa era a causa de ter falado sobre José.

Ela respondeu que sabia perfeitamente que era a festa do pai de criação de Jesus, mas que não estivera pensando na criança que tinha esse nome. Um momento depois, porém, lembrou-se de repente de quais haviam sido seus pensamentos no dia anterior e explicou ao amigo que, no momento em que começara a festa de São José, sua visão dos mistérios dolorosos da Paixão havia cessado, dando lugar a cenas inteiramente diferentes, nas quais São José aparecia sob a forma de uma criança, e que era a ele que se dirigiam as palavras mencionadas acima.

Observamos que, quando ela recebia essas comunicações, a visão muitas vezes assumia a forma de uma criança, especialmente nos casos em que um artista teria usado essa comparação para expressar suas ideias. Se, por exemplo, lhe era mostrado o cumprimento de alguma profecia das Escrituras, ela muitas vezes via, ao lado da representação, uma criança que indicava claramente as características deste ou daquele profeta por sua postura, sua roupa e a maneira como segurava na mão e agitava de um lado para o outro o rolo profético preso a um bastão.

Às vezes, quando ela sofria intensamente, uma bela criança vestida de verde, com o semblante calmo e sereno, se aproximava e se sentava numa postura de resignação ao lado de sua cama, deixando-se mover de um lado para o outro ou até ser colocada no chão, sem a menor resistência, e sempre olhando para ela com carinho e consolando-a.

Se, quando estava inteiramente prostrada pela doença e pelos sofrimentos de outras pessoas que havia tomado sobre si, ela entrava em comunicação

com um santo, seja pela participação na celebração de sua festa, seja porque lhe traziam suas relíquias, às vezes via passagens da infância do martírio.

Em seus maiores sofrimentos, geralmente era consolada, instruída ou repreendida (conforme a ocasião exigia) por aparições sob a forma de crianças. Às vezes, quando estava inteiramente vencida pela aflição e pela angústia, adormecia e era levada de volta, em imaginação, às cenas e aos perigos de sua infância.

Por vezes sonhava, como demonstravam suas exclamações e seus gestos, que era novamente uma pequena camponesa de cinco anos, tentando passar por cima de uma cerca viva, presa nos espinhos e chorando de medo.

Essas cenas de sua infância eram sempre acontecimentos que realmente haviam ocorrido, e as palavras que lhe escapavam mostravam o que se passava em sua mente. Ela exclamava (como se repetisse as palavras de outras pessoas): 'Por que você grita assim?' 'Não vou afastar a cerca até que você se acalme e me peça com delicadeza.' Ela havia obedecido a essa ordem quando era criança e ficara presa na cerca, e seguia a mesma regra quando adulta e submetida às mais terríveis provações.

Muitas vezes falava e brincava sobre a cerca de espinhos e sobre a paciência e a oração que lhe haviam sido recomendadas naquela ocasião, conselho que, mais tarde na vida, frequentemente havia negligenciado, mas que nunca lhe falhara quando recorria a ele.

Essa coincidência simbólica entre os acontecimentos de sua infância e os de seus anos maduros mostra que, tanto no indivíduo quanto na humanidade em geral, podem ser encontradas prefigurações proféticas.

Mas ao indivíduo, assim como à humanidade em geral, foi dado um Modelo Divino na pessoa de nosso Redentor, para que tanto um quanto a outra, seguindo seus passos e com sua ajuda, possam superar a natureza humana e alcançar perfeita sabedoria e graça diante de Deus e dos homens.

É assim que a vontade de Deus se faz na terra como no céu, e que esse reino é alcançado pelos 'homens de boa vontade'.

Ela então fez um breve relato das visões que, na noite anterior, haviam interrompido suas visões da Paixão no início da festa de São José.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

25 — DESCRIÇÃO DA APARÊNCIA FÍSICA DA SANTÍSSIMA VIRGEM

✦

Enquanto esses tristes acontecimentos se desenrolavam, eu estava em Jerusalém, ora em um lugar, ora em outro; estava inteiramente abatida, meus sofrimentos eram intensos e eu me sentia prestes a morrer.

Durante a flagelação de meu adorável Esposo, fiquei sentada nas proximidades, em um lugar do qual nenhum judeu ousava se aproximar, por medo de se tornar impuro; mas eu não temia a impureza, desejava apenas que uma gota do sangue de nosso Senhor caísse sobre mim para me purificar.

Sentia meu coração tão inteiramente despedaçado que pensei que morreria por não poder aliviar Jesus, e cada golpe que ele recebia arrancava de mim tais soluços e gemidos que eu me espantava por não ser expulsa dali. Quando os algozes levaram Jesus para o corpo da guarda, a fim de coroá-lo de espinhos, desejei segui-lo para poder contemplá-lo novamente em seus sofrimentos.

Foi então que a Mãe de Jesus, acompanhada pelas santas mulheres, se aproximou da coluna e enxugou o sangue que a encharcava, assim como o chão ao redor. A porta do corpo da guarda estava aberta, e eu ouvia as risadas brutais dos homens sem coração que se ocupavam em terminar a coroa de espinhos que haviam preparado para nosso Senhor.

Eu estava comovida demais para chorar, mas procurei me arrastar para perto do lugar onde nosso Senhor seria coroado de espinhos.

Vi mais uma vez a Santíssima Virgem; seu rosto estava abatido e pálido, os olhos vermelhos de tanto chorar, mas a dignidade simples de sua postura não pode ser descrita.

Apesar da dor e da angústia, apesar do cansaço que suportara (pois desde a noite anterior vagava pelas ruas de Jerusalém e pelo vale de Josafá), sua aparência era serena e modesta, e nenhuma dobra de sua roupa estava fora do lugar. Ela olhava majestosamente ao redor, e seu véu caía com graça sobre os ombros.

Movia-se tranquilamente e, embora seu coração fosse presa da mais amarga dor, seu rosto estava calmo e resignado. Sua roupa estava umedecida pelo orvalho que caíra sobre ela durante a noite e pelas lágrimas que derramara em tanta abundância; fora isso, estava completamente limpa.

Sua beleza era grande, mas indescritível, pois era sobre-humana — uma mistura de majestade, santidade, simplicidade e pureza.

A aparência de Maria Madalena era inteiramente diferente; ela era mais alta e mais robusta, a expressão de seu rosto mostrava maior determinação, mas sua beleza estava quase destruída pelas fortes paixões às quais se entregara por tanto tempo e pelo intenso arrependimento e pela dor que sentira desde então.

Era doloroso olhar para ela; era a própria imagem do desespero, seus longos cabelos desgrenhados estavam parcialmente cobertos pelo véu rasgado e molhado, e sua aparência era a de alguém inteiramente absorvida pela aflição e quase fora de si de tanta tristeza.

Muitos dos habitantes de Mágdala estavam por perto, olhando para ela com surpresa e curiosidade, pois a haviam conhecido em outros tempos, primeiro na prosperidade e depois na degradação e na miséria que dela resultara. Apontavam para ela, chegavam até a lhe atirar lama, mas ela nada via, nada sabia e nada sentia, a não ser sua dor angustiante.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

26 — A COROAÇÃO DE ESPINHOS

✦

Mal a irmã Emmerich recomeçou a narrativa de suas visões da Paixão, voltou a ficar extremamente doente, abatida pela febre e tão atormentada por uma sede violenta que sua língua ficou inteiramente ressecada e contraída; e, na segunda-feira depois do domingo do meio da Quaresma, estava tão exausta que só com grande dificuldade e após muitos intervalos de descanso conseguiu narrar tudo o que nosso Senhor sofreu nessa coroação de espinhos. Mal conseguia falar, porque ela mesma sentia cada sensação que descreveu no relato a seguir:

Pilatos discursou ao povo muitas vezes durante a flagelação de Jesus, mas, em certa ocasião, eles o interromperam e gritaram: 'Ele será executado, mesmo que morramos por isso.' Quando Jesus foi levado para o corpo da guarda, todos voltaram a gritar: 'Crucifica-o, crucifica-o!'

Depois disso, houve silêncio por algum tempo. Pilatos se ocupou em dar diversas ordens aos soldados, e os criados dos sumos sacerdotes lhes trouxeram algo para comer e beber; depois disso, Pilatos, cujas inclinações supersticiosas o deixavam inquieto, entrou na parte interna de seu palácio para consultar seus deuses e lhes oferecer incenso.

Quando a Santíssima Virgem e as santas mulheres terminaram de recolher o sangue de Jesus, que encharcava a coluna e os lugares ao redor, saíram do fórum e entraram em uma pequena casa próxima, cujo dono não conheço. Creio que João não estava presente na flagelação de Jesus.

Uma galeria rodeava o pátio interno do corpo da guarda onde nosso Senhor foi coroado de espinhos, e as portas estavam abertas. Os covardes malfeitores, que esperavam ansiosamente satisfazer sua crueldade torturando e insultando nosso Senhor, eram cerca de cinquenta, e a maior parte deles era de escravos ou criados dos carcereiros e dos soldados.

A multidão se reuniu ao redor do edifício, mas logo foi afastada por mil soldados romanos, que foram dispostos em boa ordem e posicionados ali. Embora estivessem proibidos de sair de suas fileiras, esses soldados fizeram de tudo, com risos e aplausos, para incitar os cruéis algozes a redobrar seus insultos; e, assim como os aplausos do público dão novo ânimo a um comediante, suas palavras de incentivo multiplicavam por dez a crueldade daqueles homens.

No meio do pátio havia um fragmento de coluna, e sobre ele foi colocado um banco muito baixo que aqueles homens cruéis, por maldade, cobriram com pedras afiadas e cacos de cerâmica.

Então arrancaram as roupas de Jesus, reabrindo assim todas as suas feridas; lançaram sobre seus ombros um velho manto escarlate que mal lhe chegava aos joelhos; arrastaram-no até o assento preparado e o empurraram brutalmente sobre ele, depois de lhe colocarem na cabeça a coroa de espinhos.

A coroa de espinhos era feita de três ramos trançados, com a maior parte dos espinhos voltada de propósito para dentro, a fim de perfurar a cabeça de nosso Senhor.

Depois de colocarem esses ramos retorcidos sobre sua testa, amarraram-nos bem apertados na parte de trás de sua cabeça e, assim que terminaram de fazê-lo a seu gosto, puseram em sua mão uma grande cana, fazendo tudo com uma seriedade de escárnio, como se estivessem realmente coroando-o rei.

Então pegaram a cana e golpearam sua cabeça com tanta violência que seus olhos se encheram de sangue; ajoelharam-se diante dele, zombaram dele, cuspiram em seu rosto e lhe deram socos, dizendo ao mesmo tempo: 'Salve, Rei dos Judeus!' Depois derrubaram seu banco, levantaram-no do chão onde havia caído e o fizeram sentar-se de novo com a maior brutalidade possível.

É absolutamente impossível descrever os cruéis ultrajes que esses monstros em forma humana imaginaram e praticaram. Jesus sofria intensamente com a sede, causada pela febre que suas feridas e seus sofrimentos haviam provocado.

Ele tremia por inteiro, sua carne estava rasgada em pedaços, sua língua contraída, e o único alívio que recebia era o sangue que escorria de sua cabeça até seus lábios ressecados. Essa cena vergonhosa se prolongou por meia hora inteira, e os soldados romanos continuaram durante todo esse tempo a aplaudir e incentivar a prática de ultrajes ainda maiores.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

27 — ECCE HOMO

✦

Os cruéis carrascos então reconduziram nosso Senhor ao palácio de Pilatos, ainda com o manto escarlate sobre os ombros, a coroa de espinhos na cabeça e a cana nas mãos amarradas.

Ele estava completamente irreconhecível, com os olhos, a boca e a barba cobertos de sangue, o corpo inteiro como uma única ferida e as costas curvadas como as de um ancião, enquanto todos os seus membros tremiam ao caminhar.

Quando Pilatos o viu parado à entrada de seu tribunal, até ele, que costumava ter o coração endurecido, se sobressaltou e estremeceu de horror e compaixão, enquanto os sacerdotes bárbaros e o povo, longe de se comoverem, continuavam seus insultos e zombarias.

Quando Jesus subiu a escadaria, Pilatos se adiantou, a trombeta soou para anunciar que o governador estava prestes a falar, e ele se dirigiu aos chefes dos sacerdotes e aos presentes com as seguintes palavras: 'Vejam, eu o trago à presença de vocês, para que saibam que não encontro nele motivo de acusação.'

Os arqueiros então levaram Jesus até Pilatos, para que o povo pudesse mais uma vez saciar seus olhos cruéis com a visão dele, no estado de degradação a que fora reduzido.

Terrível e de partir o coração era, de fato, o espetáculo que ele apresentava, e uma exclamação de horror irrompeu da multidão, seguida de um silêncio

absoluto, quando ele ergueu com dificuldade a cabeça ferida, coroada de espinhos, e lançou seu olhar exausto sobre a multidão agitada. Pilatos exclamou, apontando-o ao povo: 'Ecce homo!

Eis o homem!' O ódio dos sumos sacerdotes e de seus seguidores aumentou, se é que isso era possível, à vista de Jesus, e eles gritaram: 'Matem-no; crucifiquem-no.' 'Vocês não estão satisfeitos?', disse Pilatos. 'O castigo que ele recebeu é, sem dúvida, suficiente para tirar dele qualquer desejo de se fazer rei.' Mas eles gritavam ainda mais, e a multidão se juntou ao clamor: 'Crucifique-o, crucifique-o!' Pilatos então fez soar a trombeta para exigir silêncio e disse: 'Levem-no vocês e crucifiquem-no, pois não encontro nele motivo de acusação.' 'Temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer', responderam os sacerdotes, 'porque se fez Filho de Deus.' Essas palavras, 'ele se fez Filho de Deus', reavivaram os temores de Pilatos; ele levou Jesus para outro aposento e lhe perguntou: 'De onde você é?' Mas Jesus não respondeu. 'Você não fala comigo?', disse Pilatos. 'Não sabe que tenho poder para crucificá-lo e poder para soltá-lo?' 'Você não teria nenhum poder sobre mim', respondeu Jesus, 'se não lhe fosse dado do alto; por isso, aquele que me entregou a você tem pecado maior.'

A conduta indecisa e fraca de Pilatos encheu Cláudia Procles de ansiedade; ela lhe enviou de novo o penhor, para lembrá-lo de sua promessa, mas ele apenas deu uma resposta vaga e supersticiosa, indicando que deixaria a decisão do caso aos deuses. Os inimigos de Jesus, os sumos sacerdotes e os fariseus, ao saberem dos esforços que Cláudia fazia para salvá-lo, mandaram espalhar entre o povo o boato de que os partidários de nosso Senhor a haviam seduzido, de que ele seria solto e então se uniria aos romanos e provocaria a destruição de Jerusalém e o extermínio dos judeus.

Pilatos estava em tal estado de indecisão e incerteza que se encontrava completamente fora de si; não sabia que passo dar em seguida e voltou a se dirigir aos inimigos de Jesus, declarando que 'não encontrava nele crime algum', mas eles exigiam sua morte com clamor ainda maior.

Então ele se lembrou das acusações contraditórias que haviam sido feitas contra Jesus, dos sonhos misteriosos de sua esposa e da impressão inexplicável que as palavras de Jesus haviam causado nele próprio, e decidiu interrogá-lo novamente para obter alguma informação que o esclarecesse sobre o caminho que deveria seguir; por isso, voltou ao Pretório, entrou sozinho em um aposento e mandou chamar nosso Salvador.

Olhou para a figura dilacerada e ensanguentada diante dele e exclamou consigo mesmo: 'Será possível que ele seja Deus?' Então se voltou para Jesus e o intimou solenemente a lhe dizer se era Deus, se era aquele rei que havia sido prometido aos judeus, onde ficava seu reino e a que classe de deuses pertencia.

Só posso dar o sentido das palavras de Jesus, mas elas foram solenes e severas. Ele lhe disse 'que seu reino não era deste mundo' e também falou com firmeza dos muitos crimes ocultos que manchavam a consciência de Pilatos; advertiu-o do destino terrível que o aguardava se não se arrependesse; e finalmente declarou que ele próprio, o Filho do Homem, viria no último dia para pronunciar sobre ele um julgamento justo.

Pilatos ficou entre o medo e a raiva diante das palavras de Jesus; voltou à sacada e declarou mais uma vez que soltaria Jesus; mas eles gritaram: 'Se você soltar este homem, não é amigo de César.

Pois todo aquele que se faz rei fala contra César.' Outros disseram que o acusariam perante o imperador de ter perturbado sua festa; que ele precisava se decidir imediatamente, porque eram obrigados a estar no Templo até as dez horas da noite. O grito 'Crucifique-o!

Crucifique-o!' ressoava de todos os lados; ecoava até dos terraços das casas próximas ao fórum, onde muitas pessoas estavam reunidas. Pilatos viu que todos os seus esforços eram inúteis, que não conseguia exercer nenhuma influência sobre a multidão enfurecida; seus berros e suas maldições eram ensurdecedores, e ele começou a temer uma revolta.

Por isso, pegou água e lavou as mãos diante do povo, dizendo: 'Sou inocente do sangue deste justo; isso é com vocês.' Um grito assustador e unânime veio então da multidão compacta, reunida de todas as partes da Palestina: 'Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos.'

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

28 — REFLEXÕES SOBRE AS VISÕES

✦

Sempre que, durante minhas meditações sobre a Paixão de nosso Senhor, imagino ouvir aquele grito assustador dos judeus, 'Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos', visões de natureza maravilhosa e terrível mostram diante de meus olhos, no mesmo instante, o efeito daquela maldição solene.

Imagino ver um céu sombrio coberto de nuvens da cor do sangue, das quais saem espadas e dardos de fogo, pairando ameaçadoramente sobre a multidão aos gritos; e essa maldição, que eles atraíram sobre si, parece penetrar até a medula de seus ossos, chegando até às crianças ainda não nascidas.

Eles me parecem cercados de trevas por todos os lados; as palavras que pronunciam assumem, aos meus olhos, a forma de chamas negras que se voltam contra eles, penetrando o corpo de alguns e apenas esvoaçando ao redor de outros.

Estes últimos eram os que se converteram depois da morte de Jesus, e eram bastante numerosos, pois nem Jesus nem Maria jamais deixaram de rezar, em meio a seus sofrimentos, pela salvação desses seres miseráveis.

Quando, durante visões desse tipo, volto meus pensamentos para as santas almas de Jesus e Maria e para as dos inimigos de Cristo, tudo o que acontece dentro delas me é mostrado sob diversas formas.

Vejo numerosos demônios entre a multidão, incitando e encorajando os judeus, sussurrando em seus ouvidos, entrando em suas bocas, instigando-os ainda mais contra Jesus, mas ainda assim tremendo à vista de seu amor inefável e de sua paciência celestial. Inúmeros anjos cercavam Jesus, Maria e o pequeno número de santos que ali estavam.

A aparência desses anjos indica a função que desempenham; alguns representam a consolação, outros a oração ou alguma das obras de misericórdia.

Também vejo com frequência vozes consoladoras, e em outras ocasiões ameaçadoras, sob a aparência de clarões luminosos ou coloridos, saindo da boca dessas diferentes aparições; e vejo os sentimentos de suas almas, seus sofrimentos interiores e, em uma palavra, cada um de seus pensamentos sob a aparência de raios escuros ou claros.

Então compreendo tudo perfeitamente, mas me é impossível explicar aos outros; além disso, estou tão doente e tão completamente dominada pela dor que sinto por meus próprios pecados e pelos do mundo, estou tão tomada pela visão dos sofrimentos de nosso Senhor, que mal consigo imaginar como me é possível relatar os acontecimentos com o mínimo de coerência.

Muitas dessas coisas, mas sobretudo as aparições de demônios e de anjos relatadas por outras pessoas que tiveram visões da Paixão de Jesus Cristo, são fragmentos de percepções interiores simbólicas dessa espécie, que variam conforme o estado da alma de quem as contempla. Daí as numerosas contradições, pois muitas coisas são naturalmente esquecidas ou omitidas.

A irmã Emmerich às vezes falava desses assuntos, durante suas visões da Paixão ou antes de começarem; mas, com mais frequência, recusava-se a falar qualquer coisa a respeito deles, por medo de causar confusão nas visões. É fácil perceber como deve ter sido difícil para ela, em meio a tamanha variedade de aparições, preservar algum grau de conexão em seus relatos. Quem pode, portanto, se surpreender ao encontrar algumas omissões e confusões em suas descrições?

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

29 — JESUS CONDENADO À CRUCIFICAÇÃO

✦

Pilatos, que não desejava conhecer a verdade, mas estava apenas ansioso por sair daquela dificuldade sem sofrer nenhum dano, ficou mais indeciso do que nunca; sua consciência sussurrava: 'Jesus é inocente'; sua esposa dizia: 'ele é santo'; seus sentimentos supersticiosos o faziam temer que Jesus fosse inimigo de seus deuses; e sua covardia o enchia de pavor diante da possibilidade de Jesus, caso fosse um deus, lançar sua vingança sobre quem o julgava.

As últimas palavras de Jesus o deixaram irritado e alarmado, e ele fez outra tentativa de libertá-lo; mas os judeus imediatamente ameaçaram apresentar uma acusação contra ele ao imperador.

Essa ameaça o aterrorizou, e ele decidiu atender aos desejos deles, embora estivesse firmemente convencido da inocência de Jesus e perfeitamente consciente de que, ao pronunciar contra ele a sentença de morte, violaria todas as leis da justiça, além de quebrar a promessa que fizera à esposa naquela manhã.

Assim, sacrificou Jesus à inimizade dos judeus e procurou sufocar o remorso lavando as mãos diante do povo, dizendo: 'Sou inocente do sangue deste justo; isso é responsabilidade de vocês.' Em vão você pronuncia essas palavras, ó Pilatos! Pois o sangue dele também recai sobre sua cabeça; você não pode lavar esse sangue de sua alma como o lava de suas mãos.

Aquelas palavras terríveis, 'Que o sangue dele recaia sobre nós e sobre nossos filhos', mal haviam deixado de ressoar quando Pilatos começou os preparativos para pronunciar a sentença. Mandou trazer a roupa que usava nas ocasiões solenes, pôs na cabeça uma espécie de diadema adornado com pedras preciosas, trocou o manto e mandou que levassem um bastão à sua frente.

Estava cercado de soldados, precedido por oficiais do tribunal e seguido por escribas, que carregavam rolos de pergaminho e livros usados para registrar nomes e datas. Um homem que carregava a trombeta caminhava à frente.

O cortejo seguiu nessa ordem do palácio de Pilatos até o fórum, onde um assento elevado, usado nessas ocasiões especiais, havia sido colocado diante da coluna em que Jesus fora açoitado.

Esse tribunal era chamado Gábata; era uma espécie de terraço circular, ao qual se subia por escadarias; no alto havia um assento para Pilatos e, atrás dele, um banco para os funcionários de menor posição, enquanto vários soldados se postavam ao redor do terraço e nas escadarias.

Muitos dos fariseus haviam saído do palácio e ido ao Templo, de modo que apenas Anás, Caifás e vinte e oito sacerdotes acompanharam o governador romano até o fórum, e os dois ladrões foram levados para lá no momento em que Pilatos apresentou nosso Salvador ao povo, dizendo: 'Ecce homo!'

Nosso Senhor ainda estava vestido com sua roupa de púrpura, com a coroa de espinhos na cabeça e as mãos algemadas, quando os arqueiros o levaram ao tribunal e o colocaram entre os dois malfeitores. Assim que Pilatos se

sentou, voltou a dirigir-se aos inimigos de Jesus com estas palavras: 'Eis o rei de vocês!' Mas os gritos de 'Crucifique-o! Crucifique-o!' ressoavam por todos os lados.

'Devo crucificar o rei de vocês?', disse Pilatos.

'Não temos outro rei além de César!', responderam os sumos sacerdotes.

Pilatos percebeu que seria completamente inútil dizer mais alguma coisa e, por isso, começou os preparativos para pronunciar a sentença. Os dois ladrões já haviam recebido sua sentença de crucificação algum tempo antes; mas os sumos sacerdotes tinham conseguido adiar a execução deles, para que nosso Senhor sofresse a humilhação adicional de ser executado com dois criminosos da espécie mais infame.

As cruzes dos dois ladrões estavam ao lado deles; a destinada a nosso Senhor não havia sido trazida, porque ele ainda não fora condenado à morte.

A Santíssima Virgem, que havia se afastado um pouco depois do açoitamento de Jesus, aproximou-se novamente para ouvir a sentença de morte pronunciada contra seu Filho e seu Deus. Jesus estava no meio dos arqueiros, ao pé da escadaria que levava ao tribunal.

A trombeta soou para exigir silêncio, e então o juiz covarde e desprezível, com voz trêmula e indecisa, pronunciou a sentença de morte contra o Justo. A visão da covardia e da falsidade daquele ser desprezível, que mesmo assim se enchia de orgulho por sua posição importante, quase me dominou, e a alegria feroz dos carrascos, os rostos triunfantes dos sumos sacerdotes, somados ao estado deplorável a que nosso amoroso Salvador fora

reduzido e à dor angustiante de sua amada Mãe, aumentaram ainda mais meu sofrimento.

Ergui os olhos novamente e vi os judeus cruéis quase devorando sua vítima com os olhos, os soldados parados por perto com frieza e multidões de demônios horríveis passando de um lado para outro e se misturando à multidão.

Senti que eu deveria estar no lugar de Jesus, meu amado Esposo, pois assim a sentença não teria sido injusta; mas eu estava tão dominada pela angústia, e meus sofrimentos eram tão intensos, que não consigo me lembrar exatamente de tudo o que vi. Ainda assim, relatarei tudo com a maior precisão que puder.

Depois de um longo preâmbulo, composto sobretudo dos mais pomposos e exagerados elogios ao imperador Tibério, Pilatos falou das acusações que os sumos sacerdotes haviam apresentado contra Jesus.

Disse que eles o haviam condenado à morte por perturbar a paz pública e violar suas leis ao se declarar Filho de Deus e Rei dos Judeus; e que o povo havia exigido por unanimidade que a decisão deles fosse cumprida.

Apesar de ter repetido tantas vezes sua convicção da inocência de Jesus, esse juiz mesquinho e indigno não teve vergonha de dizer que também considerava justa a decisão deles e que, por isso, pronunciaria a sentença, o que fez com estas palavras: 'Condeno Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus, a ser crucificado'; e ordenou aos carrascos que trouxessem a cruz.

Creio me lembrar também de que ele pegou uma vara comprida, quebrou-a e atirou os pedaços aos pés de Jesus.

Ao ouvir essas palavras de Pilatos, a Mãe de Jesus perdeu completamente a consciência por alguns momentos, pois agora tinha certeza de que seu amado Filho teria de sofrer a mais vergonhosa e dolorosa de todas as mortes. João e as santas mulheres a levaram dali, para impedir que os seres sem coração que os cercavam acrescentassem crime a crime, zombando de sua dor; mas, assim que se recuperou um pouco, ela pediu que a levassem novamente a cada lugar santificado pelos sofrimentos de seu Filho, para banhá-los com suas lágrimas; e assim a Mãe de nosso Senhor, em nome da Igreja, tomou posse daqueles lugares santos.

⁂

Pilatos então escreveu a sentença, e os que estavam atrás dele a copiaram três vezes. As palavras que escreveu eram bem diferentes das que havia pronunciado; eu podia ver claramente que sua mente estava terrivelmente agitada — um anjo da ira parecia guiar sua mão.

O teor da sentença escrita era este: 'Fui obrigado, por medo de uma insurreição, a ceder aos desejos dos sumos sacerdotes, do Sinédrio e do povo, que exigiam tumultuosamente a morte de Jesus de Nazaré, a quem acusavam de perturbar a paz pública e também de blasfemar e violar suas leis. Eu o entreguei a eles para ser crucificado, embora suas acusações parecessem infundadas.

Fiz isso por medo de que alegassem ao imperador que incentivo insurreições e causo descontentamento entre os judeus ao lhes negar os direitos da justiça.'

Ele então escreveu a inscrição para a cruz, enquanto seus escrivães copiavam a sentença várias vezes, para que essas cópias fossem enviadas a regiões distantes do país.

Os sumos sacerdotes ficaram extremamente insatisfeitos com as palavras da sentença, que, segundo eles, não eram verdadeiras; e cercaram o tribunal aos gritos, tentando convencê-lo a alterar a inscrição e a não escrever Rei dos Judeus, mas que ele havia dito: Eu sou o Rei dos Judeus.

Pilatos ficou irritado e respondeu com impaciência: 'O que escrevi, escrevi!' Eles também queriam que a cruz de nosso Senhor não fosse mais alta que as dos dois ladrões, mas era necessário que fosse, pois de outro modo não haveria espaço suficiente para a inscrição de Pilatos; por isso, tentaram convencê-lo a não colocar aquela inscrição que tanto os desagradava.

Mas Pilatos estava decidido, e as palavras deles não tiveram efeito sobre ele; por isso, foi necessário alongar a cruz com outro pedaço de madeira. Assim, o formato da cruz era peculiar: os dois braços se projetavam como os galhos de uma árvore que saem do tronco, e sua forma era muito parecida com a da letra Y, com a parte inferior prolongada de modo a se elevar entre os braços, que haviam sido colocados separadamente e eram mais finos que o corpo da cruz. Também foi pregado um pedaço de madeira na parte inferior da cruz para apoiar os pés.

Enquanto Pilatos pronunciava a sentença injusta, vi sua esposa, Cláudia Prócula, devolver-lhe o penhor que ele lhe havia dado; e, à noite, ela saiu do palácio e se juntou aos amigos de nosso Senhor, que a esconderam numa câmara subterrânea da casa de Lázaro, em Jerusalém.

Mais tarde naquele mesmo dia, também vi um amigo de nosso Senhor gravar as palavras Judex injustus e o nome de Cláudia Prócula numa pedra de aparência esverdeada, que ficava atrás do terraço chamado Gábata. Essa pedra ainda pode ser encontrada nos alicerces de uma igreja ou casa em Jerusalém, situada no lugar antes chamado Gábata. Cláudia Prócula tornou-se cristã, seguiu São Paulo e passou a ser sua amiga próxima.

Assim que Pilatos pronunciou a sentença, Jesus foi entregue às mãos dos arqueiros, e trouxeram as roupas que ele havia tirado no pátio de Caifás, para que as vestisse novamente. Creio que algumas pessoas caridosas as haviam lavado, pois pareciam limpas.

Os brutamontes que cercavam Jesus desamarraram suas mãos para que ele trocasse de roupa e arrancaram com violência o manto escarlate com que o haviam vestido por zombaria, reabrindo assim todas as suas feridas; com as mãos trêmulas, ele vestiu sua própria roupa de linho de baixo, e eles jogaram seu escapulário sobre seus ombros.

Como a coroa de espinhos era grande demais e impedia que a túnica sem costura, que sua Mãe havia feito para ele, passasse por sua cabeça, eles a arrancaram com violência, sem se importar com a dor que lhe causavam. Em seguida, lançaram sobre seus ombros sua roupa de lã branca, e depois seu cinto largo e seu manto.

Após isso, tornaram a prender ao redor de sua cintura um aro coberto de pontas afiadas de ferro, ao qual amarraram as cordas pelas quais o conduziam, fazendo tudo com sua costumeira e brutal crueldade.

Os dois ladrões estavam de pé, um à direita e o outro à esquerda de Jesus, com as mãos amarradas e uma corrente em volta do pescoço; estavam cobertos de marcas negras e lívidas, resultado do açoitamento do dia anterior.

A atitude daquele que depois se converteu era calma e pacífica, enquanto a do outro, ao contrário, era grosseira e insolente, e ele se juntava aos arqueiros para maltratar e insultar Jesus, que olhava seus dois companheiros com amor e compaixão e oferecia seus sofrimentos pela salvação deles.

Os arqueiros reuniram todos os instrumentos necessários para as crucificações e prepararam tudo para a terrível e dolorosa caminhada até o Calvário.

Anás e Caifás finalmente pararam de discutir com Pilatos e se retiraram furiosos, levando consigo as folhas de pergaminho em que a sentença estava escrita; partiram às pressas, temendo chegar tarde demais ao Templo para o sacrifício pascal. Assim, sem perceber, os sumos sacerdotes deixaram o verdadeiro Cordeiro Pascal.

Foram a um templo feito de pedra para imolar e sacrificar aquele cordeiro que era apenas um símbolo, e deixaram o verdadeiro Cordeiro Pascal, que estava sendo levado ao Altar da Cruz pelos carrascos cruéis; tomavam o maior cuidado para não contrair impureza exterior, enquanto suas almas estavam inteiramente manchadas pela ira, pelo ódio e pela inveja.

Haviam dito: 'Que o sangue dele recaia sobre nós e sobre nossos filhos!' E, com essas palavras, haviam realizado a cerimônia e colocado a mão do sacrificador sobre a cabeça da Vítima. Assim se formaram os dois caminhos: um que levava ao altar da lei judaica e outro que levava ao Altar da Graça.

Pilatos, aquele pagão orgulhoso e indeciso, aquele escravo do mundo, que tremia diante do verdadeiro Deus e ainda assim adorava seus falsos deuses, tomou um caminho intermediário e voltou ao seu palácio.

A sentença injusta foi pronunciada por volta das dez da manhã.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

30 — JESUS CARREGA A CRUZ

✦

Quando Pilatos deixou o tribunal, parte dos soldados o seguiu e se dispôs em fileiras diante do palácio; alguns acompanharam os criminosos. Vinte e oito fariseus armados chegaram a cavalo ao fórum para acompanhar Jesus até o lugar da execução, e entre eles estavam os seis inimigos de Jesus que haviam ajudado a prendê-lo no Jardim das Oliveiras.

Os arqueiros levaram Jesus para o meio do pátio, os escravos jogaram a cruz a seus pés, e os dois braços foram imediatamente amarrados à peça central. Jesus se ajoelhou ao lado dela, envolveu-a com seus braços sagrados e a beijou três vezes, dirigindo, ao mesmo tempo, uma comovente oração de agradecimento a seu Pai Celestial pela obra de redenção que havia começado.

Entre os pagãos, era costume o sacerdote abraçar um altar novo, e Jesus, da mesma maneira, abraçou sua cruz, aquele altar augusto no qual estava prestes a ser oferecido o sacrifício sangrento e expiatório.

Os arqueiros logo o fizeram levantar-se e depois se ajoelhar de novo e, quase sem ajuda alguma, colocar a pesada cruz sobre o ombro direito, sustentando seu grande peso com a mão direita. Vi anjos virem em seu auxílio; de outro modo, ele não teria conseguido sequer erguê-la do chão.

Enquanto ele estava de joelhos, ainda rezando, os carrascos colocaram sobre as costas dos dois ladrões os braços das cruzes, que eram um pouco curvados e ainda não estavam presos às peças centrais, e amarraram firmemente as mãos deles a esses braços.

As partes centrais das cruzes eram carregadas por escravos, pois as peças transversais só seriam presas a elas pouco antes da execução. A trombeta soou para anunciar a partida dos cavaleiros de Pilatos, e um dos fariseus que faziam parte da escolta se aproximou de Jesus, que ainda estava ajoelhado, e disse: 'Levante-se, já ouvimos o bastante de seus belos discursos; levante-se e comece a andar.' Eles o puxaram brutalmente para cima, pois ele era totalmente incapaz de se levantar sem ajuda, e então sentiu sobre os ombros o peso daquela cruz que devemos carregar seguindo seus passos, conforme sua verdadeira e santa ordem de segui-lo.

Assim começou aquela marcha triunfal do Rei dos Reis, uma marcha tão vergonhosa na terra e tão gloriosa no céu.

Por meio de cordas que os carrascos haviam prendido ao pé da cruz, dois arqueiros a sustentavam para impedir que se enroscasse em alguma coisa, e outros quatro soldados seguraram as cordas que haviam amarrado em Jesus por baixo de suas roupas.

A visão de nosso amado Senhor tremendo sob seu fardo me lembrou vivamente de Isaque, quando carregava montanha acima a lenha destinada a seu próprio sacrifício. A trombeta de Pilatos soou como sinal de partida, pois ele próprio pretendia ir ao Calvário à frente de um destacamento de soldados, para impedir qualquer possibilidade de revolta.

Estava a cavalo, de armadura, cercado por oficiais e um corpo de cavalaria, e seguido por cerca de trezentos soldados de infantaria, vindos das fronteiras da Itália e da Suíça. A procissão era encabeçada por um trombeteiro, que tocava sua trombeta em cada esquina e proclamava a sentença.

Várias mulheres e crianças caminhavam atrás da procissão, levando nas mãos cordas, pregos, cunhas e cestos cheios de diversos objetos; outros, mais fortes, carregavam varas, escadas e as peças centrais das cruzes dos dois ladrões, e alguns fariseus seguiam a cavalo.

Um menino encarregado da inscrição que Pilatos havia escrito para a cruz também carregava, na ponta de uma longa vara, a coroa de espinhos, que havia sido retirada da cabeça de Jesus, mas ele não parecia ser mau e insensível como os demais.

Em seguida, vi nosso bendito Salvador e Redentor — seus pés descalços inchados e sangrando, as costas curvadas como se estivesse prestes a desabar sob o grande peso da cruz, e o corpo inteiro coberto de feridas e sangue.

Parecia quase desmaiar de exaustão, pois não havia comido, bebido nem dormido desde a ceia da noite anterior; estava fraco pela perda de sangue e ressecado pela sede causada pela febre e pela dor.

Sustentava a cruz sobre o ombro direito com a mão direita; a esquerda pendia quase sem forças ao seu lado, mas, de vez em quando, ele se esforçava para levantar sua longa veste e impedir que seus pés ensanguentados se enroscassem nela.

Os quatro arqueiros que seguravam as cordas amarradas ao redor de sua cintura caminhavam a certa distância dele; os dois da frente o puxavam para a frente, e os dois de trás o puxavam para trás, de modo que ele só conseguia avançar com enorme dificuldade.

Suas mãos estavam cortadas pelas cordas com que haviam sido amarradas; seu rosto estava ensanguentado e desfigurado; seus cabelos e sua barba esta-

vam encharcados de sangue; o peso da cruz e o de suas correntes se somavam, apertando a veste de lã contra as feridas, fazendo-a grudar nelas e reabri-las.

Só lhe dirigiam palavras de zombaria e crueldade, mas ele continuava a rezar por seus perseguidores, e seu semblante trazia uma expressão de amor e resignação.

Muitos soldados armados caminhavam ao lado da procissão, e depois de Jesus vinham os dois ladrões, que também eram conduzidos, com os braços de suas cruzes, separados da parte central, colocados sobre suas costas, e as mãos firmemente amarradas às duas extremidades.

Vestiam grandes aventais, com uma espécie de escapulário sem mangas que cobria a parte superior do corpo, e usavam gorros de palha na cabeça. O bom ladrão estava calmo, mas o outro, ao contrário, estava furioso e não parava de amaldiçoar e praguejar. A procissão era encerrada pelos demais fariseus a cavalo, que cavalgavam de um lado para outro para manter a ordem.

Pilatos e seus cortesãos vinham a certa distância atrás; ele estava no meio de seus oficiais vestidos de armadura, precedido por um esquadrão de cavalaria e seguido por trezentos soldados de infantaria; atravessou o fórum e depois entrou em uma das ruas principais, pois percorria a cidade para impedir qualquer revolta entre o povo.

Jesus foi conduzido por uma rua secundária estreita, para que a procissão não atrapalhasse as pessoas que iam ao Templo, e também para que Pilatos e sua tropa tivessem toda a rua principal inteiramente para si.

A multidão havia se dispersado e seguido em diferentes direções quase imediatamente após a leitura da sentença, e a maior parte dos judeus voltou para suas casas ou para o Templo, para apressar os preparativos para o sacrifício do cordeiro pascal; mas alguns ainda corriam desordenadamente para ver passar a triste procissão.

Os soldados romanos impediam que qualquer pessoa se juntasse à procissão; por isso, os mais curiosos eram obrigados a dar a volta pelas ruas secundárias ou a apressar o passo para chegar ao Calvário antes de Jesus. A rua pela qual conduziam Jesus era estreita e suja; ele sofreu muito ao passar por ela, porque os arqueiros estavam próximos e o atormentavam.

Pessoas ficavam nos terraços das casas e nas janelas, insultando-o com palavras ofensivas; os escravos que trabalhavam nas ruas atiravam sujeira e lama nele; até as crianças, instigadas por seus inimigos, haviam enchido seus aventais de pedras pontiagudas, que jogavam diante de suas portas quando ele passava, para obrigá-lo a caminhar sobre elas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

31 — A PRIMEIRA QUEDA DE JESUS

✦

A rua de que acabamos de falar, depois de virar um pouco à esquerda, tornava-se bastante íngreme e também mais larga. Um aqueduto subterrâneo vindo do monte Sião passava por baixo dela, e nas proximidades havia uma depressão que muitas vezes ficava cheia de água e lama depois da chuva; uma grande pedra havia sido colocada no centro para permitir que as pessoas atravessassem com mais facilidade.

Quando Jesus chegou a esse lugar, suas forças estavam completamente esgotadas; ele era inteiramente incapaz de se mover; e, como os arqueiros o arrastavam e empurravam sem demonstrar a menor compaixão, caiu por terra contra essa pedra, e a cruz caiu ao seu lado.

Os cruéis carrascos foram obrigados a parar; insultaram-no e bateram nele sem piedade, mas toda a procissão parou, o que causou certa confusão. Em vão ele estendeu a mão para que alguém o ajudasse a se levantar: 'Ah!', exclamou, 'logo tudo estará terminado'; e rezou por seus inimigos. 'Levantem-no', disseram os fariseus, 'caso contrário, ele morrerá em nossas mãos.' Havia muitas mulheres e crianças seguindo a procissão; as mulheres choravam, e as crianças estavam assustadas.

Jesus, porém, recebeu auxílio do alto e ergueu a cabeça; mas aqueles homens cruéis, longe de procurarem aliviar seus sofrimentos, colocaram novamente a coroa de espinhos em sua cabeça antes de puxá-lo para fora da lama, e, assim que ele ficou de pé outra vez, recolocaram a cruz em suas costas.

A coroa de espinhos que lhe cercava a cabeça aumentava sua dor de maneira indescritível e o obrigava a se inclinar para um lado para dar lugar à cruz, que pesava sobre seus ombros.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

32 — A SEGUNDA QUEDA DE JESUS

✦

A aflita Mãe de Jesus havia deixado o fórum, acompanhada de João e de algumas outras mulheres, logo depois de ser pronunciada a sentença injusta. Ela se ocupara em percorrer muitos dos lugares santificados por nosso Senhor e regá-los com suas lágrimas; mas, quando o som da trombeta, a correria do povo e o ruído dos cavaleiros anunciaram que o cortejo estava prestes a partir para o Calvário, ela não pôde resistir ao desejo ardente de ver seu amado Filho mais uma vez e implorou a João que a levasse a algum lugar por onde ele tivesse de passar.

João a conduziu a um palácio que tinha uma entrada naquela rua que Jesus percorreu depois de sua primeira queda; era, creio eu, a residência do sumo sacerdote Caifás, cujo tribunal ficava na região chamada Sião. João pediu e obteve de um servo bondoso permissão para ficar à entrada mencionada acima, com Maria e suas companheiras.

A Mãe de Deus estava pálida, seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, e ela estava bem envolta num manto de cor cinza-azulada. Podiam-se ouvir claramente o clamor e as palavras insultuosas da multidão enfurecida; e, naquele momento, um arauto proclamou em voz alta que três criminosos estavam prestes a ser crucificados.

O servo abriu a porta; os sons terríveis se tornavam mais nítidos a cada instante; e Maria se lançou de joelhos. Depois de rezar fervorosamente, voltou-se para João e disse: 'Devo ficar? Devo ir embora?

Terei forças para suportar tal visão?' João respondeu: 'Se você não ficar para vê-lo passar, vai se lamentar depois.' Permaneceram, portanto, perto da porta, com os olhos fixos no cortejo, que ainda estava distante, mas avançava lentamente.

Quando se aproximaram aqueles que levavam os instrumentos da execução, e a Mãe de Jesus viu seus olhares insolentes e triunfantes, ela não pôde conter seus sentimentos e juntou as mãos como que para implorar a ajuda do céu; então um deles disse aos companheiros: 'Quem é essa mulher que se lamenta tanto?' Outro respondeu: 'É a Mãe do Galileu.' Quando aqueles homens cruéis ouviram isso, longe de se comoverem, começaram a zombar da dor dessa Mãe tão aflita: apontavam para ela, e um deles pegou os pregos que seriam usados para prender Jesus à cruz e os mostrou a ela de maneira insultuosa; mas ela se virou, fixou os olhos em Jesus, que se aproximava, e se apoiou na coluna para não desmaiar novamente de dor, pois suas faces estavam pálidas como a morte, e seus lábios, quase azuis.

Os fariseus a cavalo passaram primeiro, seguidos pelo menino que levava a inscrição. Então veio seu amado Filho. Ele quase sucumbia sob o grande peso de sua cruz, e sua cabeça, ainda coroada de espinhos, pendia em agonia sobre o ombro. Ele lançou à sua Mãe um olhar de compaixão e tristeza, cambaleou e caiu pela segunda vez sobre as mãos e os joelhos.

Maria ficou tomada de angústia diante dessa cena; esqueceu tudo o mais; não viu soldados nem carrascos; não viu nada além de seu Filho tão amado; e, saindo de um salto da entrada para o meio do grupo que o insultava e maltratava, lançou-se de joelhos ao lado dele e o abraçou.

As únicas palavras que ouvi foram: 'Filho amado!' e 'Mãe!', mas não sei se essas palavras foram realmente pronunciadas ou se estavam apenas em minha mente.

Seguiu-se uma confusão momentânea. João e as santas mulheres tentaram levantar Maria do chão, e os arqueiros a repreenderam, dizendo um deles: 'O que você tem a fazer aqui, mulher? Ele não estaria em nossas mãos se tivesse sido mais bem-educado.'

Alguns dos soldados pareceram comovidos; e, embora obrigassem a Santíssima Virgem a voltar para a entrada, nenhum deles pôs as mãos nela. João e as mulheres a cercaram quando ela caiu quase desmaiada contra uma pedra que ficava perto da entrada e na qual permaneceu a marca de suas mãos.

Essa pedra era muito dura e, mais tarde, foi levada para a primeira igreja católica construída em Jerusalém, perto da piscina de Betsaida, na época em que São Tiago Menor era bispo daquela cidade. Os dois discípulos que estavam com a Mãe de Jesus a levaram para dentro da casa, e a porta foi fechada.

Enquanto isso, os arqueiros haviam levantado Jesus e o obrigado a carregar a cruz de outra maneira. Como o braço da cruz havia se soltado do centro e se enredado nas cordas com que ele estava amarrado, ele os sustentava sobre o braço, e assim o peso do corpo da cruz era um pouco aliviado, pois ela se arrastava mais pelo chão.

Vi muitas pessoas reunidas em grupos, a maior parte se divertindo ao insultar nosso Senhor de diversas maneiras, mas algumas mulheres cobertas com véus choravam.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

33 — SIMÃO DE CIRENE. TERCEIRA QUEDA DE JESUS

✦

O cortejo havia chegado a um arco formado numa antiga muralha da cidade, em frente a uma praça para a qual convergiam três ruas, quando Jesus tropeçou numa grande pedra que estava no meio da passagem sob o arco; a cruz escorregou de seu ombro, ele caiu sobre a pedra e ficou completamente incapaz de se levantar.

Muitas pessoas de aparência respeitável que iam para o Templo pararam e exclamaram com compaixão: 'Olhem para aquele pobre homem, ele certamente está morrendo!', mas seus inimigos não demonstraram compaixão.

Essa queda causou um novo atraso, pois nosso Senhor não conseguia se pôr de pé novamente, e os fariseus disseram aos soldados: 'Nunca o levaremos vivo ao lugar da execução se vocês não encontrarem alguém para carregar sua cruz.' Nesse momento, Simão de Cirene, um pagão, passou por acaso, acompanhado de seus três filhos.

Ele era jardineiro e estava voltando para casa depois de trabalhar num jardim perto da muralha oriental da cidade, carregando um feixe de galhos podados. Os soldados, percebendo por suas roupas que ele era pagão, o agarraram e lhe ordenaram que ajudasse Jesus a carregar a cruz.

Ele recusou a princípio, mas logo foi obrigado a obedecer, embora seus filhos, assustados, chorassem e fizessem muito barulho; então algumas mulheres os acalmaram e ficaram cuidando deles.

Simão estava muito contrariado e demonstrava enorme irritação por ser obrigado a caminhar com um homem em tão deplorável estado de sujeira e miséria; mas Jesus chorou e lhe lançou um olhar tão manso e celestial que ele se comoveu e, em vez de continuar demonstrando resistência, ajudou-o a se levantar, enquanto os carrascos prendiam um dos braços da cruz sobre seus ombros.

Ele caminhou atrás de nosso Senhor, aliviando-o assim de grande parte do peso; e, quando tudo ficou arranjado, o cortejo seguiu adiante. Simão era um homem de aparência robusta, que parecia ter cerca de quarenta anos.

Seus filhos vestiam túnicas feitas de um tecido de várias cores; os dois mais velhos, chamados Rufo e Alexandre, mais tarde se juntaram aos discípulos; o terceiro era muito mais novo, mas, alguns anos depois, foi morar com Santo Estêvão. Simão mal começara a carregar a cruz atrás de Jesus quando sentiu seu coração profundamente tocado pela graça.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

34 — O VÉU DE VERÔNICA

✦

Enquanto o cortejo passava por uma longa rua, ocorreu um incidente que causou forte impressão em Simão. Muitas pessoas respeitáveis se apressavam em direção ao Templo; várias delas se afastavam do caminho ao ver Jesus, por um temor farisaico de se tornarem impuras, enquanto outras, pelo contrário, paravam e demonstravam compaixão por seus sofrimentos.

Mas, quando o cortejo havia avançado cerca de duzentos passos desde o lugar onde Simão começara a ajudar nosso Senhor a carregar sua cruz, a porta de uma bela casa à esquerda se abriu, e uma mulher de aparência majestosa saiu, levando uma menina pela mão, e foi até a frente do cortejo.

Serápia era o nome da corajosa mulher que assim ousou enfrentar a multidão enfurecida; era esposa de Sirac, um dos conselheiros ligados ao Templo, e mais tarde ficou conhecida pelo nome de Verônica, nome formado pelas palavras vera icon (retrato verdadeiro), em memória de sua corajosa conduta nesse dia.

Serápia havia preparado um excelente vinho aromático, que piedosamente pretendia oferecer a nosso Senhor para revigorá-lo em seu doloroso caminho até o Calvário. Ficara algum tempo na rua e, por fim, voltara para dentro de casa para esperar.

Quando a vi pela primeira vez, estava envolta em um longo véu e segurava pela mão uma menina de nove anos que havia adotado; um grande véu

também pendia de seu braço, e a menina tentava esconder a jarra de vinho quando o cortejo se aproximou.

Os que marchavam à frente do cortejo tentaram empurrá-la para trás; mas ela abriu caminho entre a multidão, os soldados e os arqueiros, chegou até Jesus, caiu de joelhos diante dele e lhe apresentou o véu, dizendo ao mesmo tempo: 'Permita-me enxugar o rosto do meu Senhor.' Jesus pegou o véu com a mão esquerda, enxugou o rosto ensanguentado e o devolveu com agradecimentos.

Serápia o beijou e o colocou sob seu manto. A menina então ofereceu timidamente o vinho, mas os soldados brutais não permitiram que Jesus o bebesse. O ato repentino e corajoso de Serápia surpreendera os guardas e provocara uma breve parada, embora involuntária, da qual ela se aproveitara para apresentar o véu a seu Divino Mestre.

Tanto os fariseus quanto os guardas ficaram muito irritados, não apenas pela parada repentina, mas ainda mais pelo testemunho público de veneração assim prestado a Jesus, e se vingaram batendo nele e o insultando, enquanto Serápia voltava às pressas para casa.

Assim que chegou ao quarto, ela colocou o véu de lã sobre uma mesa e caiu de joelhos, quase sem sentidos. Um amigo que entrou no quarto pouco depois a encontrou assim ajoelhada, com a criança chorando a seu lado, e viu, para seu espanto, o rosto ensanguentado de nosso Senhor impresso no véu, uma imagem perfeita, embora dilacerante e dolorosa de contemplar.

Ele despertou Serápia de seu estado e apontou para o véu. Ela se ajoelhou novamente diante dele e exclamou entre lágrimas: 'Agora, de fato, deixarei

tudo com o coração feliz, pois meu Senhor me deu uma lembrança de si mesmo.' O tecido desse véu era uma espécie de lã muito fina; seu comprimento era três vezes a largura, e geralmente era usado sobre os ombros.

Era costume oferecer esses véus a pessoas aflitas, muito cansadas ou doentes, para que pudessem enxugar o rosto com eles, e isso era feito como expressão de solidariedade ou compaixão. Verônica guardou esse véu até sua morte e o pendurou à cabeceira de sua cama; depois, ele foi entregue à Santíssima Virgem, que o deixou aos Apóstolos, e estes mais tarde o passaram à Igreja.

Serápis e João Batista eram primos, pois o pai dela e Zacarias eram irmãos. Quando Joaquim e Ana levaram a Santíssima Virgem, que então tinha apenas quatro anos, a Jerusalém para colocá-la entre as virgens do Templo, hospedaram-se na casa de Zacarias, situada perto do mercado de peixes.

Serápia era pelo menos cinco anos mais velha que a Santíssima Virgem, esteve presente em seu casamento com São José e também era parente do velho Simeão, que profetizou quando o Menino Jesus foi colocado em seus braços. Ela foi criada com os filhos dele, e Simeão transmitiu a ambos, assim como a Serápia, seu ardente desejo de ver nosso Senhor.

Quando Jesus tinha doze anos e permaneceu ensinando no Templo, Serápia, que ainda não era casada, enviava todos os dias comida para ele a uma pequena hospedaria, a um quarto de milha de Jerusalém, onde ele ficava quando não estava no Templo. Maria ficou ali por dois dias, quando ia de Belém a Jerusalém para apresentar seu Filho no Templo.

Os dois velhos que mantinham essa hospedaria eram essênios e conheciam bem a Sagrada Família; ali havia uma espécie de instituição de amparo aos pobres, e Jesus e seus discípulos muitas vezes iam lá para passar a noite.

Serápia se casou um tanto tarde; seu marido, Sirac, descendia da casta Susana e era membro do Sinédrio. A princípio, ele se opunha fortemente a nosso Senhor, e sua esposa sofreu muito por causa de sua ligação com Jesus e com as santas mulheres, mas José de Arimateia e Nicodemos o levaram a uma disposição mais favorável, e ele permitiu que Serápia seguisse nosso Senhor.

Quando Jesus foi acusado injustamente no tribunal de Caifás, o marido de Serápia se uniu a José e Nicodemos nas tentativas de obter a libertação de nosso Senhor, e os três renunciaram a seus lugares no Conselho.

Serápia tinha cerca de cinquenta anos na época do cortejo triunfal de nosso Senhor, quando ele entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos, e então eu a vi tirar o véu e estendê-lo no chão para que ele passasse por cima. Foi esse mesmo véu que ela apresentou a Jesus neste seu segundo cortejo, um cortejo que exteriormente parecia muito menos glorioso, mas que de fato era muito mais. Esse véu lhe valeu o nome de Verônica e ainda é exposto à veneração dos fiéis.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

35 — A QUARTA E A QUINTA QUEDAS DE JESUS

✦

As Filhas de Jerusalém.

O cortejo ainda estava a certa distância da porta sudoeste, que era grande e fazia parte das fortificações, e a rua era irregular e íngreme; primeiro, ele precisava passar sob um arco abobadado, depois por uma ponte e, por fim, sob um segundo arco.

A muralha à esquerda da porta segue primeiro em direção ao sul, depois se desvia um pouco para o oeste e, por fim, segue para o sul, atrás do monte Sião. Quando o cortejo estava perto dessa porta, os arqueiros brutais empurraram Jesus para uma poça de água estagnada que ficava junto dela; Simão de Cirene, ao tentar evitar a poça, torceu a cruz, o que fez Jesus cair pela quarta vez no meio da lama imunda, e Simão teve enorme dificuldade para erguer a cruz novamente.

Jesus então exclamou em um tom que, embora claro, era comovente e triste: 'Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis reunir seus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos debaixo das asas, e você não quis!' Quando os fariseus ouviram essas palavras, ficaram ainda mais furiosos e, recomeçando os insultos e os golpes, tentaram obrigá-lo a se levantar da lama.

A crueldade deles para com Jesus indignou tanto Simão de Cirene que ele por fim exclamou: 'Se continuarem com essa brutalidade, jogarei a cruz no

chão e não a levarei mais adiante. Farei isso mesmo que vocês me matem por causa disso.'

Assim que se passava pela porta, via-se um caminho estreito e pedregoso, que seguia em direção ao norte e levava ao Calvário. A estrada principal, da qual ele se separa, dividia-se pouco depois em três ramais: um para o sudoeste, que levava a Belém pelo vale de Giom; um segundo para o sul, em direção a Emaús e Jope; e um terceiro, também para o sudoeste, que contornava o Calvário e terminava na porta que levava a Betsur.

Uma pessoa que estivesse na porta pela qual Jesus foi conduzido podia ver facilmente a porta de Belém. Os oficiais haviam fixado uma inscrição em um poste no início do caminho para o Calvário, para informar aos que passavam que Jesus e os dois ladrões haviam sido condenados à morte.

Um grupo de mulheres havia se reunido perto desse lugar, chorando e se lamentando; muitas levavam crianças pequenas nos braços; a maior parte era de moças e mulheres de Jerusalém que haviam ido à frente do cortejo, mas algumas vinham de Belém, de Hebrom e de outros lugares vizinhos para celebrar a Páscoa.

Jesus estava prestes a cair novamente, mas Simão, que vinha atrás, percebendo que ele não conseguia se manter em pé, apressou-se em ampará-lo; ele se apoiou em Simão e assim foi impedido de cair no chão.

Quando as mulheres e as crianças de quem falamos acima viram o estado deplorável a que nosso Senhor estava reduzido, soltaram altos gritos, choraram e, segundo o costume judaico, ofereceram-lhe panos para enxugar o

rosto. Jesus se voltou para elas e disse: 'Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas chorem por vocês mesmas e por seus filhos.

Pois vejam, virão dias em que dirão: Felizes as estéreis, os ventres que não geraram e os seios que não amamentaram. Então começarão a dizer às montanhas: Caiam sobre nós, e às colinas: Cubram-nos. Pois, se fazem essas coisas com a madeira verde, o que será feito com a seca?' Em seguida, dirigiu-lhes algumas palavras de consolo, das quais não me lembro exatamente.

O cortejo fez uma breve parada. Os carrascos, que haviam partido primeiro, tinham chegado ao Calvário com os instrumentos para a execução e eram seguidos por cem dos soldados romanos que haviam saído com Pilatos; ele acompanhou o cortejo apenas até a passagem da porta e voltou à cidade.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

36 — JESUS NO MONTE GÓLGOTA

✦

Sexta e sétima quedas de Jesus.

O cortejo voltou a avançar; o caminho entre as muralhas da cidade e o Calvário era muito íngreme e irregular, e Jesus tinha enorme dificuldade para andar com seu pesado fardo sobre os ombros; mas seus cruéis inimigos, longe de sentirem a menor compaixão ou de prestarem a mínima ajuda, continuavam a fazê-lo avançar com golpes violentos e maldições terríveis.

Por fim, chegaram a um ponto onde o caminho virava subitamente para o sul; ali ele tropeçou e caiu pela sexta vez. A queda foi terrível, mas os guardas apenas o golpearam com mais força para obrigá-lo a se levantar, e mal chegou ao Calvário, ele tornou a cair, pela sétima vez.

Simão de Cirene estava cheio de indignação e piedade; apesar do cansaço, desejava ficar para ajudar Jesus, mas os arqueiros primeiro o insultaram e depois o expulsaram, e pouco depois ele se juntou ao grupo dos discípulos.

Os carrascos então mandaram embora os trabalhadores e os meninos que haviam carregado os instrumentos da execução, e logo chegaram os fariseus, pois estavam a cavalo e haviam tomado o caminho plano e fácil que passava a leste do Calvário. Do alto do Calvário havia uma bela vista de toda a cidade de Jerusalém.

Esse topo era circular, aproximadamente do tamanho de uma pista comum de equitação, cercado por um muro baixo e com cinco entradas separadas. Esse parecia ser o número habitual naquelas regiões, pois havia cinco cami-

nhos nos banhos, no lugar onde batizavam, no tanque de Betsaida, e também havia muitas cidades com cinco portas.

Nisso, como em muitas outras particularidades da Terra Santa, havia um profundo significado profético; aquele número cinco, que aparecia tantas vezes, era uma figura das cinco chagas sagradas de nosso bendito Salvador, que nos abririam as portas do Céu.

Os cavaleiros pararam no lado oeste do monte, onde a encosta era menos íngreme; pois o lado pelo qual os condenados eram trazidos era tanto irregular quanto íngreme.

Cerca de cem soldados estavam posicionados em diferentes partes do monte e, como era preciso espaço, os ladrões não foram levados ao topo, mas receberam ordem de parar antes de alcançá-lo e de se deitar no chão com os braços presos às suas cruzes.

Soldados os cercavam e vigiavam, enquanto multidões de pessoas que não temiam se tornar impuras ficavam perto da plataforma ou nas elevações vizinhas; eram, em sua maioria, das classes mais baixas — estrangeiros, escravos e pagãos —, e entre elas havia muitas mulheres.

Faltava cerca de um quarto para o meio-dia quando Jesus, carregando sua cruz, caiu exatamente no lugar onde seria crucificado. Os bárbaros carrascos o ergueram puxando as cordas que haviam prendido ao redor de sua cintura, depois desamarraram os braços da cruz e os jogaram no chão.

A visão de nosso bendito Senhor naquele momento era, de fato, capaz de despertar compaixão no coração mais duro; ele estava de pé, ou melhor, curvado sobre a cruz, mal conseguindo se sustentar; seu semblante celestial

estava pálido como o de alguém à beira da morte, embora as feridas e o sangue o desfigurassem de maneira assustadora; mas os corações daqueles homens cruéis eram, ai de nós, mais duros que o próprio ferro e, longe de demonstrarem a menor compaixão, eles o jogaram brutalmente no chão, exclamando em tom de zombaria: 'Poderosíssimo rei, vamos preparar o teu trono.'

Jesus imediatamente se deitou sobre a cruz, e eles tiraram suas medidas e marcaram os lugares para seus pés e suas mãos, enquanto os fariseus continuavam a insultar sua Vítima, que não oferecia resistência.

Quando terminaram de tirar as medidas, levaram-no a uma gruta escavada na rocha, que antes servira de adega, abriram a porta e o empurraram para dentro com tamanha violência que, se não fosse pelo amparo dos anjos, suas pernas teriam se quebrado com uma queda tão forte sobre o chão de pedra irregular.

Ouvi com toda a clareza seus gemidos de dor, mas eles fecharam rapidamente a porta e colocaram guardas diante dela, e os arqueiros continuaram seus preparativos para a crucificação. O centro da plataforma mencionada acima era a parte mais elevada do Calvário — uma elevação redonda, de cerca de dois pés de altura, e era preciso subir dois ou três degraus para chegar ao topo.

Os carrascos cavaram os buracos para as três cruzes no alto dessa elevação e dispuseram as destinadas aos ladrões, uma à direita e outra à esquerda da de nosso Senhor; ambas eram mais baixas e feitas de maneira mais grosseira que a dele.

Depois levaram a cruz de nosso Salvador ao lugar onde pretendiam crucificá-lo e a colocaram numa posição em que ela pudesse cair facilmente no buraco preparado para ela.

Prenderam firmemente os dois braços ao corpo da cruz, pregaram na parte de baixo a tábua que sustentaria os pés, perfuraram os buracos para os pregos e fizeram várias cavidades na madeira, nas partes que receberiam a cabeça e as costas de nosso Senhor, para que seu corpo pudesse se apoiar na cruz, em vez de ficar suspenso nela.

Seu objetivo era prolongar seus tormentos, pois, se todo o peso de seu corpo recaísse sobre as mãos, os buracos poderiam se rasgar por completo, e a morte viria mais depressa do que desejavam. Os carrascos então fincaram no chão as peças de madeira destinadas a manter a cruz em pé e fizeram alguns outros preparativos semelhantes.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

37 — A PARTIDA DE MARIA E DAS SANTAS MULHERES DO CALVÁRIO

✦

Embora a Santíssima Virgem tivesse sido levada desmaiada após o triste encontro com seu Filho carregando a cruz, logo recuperou a consciência; pois o amor e o desejo ardente de vê-lo mais uma vez lhe deram uma sensação sobrenatural de força.

Acompanhada de suas companheiras, foi à casa de Lázaro, que ficava na parte baixa da cidade e onde Marta, Madalena e muitas santas mulheres já estavam reunidas. Todas estavam tristes e abatidas, mas Madalena não conseguia conter as lágrimas e as lamentações.

Saíram dessa casa, em número de cerca de dezessete, para fazer o caminho da cruz, isto é, seguir cada passo que Jesus dera nessa jornada tão dolorosa. Maria contava cada passo e, iluminada interiormente, indicava às suas companheiras os lugares que haviam sido consagrados por sofrimentos particulares.

Foi então que a espada afiada, anunciada pelo idoso Simeão, gravou pela primeira vez no coração de Maria aquela comovente devoção que, desde então, tem sido praticada com tanta constância na Igreja.

Maria a transmitiu às suas companheiras, e elas, por sua vez, a deixaram às gerações futuras — um dom verdadeiramente precioso, concedido por nosso Senhor à sua amada Mãe, e que passou do coração dela para os corações de seus filhos pela venerada voz da tradição.

Quando essas santas mulheres chegaram à casa de Verônica, entraram, porque Pilatos e seus oficiais estavam naquele momento passando pela rua, a caminho de casa. Elas irromperam em lágrimas incontidas ao verem o semblante de Jesus impresso no véu e deram graças a Deus pelo favor que concedera à sua fiel serva.

Pegaram a jarra de vinho aromático que os judeus haviam impedido Jesus de beber e partiram juntas em direção ao Gólgota. Seu número havia aumentado consideravelmente, pois muitos homens e mulheres piedosos, que os sofrimentos de nosso Senhor haviam enchido de compaixão, tinham se juntado a elas, e subiram pelo lado oeste do Calvário, onde a encosta era menos íngreme.

A Mãe de Jesus, acompanhada por sua sobrinha Maria, filha de Cléofas, por João e por Salomé, foi até a plataforma circular; mas Marta, Maria de Heli, Verônica, Joana de Cuza, Susana e Maria, a mãe de Marcos, ficaram mais abaixo com Madalena, que mal conseguia se sustentar.

Mais abaixo no monte havia um terceiro grupo de santas mulheres, e algumas pessoas espalhadas entre os três grupos levavam mensagens de um para outro. Os fariseus a cavalo iam de um lado para outro entre o povo, e as cinco entradas eram guardadas por soldados romanos.

Maria mantinha os olhos fixos no lugar fatal e permanecia como que em transe — era, de fato, uma visão capaz de aterrorizar e despedaçar o coração de uma mãe. Ali estavam a terrível cruz, os martelos, as cordas, os pregos e, ao lado desses assustadores instrumentos de tortura, os brutais carrascos, meio bêbados e quase sem roupa, praguejando e blasfemando enquanto faziam seus preparativos.

Os sofrimentos da Santíssima Virgem aumentavam muito por ela não poder ver seu Filho; sabia que ele ainda estava vivo e sentia o mais ardente desejo de vê-lo mais uma vez, enquanto o pensamento nos tormentos que ele ainda teria de suportar fazia seu coração quase explodir de dor.

Um pouco de granizo havia caído de tempos em tempos durante a manhã, mas o sol voltou a aparecer depois das dez horas, e uma espessa névoa vermelha começou a encobri-lo perto do meio-dia.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

38 — JESUS É PREGADO NA CRUZ

✦

Terminados os preparativos para a crucificação, quatro arqueiros foram à gruta onde haviam prendido nosso Senhor e o arrastaram para fora com sua brutalidade habitual, enquanto a multidão observava e proferia insultos, e os soldados romanos olhavam tudo com indiferença, preocupados apenas em manter a ordem.

Quando Jesus foi novamente trazido para fora, as santas mulheres deram algum dinheiro a um homem e lhe pediram que pagasse ao arqueiro o que exigissem, se permitissem que Jesus bebesse o vinho que Verônica havia preparado; mas os cruéis carrascos, em vez de dá-lo a Jesus, beberam-no eles mesmos.

Haviam trazido duas vasilhas, uma das quais continha vinagre e fel, e a outra uma mistura que parecia vinho com mirra e absinto; ofereceram a nosso Senhor um copo desta última, que ele provou, mas não quis beber.

Havia dezoito arqueiros na plataforma: os seis que haviam açoitado Jesus, os quatro que o haviam conduzido ao Calvário, os dois que seguravam as cordas que sustentavam a cruz e outros seis que vieram para crucificá-lo. Eram estrangeiros a serviço dos judeus ou dos romanos, homens baixos e robustos, de feições extremamente ferozes, que mais pareciam feras do que seres humanos e se ocupavam alternadamente em beber e fazer os preparativos para a crucificação.

Essa cena se tornava ainda mais assustadora para mim pela visão de demônios, invisíveis aos outros; vi grandes grupos de espíritos malignos sob a forma de sapos, serpentes, dragões de garras afiadas e insetos venenosos, que incitavam aqueles homens perversos a uma crueldade ainda maior e escureciam completamente o ar.

Eles se introduziam na boca e no coração dos que ali ajudavam, sentavam-se sobre seus ombros, enchiam sua mente de imagens perversas e os incitavam a injuriar e insultar nosso Senhor com brutalidade ainda maior.

Anjos chorosos, porém, estavam ao redor de Jesus, e a visão de suas lágrimas me trouxe grande consolo; eles eram acompanhados por pequenos anjos de glória, dos quais eu via apenas as cabeças.

Havia também entre eles anjos de compaixão e anjos de consolação; estes últimos se aproximavam frequentemente da Santíssima Virgem e das demais pessoas piedosas ali reunidas e sussurravam palavras de conforto que lhes permitiam suportar tudo com firmeza.

Os carrascos logo arrancaram o manto de nosso Senhor, o cinto ao qual estavam presas as cordas e o próprio cinto dele; então perceberam que era impossível passar por sua cabeça a veste de lã que sua Mãe lhe havia tecido, por causa da coroa de espinhos.

Arrancaram essa coroa tão dolorosa, reabrindo assim todas as feridas, e, agarrando a veste, puxaram-na sem piedade por cima de sua cabeça ferida e ensanguentada. Nosso querido Senhor e Salvador ficou então diante de seus cruéis inimigos, despido de tudo, exceto do curto escapulário que trazia sobre os ombros e do pano de linho que lhe cingia os quadris.

Seu escapulário era de lã; a lã havia grudado nas feridas, e foi indescritível a agonia que sofreu quando o arrancaram com brutalidade. Ele tremia como a folha de um álamo diante deles, pois estava tão enfraquecido pelo sofrimento e pela perda de sangue que não conseguia se sustentar por mais que alguns instantes; estava coberto de feridas abertas, e seus ombros e suas costas haviam sido dilacerados até os ossos pelos terríveis açoites que suportara.

Estava prestes a cair quando os carrascos, temendo que morresse e assim os privasse do prazer bárbaro de crucificá-lo, levaram-no até uma grande pedra e o fizeram sentar-se nela com brutalidade; mas, assim que se sentou, agravaram seus sofrimentos colocando novamente a coroa de espinhos sobre sua cabeça.

Ofereceram-lhe então um pouco de vinagre e fel, dos quais, porém, ele se afastou em silêncio. Os carrascos não o deixaram descansar por muito tempo, mas mandaram que se levantasse e se deitasse sobre a cruz para que pudessem pregá-lo nela.

Então, agarrando seu braço direito, arrastaram-no até o buraco preparado para o prego e, depois de amarrá-lo firmemente com uma corda, um deles se ajoelhou sobre seu peito sagrado, um segundo manteve sua mão espalmada e um terceiro, pegando um prego longo e grosso, pressionou-o contra a palma aberta daquela mão adorável, que sempre estivera aberta para conceder bênçãos e favores aos judeus ingratos, e com um grande martelo de ferro o cravou através da carne, profundamente na madeira da cruz.

Nosso Senhor soltou um único gemido profundo, mas contido, e seu sangue jorrou e salpicou os braços dos arqueiros. Contei as marteladas, mas

minha extrema aflição me fez esquecer seu número. Os pregos eram muito grandes, com a cabeça do tamanho aproximado de uma moeda de uma coroa e a espessura do polegar de um homem, e suas pontas atravessavam a parte de trás da cruz.

A Santíssima Virgem permanecia imóvel; de vez em quando era possível distinguir seus gemidos de dor; ela parecia quase desmaiar de tristeza, e Madalena estava completamente fora de si.

Quando os carrascos terminaram de pregar a mão direita de nosso Senhor, perceberam que sua mão esquerda não alcançava o buraco que haviam feito para receber o prego; por isso amarraram cordas em seu braço esquerdo e, firmando os pés contra a cruz, puxaram violentamente sua mão esquerda até que alcançasse o lugar preparado para ela.

Esse terrível procedimento causou a nosso Senhor uma agonia indescritível; seu peito arfava e suas pernas estavam inteiramente contraídas. Ajoelharam-se novamente sobre ele, amarraram seus braços e cravaram o segundo prego em sua mão esquerda; seu sangue voltou a correr, e seus fracos gemidos foram ouvidos mais uma vez entre as marteladas, mas nada podia despertar a menor piedade naqueles carrascos de coração endurecido.

Os braços de Jesus, assim esticados de maneira contrária à natureza, já não cobriam os braços da cruz, que eram inclinados; havia um grande espaço entre eles e suas axilas.

Cada nova tortura e cada insulto infligidos a nosso Senhor causavam uma nova pontada de dor no coração de sua Santíssima Mãe; ela ficou branca como um cadáver, mas, como os fariseus procuravam aumentar sua dor

com palavras e gestos insultuosos, os discípulos a levaram até um grupo de mulheres piedosas que estavam um pouco mais afastadas.

Os carrascos haviam fixado um pedaço de madeira na parte inferior da cruz, abaixo do lugar onde os pés de Jesus seriam pregados, para que o peso de seu corpo não se apoiasse sobre as feridas de suas mãos e também para impedir que os ossos de seus pés se quebrassem ao serem pregados à cruz.

Haviam feito um buraco nessa madeira para receber o prego depois que atravessasse seus pés, e havia também uma pequena cavidade para seus calcanhares. Essas precauções foram tomadas para que suas feridas não se abrissem com o peso de seu corpo e a morte não sobreviesse antes que ele sofresse todas as torturas que esperavam vê-lo suportar.

Todo o corpo de nosso Senhor havia sido arrastado para cima e contraído pela violência com que os carrascos haviam esticado seus braços, e seus joelhos estavam dobrados; por isso eles os endireitaram e os amarraram firmemente com cordas; mas, percebendo logo que seus pés não alcançavam o pedaço de madeira colocado para lhes servir de apoio, ficaram furiosos.

Alguns deles propuseram fazer novos buracos para os pregos que atravessavam suas mãos, pois seria muito difícil remover o pedaço de madeira, mas os outros não quiseram fazer nada disso e continuaram a gritar: 'Ele não quer se esticar, mas nós vamos ajudá-lo'; acompanharam essas palavras com os mais terríveis palavrões e maldições e, depois de prender uma corda à sua perna direita, puxaram-na violentamente até que alcançasse a madeira, amarrando-a então com a maior firmeza possível.

A agonia que Jesus sofreu com esse estiramento violento foi indescritível; as palavras 'Meu Deus, meu Deus' escaparam de seus lábios, e os carrascos aumentaram sua dor amarrando seu peito e seus braços à cruz, para que as mãos não se desprendessem dos pregos.

Em seguida prenderam seu pé esquerdo sobre o direito, depois de primeiro abrir um buraco através deles com uma espécie de furador, pois não conseguiam colocá-los numa posição em que pudessem ser pregados juntos de uma só vez.

Depois pegaram um prego muito comprido e o cravaram inteiramente através dos dois pés, até a cruz por baixo deles; esse procedimento foi ainda mais doloroso que de costume, por estar seu corpo esticado de maneira tão contrária à natureza; contei pelo menos trinta e seis marteladas.

Durante todo o tempo da crucificação, nosso Senhor não deixou de rezar e de repetir as passagens dos Salmos que então acompanhava, embora de vez em quando se pudesse ouvir um fraco gemido causado pelo excesso de sofrimento. Assim ele havia rezado enquanto carregava sua cruz, e assim continuou a rezar até a morte.

Eu o ouvi repetir todas essas profecias; repeti-as depois dele e, desde então, muitas vezes identifiquei as diferentes passagens ao ler os Salmos, mas agora me sinto tão esgotada pela dor que não consigo de modo algum relacioná-las.

Quando a crucificação de Jesus terminou, o comandante dos soldados romanos ordenou que a inscrição de Pilatos fosse pregada no alto da cruz. Os fariseus ficaram muito indignados com isso, e sua raiva aumentou com as

zombarias dos soldados romanos, que apontavam para seu rei crucificado; por isso voltaram às pressas a Jerusalém, decididos a fazer todo o possível para convencer o governador a permitir que substituíssem a inscrição por outra.

Era cerca de meio-dia e quinze quando Jesus foi crucificado, e, no momento em que a cruz foi erguida, o Templo ressoou com o toque das trombetas, que sempre soavam para anunciar o sacrifício do Cordeiro Pascal.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

39 — A ELEVAÇÃO DA CRUZ

✦

Quando os carrascos terminaram a crucificação de nosso Senhor, amarraram cordas ao tronco da cruz e prenderam as pontas dessas cordas em torno de uma longa viga firmemente fixada no chão, a uma pequena distância, e por meio dessas cordas ergueram a cruz.

Alguns deles a sustentavam, enquanto outros empurravam sua base em direção ao buraco preparado para recebê-la — a pesada cruz caiu nesse buraco com um choque terrível — Jesus soltou um grito fraco, suas feridas se abriram da maneira mais pavorosa, seu sangue voltou a jorrar, e seus ossos parcialmente deslocados bateram uns contra os outros.

Os arqueiros empurraram a cruz para encaixá-la completamente no buraco e a fizeram tremer ainda mais ao fincarem cinco estacas ao redor para sustentá-la.

Era uma visão terrível, mas ao mesmo tempo comovente, contemplar a cruz erguida no meio da imensa multidão reunida ao redor; ali estavam não apenas soldados que insultavam, fariseus orgulhosos e a brutal multidão judaica, mas também estrangeiros de todas as partes.

O ar ressoou com aclamações e gritos de escárnio quando a viram elevar-se bem alto e, depois de oscilar por um momento no ar, cair com um forte estrondo no buraco aberto para ela na rocha.

Mas palavras de amor e compaixão ressoaram no ar naquele mesmo instante; e será preciso dizer que essas palavras, esses sons, vinham dos mais

santos entre os seres humanos — Maria — João — as santas mulheres e todos os que tinham o coração puro?

Eles se curvaram e adoraram o 'Verbo feito carne', pregado na cruz; estenderam as mãos como se desejassem prestar auxílio ao Santo dos Santos, a quem viam pregado numa cruz e em poder de seus inimigos furiosos.

Mas, quando se ouviu o som solene da queda da cruz no buraco preparado para ela na rocha, seguiu-se um silêncio de morte, e todos os corações se encheram de um sentimento indefinível de temor reverente — um sentimento nunca antes experimentado, que ninguém conseguia explicar, nem a si mesmo; todos os habitantes do inferno estremeceram de terror e deram vazão à sua raiva, procurando estimular os inimigos de Jesus a uma fúria e brutalidade ainda maiores; as almas no Limbo se encheram de alegria e esperança, pois aquele som era para elas um anúncio de felicidade, o prelúdio da chegada de seu Libertador.

Assim, a bendita cruz de nosso Senhor foi fincada pela primeira vez na terra; e bem podia ser comparada à árvore da vida no Paraíso, pois as feridas de Jesus eram como fontes sagradas, das quais fluíam quatro rios destinados tanto a purificar o mundo da maldição do pecado como a lhe dar fertilidade, para que produzisse frutos de salvação.

A elevação em que a cruz foi fincada ficava cerca de dois pés acima do terreno ao redor; os pés de Jesus estavam suficientemente próximos do chão para que seus amigos pudessem alcançá-los e beijá-los, e seu rosto estava voltado para o noroeste.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

40 — A CRUCIFICAÇÃO DOS LADRÕES

✦

Durante a crucificação de Jesus, os dois ladrões ficaram deitados no chão, a certa distância; seus braços estavam presos às cruzes nas quais seriam executados, e alguns soldados montavam guarda por perto. A acusação comprovada contra eles era a de terem assassinado uma mulher judia que viajava com seus filhos de Jerusalém para Jope.

Eles foram presos, disfarçados de ricos mercadores, num castelo em que Pilatos se hospedava ocasionalmente quando se ocupava de exercitar suas tropas, e permaneceram presos por muito tempo antes de serem levados a julgamento. O ladrão colocado à esquerda era muito mais velho que o outro; um verdadeiro malfeitor, que havia corrompido o mais jovem.

Eram comumente chamados de Dimas e Gesmas, e, como me esqueço de seus nomes verdadeiros, vou distingui-los por esses nomes, chamando o bom de Dimas e o mau de Gesmas.

Tanto um como o outro pertenciam a um bando de ladrões que infestava as fronteiras do Egito; e foi numa caverna habitada por esses ladrões que a Sagrada Família se refugiou ao fugir para o Egito, na época do massacre dos Inocentes.

A pobre criança leprosa, que foi imediatamente purificada ao ser mergulhada na água usada para lavar o menino Jesus, não era outra senão esse Dimas, e a caridade de sua mãe, ao receber e dar hospitalidade à Sagrada Fa-

mília, havia sido recompensada pela cura de seu filho; ao mesmo tempo, essa purificação exterior era um símbolo da purificação interior que mais tarde se realizou na alma de Dimas no monte Calvário, por meio daquele Sangue Sagrado que então foi derramado na cruz para nossa redenção.

Dimas nada sabia a respeito de Jesus, mas, como seu coração não estava endurecido, a visão da extrema paciência de nosso Senhor o comoveu profundamente. Quando os carrascos terminaram de erguer a cruz de Jesus, ordenaram aos ladrões que se levantassem sem demora e soltaram suas correntes para crucificá-los imediatamente, pois o céu estava ficando muito nublado e dava todos os sinais de uma tempestade próxima.

Depois de lhes darem um pouco de mirra e vinagre, tiraram suas roupas esfarrapadas, amarraram cordas em torno de seus braços e, com a ajuda de pequenas escadas, arrastaram-nos para cima, até seus lugares na cruz.

Os carrascos então amarraram os braços dos ladrões à cruz com cordas feitas de casca de árvore e prenderam da mesma maneira seus pulsos, cotovelos, joelhos e pés, apertando tanto as cordas que suas articulações estalaram e o sangue jorrou.

Eles soltaram gritos agudos, e o bom ladrão exclamou enquanto o puxavam para cima: 'Esta tortura é terrível, mas, se tivessem nos tratado como trataram o pobre galileu, já estaríamos mortos há muito tempo.'

Os carrascos haviam dividido as vestes de Jesus para sorteá-las; seu manto, estreito na parte de cima, era muito largo na parte de baixo e tinha um forro sobre o peito, formando assim um bolso entre o forro e o próprio tecido; eles arrancaram o forro, rasgaram-no em faixas e o repartiram.

Fizeram o mesmo com sua longa túnica branca, seu cinto, seu escapulário e sua roupa de baixo, que estava completamente encharcada de seu Sangue Sagrado. Como não conseguiam chegar a um acordo sobre quem ficaria com a túnica sem costura tecida por sua Mãe, que não podia ser cortada e repartida, trouxeram uma espécie de tabuleiro de xadrez marcado com figuras e estavam prestes a resolver a questão por sorteio quando um mensageiro, enviado por Nicodemos e José de Arimateia, informou que havia pessoas dispostas a comprar todas as roupas de Jesus; por isso, eles as reuniram e venderam num único embrulho. Assim os cristãos ficaram de posse dessas preciosas relíquias.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

41 — JESUS SUSPENSO NA CRUZ ENTRE DOIS LADRÕES

✦

O tremendo abalo causado pela queda da cruz no buraco preparado para ela fez com que as pontas afiadas da coroa de espinhos, que ainda estava na cabeça de nosso querido Salvador, penetrassem ainda mais profundamente em sua carne sagrada, e o sangue voltou a escorrer em torrentes, tanto dela como de suas mãos e pés.

Os arqueiros então apoiaram escadas nas laterais da cruz, subiram por elas e soltaram as cordas com que haviam amarrado nosso Senhor à cruz antes de erguê-la, por receio de que o choque rasgasse as feridas de suas mãos e pés e os pregos já não sustentassem seu corpo.

Seu sangue havia ficado, até certo ponto, estagnado pela posição horizontal e pela pressão das cordas, mas, quando elas foram retiradas, ele retomou seu curso habitual e provocou sensações tão agonizantes em suas incontáveis feridas que ele inclinou a cabeça e permaneceu como morto por mais de sete minutos.

Seguiu-se uma pausa; os carrascos estavam ocupados com a divisão de suas vestes; as trombetas do Templo já não ressoavam; e todos os participantes dessa terrível tragédia pareciam exaustos, alguns pela dor, outros pelos esforços que haviam feito para alcançar seus objetivos perversos e pela alegria que sentiam agora por terem finalmente conseguido provocar a morte daquele a quem havia tanto tempo invejavam.

Com sentimentos misturados de medo e compaixão, voltei meus olhos para Jesus — Jesus, meu Redentor — o Redentor do mundo. Eu o vi imóvel e quase sem vida. Senti como se eu mesma fosse morrer; meu coração estava tomado pela dor, pelo amor e pelo horror; minha mente estava meio perdida, minhas mãos e meus pés ardiam com um calor febril; cada veia, nervo e membro era atormentado por uma dor inexprimível; eu não via nada com clareza, a não ser meu amado Esposo suspenso na cruz.

Contemplei seu rosto desfigurado, sua cabeça cercada por aquela terrível coroa de espinhos, que o impedia de erguê-la, mesmo por um instante, sem o mais intenso sofrimento, sua boca ressecada e entreaberta pela exaustão, e seus cabelos e sua barba cobertos de sangue coagulado.

Seu peito estava dilacerado por marcas de açoites e feridas, e seus cotovelos, pulsos e ombros estavam tão violentamente esticados que quase se deslocavam; o sangue escorria sem cessar das feridas abertas de suas mãos, e a carne estava tão arrancada de suas costelas que quase se podia contá-las.

Suas pernas e coxas, assim como seus braços, estavam esticados quase a ponto de se deslocarem, a carne e os músculos tão inteiramente expostos que cada osso era visível, e todo o seu corpo estava coberto de feridas negras, verdes e fétidas.

O sangue que fluía de suas feridas era vermelho no início, mas aos poucos ficou claro e aquoso, e todo o seu corpo tinha a aparência de um cadáver pronto para o sepultamento.

E, no entanto, apesar das horríveis feridas que o cobriam, apesar do estado de humilhação a que estava reduzido, ainda permanecia aquela expressão

indescritível de dignidade e bondade que sempre enchera de temor reverente todos os que o contemplavam.

A pele de nosso Senhor era clara, como a de Maria, e levemente rosada; mas a exposição ao tempo durante os últimos três anos o havia bronzeado bastante. Seu peito era largo, mas não peludo como o de São João Batista; seus ombros eram largos, e seus braços e coxas, musculosos; seus joelhos eram fortes e endurecidos, como costuma acontecer com quem anda muito ou passa muito tempo ajoelhado, e suas pernas eram longas, com músculos muito fortes; seus pés eram bem formados, e suas mãos eram belas, com dedos longos que se afinavam nas pontas e que, embora não fossem delicados como os de uma mulher, tampouco se pareciam com os de um homem que tivesse feito trabalho pesado.

Seu pescoço era um tanto longo, com uma cabeça bem assentada e de belas proporções; sua testa era ampla e alta; seu rosto, oval; seus cabelos, que estavam longe de ser espessos, eram castanho-dourados, repartidos ao meio e caíam sobre seus ombros; sua barba não era muito comprida, mas pontuda e dividida sob o queixo.

Quando o contemplei na cruz, seus cabelos haviam sido quase todos arrancados, e o que restava estava emaranhado e coberto de sangue coagulado; seu corpo era uma só ferida, e cada membro parecia deslocado.

As cruzes dos dois ladrões foram colocadas, uma à direita e outra à esquerda de Jesus; havia espaço suficiente entre elas para passar um homem a cavalo. Não se pode imaginar nada mais aflitivo do que a aparência dos ladrões em suas cruzes; eles sofriam terrivelmente, e o que estava do lado esquerdo não parava de amaldiçoar e praguejar.

As cordas com que estavam amarrados eram muito apertadas e causavam grande dor; seus rostos estavam lívidos, e seus olhos, inflamados e prestes a saltar das órbitas. As cruzes dos dois ladrões eram muito mais baixas que a de nosso Senhor.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

42 — PRIMEIRA PALAVRA DE JESUS NA CRUZ

✦

Assim que os carrascos crucificaram os dois ladrões e dividiram entre si a veste de Jesus, recolheram suas ferramentas, dirigiram mais algumas palavras insultuosas a nosso Senhor e foram embora. Os fariseus também se aproximaram de Jesus a cavalo, olharam para ele com desprezo, proferiram algumas expressões ofensivas e depois deixaram o lugar.

Os soldados romanos, dos quais cem haviam sido postos ao redor do Calvário, retiraram-se em marcha, e seus lugares foram ocupados por outros cinquenta, cujo comando foi entregue a Abenadar, árabe de nascimento, que mais tarde recebeu no batismo o nome de Ctesifonte; o segundo no comando era Cássio, que, ao se tornar cristão, ficou conhecido pelo nome de Longino: Pilatos frequentemente o empregava como mensageiro.

Doze fariseus, doze saduceus, igual número de escribas e alguns anciãos, acompanhados daqueles judeus que haviam tentado convencer Pilatos a mudar a inscrição na Cruz de Jesus, aproximaram-se então: estavam furiosos, pois o governador romano lhes havia dado uma recusa categórica.

Cavalgaram ao redor da plataforma e afastaram a Santíssima Virgem, que São João conduziu até as santas mulheres. Ao passarem pela Cruz de Jesus, balançaram a cabeça com desdém para ele, exclamando ao mesmo tempo: 'Ah! Você que destrói o templo de Deus e em três dias o reconstrói, salve a si mesmo, descendo da Cruz.

Que o Cristo, o Rei de Israel, desça agora da Cruz, para que vejamos e acreditemos.' Os soldados também o ridicularizavam com suas palavras.

O rosto e todo o corpo de Jesus ficaram ainda mais pálidos: ele parecia prestes a desmaiar, e Gesmas (o mau ladrão) exclamou: 'O demônio que o possui está prestes a deixá-lo.' Um soldado então pegou uma esponja, encharcou-a de vinagre, colocou-a numa cana e a apresentou a Jesus, que pareceu beber. 'Se você é o Rei dos Judeus', disse o soldado, 'salve a si mesmo, descendo da Cruz.' Essas coisas aconteceram enquanto o primeiro grupo de soldados era substituído pelo de Abenadar.

Jesus ergueu um pouco a cabeça e disse: 'Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem.' E Gesmas gritou: 'Se você é o Cristo, salve a si mesmo e a nós.' Dimas (o bom ladrão) ficou em silêncio, mas se comoveu profundamente com a oração de Jesus por seus inimigos.

Quando Maria ouviu a voz de seu Filho, sem conseguir se conter, correu para a frente, seguida por João, Salomé e Maria de Cléofas, e se aproximou da Cruz, o que o bondoso centurião não impediu.

As orações de Jesus alcançaram para o bom ladrão uma graça muito poderosa; de repente, ele se lembrou de que Jesus e Maria o haviam curado da lepra na infância e exclamou em voz alta e clara: 'Como podem insultá-lo quando ele reza por vocês?

Ele ficou em silêncio e suportou com paciência todas as suas ofensas; ele é verdadeiramente um Profeta — ele é nosso Rei — ele é o Filho de Deus.' Essa repreensão inesperada dos lábios de um miserável malfeitor que mor-

ria numa cruz causou enorme comoção entre os espectadores; apanharam pedras e quiseram atirá-las nele, mas o centurião Abenadar não permitiu.

A Santíssima Virgem foi muito consolada e fortalecida pela oração de Jesus, e Dimas disse a Gesmas, que continuava a blasfemar contra Jesus: 'Você nem sequer teme a Deus, estando sob a mesma condenação? E nós, de fato, com justiça, pois recebemos o castigo que nossos atos merecem; mas este homem não fez mal algum.

Lembre-se de que agora está à beira da morte e se arrependa.' Ele foi iluminado e tocado: confessou seus pecados a Jesus e disse: 'Senhor, se me condenares, será com justiça.' E Jesus respondeu: 'Você conhecerá minha misericórdia.' Dimas, cheio da mais perfeita contrição, começou imediatamente a agradecer a Deus pelas grandes graças que havia recebido e a refletir sobre os muitos pecados de sua vida passada.

Todos esses acontecimentos se deram entre meio-dia e meio-dia e meia, pouco depois da crucificação; mas, durante esse tempo, uma mudança tão surpreendente havia ocorrido no aspecto da natureza que espantou os que a presenciavam e encheu suas mentes de assombro e terror.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

43 — ECLIPSE DO SOL

✦

Segunda e Terceira Palavra de Jesus na Cruz.

Um pouco de granizo havia caído por volta das dez horas — quando Pilatos pronunciava a sentença — e, depois disso, o tempo se abriu, até perto do meio-dia, quando a espessa névoa avermelhada começou a encobrir o sol. Por volta da sexta hora, segundo a maneira de contar dos judeus, o sol escureceu de repente.

Foi-me mostrada a causa exata desse fenômeno extraordinário; mas, infelizmente, esqueci parte dela, e não encontro palavras para expressar aquilo de que não me esqueci; fui, porém, elevada da terra e contemplei as estrelas e os planetas movendo-se fora de suas próprias esferas. Vi a lua como uma imensa bola de fogo que rolava como se fugisse da terra.

Então fui subitamente levada de volta a Jerusalém e contemplei a lua reaparecer atrás do Monte das Oliveiras, pálida e cheia, avançando depressa em direção ao sol, que estava fraco e encoberto por uma névoa. Vi a leste do sol um grande corpo escuro que tinha a aparência de uma montanha e que logo ocultou inteiramente o sol.

O centro desse corpo era amarelo-escuro, e ao seu redor havia um círculo vermelho, como um anel de fogo. O céu ficou mais escuro, e as estrelas pareciam lançar uma luz vermelha e sinistra.

Tanto as pessoas quanto os animais foram tomados de terror; os inimigos de Jesus pararam de insultá-lo, enquanto os fariseus tentavam apresentar

razões filosóficas para o que acontecia, mas fracassaram na tentativa e ficaram em silêncio.

Muitos foram tomados de remorso, batiam no peito e clamavam: 'Que o sangue dele caia sobre seus assassinos!' Muitos outros, tanto perto da Cruz como à distância, caíram de joelhos e imploraram o perdão de Jesus, que, em meio a seus sofrimentos, voltou para eles um olhar compassivo.

Entretanto, a escuridão continuou a aumentar, e todos, exceto Maria e os mais fiéis entre os amigos de Jesus, afastaram-se da Cruz. Dimas então ergueu a cabeça e, num tom de humildade e esperança, disse a Jesus: 'Senhor, lembra-te de mim quando entrares em teu reino.' E Jesus respondeu: 'Em verdade, eu lhe digo: hoje você estará comigo no Paraíso.' Madalena, Maria de Cléofas e João estavam perto da Cruz de nosso Senhor e olhavam para ele, enquanto a Santíssima Virgem, tomada por intensos sentimentos de amor materno, suplicava a seu Filho que lhe permitisse morrer com ele; mas ele, lançando sobre ela um olhar de ternura indescritível, voltou-se para João e disse: 'Mulher, eis o seu filho'; depois disse a João: 'Eis a sua mãe.' João olhou para seu Redentor agonizante e saudou essa mãe amada (que dali em diante considerou como sua) da maneira mais respeitosa.

A Santíssima Virgem ficou tão dominada pela dor diante dessas palavras de Jesus que quase desmaiou e foi levada pelas santas mulheres para um lugar a pouca distância da Cruz.

Não sei se Jesus realmente pronunciou essas palavras, mas senti interiormente que ele dava Maria a João como mãe, e João a Maria como filho. Em visões semelhantes, muitas vezes a pessoa toma consciência de coisas que não estão escritas, e as palavras só conseguem expressar uma parte delas,

embora, para aquele a quem são mostradas, sejam tão claras que não precisam de explicação.

Por essa razão, não me pareceu nem um pouco surpreendente que Jesus chamasse a Santíssima Virgem de 'Mulher', em vez de 'Mãe'. Senti que ele pretendia demonstrar que ela era aquela mulher mencionada nas Escrituras que esmagaria a cabeça da serpente e que aquele era o momento em que essa promessa se cumpria na morte de seu Filho.

Eu sabia que Jesus, ao dá-la como mãe a João, também a dava como mãe a todos os que creem nele, que se tornam filhos de Deus e que não nascem da carne e do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus.

Também não me pareceu surpreendente que a mais pura, a mais humilde e a mais obediente entre as mulheres, que, ao ser saudada pelo anjo como 'cheia de graça', respondeu imediatamente: 'Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra', e em cujo ventre sagrado o Verbo se fez carne naquele mesmo instante — que ela, ao ser informada por seu Filho agonizante de que se tornaria a mãe espiritual de outro filho, repetisse as mesmas palavras com humilde obediência e adotasse imediatamente como seus filhos todos os filhos de Deus, os irmãos de Jesus Cristo.

Essas coisas são muito mais fáceis de sentir pela graça de Deus do que de expressar em palavras. Lembro-me de meu Esposo celestial ter me dito certa vez: 'Tudo está gravado no coração daqueles filhos da Igreja que creem, esperam e amam.'

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

44 — O MEDO SENTIDO PELOS HABITANTES DE JERUSALÉM

✦

Quarta palavra de Jesus na Cruz.

Era cerca de uma e meia da tarde quando fui levada a Jerusalém para ver o que estava acontecendo ali. Os habitantes estavam inteiramente dominados pelo terror e pela angústia; as ruas estavam escuras e sombrias, e algumas pessoas caminhavam às apalpadelas, enquanto outras, sentadas no chão com a cabeça coberta, batiam no peito, ou subiam aos terraços de suas casas, olhavam para o céu e irrompiam em amargas lamentações.

Até os animais soltavam gritos lastimosos e se escondiam; as aves voavam baixo e caíam no chão. Vi Pilatos conversando com Herodes sobre o alarmante estado das coisas: ambos estavam extremamente agitados e contemplavam o aspecto do céu daquele terraço onde Herodes estava quando entregou Jesus aos insultos da multidão enfurecida.

'Esses acontecimentos não seguem o curso comum da natureza', exclamaram ambos; 'devem ser causados pela ira dos deuses, que estão descontentes com a crueldade praticada contra Jesus de Nazaré.' Pilatos e Herodes, cercados por guardas, seguiram então, com passos apressados e trêmulos, através do fórum até o palácio de Herodes.

Pilatos virou o rosto ao passar por Gábata, de onde havia condenado Jesus à crucificação. A praça estava quase vazia; viam-se algumas pessoas entrando novamente em suas casas o mais depressa possível, e outras correndo de um

lado para outro e chorando, enquanto, ao longe, podiam ser distinguidos dois ou três pequenos grupos.

Pilatos mandou chamar alguns dos anciãos e perguntou o que achavam que aquela espantosa escuridão poderia anunciar, dizendo que ele próprio a considerava uma terrível prova da ira do Deus deles pela crucificação do Galileu, que certamente era seu profeta e seu rei.

Acrescentou que não tinha nada de que se censurar a esse respeito, pois havia lavado as mãos de todo aquele assunto e, portanto, era inteiramente inocente. Os anciãos continuavam tão endurecidos quanto antes e responderam, em tom sombrio, que não havia nada de contrário à natureza no curso dos acontecimentos, que os filósofos poderiam explicá-los facilmente e que não se arrependiam de nada do que haviam feito.

No entanto, muitas pessoas se converteram, entre elas aqueles soldados que caíram no chão ao ouvir as palavras de nosso Senhor quando foram enviados para prendê-lo no Jardim das Oliveiras.

A multidão se reuniu diante da casa de Pilatos e, em lugar do grito de 'Crucifica-o, crucifica-o!', que havia ressoado pela manhã, podiam-se ouvir clamores de 'Abaixo o juiz iníquo!' e 'Que o sangue do justo caia sobre seus assassinos!' Pilatos ficou muito alarmado; mandou chamar mais guardas e procurou lançar toda a culpa sobre os judeus.

Declarou de novo que o crime não era seu; que não era súdito daquele Jesus, a quem eles haviam matado injustamente e que era seu rei, seu profeta, seu Santo; que somente eles eram culpados, pois devia ser evidente a todos que ele havia condenado Jesus apenas por ter sido forçado.

O Templo estava repleto de judeus, empenhados na imolação do cordeiro pascal; mas, quando a escuridão aumentou a tal ponto que era impossível distinguir o rosto de uma pessoa do de outra, eles foram tomados de medo, horror e pavor, que expressavam com gritos lastimosos e lamentações. Os sumos sacerdotes procuravam manter a ordem e o silêncio.

Todas as lâmpadas foram acesas; mas a confusão aumentava a cada momento, e Anás parecia inteiramente paralisado de terror. Eu o vi tentando se esconder primeiro num lugar, depois em outro.

Quando saí do Templo e caminhei pelas ruas, observei que, embora não soprasse a menor brisa, as portas e as janelas das casas tremiam como numa tempestade, e a escuridão se tornava cada vez mais densa.

A consternação causada pela súbita escuridão no Monte Calvário era indescritível. Quando ela começou, a mistura do barulho dos martelos, dos gritos da multidão, dos clamores dos dois ladrões ao serem presos às suas cruzes, das palavras insultuosas dos fariseus, das manobras dos soldados e dos brados embriagados dos carrascos havia absorvido tão completamente a atenção de todos que a mudança que aos poucos se estendia sobre a face da natureza não foi percebida.

Mas, à medida que a escuridão aumentava, todo som cessou, todas as vozes se calaram, e o remorso e o terror tomaram conta de todos os corações, enquanto os presentes se afastavam um a um da Cruz. Foi então que Jesus entregou sua Mãe a São João, e ela, vencida pela dor, foi levada para um lugar um pouco mais distante.

Como a escuridão continuava a se tornar cada vez mais densa, o silêncio se tornou absolutamente impressionante; todos pareciam tomados de terror; alguns olhavam para o céu, enquanto outros, cheios de remorso, se voltavam para a Cruz, batiam no peito e se convertiam.

Embora os fariseus estivessem, na verdade, tão alarmados quanto as outras pessoas, procuraram a princípio mostrar coragem e declararam que não viam nada de inexplicável naqueles acontecimentos; mas, por fim, até eles perderam a confiança e ficaram em silêncio.

O disco do sol tinha uma tonalidade amarelo-escura, lembrando uma montanha vista ao luar, e estava cercado por um anel brilhante de fogo; as estrelas apareceram, mas a luz que lançavam era vermelha e sinistra; as aves estavam tão aterrorizadas que caíam no chão; os animais tremiam e gemiam; os cavalos e os jumentos dos fariseus se achegavam uns aos outros o máximo possível e punham a cabeça entre as pernas. A névoa espessa penetrava tudo.

O silêncio reinava ao redor da Cruz. Jesus estava pendurado nela, sozinho; abandonado por todos — discípulos, seguidores, amigos; até sua Mãe havia sido afastada de seu lado. Nenhuma das milhares de pessoas a quem ele havia concedido tantos benefícios estava perto para lhe oferecer o menor alívio em sua amarga agonia.

Sua alma estava tomada por um sentimento indescritível de amargura e tristeza; tudo dentro dele era escuro, sombrio e desolador. A escuridão que reinava ao redor era apenas um símbolo daquela que se estendia em seu interior; ainda assim, ele se voltou para seu Pai Celestial, rezou por seus inimigos, ofereceu o cálice de seus sofrimentos pela redenção deles, conti-

nuou a rezar como havia feito durante toda a sua Paixão e repetiu trechos daqueles Salmos cujas profecias estavam então se cumprindo nele.

Vi anjos ao redor. Olhei novamente para Jesus — meu amado Esposo — em sua Cruz, agonizando e morrendo, mas ainda numa solidão sombria. Naquele momento, ele suportava uma angústia que nenhuma pena mortal pode descrever; sentia aquele sofrimento que esmagaria um pobre e frágil mortal se fosse privado de uma só vez de toda consolação, divina e humana, e depois obrigado, sem alívio, auxílio ou luz, a atravessar o deserto tempestuoso da tribulação, sustentado apenas pela fé, pela esperança e pela caridade.

Seus sofrimentos eram inexprimíveis; mas foi por eles que ele mereceu para nós a graça necessária para resistir àquelas tentações de desespero que nos assaltarão na hora da morte — aquela hora tremenda em que sentiremos que estamos prestes a deixar tudo o que nos é querido aqui na terra.

Quando nossa mente, enfraquecida pela doença, tiver perdido a capacidade de raciocinar, e até nossas esperanças de misericórdia e perdão estiverem como que envoltas em névoa e incerteza, será então que deveremos correr para Jesus, unir nossos sentimentos de desolação àquele abandono indescritível que ele suportou na Cruz e ter a certeza de alcançar uma vitória gloriosa sobre nossos inimigos infernais.

Jesus ofereceu então a seu Pai Eterno sua pobreza, seu abandono, seus trabalhos e, acima de tudo, os amargos sofrimentos que nossa ingratidão o havia levado a suportar em expiação por nossos pecados e nossa fraqueza.

Portanto, ninguém que esteja unido a Jesus no seio de sua Igreja deve se desesperar no terrível momento que precede sua partida desta vida, mesmo que esteja privado de toda luz e conforto perceptíveis; pois deve então se lembrar de que o cristão já não é obrigado a entrar nesse deserto escuro sozinho e desprotegido, uma vez que Jesus lançou seu próprio abandono interior e exterior na Cruz nesse abismo de desolação.

Por isso, ele não será deixado para enfrentar sozinho a morte, nem se permitirá que deixe este mundo em desolação de espírito, privado da consolação celestial.

Todo medo da solidão e do desespero na morte deve, portanto, ser afastado; pois Jesus, que é nossa verdadeira luz, o Caminho, a Verdade e a Vida, nos precedeu nessa estrada sombria, cobriu-a de bênçãos e nela ergueu sua Cruz, para a qual um só olhar acalmará todos os nossos temores.

Jesus então, se assim podemos nos expressar, fez seu último testamento na presença de seu Pai e deixou os méritos de sua Morte e Paixão à Igreja e aos pecadores. Nenhuma alma desviada foi esquecida; ele pensou em cada uma delas, rezando também até por aqueles hereges que procuraram provar que, sendo Deus, ele não sofreu como um homem teria sofrido em seu lugar.

O grito que deixou escapar de seus lábios no auge de sua agonia destinava-se não só a mostrar a intensidade dos sofrimentos que então suportava, mas também a encorajar todas as almas aflitas que reconhecem Deus como seu Pai a depositar suas dores aos pés dele com confiança filial. Era perto das três horas quando ele clamou em voz alta: ‘Eloi, Eloi, lamma sabacthani?’

'Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?' Essas palavras de nosso Senhor interromperam o silêncio absoluto que durava havia tanto tempo; os fariseus se voltaram para ele, e um deles disse: 'Vejam, ele chama Elias'; e outro: 'Vamos ver se Elias virá livrá-lo.'

Quando Maria ouviu a voz de seu divino Filho, já não conseguiu se conter; correu para a frente e voltou ao pé da Cruz, seguida por João, Maria, filha de Cléofas, Maria Madalena e Salomé.

Um grupo de cerca de trinta cavaleiros da Judeia e dos arredores de Jope, que estavam a caminho de Jerusalém para a festa, passou justamente quando tudo estava em silêncio ao redor da Cruz, tanto os que ali prestavam serviço quanto os espectadores paralisados pelo terror e pela apreensão.

Quando viram Jesus pendurado na Cruz, perceberam a crueldade com que havia sido tratado e observaram os sinais extraordinários da ira de Deus que se estendiam sobre a face da natureza, ficaram horrorizados e exclamaram: 'Se o Templo de Deus não estivesse em Jerusalém, a cidade deveria ser queimada até o chão por ter tomado sobre si um crime tão terrível.'

Essas palavras, vindas dos lábios de estrangeiros — estrangeiros que, além disso, tinham a aparência de pessoas de posição elevada —, causaram uma forte impressão nos presentes, e altos murmúrios e exclamações de dor foram ouvidos por todos os lados.

Algumas pessoas se reuniram em grupos para dar vazão mais livremente à sua tristeza, embora uma parte da multidão continuasse a blasfemar e a insultar todos ao seu redor. Os fariseus foram obrigados a adotar um tom

mais humilde, pois temiam a grande agitação que já havia entre os habitantes de Jerusalém.

Por isso, consultaram Abenadar, o centurião, e combinaram com ele que o portão da cidade que ficava nas proximidades fosse fechado, para impedir novas comunicações, e que mandassem pedir a Pilatos e Herodes 500 homens para se precaverem contra a possibilidade de uma insurreição.

Enquanto isso, o centurião faria tudo o que estivesse ao seu alcance para manter a ordem e impedir que os fariseus insultassem Jesus, para que isso não exasperasse ainda mais o povo.

Pouco depois das três horas, a luz reapareceu em parte, a lua começou a se afastar do disco do sol, e o sol voltou a brilhar, embora sua aparência fosse fraca, por estar cercado por uma espécie de névoa vermelha. Aos poucos, tornou-se mais brilhante, e as estrelas desapareceram, mas o céu continuava sombrio. Os inimigos de Jesus logo recuperaram sua arrogância quando viram a luz voltar; e foi então que exclamaram: 'Vejam, ele chama Elias.'

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

45 — QUINTA, SEXTA E SÉTIMA PALAVRAS DE JESUS NA CRUZ

✦

Sua Morte.

A luz continuou a voltar aos poucos, e o rosto lívido e exausto de nosso Senhor tornou-se visível novamente. Seu corpo havia ficado muito mais branco pela quantidade de sangue que perdera; e eu o ouvi exclamar: 'Sou espremido como a uva que é pisada no lagar.

Meu sangue será derramado até que venha água, mas aqui não se fará mais vinho.' Não posso ter certeza de que ele realmente pronunciou essas palavras de modo que os outros pudessem ouvi-las, ou se foram apenas uma resposta à minha oração interior. Mais tarde tive uma visão relacionada a essas palavras, e nela vi Jafé fazendo vinho nesse lugar.

Jesus estava quase desfalecendo; sua língua estava ressequida, e ele disse: 'Tenho sede.' Os discípulos que estavam ao redor da Cruz olharam para ele com a mais profunda expressão de tristeza, e ele acrescentou: 'Vocês não poderiam ter me dado um pouco de água?' Com essas palavras, ele lhes deu a entender que ninguém os teria impedido de fazer isso durante a escuridão.

João encheu-se de remorso e respondeu: 'Não pensamos em fazer isso, Senhor.' Jesus pronunciou mais algumas palavras, cujo sentido era: 'Meus amigos e meus próximos também haviam de se esquecer de mim e não me dar de beber, para que assim se cumprisse o que estava escrito a meu respeito.' Essa omissão o havia afligido muito.

Os discípulos então ofereceram dinheiro aos soldados para obter permissão de lhe dar um pouco de água: eles se recusaram a dar essa permissão, mas mergulharam uma esponja em vinagre e fel e estavam prestes a oferecê-la a Jesus, quando o centurião Abenadar, cujo coração se comoveu de compaixão, a tomou deles, espremeu o fel, derramou nela mais vinagre e, prendendo-a a uma cana, colocou a cana na ponta de uma lança e a apresentou a Jesus para que bebesse.

Ouvi nosso Senhor dizer várias outras coisas, mas só me lembro destas palavras: 'Quando minha voz se calar, as bocas dos mortos se abrirão.' Alguns dos que estavam por perto gritaram: 'Ele está blasfemando de novo.' Mas Abenadar os obrigou a ficar em silêncio.

A hora de nosso Senhor havia finalmente chegado; sua luta com a morte havia começado; um suor frio cobria todos os seus membros. João estava ao pé da Cruz e enxugava os pés de Jesus com seu escapulário. Madalena estava encolhida no chão, atrás da Cruz, num completo desvario de dor.

A Santíssima Virgem estava entre Jesus e o bom ladrão, amparada por Salomé e Maria de Cléofas, com os olhos fixos no rosto de seu Filho agonizante. Jesus então disse: 'Está consumado'; e, erguendo a cabeça, clamou em alta voz: 'Pai, em tuas mãos entrego meu espírito.' Essas palavras, que ele pronunciou num tom claro e comovente, ressoaram pelo céu e pela terra; e, um instante depois, ele inclinou a cabeça e entregou o espírito.

Vi sua alma, sob a aparência de um meteoro brilhante, penetrar na terra ao pé da Cruz. João e as santas mulheres caíram prostrados no chão. O centurião Abenadar havia mantido os olhos firmemente fixos no rosto desfigu-

rado de nosso Senhor e estava profundamente abalado por tudo o que havia acontecido.

Quando nosso Senhor pronunciou em voz alta suas últimas palavras, antes de morrer, a terra tremeu e a rocha do Calvário se partiu, formando um abismo profundo entre a Cruz de nosso Senhor e a de Gesmas. A voz de Deus — aquela voz solene e terrível — havia ecoado por todo o universo; havia rompido o silêncio solene que então reinava em toda a natureza. Tudo estava cumprido.

A alma de nosso Senhor havia deixado seu corpo: seu último grito havia enchido de terror todos os corações. A terra convulsionada havia prestado homenagem ao seu Criador: a espada da dor havia atravessado os corações daqueles que o amavam.

Esse foi o momento da graça para Abenadar: seu cavalo tremia debaixo dele; seu coração foi tocado; partiu-se como a dura rocha; ele atirou sua lança para longe, bateu no peito e exclamou: 'Bendito seja o Deus Altíssimo, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó; de fato, este Homem era o Filho de Deus!' Suas palavras convenceram muitos dos soldados, que seguiram seu exemplo e também se converteram.

A partir desse momento, Abenadar tornou-se um novo homem; adorou o verdadeiro Deus e não quis mais servir aos inimigos dele. Entregou seu cavalo e sua lança a um oficial subalterno chamado Longino, que, depois de dirigir algumas palavras aos soldados, montou no cavalo e assumiu o comando.

Abenadar então deixou o Calvário e atravessou o vale de Giom até as cavernas no vale de Hinom, onde os discípulos estavam escondidos; anunciou-lhes a morte de nosso Senhor e depois foi à cidade para ver Pilatos.

Assim que Abenadar deu testemunho público de sua fé na divindade de Jesus, um grande número de soldados seguiu seu exemplo, assim como alguns dos que estavam por perto e até mesmo alguns fariseus. Muitos batiam no peito, choravam e voltavam para casa, enquanto outros rasgavam suas vestes e lançavam poeira sobre a cabeça, e todos estavam cheios de horror e medo.

João se levantou; e algumas das santas mulheres que estavam a pouca distância se aproximaram da Santíssima Virgem e a levaram para longe do pé da Cruz.

Quando Jesus, o Senhor da vida e da morte, entregou sua alma nas mãos de seu Pai e permitiu que a morte tomasse posse de seu corpo, esse corpo sagrado tremeu e adquiriu uma palidez lívida; as inúmeras feridas cobertas de sangue coagulado pareciam marcas escuras; suas faces ficaram mais encovadas, seu nariz mais afilado, e seus olhos, obscurecidos pelo sangue, permaneceram apenas entreabertos.

Ele ergueu por um instante a cabeça cansada, ainda coroada de espinhos, e depois a deixou cair novamente em agonia de dor; enquanto seus lábios ressequidos e rasgados, apenas parcialmente fechados, deixavam ver sua língua ensanguentada e inchada.

No momento da morte, suas mãos, que antes estavam contraídas ao redor dos pregos, se abriram e voltaram ao tamanho natural, assim como seus

braços; seu corpo ficou rígido, e todo o peso recaiu sobre os pés, seus joelhos se dobraram e seus pés se torceram um pouco para um lado.

Que palavras podem, ai de nós, expressar a profunda dor da Santíssima Virgem? Seus olhos se fecharam, uma palidez de morte cobriu seu rosto; incapaz de ficar em pé, ela caiu no chão, mas logo foi erguida e amparada por João, Madalena e os demais.

Olhou mais uma vez para seu amado Filho — aquele Filho que havia concebido pelo Espírito Santo, a carne de sua carne, o osso de seu osso, o coração de seu coração — pendurado numa cruz entre dois ladrões; crucificado, desonrado, desprezado por aqueles que ele veio à terra salvar; e bem se poderia, naquele momento, chamá-la de 'a rainha dos mártires'.

O sol ainda parecia fraco e envolto em névoa; e, durante o terremoto, o ar estava abafado e opressivo, mas aos poucos ficou mais límpido e fresco.

Eram cerca de três horas quando Jesus morreu. A princípio, os fariseus ficaram muito assustados com o terremoto; mas, quando passou o primeiro abalo, recobraram a calma, começaram a jogar pedras no abismo e tentaram medir sua profundidade com cordas.

Ao perceberem, contudo, que não conseguiam alcançar seu fundo, ficaram pensativos, ouviram com inquietação os gemidos dos penitentes, que se lamentavam e batiam no peito, e então deixaram o Calvário. Muitos dos espectadores realmente se converteram, e a maior parte voltou a Jerusalém completamente tomada pelo medo.

Soldados romanos foram colocados nas portas e em outros pontos principais da cidade para impedir qualquer possibilidade de revolta. Cássio per-

maneceu no Calvário com cerca de cinquenta soldados. Os amigos de Jesus ficaram ao redor da Cruz, contemplavam nosso Senhor e choravam; muitas das santas mulheres haviam voltado para casa, e todos estavam em silêncio e dominados pela dor.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

46 — O TERREMOTO

✦

Aparições dos mortos em Jerusalém.

Vi a alma de Jesus, no momento em que ele expirou, aparecer sob a forma de uma esfera luminosa e, acompanhada por anjos, entre os quais distingui o anjo Gabriel, penetrar na terra ao pé da Cruz. Vi também esses anjos lançarem vários espíritos malignos no grande abismo e ouvi Jesus ordenar a algumas das almas no Limbo que voltassem a entrar nos corpos em que antes habitavam, para que essa visão enchesse os pecadores de um temor salutar e para que essas almas dessem um testemunho solene de sua divindade.

O terremoto que abriu a profunda fenda no Calvário causou muitos danos em diferentes partes da Palestina, mas seus efeitos foram ainda mais fatais em Jerusalém.

Seus habitantes mal começavam a se tranquilizar um pouco com a volta da luz, quando seu terror foi despertado com força dobrada pelos abalos do terremoto e pelo terrível barulho e pela confusão causados pelo desmoronamento de casas e muros por todos os lados.

Esse pânico aumentou ainda mais com o aparecimento repentino de pessoas mortas, que se colocavam diante dos perversos que, tremendo, fugiam para se esconder, e lhes dirigiam as palavras mais severas de repreensão.

Os sumos sacerdotes haviam recomeçado o sacrifício do cordeiro pascal, que fora interrompido pela escuridão inesperada, e comemoravam triunfantes a volta da luz, quando de repente o chão sob seus pés tremeu, os edi-

fícios vizinhos desabaram e o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo.

A princípio, o excesso de terror deixou sem fala os que estavam do lado de fora, mas, depois de algum tempo, eles irromperam em gritos e lamentações. A confusão no interior do Templo, porém, não foi tão grande quanto seria natural esperar, porque ali sempre se exigiam a mais rigorosa ordem e o maior decoro, principalmente quanto às regras que deviam ser seguidas pelos que entravam para fazer seu sacrifício e pelos que saíam depois de oferecê-lo.

A multidão era grande, mas as cerimônias eram conduzidas pelos sacerdotes com tamanha solenidade que absorviam inteiramente a atenção dos presentes. Primeiro vinha a imolação do cordeiro, depois a aspersão de seu sangue, acompanhada pelo canto de cânticos e pelo som de trombetas.

Os sacerdotes se esforçavam para continuar os sacrifícios quando, de repente, houve uma pausa inesperada e terrivelmente assustadora; o terror e o espanto se estampavam em todos os rostos; tudo foi tomado pela confusão; nenhum som se ouvia; os sacrifícios cessaram; houve uma corrida geral para os portões do Templo; todos procuravam fugir o mais depressa possível.

E bem tinham motivos para fugir, temer e tremer, pois, no meio da multidão, apareceram de repente pessoas que estavam mortas e sepultadas havia muitos anos! Essas pessoas os olhavam com severidade e os repreendiam duramente pelo crime que haviam cometido naquele dia, ao provocar a morte do 'homem justo' e invocar seu sangue sobre suas próprias cabeças.

Mesmo em meio a essa confusão, porém, os sacerdotes fizeram algumas tentativas de preservar a ordem; impediram que os que estavam na parte interna do Templo avançassem às pressas, abrindo caminho à força pela multidão à sua frente e descendo os degraus que levavam para fora do Templo.

Chegaram até a continuar os sacrifícios em algumas partes e procuraram acalmar os temores do povo.

O aspecto do Templo naquele momento só pode ser descrito comparando-o a um formigueiro sobre o qual se atiraram pedras ou que foi perturbado por uma vara enfiada em seu centro. As formigas nas partes atingidas pelas pedras ou perturbadas pela vara ficam tomadas de confusão e terror; correm de um lado para outro e nada fazem, enquanto as formigas nas partes que não foram perturbadas continuam a trabalhar tranquilamente e até começam a reparar as partes danificadas.

O sumo sacerdote Caifás e sua comitiva não perderam a presença de espírito e, com a tranquilidade exterior que sua diabólica dureza de coração lhes permitia manter, conseguiram acalmar em grande parte a confusão. Depois fizeram todo o possível para impedir que o povo considerasse esses acontecimentos extraordinários como testemunhos da inocência de Jesus.

A guarnição romana da fortaleza de Antônia também fez grandes esforços para manter a ordem; por isso, a perturbação da festa não foi seguida de uma insurreição, embora todos os corações estivessem tomados de medo e ansiedade, que os fariseus procuravam acalmar, em alguns casos com sucesso.

Lembro-me de alguns outros acontecimentos marcantes: em primeiro lugar, as duas colunas colocadas à entrada de seu Santo dos Santos, às quais estava presa uma magnífica cortina, foram abaladas até os alicerces.

A coluna do lado esquerdo caiu em direção ao sul, e a do lado direito, em direção ao norte, rasgando assim o véu em dois, de alto a baixo, com um ruído assustador, e deixando o Santo dos Santos descoberto, exposto aos olhos de todos.

Uma grande pedra se soltou e caiu da parede à entrada do santuário, perto do lugar onde o velho Simeão costumava se ajoelhar, e o arco se quebrou. O chão se levantou, e muitas outras colunas foram derrubadas em outras partes do Templo.

Uma aparição do sumo sacerdote Zacarias, que fora morto entre o pórtico e o altar, foi vista no santuário. Ele proferiu ameaças terríveis, falou da morte do segundo Zacarias e da de São João Batista, bem como das mortes violentas dos outros profetas.

Os dois filhos do sumo sacerdote Simão, chamado o Justo, antepassados do velho Simeão que profetizou quando Jesus foi apresentado no Templo, apareceram na parte em geral ocupada pelos doutores da lei.

Eles também falaram em termos aterradores sobre as mortes dos profetas e sobre o sacrifício da antiga lei, que estava prestes a cessar, e exortaram todos os presentes a se converterem e a abraçarem as doutrinas pregadas por aquele a quem haviam crucificado.

O profeta Jeremias também apareceu; ficou perto do altar e proclamou, em tom ameaçador, que o antigo sacrifício havia terminado e que um novo ha-

via começado. Como essas aparições ocorreram em partes onde apenas os sacerdotes podiam entrar, somente Caifás e alguns outros souberam delas e procuraram, tanto quanto possível, negar sua realidade ou ocultá-las.

Esses prodígios foram seguidos por outros ainda mais extraordinários. As portas do santuário se abriram de repente, por si mesmas, e ouviu-se uma voz pronunciar estas palavras: 'Deixemos este lugar'; e vi todos os anjos do Senhor deixarem imediatamente o Templo.

Os trinta e dois fariseus que foram ao Calvário pouco antes de nosso Senhor expirar se converteram quase todos ao pé da Cruz. Voltaram ao Templo em meio à confusão e ficaram completamente estarrecidos com tudo o que havia acontecido ali. Falaram com extrema severidade tanto a Anás quanto a Caifás e deixaram o Templo.

Anás sempre fora o mais implacável dos inimigos de Jesus e havia liderado todas as ações contra ele; mas os acontecimentos sobrenaturais que haviam ocorrido o tinham abalado tão completamente que ele não sabia onde se esconder.

Caifás, na verdade, estava extremamente alarmado e cheio de ansiedade, mas seu orgulho era tão grande que ocultava seus sentimentos tanto quanto possível e procurava tranquilizar Anás. Conseguiu por algum tempo; mas a aparição repentina de uma pessoa morta havia muitos anos desfez o efeito de suas palavras, e Anás voltou a ser tomado pelo mais terrível terror e remorso.

Enquanto essas coisas aconteciam no Templo, a confusão e o pânico não eram menores em Jerusalém. Pessoas mortas caminhavam por toda parte, e

muitos muros e edifícios haviam sido abalados pelo terremoto, e partes deles tinham desabado.

A superstição de Pilatos o tornava ainda mais suscetível ao medo; ele estava completamente paralisado e sem fala de terror; seu palácio fora abalado até os alicerces, e a terra tremia sob seus pés. Corria descontroladamente de um aposento a outro, e os mortos se colocavam constantemente diante dele, censurando-o pela sentença injusta que havia pronunciado contra Jesus.

Pensou que fossem os deuses do Galileu e se refugiou num aposento interno, onde ofereceu incenso e fez promessas a seus ídolos para invocar sua ajuda naquela aflição. Herodes costumava se alarmar; mas se trancou em seu palácio, longe da vista de todos.

Mais de cem pessoas que haviam morrido em diferentes épocas voltaram a entrar nos corpos que tinham ocupado quando estavam na terra, apareceram em diferentes partes de Jerusalém e encheram os habitantes de uma consternação indescritível.

Aquelas almas que Jesus havia libertado do Limbo descobriram o rosto e vagaram de um lado para outro pelas ruas e, embora seus corpos fossem os mesmos que haviam animado quando estavam na terra, esses corpos não pareciam tocar o chão enquanto caminhavam.

Entraram nas casas de seus descendentes, proclamaram a inocência de Jesus e repreenderam com extrema severidade os que haviam participado de sua morte. Eu as vi passando pelas ruas principais; geralmente estavam em pares e me pareciam deslizar pelos ares sem mover os pés.

Os rostos de algumas eram pálidos; os de outras tinham um tom amarelado; suas barbas eram longas, e suas vozes soavam estranhas e sepulcrais. Suas mortalhas eram como as que se costumava usar na época em que morreram.

Quando chegaram ao lugar onde a sentença de morte de Jesus havia sido proclamada antes de o cortejo partir para o Calvário, pararam por um momento e exclamaram em voz alta: 'Glória a Jesus pelos séculos dos séculos, e destruição aos seus inimigos!' Por volta das quatro horas, todos os mortos voltaram às suas sepulturas.

Os sacrifícios no Templo haviam sido tão interrompidos, e a confusão causada pelos diferentes prodígios fora tão grande, que pouquíssimas pessoas comeram o cordeiro pascal naquela noite.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

47 — O PEDIDO DE JOSÉ DE ARIMATEIA PARA QUE LHE FOSSE PERMITIDO FICAR COM O CORPO DE JESUS

✦

Mal a agitação que havia tomado a cidade começara a diminuir um pouco, os judeus que pertenciam ao Conselho enviaram mensageiros a Pilatos para pedir que as pernas dos condenados fossem quebradas, a fim de pôr fim à vida deles antes que amanhecesse o sábado. Pilatos enviou imediatamente executores ao Calvário para atender ao pedido.

José de Arimateia pediu então uma audiência; ele soubera da morte de Jesus, e ele e Nicodemos haviam decidido sepultá-lo em um túmulo novo que José mandara fazer no fim de seu jardim, não longe do Calvário.

Pilatos ainda estava cheio de ansiedade e preocupação, e ficou muito admirado ao ver alguém de posição tão elevada como José tão ansioso por obter licença para dar uma sepultura honrosa a um condenado que ele sentenciara à morte humilhante na cruz.

Mandou chamar o centurião Abenadar, que voltara a Jerusalém depois de conversar com os discípulos escondidos nas cavernas, e perguntou-lhe se o Rei dos Judeus estava realmente morto.

Abenadar deu a Pilatos um relato completo da morte de nosso Senhor, de suas últimas palavras, do forte grito que soltara imediatamente antes de morrer e do terremoto que abrira a grande fenda na rocha.

A única coisa que causou surpresa a Pilatos foi a morte de Jesus ter ocorrido tão depressa, pois os crucificados costumavam viver muito mais tempo; mas, embora dissesse tão pouco, cada palavra pronunciada por José aumentava sua aflição e seu remorso.

Deu imediatamente a José uma ordem que o autorizava a retirar da cruz o corpo do Rei dos Judeus e a realizar sem demora os ritos do sepultamento. Pela prontidão com que atendeu ao pedido, Pilatos parecia querer compensar, em alguma medida, sua conduta anterior, cruel e injusta.

Também ficou muito satisfeito por fazer algo que, tinha certeza, desagradaria profundamente aos sacerdotes, pois sabia que eles queriam que Jesus fosse sepultado de maneira humilhante entre os dois ladrões. Enviou um mensageiro ao Calvário para assegurar o cumprimento de suas ordens. Creio que esse mensageiro era Abenadar, pois o vi ajudando a retirar Jesus da cruz.

Quando José de Arimateia saiu do palácio de Pilatos, foi imediatamente encontrar Nicodemos, que o esperava na casa de uma mulher piedosa, situada em frente a uma rua larga e não muito longe da viela onde Jesus fora tão vergonhosamente maltratado quando começara a carregar sua cruz.

A mulher vendia ervas aromáticas, e Nicodemos havia comprado dela muitos perfumes necessários para embalsamar o corpo de Jesus. Ela conseguiu em outros lugares os tipos mais preciosos, e José saiu para providenciar um fino lençol mortuário.

Seus servos foram então buscar escadas, martelos, pinos, jarros de água e esponjas em um galpão próximo e os colocaram em uma padiola semelhante

àquela em que os discípulos de João Batista puseram seu corpo quando o levaram do castelo de Maqueronte.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

48 — A ABERTURA DO LADO DE JESUS

✦

Morte dos dois ladrões.

Enquanto esses acontecimentos se desenrolavam em Jerusalém, o silêncio reinava ao redor do Calvário. A multidão, que durante algum tempo fora tão barulhenta e tumultuosa, havia se dispersado; todos estavam tomados de pânico. Em alguns, esse pânico produzira um arrependimento sincero, mas em outros não tivera nenhum efeito benéfico.

Maria, João, Madalena, Maria de Cléofas e Salomé haviam permanecido, de pé ou sentados diante da cruz, bem cobertos por véus e chorando em silêncio. Alguns soldados estavam debruçados sobre o terraço que cercava a plataforma; Cássio cavalgava de um lado para outro; o céu estava carregado, e toda a natureza se vestia de luto.

Pouco depois, apareceram seis arqueiros, trazendo escadas, pás, cordas e grandes barras de ferro para quebrar as pernas dos condenados, a fim de apressar sua morte. Quando se aproximaram da cruz de nosso Senhor, seus amigos recuaram alguns passos, e a Santíssima Virgem foi tomada pelo medo de que eles dessem vazão ao seu ódio por Jesus, ultrajando até mesmo seu corpo morto.

Seus temores não eram inteiramente infundados, pois, quando apoiaram as escadas na cruz, declararam que ele apenas fingia estar morto; poucos instantes depois, porém, vendo que estava frio e rígido, deixaram-no e leva-

ram as escadas para as cruzes em que os dois ladrões ainda estavam pendurados vivos.

Pegaram as barras de ferro e quebraram os braços dos ladrões acima e abaixo do cotovelo; ao mesmo tempo, outro arqueiro lhes quebrou as pernas, tanto acima como abaixo do joelho. Gesmas soltou gritos terríveis, por isso o executor acabou de matá-lo com três fortes golpes de porrete no peito.

Dimas soltou um gemido profundo e morreu: foi o primeiro entre os mortais a ter a felicidade de se reunir ao seu Redentor. As cordas foram então afrouxadas, os dois corpos caíram no chão, e os executores os arrastaram até um pântano profundo entre o Calvário e as muralhas da cidade, onde os enterraram.

Os arqueiros ainda pareciam duvidar de que Jesus estivesse realmente morto, e a brutalidade que haviam demonstrado ao quebrar as pernas dos ladrões fazia as santas mulheres tremerem diante do ultraje que poderiam cometer em seguida contra o corpo de nosso Senhor.

Mas Cássio, o oficial subalterno, um jovem de cerca de vinte e cinco anos, cujos olhos fracos e estrábicos e cujo jeito nervoso muitas vezes haviam provocado a zombaria dos companheiros, foi de repente iluminado pela graça.

Profundamente comovido ao ver a conduta cruel dos soldados e a grande tristeza das santas mulheres, decidiu aliviar a ansiedade delas, provando de maneira incontestável que Jesus estava realmente morto. A bondade de seu coração o impeliu, mas, sem saber, ele cumpriu uma profecia.

Pegou sua lança e cavalgou depressa até a elevação onde a cruz estava fincada, parou exatamente entre a cruz do bom ladrão e a de nosso Senhor e, segurando a lança com as duas mãos, cravou-a tão profundamente no lado direito de Jesus que a ponta atravessou o coração e apareceu do lado esquerdo.

Quando Cássio retirou a lança da ferida, uma quantidade de sangue e água jorrou dela e escorreu sobre seu rosto e seu corpo. Essa espécie de lavagem produziu efeitos um tanto semelhantes aos das águas vivificantes do Batismo: a graça e a salvação entraram imediatamente em sua alma.

Ele saltou do cavalo, lançou-se de joelhos, bateu no peito e proclamou em voz alta, diante de todos, sua firme fé na divindade de Jesus.

A Santíssima Virgem e seus companheiros ainda estavam ali perto, com os olhos fixos na cruz, mas, quando Cássio cravou a lança no lado de Jesus, ficaram muito assustados e correram todos juntos até ela. Maria parecia ter tido o coração atravessado pela lança no lugar do coração de seu divino Filho e mal conseguia se sustentar.

Enquanto isso, Cássio permanecia ajoelhado, agradecendo a Deus não só pela graça que recebera, mas também pela cura da enfermidade de seus olhos, que causara a fraqueza da visão e o estrabismo. Essa cura ocorrera no mesmo instante em que se dissipara a escuridão que antes enchia sua alma.

Todos os corações se comoveram à vista do sangue de nosso Senhor, que escorria para uma cavidade na rocha ao pé da cruz. Maria, João, as santas mulheres e Cássio recolheram o sangue e a água em frascos e enxugaram o restante com pedaços de linho.

Cássio, cuja visão fora perfeitamente restaurada no mesmo instante em que os olhos de sua alma se abriram, estava profundamente comovido e continuava sua humilde oração de agradecimento. Os soldados ficaram espantados com o milagre que acontecera e se ajoelharam ao lado dele, batendo no peito e professando sua fé em Jesus.

A água e o sangue continuavam a correr da grande ferida no lado de nosso Senhor; escorriam para a cavidade na rocha, e as santas mulheres os recolhiam em vasos, enquanto Maria e Madalena misturavam suas lágrimas. Os arqueiros, que haviam recebido uma mensagem de Pilatos ordenando que não tocassem no corpo de Jesus, não voltaram mais.

Todos esses acontecimentos se passaram perto da cruz, pouco antes das quatro horas, enquanto José de Arimateia e Nicodemos reuniam os objetos necessários para o sepultamento de Jesus. Mas os servos de José, que haviam sido enviados para limpar o túmulo, informaram aos amigos de nosso Senhor que seu senhor pretendia levar o corpo de Jesus e colocá-lo em seu túmulo novo.

João voltou imediatamente à cidade com as santas mulheres; primeiro, para que Maria pudesse recuperar um pouco as forças e, depois, para comprar algumas coisas necessárias para o sepultamento. A Santíssima Virgem tinha uma pequena moradia entre os edifícios próximos ao Cenáculo.

Eles não voltaram à cidade pela porta mais próxima do Calvário, porque estava fechada e era guardada por soldados postos ali pelos fariseus; entraram pela porta que leva a Belém.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

49 — UMA DESCRIÇÃO DE ALGUMAS PARTES DA ANTIGA JERUSALÉM

✦

Este capítulo conterá algumas descrições de lugares feitas pela irmã Emmerich em diversas ocasiões. Em seguida, haverá uma descrição do túmulo e do jardim de José de Arimateia, para que não precisemos interromper o relato do sepultamento de nosso Senhor.

A primeira porta que ficava no lado oriental de Jerusalém, ao sul do ângulo sudeste do Templo, era a que levava ao subúrbio de Ofel. A Porta das Ovelhas ficava ao norte do ângulo nordeste do Templo. Entre essas duas portas havia uma terceira, que levava a algumas ruas situadas a leste do Templo e habitadas, em sua maior parte, por pedreiros e outros trabalhadores.

As casas dessas ruas se apoiavam nos alicerces do Templo; e quase todas pertenciam a Nicodemos, que as mandara construir e empregava quase todos os trabalhadores que ali moravam. Pouco tempo antes, Nicodemos havia construído uma bela porta como entrada para essas ruas, chamada Porta de Moriá.

Ela acabara de ser concluída, e por ela Jesus havia entrado na cidade no Domingo de Ramos. Assim, ele entrou pela nova porta de Nicodemos, pela qual ninguém ainda havia passado, e foi sepultado no novo monumento funerário de José de Arimateia, no qual ninguém ainda havia sido colocado.

Mais tarde, essa porta foi fechada com um muro, e havia uma tradição de que os cristãos voltariam a entrar na cidade por ela. Ainda hoje, uma porta fechada com um muro, chamada pelos turcos de Porta Dourada, encontra-se nesse local.

A estrada que seguia para oeste a partir da Porta das Ovelhas passava quase exatamente entre o lado noroeste do monte Sião e o Calvário. Dessa porta até o Gólgota, a distância era de cerca de duas milhas e um quarto; e do palácio de Pilatos até o Gólgota, de cerca de duas milhas. A fortaleza Antônia ficava a noroeste do monte do Templo, sobre uma rocha isolada.

Uma pessoa que seguisse para oeste ao sair do palácio de Pilatos teria essa fortaleza à sua esquerda. Em uma de suas muralhas havia uma plataforma de onde se avistava o fórum e da qual Pilatos costumava fazer proclamações ao povo: ele fazia isso, por exemplo, quando promulgava novas leis.

Quando nosso divino Senhor carregava sua Cruz no interior da cidade, o monte Calvário ficava frequentemente à sua direita. Essa estrada, que em parte seguia na direção sudoeste, levava a uma porta aberta em uma muralha interna da cidade, na direção de Sião.

Além dessa muralha, à esquerda, havia uma espécie de subúrbio, com mais jardins do que casas; e, na direção da muralha externa da cidade, erguiam-se alguns magníficos sepulcros com entradas de pedra. Desse lado havia uma casa pertencente a Lázaro, com belos jardins que se estendiam em direção ao ponto onde a muralha externa ocidental de Jerusalém virava para o sul.

Creio que uma pequena porta particular, aberta na muralha da cidade e pela qual Jesus e seus discípulos passavam com frequência, com a permis-

são de Lázaro, levava a esses jardins. A porta situada no ângulo noroeste da cidade levava a Betsur, que ficava mais ao norte do que Emaús e Jope.

A parte ocidental de Jerusalém era mais baixa do que todas as outras: o terreno sobre o qual fora construída primeiro descia em direção à muralha que a cercava e depois voltava a subir ao se aproximar dela; e nessa encosta havia jardins e vinhedos, atrás dos quais serpenteava uma estrada larga, com caminhos que levavam às muralhas e às torres.

Do outro lado, fora da muralha, o terreno descia em direção ao vale, de modo que as muralhas que cercavam a parte baixa da cidade pareciam construídas sobre um terraço elevado. Ainda hoje há jardins e vinhedos na colina externa.

Quando Jesus chegou ao fim do Caminho da Cruz, tinha à sua esquerda aquela parte da cidade onde havia tantos jardins; e era de lá que vinha Simão de Cirene quando encontrou o cortejo. A porta pela qual Jesus saiu da cidade não estava voltada inteiramente para oeste, mas antes para sudoeste.

Depois de atravessar a porta, a muralha da cidade à esquerda seguia um pouco para o sul, depois virava para oeste e, em seguida, novamente para o sul, contornando o monte Sião. Desse lado havia uma grande torre, semelhante a uma fortaleza.

A porta pela qual Jesus saiu da cidade não ficava muito longe de outra porta, mais ao sul, que descia para o vale e onde começava uma estrada que virava à esquerda na direção de Belém. Pouco depois da porta pela qual Jesus saiu de Jerusalém carregando sua Cruz, a estrada virava para o norte, em direção ao monte Calvário.

O monte Calvário era muito íngreme em seu lado oriental, voltado para a cidade, e tinha uma descida suave no lado ocidental; e desse lado, de onde se podia ver a estrada para Emaús, havia um campo no qual vi Lucas colher várias plantas quando ele e Cléofas iam para Emaús e encontraram Jesus pelo caminho.

Perto das muralhas, a leste e ao sul do Calvário, também havia jardins, sepulcros e vinhedos. A Cruz foi enterrada no lado nordeste, ao pé do monte Calvário.

O jardim de José de Arimateia ficava perto da Porta de Belém, a cerca de sete minutos de caminhada do Calvário: era um jardim muito bonito, com árvores altas, taludes e moitas que davam muita sombra, e ficava em um terreno elevado que se estendia até as muralhas da cidade.

Uma pessoa que viesse do lado norte do vale e entrasse no jardim teria à sua esquerda uma subida suave que se estendia até a muralha da cidade; e à sua direita, no fim do jardim, uma rocha isolada, onde ficava a gruta do sepulcro.

A gruta em que ele fora feito estava voltada para leste; e nos lados sudoeste e noroeste da mesma rocha havia outros dois sepulcros menores, também novos e com as fachadas rebaixadas. Um caminho, que começava no lado ocidental dessa rocha, contornava-a por inteiro.

O terreno diante do sepulcro era mais alto do que o da entrada, e quem quisesse entrar na caverna precisava descer vários degraus. A gruta era suficientemente grande para que quatro homens pudessem ficar junto à pa-

rede de cada lado sem atrapalhar os movimentos dos que carregavam o corpo.

Em frente à porta havia uma cavidade na rocha, na qual o túmulo fora feito; ele ficava cerca de dois pés acima do nível do chão e estava preso à rocha por apenas um dos lados, como um altar: duas pessoas podiam ficar ali, uma à cabeceira e outra aos pés; e havia também lugar para uma terceira à frente, mesmo que a porta da cavidade estivesse fechada.

Essa porta era feita de algum metal, talvez latão, e tinha duas folhas que se abriam. Essas folhas podiam ser fechadas rolando-se uma pedra contra elas; e a pedra usada para esse fim era mantida fora da caverna. Imediatamente depois que nosso Senhor foi colocado no sepulcro, ela foi rolada para diante da porta.

Era muito grande e só podia ser removida pelo esforço conjunto de vários homens. Em frente à entrada da caverna havia um banco de pedra, e, subindo nele, uma pessoa podia alcançar o alto da rocha, que era coberta de grama e de onde se podiam ver as muralhas da cidade, as partes mais altas do monte Sião e algumas torres, assim como a Porta de Belém e a fonte de Giom. Por dentro, a rocha era branca, cortada por veios vermelhos e azuis.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

50 — A DESCIDA DA CRUZ

✦

Quando todos já haviam deixado as proximidades da Cruz, e apenas alguns guardas permaneciam ao seu redor, vi cinco pessoas, que penso serem discípulos e que haviam vindo pelo vale de Betânia, aproximarem-se do Calvário, contemplarem a Cruz por alguns instantes e depois se afastarem discretamente.

Três vezes encontrei nas redondezas dois homens que examinavam as coisas e conversavam entre si com ansiedade. Esses homens eram José de Arimateia e Nicodemos. A primeira vez foi durante a Crucificação (talvez quando fizeram com que as roupas de Jesus fossem trazidas de volta dos soldados), e eles estavam então a pouca distância do Calvário.

A segunda foi quando, depois de pararem para ver se a multidão estava se dispersando, foram à cidade fazer alguns preparativos. A terceira foi quando voltavam do túmulo para a Cruz e olhavam ao redor em todas as direções, como se esperassem um momento favorável; então combinaram entre si a maneira pela qual retirariam da Cruz o corpo de nosso Senhor, e depois voltaram à cidade.

Seu cuidado seguinte foi providenciar os artigos necessários para embalsamar o corpo, a fim de levá-los consigo, e seus servos pegaram algumas ferramentas com as quais o desprenderiam da Cruz, bem como duas escadas que encontraram num celeiro perto da casa de Nicodemos.

Cada uma dessas escadas consistia em uma única vara, atravessada a intervalos regulares por pedaços de madeira que formavam os degraus. Havia ganchos que podiam ser presos a qualquer parte da vara e por meio dos quais a escada podia ser firmada, ou nos quais, talvez, também se pudesse pendurar qualquer coisa necessária ao trabalho.

A mulher de quem haviam comprado as especiarias tinha arrumado tudo cuidadosamente. Nicodemos havia comprado cem libras de raízes, quantidade que equivale a cerca de trinta e sete libras de nossa medida, conforme me foi explicado. Eles levavam essas especiarias em pequenos barris feitos de casca de árvore, pendurados ao pescoço e apoiados sobre o peito.

Um desses barris continha algum tipo de pó. Também tinham alguns feixes de ervas em sacos de pergaminho ou couro, e José levava uma caixa de unguento; mas não sei de que era feita essa caixa. Os servos deviam levar vasos, odres de couro, esponjas e ferramentas numa espécie de padiola, e também levavam fogo numa lanterna fechada.

Saíram da cidade antes de seu senhor, por um portão diferente (talvez o de Betânia), e então seguiram em direção ao monte Calvário. Ao atravessarem a cidade, passaram pela casa onde a Santíssima Virgem, São João e as santas mulheres tinham ido buscar diversas coisas necessárias para embalsamar o corpo de Jesus, e João e as santas mulheres seguiram os servos a certa distância.

As mulheres eram cerca de cinco, e algumas delas levavam grandes trouxas de linho sob os mantos. Era costume das mulheres, quando saíam à noite ou pretendiam realizar em segredo alguma obra de piedade, envolver cui-

dadosamente o corpo num lençol comprido de pelo menos uma jarda de largura.

Começavam por um braço e depois enrolavam o linho tão apertado ao redor do corpo que só conseguiam andar com dificuldade. Eu as vi envoltas dessa maneira, e o lençol não só cobria os dois braços, como também lhes velava a cabeça. Naquela ocasião, a aparência dessa roupa me impressionou muito, pois era uma verdadeira veste de luto.

José e Nicodemos também estavam vestidos de luto e usavam mangas pretas e faixas largas. Seus mantos, que haviam puxado sobre a cabeça, eram largos e compridos, de uma cor cinzenta comum, e serviam para esconder tudo o que levavam. Seguiram em direção ao portão que conduzia ao monte Calvário. As ruas estavam desertas e silenciosas, pois o terror mantinha todos em casa.

A maioria começava a se arrepender, e poucos celebravam a festa. Quando José e Nicodemos chegaram ao portão, encontraram-no fechado, e a estrada, as ruas e todas as esquinas estavam guarnecidas de soldados. Eram os soldados que os fariseus haviam solicitado por volta das duas horas e que tinham mantido armados e de guarda, pois ainda temiam um tumulto entre o povo.

José mostrou uma ordem, assinada por Pilatos, para que os deixassem passar livremente, e os soldados estavam muito dispostos a permitir a passagem, mas lhe explicaram que haviam tentado várias vezes abrir o portão, sem conseguir movê-lo; que, ao que parecia, o portão havia sofrido um abalo e se deformado em alguma parte; e que, por esse motivo, os arqueiros

enviados para quebrar as pernas dos ladrões tinham sido obrigados a voltar à cidade por outro portão.

Mas, quando José e Nicodemos seguraram o ferrolho, o portão se abriu como que por si mesmo, para grande espanto de todos os presentes.

Ainda estava escuro e o céu estava nublado quando chegaram ao monte Calvário, onde encontraram os servos que haviam sido enviados à frente já no local, e as santas mulheres sentadas, chorando diante da Cruz. Cássio e vários soldados que haviam se convertido permaneciam a certa distância, e sua atitude era respeitosa e reservada.

José e Nicodemos descreveram à Santíssima Virgem e a João tudo o que haviam feito para salvar Jesus de uma morte desonrosa, e souberam por eles como tinham conseguido impedir que os ossos de nosso Senhor fossem quebrados e como a profecia havia se cumprido. Também falaram da ferida que Cássio havia feito com sua lança.

Assim que o centurião Abenadar chegou, começaram, com o mais profundo recolhimento de espírito, seu triste e sagrado trabalho de retirar da Cruz e embalsamar o adorável corpo de nosso Senhor.

⁂

A Santíssima Virgem e Madalena estavam sentadas ao pé da Cruz; enquanto isso, do lado direito, entre a cruz de Dimas e a de Jesus, as outras mulheres se ocupavam em preparar o linho, as especiarias, a água, as esponjas e os vasos. Cássio também se aproximou e contou a Abenadar a cura milagrosa de seus olhos.

Todos estavam profundamente comovidos, e seus corações transbordavam de dor e amor; mas, ao mesmo tempo, mantinham um silêncio solene, e cada movimento seu era cheio de seriedade e reverência.

Nada rompia o silêncio, a não ser uma palavra abafada de lamentação ou um gemido contido que, de vez em quando, escapava de uma ou outra dessas santas pessoas, apesar do zelo fervoroso e da profunda atenção que dedicavam ao seu piedoso trabalho.

Madalena se entregava sem reservas à sua dor, e nem a presença de tantas pessoas diferentes, nem qualquer outra consideração pareciam distraí-la dela.

Nicodemos e José colocaram as escadas atrás da Cruz e subiram por elas, segurando nas mãos um grande lençol ao qual estavam presas três correias compridas. Amarraram o corpo de Jesus ao madeiro da Cruz, por baixo dos braços e dos joelhos, e prenderam os braços com pedaços de linho colocados sob as mãos.

Depois retiraram os pregos, empurrando-os por trás com pinos resistentes pressionados contra as pontas. Assim, as sagradas mãos de Jesus quase não foram sacudidas, e os pregos saíram facilmente das feridas; pois estas haviam sido alargadas pelo peso do corpo que, agora sustentado pelos panos, já não pendia dos pregos.

A parte inferior do corpo, que desde a morte de nosso Senhor havia cedido, dobrando os joelhos, repousava agora numa posição natural, sustentada por um lençol preso, no alto, aos braços da Cruz.

Enquanto José retirava o prego da mão esquerda e depois deixava o braço esquerdo, sustentado por seu pano, descer suavemente sobre o corpo, Nicodemos prendia o braço direito de Jesus ao braço da Cruz, assim como a sagrada cabeça coroada, que havia caído sobre o ombro direito.

Então retirou o prego direito e, depois de envolver o braço com o lençol que o sustentava, deixou-o descer suavemente sobre o corpo. Ao mesmo tempo, o centurião Abenadar, com grande dificuldade, retirou o grande prego que atravessava os pés. Cássio recebeu os pregos com devoção e os colocou aos pés da Santíssima Virgem.

Então José e Nicodemos, depois de colocarem as escadas contra a frente da Cruz, numa posição bem vertical e perto do corpo, desamarraram a correia superior e a prenderam a um dos ganchos da escada; fizeram o mesmo com as outras duas correias e, passando todas de gancho em gancho, fizeram o sagrado corpo descer suavemente em direção ao centurião, que havia subido num banco e o recebeu nos braços, segurando-o por baixo dos joelhos; enquanto isso, José e Nicodemos, sustentando a parte superior do corpo, desciam devagar pela escada, parando a cada degrau e tomando todos os cuidados imagináveis, como fariam homens que carregassem o corpo de algum amigo querido que tivesse sido gravemente ferido. Foi assim que o corpo ferido de nosso Divino Salvador chegou ao chão.

Era uma cena muito comovente. Todos tomavam as mesmas precauções, tinham o mesmo cuidado, como se temessem causar algum sofrimento a Jesus. Pareciam ter concentrado sobre o sagrado corpo todo o amor e toda a veneração que haviam sentido por seu Salvador durante a vida dele.

Os olhos de cada um estavam fixos no adorável corpo e acompanhavam todos os seus movimentos; e eles erguiam continuamente as mãos ao Céu, derramando lágrimas e expressando de todas as maneiras possíveis a imensidão de sua dor e angústia.

Ainda assim, todos permaneciam perfeitamente calmos, e mesmo os que estavam tão ocupados com o sagrado corpo raramente quebravam o silêncio e, quando precisavam fazer alguma observação necessária, falavam em voz baixa.

Enquanto os pregos eram retirados à força com golpes de martelo, a Santíssima Virgem, Madalena e todos os que haviam presenciado a Crucificação sentiam cada golpe atravessar seus corações.

O som lhes trazia à memória todos os sofrimentos de Jesus, e eles não conseguiam conter o tremor de medo de voltar a ouvir seu grito lancinante de sofrimento; embora, ao mesmo tempo, se entristecessem com o silêncio de seus benditos lábios, que provava, com triste certeza, que ele estava realmente morto.

Quando o corpo foi retirado da Cruz, foi envolto em linho dos joelhos à cintura e depois colocado nos braços da Santíssima Virgem que, tomada de dor e amor, os estendeu para receber seu precioso fardo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

51 — O EMBALSAMAMENTO DO CORPO DE JESUS

✦

A Santíssima Virgem sentou-se sobre um grande pano estendido no chão, com o joelho direito ligeiramente levantado e as costas apoiadas em alguns mantos enrolados juntos, de modo a formar uma espécie de almofada.

Nenhum cuidado havia sido esquecido que pudesse de algum modo facilitar a ela — a Mãe das Dores —, em sua profunda aflição de alma, o triste, mas santíssimo dever que estava prestes a cumprir para com o corpo de seu amado Filho. A adorável cabeça de Jesus repousava sobre o joelho de Maria, e seu corpo estava estendido sobre um lençol.

A Santíssima Virgem estava tomada de dor e amor. Mais uma vez, e pela última vez, ela segurava nos braços o corpo de seu tão amado Filho, a quem não pudera dar nenhuma demonstração de amor durante as longas horas de seu martírio. E contemplava suas feridas e abraçava com carinho suas faces manchadas de sangue, enquanto Madalena apertava o rosto contra os pés dele.

Os homens se retiraram para uma pequena gruta, situada no lado sudoeste do Calvário, para preparar ali as diversas coisas necessárias ao embalsamamento; mas Cássio, com alguns outros soldados que haviam se convertido, permaneceu a uma distância respeitosa.

Todas as pessoas mal-intencionadas haviam voltado para a cidade, e os soldados presentes serviam apenas de guarda para impedir qualquer interrup-

ção nas últimas honras que estavam sendo prestadas ao corpo de Jesus. Alguns desses soldados até ajudavam quando lhes pediam.

As santas mulheres seguravam os vasos, as esponjas, os panos de linho, o óleo de unção e as especiarias, conforme a necessidade; mas, quando não estavam ocupadas dessa maneira, permaneciam a uma distância respeitosa, olhando atentamente para a Santíssima Virgem enquanto ela prosseguia em sua triste tarefa.

Madalena não se afastava do corpo de Jesus; João, porém, ajudava continuamente a Santíssima Virgem e ia e vinha entre os homens e as mulheres, prestando auxílio a ambos os grupos. As mulheres tinham consigo alguns grandes odres de couro e um vaso cheio de água sobre um fogo de carvão.

Entregavam à Santíssima Virgem e a Madalena, conforme precisavam, vasos cheios de água limpa e esponjas, que depois espremiam nos odres de couro.

A coragem e a firmeza de Maria permaneciam inabaláveis, mesmo em meio à sua angústia inexprimível. Era absolutamente impossível para ela deixar o corpo de seu Filho no terrível estado a que seus sofrimentos o haviam reduzido; por isso, começou, com dedicação incansável, a lavá-lo e a limpá-lo dos vestígios dos ultrajes a que havia sido exposto.

Com o máximo cuidado, retirou a coroa de espinhos, abrindo-a por trás e depois cortando, um por um, os espinhos que haviam penetrado profundamente na cabeça de Jesus, para não alargar as feridas. A coroa foi colocada ao lado dos pregos, e então Maria retirou os espinhos que haviam fi-

cado na pele com uma espécie de pinça arredondada e, com tristeza, mostrou-os aos seus amigos.

Esses espinhos foram colocados junto à coroa, mas alguns deles devem ter sido guardados separadamente.

O rosto divino de nosso Salvador mal podia ser reconhecido, tão desfigurado estava pelas feridas que o cobriam. A barba e os cabelos estavam grudados pelo sangue. Maria lavou a cabeça e o rosto e passou esponjas úmidas pelos cabelos para remover o sangue coagulado.

À medida que prosseguia em seu piedoso serviço, a extensão da terrível crueldade exercida sobre Jesus se tornava cada vez mais evidente e despertava em sua alma sentimentos de compaixão e ternura que aumentavam à medida que passava de uma ferida a outra.

Lavou as feridas da cabeça, os olhos cheios de sangue, as narinas e as orelhas com uma esponja e um pequeno pedaço de linho estendido sobre os dedos da mão direita; depois limpou, da mesma maneira, a boca entreaberta, a língua, os dentes e os lábios.

Dividiu o que restava dos cabelos de nosso Senhor em três partes, uma caindo sobre cada têmpora e a terceira sobre a parte de trás da cabeça; e, depois de desembaraçar e alisar os cabelos da frente, colocou-os atrás das orelhas dele.

Quando a cabeça ficou inteiramente lavada e limpa, a Santíssima Virgem cobriu-a com um véu, depois de beijar as faces sagradas de seu querido Filho. Voltou então sua atenção para o pescoço, os ombros, o peito, as costas,

os braços e as mãos perfuradas. Todos os ossos do peito e as articulações estavam deslocados e não podiam ser dobrados.

Havia uma ferida terrível nos ombros que haviam suportado o peso da Cruz, e toda a parte superior do corpo estava coberta de contusões e profundamente marcada pelos golpes dos açoites.

No lado esquerdo do peito havia uma pequena ferida por onde saíra a ponta da lança de Cássio, e no lado direito estava a grande ferida feita pela mesma lança, que havia atravessado o coração de um lado ao outro.

Maria lavou todas essas feridas, e Madalena, de joelhos, ajudava-a de vez em quando, mas sem se afastar dos pés sagrados de Jesus, que banhava com lágrimas e enxugava com os cabelos.

A cabeça, o peito e os pés de nosso Senhor estavam agora lavados, e o corpo sagrado, coberto de manchas castanhas e marcas vermelhas nos lugares onde a pele havia sido arrancada, e de uma cor branca azulada, como carne da qual se retirou o sangue, repousava sobre os joelhos de Maria. Ela cobria com um véu as partes que havia lavado e então passou a embalsamar todas as feridas.

As santas mulheres se ajoelhavam ao seu lado e se revezavam para lhe apresentar uma caixa, da qual ela tirava um unguento precioso, com que preenchia e cobria as feridas. Também ungiu os cabelos e depois, tomando as mãos sagradas de Jesus em sua mão esquerda, beijou-as respeitosamente e preencheu as grandes feridas feitas pelos pregos com esse unguento ou especiaria aromática.

Da mesma forma, preencheu as orelhas, as narinas e a ferida do lado com a mesma mistura preciosa. Enquanto isso, Madalena enxugava e embalsamava os pés de nosso Senhor; depois tornava a lavá-los com suas lágrimas e muitas vezes apertava o rosto contra eles.

A água que havia sido usada não foi jogada fora, mas despejada nos odres de couro nos quais as esponjas tinham sido espremidas. Vi Cássio, ou algum outro soldado, ir várias vezes buscar água fresca na fonte de Giom, que ficava a pouca distância.

Quando a Santíssima Virgem terminou de preencher todas as feridas com unguento, envolveu a cabeça em panos de linho, mas ainda não cobriu o rosto. Fechou os olhos entreabertos de Jesus e manteve a mão sobre eles por algum tempo. Também fechou a boca e então abraçou o corpo sagrado de seu amado Filho, apertando o rosto com carinho e reverência contra o dele.

José e Nicodemos já esperavam havia algum tempo quando João se aproximou da Santíssima Virgem e lhe suplicou que permitisse que o corpo de seu Filho fosse retirado de seus braços, para que o embalsamamento pudesse ser concluído, pois o sábado estava próximo.

Mais uma vez Maria abraçou o corpo sagrado de Jesus e se despediu com as palavras mais comoventes; então os homens o levantaram de seus braços sobre o lençol e o levaram para um lugar um pouco afastado.

A profunda tristeza de Maria havia sido por algum tempo aliviada pelos sentimentos de amor e reverência com que cumprira sua tarefa sagrada; mas agora voltou a dominá-la, e ela caiu, com a cabeça coberta pelo véu, nos braços das santas mulheres.

Madalena sentiu quase como se seu Amado estivesse sendo levado à força para longe dela e correu alguns passos para a frente, com os braços estendidos; mas, depois de um momento, voltou para junto da Santíssima Virgem.

⁂

O corpo sagrado foi levado a um lugar abaixo do nível do cume do Gólgota, onde a superfície lisa de uma rocha oferecia uma plataforma conveniente para embalsamá-lo. Primeiro vi um pedaço de linho trabalhado em ponto vazado, muito parecido com renda, que me fez pensar na grande cortina bordada pendurada entre o coro e a nave durante a Quaresma.

Provavelmente fora feito naquele ponto vazado para permitir que a água escorresse. Também vi outro grande lençol ser desdobrado. O corpo de nosso Salvador foi colocado sobre o pedaço de linho vazado, e alguns dos outros homens mantinham o outro lençol estendido acima dele.

Nicodemos e José então se ajoelharam e, debaixo dessa cobertura, retiraram o pano de linho que haviam prendido ao redor dos quadris de nosso Salvador quando desceram seu corpo da Cruz.

Depois passaram esponjas por baixo desse lençol e lavaram as partes inferiores do corpo; em seguida, ergueram-no com a ajuda de pedaços de linho cruzados sob os quadris e os joelhos e lavaram as costas sem virá-lo. Continuaram a lavar até que das esponjas, ao serem espremidas, saísse apenas água limpa.

Depois derramaram água de mirra sobre o corpo inteiro e, manuseando-o com respeito, estenderam-no por completo, pois ainda estava na posição

em que nosso Divino Senhor havia morrido — com os quadris e os joelhos dobrados.

Colocaram então sob seus quadris um lençol de uma jarda de largura e três de comprimento, puseram sobre seu colo feixes de ervas perfumadas e espalharam sobre o corpo inteiro um pó que Nicodemos havia trazido. Em seguida, envolveram a parte inferior do corpo e prenderam firmemente ao redor dela o pano que haviam colocado por baixo.

Depois disso, ungiram as feridas das coxas, colocaram feixes de ervas entre as pernas, que estavam estendidas por completo, e as envolveram inteiramente nessas especiarias aromáticas.

Então João conduziu a Santíssima Virgem e as outras santas mulheres mais uma vez para junto do corpo. Maria se ajoelhou perto da cabeça de Jesus e colocou sob ela um pedaço de linho muito fino que lhe havia sido dado pela mulher de Pilatos e que ela havia usado ao redor do pescoço, por baixo do manto; em seguida, ajudada pelas santas mulheres, colocou feixes de ervas, especiarias e pó perfumado dos ombros até as faces e depois amarrou firmemente esse pedaço de linho ao redor da cabeça e dos ombros.

Madalena também derramou um pequeno frasco de bálsamo na ferida do lado, e as santas mulheres colocaram mais algumas ervas nas feridas das mãos e dos pés. Então os homens puseram especiarias aromáticas ao redor de todo o restante do corpo, cruzaram os braços sagrados e enrijecidos sobre o peito e amarraram o grande lençol branco ao redor do corpo até a altura do peito, como se estivessem enfaixando uma criança.

Depois, tendo prendido a ponta de uma grande faixa sob as axilas, enrolaram-na ao redor da cabeça e de todo o corpo. Por fim, colocaram nosso Divino Senhor sobre o grande lençol de seis jardas de comprimento que José de Arimateia havia comprado e o envolveram nele.

Ele estava deitado na diagonal sobre o lençol; uma de suas pontas foi levantada dos pés até o peito, outra foi puxada sobre a cabeça e os ombros, enquanto as duas pontas restantes foram dobradas ao redor do corpo.

A Santíssima Virgem, as santas mulheres e os homens — todos estavam ajoelhados ao redor do corpo de Jesus para se despedir dele, quando um milagre muito comovente aconteceu diante deles.

O corpo sagrado de Jesus, com todas as suas feridas, apareceu impresso no pano que o cobria, como se ele tivesse desejado recompensar o cuidado e o amor deles e lhes deixar um retrato de si mesmo através de todos os véus em que estava envolto. Com lágrimas, abraçaram o corpo adorável e depois beijaram com reverência a maravilhosa impressão que ele havia deixado.

Seu espanto aumentou quando, ao erguerem o lençol, viram que todas as faixas que envolviam o corpo tinham permanecido brancas como antes e que somente o pano de cima havia sido marcado daquela maneira maravilhosa.

Não era uma marca feita pelas feridas que sangravam, pois o corpo inteiro estava envolto e coberto de especiarias aromáticas; era um retrato sobrenatural, que dava testemunho do poder criador divino sempre presente no corpo de Jesus. Vi muitas coisas relacionadas à história posterior desse pedaço de linho, mas não pude descrevê-las de maneira coerente.

Depois da ressurreição, ele permaneceu em poder dos amigos de Jesus, mas caiu duas vezes nas mãos dos judeus e, mais tarde, foi honrado em vários lugares diferentes. Eu o vi em uma cidade da Ásia, em poder de alguns cristãos que não eram católicos. Esqueci o nome da cidade, que fica em uma província próxima ao país dos Três Reis.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

52 — O CORPO DE NOSSO SENHOR É COLOCADO NO SEPULCRO

✦

Os homens colocaram o corpo sagrado sobre uma espécie de padiola de couro, que cobriram com um pano marrom e à qual prenderam duas varas compridas. Isso me lembrou vivamente a Arca da Aliança. Nicodemos e José levaram sobre os ombros as varas da frente, enquanto Abenadar e João sustentavam as de trás.

Depois deles vinham a Santíssima Virgem, Maria de Heli, sua irmã mais velha, Madalena e Maria de Cléofas, e depois o grupo de mulheres que estivera sentado a alguma distância — Verônica, Joana de Cusa, Maria Salomé, Salomé de Jerusalém, Susana e Ana, sobrinha de São José. Cássio e os soldados encerravam a procissão.

As outras mulheres, como Marone de Naim, Dina, a samaritana, e Mara, a sufanita, estavam em Betânia, com Marta e Lázaro. Dois soldados, levando tochas nas mãos, iam à frente, para que houvesse alguma luz na gruta do sepulcro; e a procissão continuou a avançar nessa ordem por cerca de sete minutos, com os santos homens e mulheres cantando salmos em tons suaves, mas melancólicos.

Vi Tiago Maior, irmão de João, de pé sobre uma colina do outro lado do vale, observando-os enquanto passavam, e ele voltou logo depois para contar aos outros discípulos o que tinha visto.

A procissão parou à entrada do jardim de José, que foi aberta com a retirada de algumas estacas, usadas depois como alavancas para rolar a pedra até a porta do sepulcro. Quando chegaram diante da rocha, colocaram o Corpo Sagrado sobre uma tábua comprida coberta com um lençol.

A gruta, que havia sido escavada recentemente, fora limpa pouco antes pelos servos de Nicodemos, de modo que o interior estava asseado e agradável à vista. As santas mulheres se sentaram diante da gruta, enquanto os quatro homens levaram para dentro o corpo de nosso Senhor, encheram parcialmente de especiarias aromáticas o leito escavado destinado a recebê-lo e estenderam sobre elas um pano, sobre o qual depositaram com reverência o corpo sagrado.

Depois de mais uma vez expressarem seu amor com lágrimas e abraços afetuosos, saíram da gruta. Então a Santíssima Virgem entrou, sentou-se perto da cabeça de seu querido Filho e se inclinou sobre o corpo dele, derramando muitas lágrimas.

Quando ela saiu da gruta, Madalena se adiantou depressa e com grande ardor, e lançou sobre o corpo algumas flores e ramos que havia colhido no jardim. Então juntou as mãos e, entre soluços, beijou os pés de Jesus; mas, como os homens lhe disseram que precisavam fechar o sepulcro, ela voltou para junto das outras mulheres.

Eles cobriram o corpo sagrado com as pontas do lençol sobre o qual estava deitado, colocaram por cima de tudo a coberta marrom e fecharam as portas de duas folhas, que eram feitas de um metal da cor do bronze e tinham na parte da frente duas hastes, uma na vertical e outra atravessada, de modo a formar uma cruz perfeita.

A grande pedra com que pretendiam fechar o sepulcro, e que ainda estava diante da gruta, tinha uma forma muito semelhante à de uma arca ou de um túmulo; seu comprimento era tal que um homem poderia se deitar sobre ela, e era tão pesada que somente com alavancas os homens puderam rolá-la até a frente da porta do sepulcro. A entrada da gruta foi fechada por um portão feito de ramos entrelaçados. Tudo o que se fazia dentro da gruta precisava ser realizado à luz de tochas, pois a luz do dia nunca penetrava ali.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

53 — A VOLTA DO SEPULCRO

✦

José de Arimateia é preso.

O sábado estava próximo, e Nicodemos e José voltaram a Jerusalém por uma pequena porta não muito distante do jardim, que José havia recebido, como favor especial, permissão para abrir na muralha da cidade.

Disseram à Santíssima Virgem, a Madalena, a João e a algumas das mulheres, que estavam voltando ao Calvário para rezar ali, que essa porta, assim como a do cenáculo, lhes seria aberta sempre que batessem. A irmã mais velha da Santíssima Virgem, Maria de Heli, voltou à cidade com Maria, mãe de Marcos, e algumas outras mulheres.

Os servos de Nicodemos e José foram ao Calvário buscar várias coisas que haviam sido deixadas ali.

Os soldados se juntaram aos que guardavam o portão da cidade perto do Calvário; e Cássio foi até Pilatos com a lança, relatou tudo o que havia visto e prometeu lhe dar um relato exato de tudo o que acontecesse, caso ele colocasse sob seu comando os guardas que os judeus certamente pediriam que fossem postos ao redor do túmulo. Pilatos ouviu suas palavras com um terror secreto, mas apenas lhe respondeu que sua superstição chegava à loucura.

José e Nicodemos encontraram Pedro e os dois Tiagos na cidade. Todos derramaram muitas lágrimas, mas Pedro estava inteiramente abatido pela intensidade dessa dor. Ele os abraçou, censurou a si mesmo por não ter es-

tado presente à morte de nosso Salvador e lhes agradeceu por terem prestado os ritos de sepultamento ao seu corpo sagrado.

Ficou combinado que a porta do cenáculo lhes seria aberta sempre que batessem, e então eles partiram em busca de alguns outros discípulos que estavam dispersos em várias direções. Mais tarde, vi a Santíssima Virgem e seus companheiros entrarem no cenáculo; em seguida, Abenadar chegou e foi recebido; e, aos poucos, a maior parte dos Apóstolos e discípulos se reuniu ali.

As santas mulheres se retiraram para a parte do edifício onde a Santíssima Virgem estava morando. Comeram um pouco e passaram mais alguns minutos em lágrimas, contando uns aos outros o que cada um havia visto. Então os homens trocaram de roupa, e eu os vi de pé sob a lâmpada, observando o sábado.

Comeram alguns cordeiros no cenáculo, mas sem observar nenhuma cerimônia, pois haviam comido o cordeiro pascal na noite anterior. Todos estavam perturbados em espírito e cheios de tristeza. As santas mulheres também passaram o tempo rezando com a Santíssima Virgem sob a lâmpada.

Mais tarde, quando a noite já havia caído por completo, Lázaro, a viúva de Naim, Dina, a samaritana, e Mara de Sufã chegaram de Betânia, e então, mais uma vez, foram feitos relatos de tudo o que havia acontecido, e muitas lágrimas foram derramadas.

[Segundo as visões da irmã Emmerich, as três mulheres mencionadas no texto estavam vivendo havia algum tempo em Betânia, numa espécie de

comunidade estabelecida por Marta para cuidar do sustento dos discípulos enquanto nosso Senhor viajava de um lugar a outro, e da divisão e distribuição das esmolas que eram recolhidas.

A viúva de Naim, cujo filho Marcial foi ressuscitado por Jesus, segundo a irmã Emmerich, no dia 28 de Marchesvan (18 de novembro), chamava-se Maroni. Ela era filha de um tio paterno de São Pedro. Seu primeiro marido era filho de uma irmã de Isabel, que, por sua vez, era filha de uma irmã da mãe de Santa Ana.

Como o primeiro marido de Maroni morreu sem deixar filhos, ela se casou com Elind, um parente de Santa Ana, e deixou Casalut, perto do Tabor, para morar em Naim, que ficava ali perto e onde logo perdeu seu segundo marido.

Dina, a samaritana, era a mesma que conversou com Jesus junto ao poço de Jacó. Ela nasceu perto de Damasco, de pais que eram em parte judeus e em parte pagãos. Eles morreram quando ela ainda era muito jovem e, como foi criada por uma mulher de má conduta, as sementes das piores paixões foram plantadas cedo em seu coração.

Ela tivera vários maridos, que se substituíram uns aos outros, e o último morava em Sicar, para onde ela o havia seguido, mudando seu nome de Dina para Salomé. Ela tinha três filhas adultas e dois filhos, que depois se juntaram aos discípulos.

A irmã Emmerich costumava dizer que a vida dessa samaritana era profética — que Jesus havia falado a toda a seita dos samaritanos por meio da

pessoa dela, e que eles estavam presos aos seus erros por tantos laços quantos eram os adultérios que ela havia cometido.

Mara de Sufã era moabita, vinha das proximidades de Sufã e era descendente de Orfa, viúva de Quelion, filho de Noemi. Orfa havia se casado novamente em Moab. Por meio de Orfa, cunhada de Rute, Mara estava ligada à família de Davi, de quem nosso Senhor descendia.

A irmã Emmerich viu Jesus libertar Mara de quatro demônios e lhe conceder o perdão dos pecados no dia 17 de Elul (9 de setembro) do segundo ano de sua vida pública. Ela estava morando em Enon, tendo sido repudiada pelo marido, um judeu rico, que havia ficado com os filhos que tivera com ela. Ela tinha consigo outros três, frutos de seus adultérios.

"Eu vi", dizia a irmã Emmerich, "eu vi como o ramo desgarrado do tronco de Davi foi purificado nela pela graça de Jesus e acolhido no seio da Igreja. Não consigo expressar quantas dessas raízes e ramificações vejo se entrelaçarem, desaparecerem de vista e depois serem trazidas novamente à luz."]

José de Arimateia voltou tarde do cenáculo para casa e caminhava tristemente pelas ruas de Sião, acompanhado de alguns discípulos e mulheres, quando, de repente, um bando de homens armados, que estavam de emboscada nas proximidades do tribunal de Caifás, caiu sobre eles e prendeu José; seus companheiros então fugiram, soltando altos gritos de terror.

Ele foi encarcerado numa torre junto à muralha da cidade, não muito longe do tribunal. Esses soldados eram pagãos e não precisavam guardar o sábado; por isso, Caifás havia conseguido seus serviços nessa ocasião. A inten-

ção era deixar José morrer de fome e manter seu desaparecimento em segredo.

Aqui terminam as descrições de tudo o que ocorreu no dia da Paixão de nosso Senhor; mas acrescentaremos algumas informações complementares sobre o Sábado Santo, a Descida aos Infernos e a Ressurreição.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

54 — SOBRE O NOME DO CALVÁRIO

✦

Enquanto meditava sobre o nome de Gólgota, Calvário, o lugar dos crânios, dado à rocha sobre a qual Jesus foi crucificado, fiquei profundamente absorta em contemplação e vi em espírito todas as épocas, desde o tempo de Adão até o de Cristo, e nessa visão me foi revelada a origem do nome. Apresento aqui tudo o que me lembro sobre esse assunto.

Vi Adão, depois de sua expulsão do Paraíso, chorando na gruta onde Jesus suou sangue e água, no Monte das Oliveiras. Vi como Set foi prometido a Eva na gruta da manjedoura em Belém, e como ela o deu à luz nessa mesma gruta. Também vi Eva vivendo em algumas cavernas perto de Hebrom, onde mais tarde foi estabelecido o mosteiro essênio de Masfa.

Vi então a região onde Jerusalém foi construída, tal como era depois do Dilúvio, e a terra estava toda revolvida, negra, pedregosa e muito diferente do que fora antes. A uma profundidade imensa abaixo da rocha que constitui o Monte Calvário (que se formou nesse lugar pelo movimento das águas), vi o túmulo de Adão e Eva.

Faltavam a cabeça e uma costela a um dos esqueletos, e a cabeça restante estava colocada dentro desse mesmo esqueleto, ao qual não pertencia. Nem todos os ossos de Adão e Eva haviam sido deixados nessa sepultura, pois Noé levara alguns deles consigo na arca, e eles foram transmitidos de geração em geração pelos Patriarcas.

Noé, assim como Abraão, tinha o costume de, ao oferecer sacrifícios, sempre colocar alguns dos ossos de Adão sobre o altar, para lembrar ao Todo-Poderoso sua promessa. Quando Jacó deu a José sua túnica de várias cores, deu-lhe ao mesmo tempo alguns ossos de Adão, para serem guardados como relíquias.

José sempre os levava junto ao peito, e eles foram colocados com seus próprios ossos no primeiro relicário que os filhos de Israel trouxeram do Egito. Vi coisas semelhantes, mas de algumas me esqueci, e me falta tempo para descrever as outras.

Quanto à origem do nome do Calvário, apresento aqui tudo o que sei. Vi o monte que leva esse nome tal como era no tempo do profeta Eliseu. Não era então como na época da Crucificação de nosso Senhor, mas uma colina com muitos muros e cavernas semelhantes a túmulos.

Vi o profeta Eliseu descer a essas cavernas, não posso dizer se de fato ou apenas numa visão, e o vi retirar um crânio de um sepulcro de pedra onde repousavam ossos. Alguém que estava ao seu lado — creio que um anjo — lhe disse: 'Este é o crânio de Adão.' O profeta desejava levá-lo, mas seu companheiro o proibiu. Vi sobre o crânio alguns poucos fios de cabelo de cor clara.

Soube também que, depois de o profeta ter contado o que lhe acontecera, o lugar recebeu o nome de Calvário. Por fim, vi que a Cruz de Jesus foi colocada verticalmente sobre o crânio de Adão.

Foi-me dito que esse lugar era o centro exato da terra; e, ao mesmo tempo, foram-me mostrados os números e as medidas próprios de cada país, mas

me esqueci deles, tanto em particular como em geral. Contudo, vi esse centro do alto, como se o visse do ponto de vista de um pássaro.

Dessa maneira, uma pessoa vê com muito mais clareza do que num mapa todos os diferentes países, montanhas, desertos, mares, rios, cidades e até os menores lugares, estejam distantes ou próximos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

55 — A CRUZ E O LAGAR

✦

Enquanto eu meditava sobre estas palavras ou pensamentos de Jesus pendurado na Cruz: 'Sou espremido como o vinho colocado aqui sob a prensa pela primeira vez; meu sangue deve continuar a correr até que venha água, mas não se fará mais vinho aqui', recebi uma explicação por meio de outra visão relacionada ao Calvário.

Vi essa região rochosa num período anterior ao Dilúvio; ela era então menos selvagem e menos estéril do que se tornou depois, e estava dividida em vinhedos e campos.

Vi ali o patriarca Jafé, um ancião majestoso de pele escura, cercado por imensos rebanhos e uma numerosa descendência: tanto seus filhos como ele próprio tinham moradias escavadas no solo, cobertas com tetos de leiva, sobre os quais cresciam ervas e flores.

Havia videiras por toda parte, e um novo método de fazer vinho estava sendo experimentado no Calvário, na presença de Jafé. Vi também o antigo método de preparar vinho, mas só posso dar a seguinte descrição dele. A princípio, os homens se contentavam em comer as uvas; depois passaram a espremê-las com pilões em pedras ocas e, por fim, em grandes calhas de madeira.

Nessa ocasião, havia sido criada uma nova prensa de vinho, semelhante à santa Cruz em sua forma; ela consistia no tronco oco de uma árvore colocado em pé, com um saco de uvas suspenso sobre ele.

Sobre esse saco estava preso um pilão, com um peso por cima; e dos dois lados do tronco havia braços ligados ao saco por aberturas feitas para esse fim, os quais, quando postos em movimento ao baixar suas extremidades, esmagavam as uvas.

O suco saía da árvore por cinco aberturas e caía numa cuba de pedra, de onde corria por um canal feito de casca de árvore e revestido de resina, até uma espécie de cisterna escavada na rocha onde Jesus ficou preso antes de sua Crucificação. Ao pé da prensa, na cuba de pedra, havia uma espécie de peneira para reter as cascas, que eram postas de lado.

Depois de fazerem a prensa, encheram o saco de uvas, pregaram-no ao alto do tronco, colocaram o pilão e puseram em movimento os braços laterais para fazer o vinho correr. Tudo isso me lembrava muito vivamente a Crucificação, por causa da semelhança entre a prensa e a Cruz.

Tinham uma vara comprida de caniço, em cuja extremidade havia pontas, de modo que parecia um enorme cardo, e a passavam pelo canal e pelo tronco da árvore quando havia alguma obstrução. Isso me fez lembrar da lança e da esponja. Havia também alguns odres de couro e vasos feitos de casca de árvore e revestidos de resina.

Vi vários jovens, vestidos apenas com um pano enrolado em torno da cintura, como Jesus, trabalhando nessa prensa. Jafé era muito velho; usava uma barba comprida e uma veste feita de peles de animais, e olhava para a nova prensa com evidente satisfação.

Era um dia de festa, e sacrificaram sobre um altar de pedra alguns animais que corriam soltos no vinhedo: jumentos jovens, cabras e ovelhas. Não foi

nesse lugar que Abraão veio sacrificar Isaac; talvez tenha sido no Monte Moriá.

Esqueci muitas das instruções a respeito do vinho, do vinagre e dos odres, e das diferentes maneiras pelas quais tudo devia ser distribuído à direita e à esquerda; e lamento isso, porque até os menores detalhes dessas coisas têm um profundo significado simbólico. Se for da vontade de Deus que eu os torne conhecidos, ele os mostrará a mim novamente.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

56 — APARIÇÕES POR OCASIÃO DA MORTE DE JESUS

✦

Entre os mortos que saíram de seus túmulos, e que eram certamente cem em Jerusalém, não havia parentes de Jesus. Vi, em várias partes da Terra Santa, outros mortos aparecerem e darem testemunho da divindade de Jesus. Assim, vi Sadoc, um homem muito piedoso, que havia dado todos os seus bens aos pobres e ao Templo, aparecer a muitas pessoas nas proximidades de Hebron.

Esse Sadoc havia vivido um século antes de Jesus e fora o fundador de uma comunidade de essênios: havia suspirado ardentemente pela vinda do Messias e recebido várias revelações sobre o assunto. Vi alguns outros mortos aparecerem aos discípulos de nosso Senhor que estavam escondidos e lhes darem diferentes advertências.

O terror e a desolação reinavam até nas regiões mais distantes da Palestina, e não foi somente em Jerusalém que ocorreram prodígios assustadores. Em Tirza, caíram as torres da prisão em que haviam sido encerrados os cativos libertados por Jesus.

Na Galileia, por onde Jesus tanto havia viajado, vi muitos edifícios e, em particular, as casas daqueles fariseus que haviam sido os primeiros a perseguir nosso Salvador, e que então estavam todos na festa, serem derrubados pelos abalos, esmagando suas mulheres e filhos. Numerosos desastres aconteceram nas proximidades do lago de Genesaré.

Muitos edifícios desabaram em Cafarnaum; e a muralha de rochas que ficava diante do belo jardim do centurião Zorobabel se rachou de um lado a outro. O lago transbordou para o vale, e suas águas desceram até Cafarnaum, que ficava a uma milha e meia de distância. A casa de Pedro e a morada da Santíssima Virgem, diante da cidade, permaneceram de pé.

O lago foi violentamente agitado; suas margens desmoronaram em vários lugares, e seu formato mudou muito, tornando-se mais parecido com o que tem hoje. Grandes mudanças ocorreram, sobretudo na extremidade sudeste, perto de Tariqueia, pois nessa parte havia um longo dique de pedras entre o lago e uma espécie de pântano, que dava uma direção constante ao curso do Jordão quando ele saía do lago.

Todo esse dique foi destruído pelo terremoto. Muitos desastres aconteceram no lado oriental do lago, no lugar onde os porcos pertencentes aos habitantes de Gergesa se lançaram na água, e também em Gergesa, Gerasa e em toda a região de Corazim.

A montanha onde ocorreu a segunda multiplicação dos pães foi abalada, e a pedra sobre a qual o milagre havia sido realizado se partiu em duas. Na Decápole, cidades inteiras desmoronaram; e na Ásia, em várias localidades, o terremoto foi sentido com grande intensidade, principalmente a leste e a nordeste de Paneias.

Na Alta Galileia, muitos fariseus encontraram suas casas em ruínas quando voltaram da celebração da festa. Vários deles, ainda em Jerusalém, receberam a notícia do que havia acontecido, e foi por esse motivo que os inimigos de Jesus fizeram tão poucos esforços contra a comunidade cristã no Pentecostes.

Uma parte do Templo de Garizim desmoronou. Havia ali um ídolo acima de uma fonte, em um pequeno templo, cujo teto caiu na fonte junto com o ídolo. Metade da sinagoga de Nazaré, da qual Jesus havia sido expulso, desabou, assim como a parte da montanha de onde seus inimigos haviam tentado precipitá-lo.

O leito do Jordão foi muito modificado por todos esses abalos, e seu curso mudou em muitos lugares. Em Maqueronte e nas outras cidades pertencentes a Herodes, tudo permaneceu tranquilo, pois aquela região estava fora do alcance do arrependimento e das ameaças, como aqueles homens que não caíram por terra no Jardim das Oliveiras e, por isso, não se levantaram novamente.

Em muitas outras regiões onde havia espíritos malignos, vi esses espíritos desaparecerem em grandes grupos em meio às montanhas e aos edifícios que desabavam. Os terremotos me lembraram as convulsões dos possessos, quando o inimigo sente que precisa fugir. Em Gergesa, uma parte da montanha de onde os demônios haviam se lançado com os porcos em um pântano caiu nesse mesmo pântano; e então vi um bando de espíritos malignos se lançar no abismo, como uma nuvem escura.

Foi em Nice, se não me engano, que vi um acontecimento singular, do qual tenho apenas uma lembrança imperfeita. Havia ali um porto com muitas embarcações; e perto desse porto ficava uma casa com uma torre alta, na qual vi um pagão cujo ofício era vigiar essas embarcações. Ele precisava subir com frequência à torre e ver o que acontecia no mar.

Ao ouvir um grande ruído sobre as embarcações no porto, subiu depressa à torre para descobrir o que estava acontecendo e viu várias figuras escuras

pairando sobre o porto, que lhe gritaram em tom lamentoso: 'Se deseja preservar as embarcações, mande que saiam deste porto, pois precisamos voltar ao abismo: o grande Pã morreu.' Disseram-lhe várias outras coisas; ordenaram-lhe que tornasse conhecido o que então lhe diziam quando voltasse de certa viagem que faria em breve, e que recebesse bem os mensageiros que viriam anunciar a doutrina daquele que acabava de morrer.

Dessa maneira, os espíritos malignos foram forçados pelo poder de Deus a informar esse bom homem de sua derrota e a anunciá-la ao mundo. Ele mandou colocar as embarcações em segurança, e então surgiu uma tempestade terrível: os demônios se lançaram no mar, uivando, e metade da cidade desabou. Sua casa permaneceu de pé.

Pouco depois, ele partiu em uma longa viagem e anunciou a morte do grande Pã, se esse é o nome pelo qual nosso Salvador havia sido chamado. Mais tarde, chegou a Roma, onde seu relato causou grande espanto. Seu nome era algo como Tamo ou Tramo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

57 — GUARDAS SÃO COLOCADOS AO REDOR DO TÚMULO DE JESUS

✦

Tarde da noite de sexta-feira, vi Caifás e alguns dos principais homens entre os judeus reunidos para decidir a melhor maneira de agir diante dos prodígios que haviam ocorrido e do efeito que haviam causado no povo.

Continuaram suas deliberações até a manhã e então foram às pressas à casa de Pilatos para lhe dizer que, como aquele impostor havia dito, quando ainda estava vivo, 'Depois de três dias ressuscitarei', seria conveniente mandar guardar o sepulcro até o terceiro dia, pois, do contrário, seus discípulos poderiam vir, roubá-lo e dizer ao povo: 'Ele ressuscitou dos mortos', e o último erro seria pior que o primeiro.

Pilatos estava decidido a não ter mais nada a ver com o assunto e apenas respondeu: 'Vocês têm uma guarda; vão, guardem-no como souberem.' Contudo, encarregou Cássio de vigiar tudo o que acontecesse e lhe dar um relato exato de cada circunstância.

Vi esses homens, em número de doze, saírem da cidade antes do nascer do sol, acompanhados de alguns soldados que não usavam o uniforme romano, pois estavam a serviço do Templo. Levavam lanternas presas à ponta de longas varas, para poderem enxergar todos os objetos ao redor, apesar da escuridão da noite, e também para terem alguma luz na caverna escura do sepulcro.

Assim que chegaram ao sepulcro, depois de primeiro verem com os próprios olhos que o corpo de Jesus realmente estava ali, prenderam uma corda atravessada sobre a porta do túmulo e outra sobre a grande pedra colocada à frente, selando tudo com um selo de formato semicircular. Depois voltaram à cidade, e os guardas se posicionaram diante da porta externa.

Eram cinco ou seis e se revezavam na vigilância, três de cada vez. Cássio nunca deixou seu posto e costumava ficar sentado ou de pé diante da entrada da caverna, de modo a ver o lado do túmulo onde repousavam os pés de nosso Senhor. Ele havia recebido muitas graças interiores, e lhe fora dado compreender muitos mistérios.

Como não estava de modo algum acostumado a esse estado de iluminação espiritual, ficava inteiramente fora de si e permanecia quase o tempo todo sem perceber a presença das coisas exteriores. Estava completamente mudado, havia se tornado um novo homem e passou o dia inteiro em penitência, fazendo fervorosos atos de gratidão e adorando humildemente a Deus.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

58 — UM OLHAR SOBRE OS DISCÍPULOS DE JESUS NO SÁBADO SANTO

✦

Os fiéis discípulos de nosso Senhor se reuniram no Cenáculo para observar a véspera do sábado. Eram cerca de vinte, vestidos com longas vestes brancas e com a cintura cingida. O aposento era iluminado por uma lâmpada; depois da refeição, eles se separaram, e a maior parte voltou para casa. Reuniram-se novamente na manhã seguinte e ficaram sentados juntos, alternando a leitura e a oração; e, se algum amigo entrava no aposento, levantavam-se e o saudavam cordialmente.

Na parte da casa habitada pela Santíssima Virgem havia um grande aposento, dividido em pequenos compartimentos semelhantes a celas, que as santas mulheres usavam para dormir à noite. Quando voltaram do sepulcro, uma delas acendeu uma lâmpada que pendia no meio do aposento, e todas se reuniram em torno da Santíssima Virgem e começaram a rezar com tristeza, mas com recolhimento.

Pouco depois, entraram no aposento Marta, Maroni, Dina e Mara, que acabavam de chegar com Lázaro de Betânia, onde haviam passado o sábado. A Santíssima Virgem e suas companheiras lhes fizeram um relato detalhado da morte e do sepultamento de nosso Senhor, acompanhando cada relato com muitas lágrimas.

A noite avançava, e José de Arimateia entrou com alguns outros discípulos para perguntar se alguma das mulheres desejava voltar para casa, pois esta-

vam prontos para acompanhá-las.

Algumas aceitaram a proposta e partiram imediatamente; mas, antes de chegarem ao tribunal de Caifás, alguns homens armados detiveram José de Arimateia, prenderam-no e o trancaram numa antiga torre abandonada.

As santas mulheres que não deixaram o Cenáculo se retiraram para descansar nos compartimentos semelhantes a celas mencionados acima: prenderam longos véus sobre a cabeça, sentaram-se tristemente no chão e se apoiaram nos leitos que estavam encostados à parede.

Depois de algum tempo, levantaram-se, estenderam as roupas de cama que estavam enroladas sobre os leitos, tiraram as sandálias, os cintos e parte das roupas e se deitaram por algum tempo, procurando dormir um pouco. À meia-noite, levantaram-se, vestiram-se, arrumaram seus leitos e se reuniram novamente em torno da lâmpada para continuar sua oração com a Santíssima Virgem.

Quando a Mãe de Jesus e suas piedosas companheiras terminaram sua oração noturna (aquele santo dever praticado por todos os fiéis filhos de Deus e pelas almas santas que se sentiram chamados a ele por uma graça especial ou que seguem uma regra dada por Deus e sua Igreja), ouviram uma batida à porta, que foi imediatamente aberta, e entraram João e alguns dos discípulos que haviam prometido conduzi-las ao Templo.

As mulheres então se envolveram em seus mantos e partiram imediatamente. Eram cerca de três horas da manhã, e foram diretamente ao Templo, pois muitos judeus tinham o costume de chegar ali antes do amanhecer, no dia seguinte àquele em que haviam comido o cordeiro pascal; por

essa razão, o Templo ficava aberto desde a meia-noite, já que os sacrifícios começavam muito cedo.

Elas partiram aproximadamente à mesma hora em que os sacerdotes haviam colocado seu selo sobre o sepulcro. O aspecto do Templo, porém, era muito diferente do que costumava ser nessas ocasiões, pois os sacrifícios estavam suspensos, e o lugar estava vazio e desolado, já que todos haviam saído por causa dos acontecimentos do dia anterior, que o haviam tornado impuro.

Pareceu-me que a Santíssima Virgem o visitava com o único propósito de se despedir do lugar onde havia passado sua juventude.

O Templo, porém, estava aberto; as lâmpadas estavam acesas, e o povo tinha liberdade para entrar no vestíbulo dos sacerdotes, privilégio habitual desse dia, assim como daquele que se seguia à ceia pascal.

Como eu disse antes, o Templo estava inteiramente vazio, com exceção de um ou outro sacerdote ou ajudante que se podia ver andando por ali; e toda parte trazia as marcas da confusão em que tudo havia sido lançado no dia anterior pelos acontecimentos extraordinários e terríveis que tinham ocorrido.

Além disso, ele havia sido profanado pela presença dos mortos, e eu refletia e me perguntava se algum dia seria possível purificá-lo novamente.

Os filhos de Simeão e o sobrinho de José de Arimateia ficaram muito aflitos quando souberam da prisão de seu tio, mas acolheram a Santíssima Virgem e suas companheiras e as conduziram por todo o Templo, o que fizeram sem dificuldade, pois exerciam as funções de inspetores do Templo.

As santas mulheres permaneceram em silêncio e contemplaram todas as terríveis e visíveis marcas da ira de Deus com profundo temor reverente; depois, ouviram com interesse os muitos detalhes espantosos relatados por seus guias. Os efeitos do terremoto ainda eram visíveis, pois pouco havia sido feito para reparar as numerosas fendas e rachaduras no chão e nas paredes.

Na parte do Templo em que o vestíbulo se unia ao santuário, a parede havia sido tão violentamente abalada pelo terremoto que se abrira uma fenda larga o bastante para uma pessoa passar, e o restante da parede parecia instável, como se pudesse desabar a qualquer momento.

A cortina que pendia no santuário estava rasgada em duas partes e pendia em tiras nas laterais; ao redor, só se viam paredes desmoronadas, lajes esmagadas e colunas parcial ou inteiramente derrubadas.

A Santíssima Virgem visitou todos os lugares que Jesus havia tornado sagrados aos seus olhos; prostrou-se, beijou-os e, com lágrimas nos olhos, explicou às outras suas razões para venerar cada lugar em particular, ao que elas imediatamente seguiram seu exemplo.

Os judeus sempre demonstravam a maior veneração por todos os lugares que haviam sido santificados por manifestações do poder divino, e era costume colocar as mãos reverentemente sobre esses lugares, beijá-los e prostrar-se até o chão diante deles.

Não creio que houvesse nada de surpreendente em tal costume, pois eles sabiam, viam e sentiam que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó era um Deus vivo e que sua morada entre seu povo estava no Templo de Jerusa-

lém; por isso, teria sido infinitamente mais espantoso se não tivessem venerado aqueles lugares santos onde seu poder havia se manifestado de modo particular, pois o Templo e os lugares santos eram para eles o que o Santíssimo Sacramento é para os cristãos.

⁂

Profundamente tomada por esses sentimentos de respeito, a Santíssima Virgem percorreu o Templo com suas companheiras e lhes mostrou o lugar onde havia sido apresentada quando ainda era criança, os locais onde passara sua infância, o lugar onde ficara noiva de São José e aquele onde estivera quando apresentou Jesus e ouviu a profecia de Simeão: a lembrança de suas palavras a fez chorar amargamente, pois a profecia de fato se cumprira, e a espada da dor realmente havia atravessado seu coração.

Ela voltou a deter suas companheiras quando chegou à parte do Templo onde encontrara Jesus ensinando, depois de tê-lo perdido aos doze anos de idade, e beijou respeitosamente o chão onde ele então estivera. Quando as santas mulheres já haviam visto todos os lugares santificados pela presença de Jesus e chorado e rezado neles, voltaram a Sião.

A Santíssima Virgem não deixou o Templo sem derramar muitas lágrimas ao contemplar o estado de desolação a que ele estava reduzido, um aspecto de desolação que se tornava ainda mais deprimente pelo forte contraste com o estado habitual do Templo no dia da festa.

Em vez de cantos e hinos de júbilo, um silêncio triste reinava em todo o vasto edifício, e, em lugar de grupos de adoradores alegres e devotos, o olhar percorria uma vasta e sombria solidão.

Infelizmente, essa mudança revelava com toda a clareza o terrível crime que havia sido cometido pelo povo de Deus, e ela se lembrou de como Jesus havia chorado sobre o Templo e dito: 'Destruam o Templo, e em três dias eu o reconstruirei.' Ela refletiu sobre a destruição do Templo do Corpo de Jesus, causada por seus inimigos, e suspirou, desejando ardentemente o amanhecer daquele terceiro dia em que as palavras da verdade eterna se cumpririam.

Era quase ao amanhecer quando Maria e suas companheiras chegaram ao Cenáculo e se retiraram para o edifício que ficava à sua direita, enquanto João e alguns dos discípulos entraram novamente no Cenáculo, onde cerca de vinte homens, reunidos em torno de uma lâmpada, estavam em oração.

De vez em quando, outros se aproximavam da porta, entravam timidamente, chegavam perto do grupo ao redor da lâmpada e lhes dirigiam algumas palavras tristes, acompanhadas de lágrimas.

Todos pareciam olhar para João com respeito, porque ele havia permanecido com Jesus até que ele morresse; mas a esses sentimentos de respeito se misturava uma profunda vergonha e confusão, quando refletiam sobre sua própria conduta covarde ao abandonar seu Senhor e Mestre na hora da necessidade.

João falava com todos com a maior caridade e bondade; seu modo de agir era modesto e simples como o de uma criança, e ele parecia temer receber elogios. Vi o grupo reunido fazer uma refeição durante aquele dia, mas seus membros, em sua maioria, permaneciam em silêncio; não se ouvia som algum em toda a casa, e as portas estavam bem fechadas, embora, na ver-

dade, não houvesse probabilidade de alguém perturbá-los, pois a casa pertencia a Nicodemos, e ele a havia alugado a eles pelo período da festa.

As santas mulheres permaneceram nesse aposento até o anoitecer; ele era iluminado por uma única lâmpada; as portas estavam fechadas, e as cortinas cobriam as janelas. Às vezes, elas se reuniam em torno da Santíssima Virgem e rezavam sob a lâmpada; em outros momentos, retiravam-se para um lado do aposento, cobriam a cabeça com véus negros e se sentavam sobre cinzas (o sinal de luto) ou rezavam com o rosto voltado para a parede; aquelas cuja saúde era delicada comiam um pouco, mas as outras jejuavam.

Olhei para elas repetidas vezes e as vi sempre ocupadas da mesma maneira, isto é, em oração ou lamentando os sofrimentos de seu amado Mestre. Quando meus pensamentos se desviaram da contemplação da Santíssima Virgem para a de seu Filho divino, vi o santo sepulcro com seis ou sete sentinelas à entrada — Cássio estava encostado à porta da gruta, aparentemente em profunda meditação, a porta exterior estava fechada, e a pedra havia sido rolada para junto dela.

Apesar da grossa porta que se interpunha entre o corpo de nosso Salvador e mim, eu podia vê-lo claramente; ele estava completamente transparente, iluminado por uma luz divina, e dois anjos o adoravam ao lado.

Mas meus pensamentos então se voltaram para a contemplação da alma bendita de meu Redentor, e me foi mostrada uma imagem tão extensa e complexa de sua descida aos infernos que só consigo recordar uma pequena parte dela, que descreverei da melhor maneira que puder.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

59 — UM RELATO SEPARADO DA DESCIDA AO INFERNO

✦

Quando Jesus, depois de soltar um forte grito, expirou, vi sua alma celeste, sob a forma de um meteoro brilhante, penetrar na terra ao pé da Cruz, acompanhada pelo anjo Gabriel e por muitos outros anjos.

Sua natureza divina continuou unida tanto à sua alma quanto ao seu corpo, que ainda permanecia pendurado na Cruz, mas não consigo explicar como isso se dava, embora o visse claramente em minha mente.

O lugar em que a alma de Jesus entrou estava dividido em três partes, que me pareciam três mundos; e senti que eram redondos e que cada divisão estava separada da outra por um hemisfério.

Vi um espaço luminoso e belo em frente ao Limbo; era salpicado de flores, brisas deliciosas sopravam por ele, e muitas almas eram ali colocadas antes de serem admitidas no Céu, depois de sua libertação do Purgatório. O Limbo, o lugar onde as almas esperavam a Redenção, estava dividido em diferentes compartimentos e cercado por uma atmosfera espessa e nebulosa.

Nosso Senhor apareceu radiante de luz e cercado de anjos, que o conduziram triunfalmente entre dois desses compartimentos; o da esquerda continha os patriarcas que viveram antes do tempo de Abraão, e o da direita, aqueles que viveram entre os dias de Abraão e os de São João Batista.

Essas almas não reconheceram Jesus a princípio, mas, mesmo assim, ficaram cheias de sentimentos de alegria e esperança. Não havia um só ponto naqueles limites estreitos que não parecesse se dilatar com sentimentos de felicidade.

A passagem de Jesus poderia ser comparada ao sopro de uma brisa, a um súbito clarão ou a uma chuva de orvalho vivificante, mas era rápida como um redemoinho. Depois de passar pelos dois compartimentos, ele chegou a um lugar escuro onde estavam Adão e Eva; falou com eles, e eles se prostraram e o adoraram num perfeito êxtase de alegria, juntando-se imediatamente ao grupo de anjos e acompanhando nosso Senhor ao compartimento da esquerda, que continha os patriarcas que viveram antes de Abraão.

Esse compartimento era uma espécie de Purgatório, e alguns espíritos malignos vagavam entre as almas, procurando enchê-las de ansiedade e medo. A entrada, que se dava por uma espécie de porta, estava fechada, mas os anjos bateram, e pensei ouvi-los dizer: 'Abram estas portas.' Quando Jesus entrou em triunfo, os demônios se dispersaram, gritando ao mesmo tempo: 'O que há entre ti e nós?

O que vieste fazer aqui? Também nos crucificarás?' Os anjos os expulsaram, depois de primeiro os acorrentarem. As pobres almas confinadas nesse lugar tinham apenas um leve pressentimento e uma vaga ideia da presença de Jesus; mas, no momento em que ele lhes disse que era ele mesmo, irromperam em aclamações de alegria e o acolheram com hinos de êxtase e júbilo.

A alma de nosso Senhor seguiu então para a direita, em direção à parte que constituía propriamente o Limbo; e ali ele encontrou a alma do bom la-

drão, que os anjos levavam ao seio de Abraão, assim como a do mau ladrão, que era arrastada pelos demônios para o Inferno.

Nosso Senhor dirigiu algumas palavras a ambos e depois entrou no seio de Abraão, acompanhado por numerosos anjos e almas santas, e também pelos demônios que haviam sido acorrentados e expulsos do compartimento.

Esse lugar me pareceu mais elevado do que as partes ao redor; e só posso descrever o que senti ao entrar nele comparando minhas sensações às de uma pessoa que entra de repente no interior de uma igreja, depois de passar algum tempo nas criptas funerárias.

Os demônios, que estavam firmemente acorrentados, relutavam muito em entrar e resistiam com todas as suas forças, mas os anjos os obrigavam a avançar. Todos os justos que haviam vivido antes do tempo de Cristo estavam reunidos ali; os patriarcas, Moisés, os juízes e os reis do lado esquerdo; e, do lado direito, os profetas e os antepassados de nosso Senhor, assim como seus parentes próximos, como Joaquim, Ana, José, Zacarias, Isabel e João.

Não havia demônios nesse lugar, e o único desconforto sentido pelos que ali estavam era o desejo ardente de que a promessa se cumprisse; e, quando nosso Senhor entrou, eles o saudaram com alegres hinos de gratidão e ação de graças por seu cumprimento, prostraram-se e o adoraram, e os espíritos malignos que haviam sido arrastados para o seio de Abraão quando nosso Senhor entrou foram obrigados a confessar, envergonhados, que estavam vencidos.

Nosso Senhor ordenou a muitas dessas almas santas que voltassem à terra, entrassem novamente em seus próprios corpos e assim dessem um testemunho solene e impressionante da verdade.

Foi nesse momento que tantos mortos saíram de seus túmulos em Jerusalém; eu os via menos como mortos ressuscitados do que como cadáveres postos em movimento por um poder divino, os quais, depois de cumprir a missão que lhes fora confiada, foram deixados de lado da mesma maneira que um funcionário retira as insígnias de seu cargo depois de executar as ordens de seus superiores.

Em seguida, vi nosso Senhor, com seu cortejo triunfal, entrar numa espécie de Purgatório cheio daqueles bons pagãos que, tendo recebido um fraco vislumbre da verdade, haviam desejado ardentemente seu cumprimento: esse Purgatório era muito profundo e continha alguns demônios, obrigados a confessar o engano que haviam praticado a respeito desses ídolos, e as almas dos pobres pagãos se lançaram aos pés de Jesus e o adoraram com alegria inexprimível; aqui, igualmente, os demônios foram presos com correntes e arrastados para longe. Vi nosso Salvador realizar muitas outras ações; mas, ao mesmo tempo, eu sofria tão intensamente que não consigo relatá-las como desejaria.

Por fim, vi que ele se aproximava do centro do grande abismo, isto é, do próprio Inferno; e a expressão de seu rosto era extremamente severa.

O exterior do Inferno era aterrador e medonho; era uma construção imensa, de aparência pesada, e o granito de que era feita, embora negro, tinha um brilho metálico; e as portas escuras e pesadas estavam presas com ferrolhos tão terríveis que ninguém podia contemplá-los sem tremer. Ge-

midos profundos e gritos de desespero podiam ser claramente distinguidos mesmo enquanto as portas estavam firmemente fechadas; mas, oh, quem pode descrever os terríveis urros e berros que feriram os ouvidos quando os ferrolhos foram soltos e as portas escancaradas; e, oh, quem pode retratar a aparência desoladora dos habitantes desse lugar miserável!

A forma sob a qual a Jerusalém Celeste geralmente é representada em minhas visões é a de uma cidade bela e bem organizada, e os diferentes graus de glória aos quais os eleitos são elevados são demonstrados pela magnificência de seus palácios ou pelos maravilhosos frutos e flores que enfeitam os jardins.

O Inferno me é mostrado sob a mesma forma, mas tudo dentro dele é, ao contrário, apertado, confuso e amontoado; cada objeto tende a encher a mente de sensações de dor e tristeza; as marcas da ira e da vingança de Deus são visíveis por toda parte; o desespero, como um abutre, rói cada coração, e a discórdia e a miséria reinam ao redor.

Na Jerusalém Celeste tudo é paz e harmonia eterna, sendo o começo, a realização e o fim de tudo uma felicidade pura e perfeita; a cidade está cheia de edifícios esplêndidos, decorados de maneira a encantar todos os olhos e arrebatar todos os sentidos; os habitantes dessa morada encantadora transbordam de êxtase e exultação, os jardins se alegram com belas flores e as árvores estão cobertas de frutos deliciosos que dão a vida eterna.

Na cidade do Inferno nada se vê além de masmorras sombrias, cavernas escuras, desertos medonhos, pântanos fétidos cheios de toda espécie imaginável de réptil venenoso e repugnante.

No Céu se contempla a felicidade e a união pacífica dos santos; no Inferno, cenas perpétuas de miserável discórdia e toda espécie de pecado e corrupção, seja sob as formas mais horríveis que se possa imaginar, seja representada por diferentes tipos de tormentos terríveis.

Tudo nessa morada desolada tende a encher a mente de horror; não se ouve uma palavra de conforto nem se admite uma ideia consoladora; o único e terrível pensamento de que a justiça de um Deus todo-poderoso não impõe aos condenados nada além do que plenamente mereceram é a terrível convicção que absorve tudo e oprime cada coração.

O vício aparece em suas próprias cores sombrias e repugnantes, despojado da máscara sob a qual se esconde neste mundo, e vê-se a víbora infernal devorando aqueles que a estimaram ou alimentaram aqui na terra. Em uma palavra, o Inferno é o templo da angústia e do desespero, enquanto o reino de Deus é o templo da paz e da felicidade. Isso é fácil de entender quando se vê; mas é quase impossível descrever com clareza.

⁂

A tremenda explosão de pragas, maldições, gritos de desespero e exclamações medonhas que, como um estrondo de trovão, irrompeu quando os portões do Inferno foram escancarados pelos anjos seria difícil até mesmo de imaginar; nosso Senhor falou primeiro à alma de Judas, e os anjos então obrigaram todos os demônios a reconhecer e adorar Jesus.

Eles teriam preferido infinitamente os tormentos mais medonhos a tal humilhação; mas todos foram obrigados a se submeter. Muitos foram presos com correntes num círculo que ficava ao redor de outros círculos.

No centro do Inferno vi um abismo escuro e de aparência horrível, e nele Lúcifer foi lançado, depois de ser primeiro firmemente preso com correntes; nuvens espessas de fumaça negra e sulfurosa subiram de suas profundezas aterradoras e envolveram sua figura medonha em dobras sombrias, ocultando-o completamente de todos os olhares.

O próprio Deus havia decretado isso; e também me foi dito, se bem me lembro, que ele será desacorrentado por algum tempo, cinquenta ou sessenta anos antes do ano de Cristo de 2000.

Foram-me indicadas as datas de muitos outros acontecimentos, das quais agora não me lembro; mas certo número de demônios será solto muito antes de Lúcifer, para tentar os homens e servir de instrumento da vingança divina. Creio que alguns já devem estar soltos nos dias de hoje, e outros serão libertados em pouco tempo.

Seria inteiramente impossível para mim descrever todas as coisas que me foram mostradas; eram tão numerosas que eu não conseguiria colocá-las em ordem suficiente para defini-las e torná-las compreensíveis. Além disso, meus sofrimentos são muito grandes, e, quando falo de minhas visões, eu as vejo em minha mente retratadas em cores tão vivas que a visão quase basta para fazer uma frágil mortal como eu expirar.

Em seguida, vi inúmeros grupos de almas redimidas, libertadas do Purgatório e do Limbo, que seguiram nosso Senhor até um lugar encantador situado acima da Jerusalém Celeste, onde, há bem pouco tempo, vi a alma de uma pessoa que me era muito querida. A alma do bom ladrão também foi levada para lá, e a promessa de nosso Senhor, 'Hoje estarás comigo no Paraíso', foi cumprida.

Não sou capaz de explicar o momento exato em que cada um desses acontecimentos ocorreu, nem posso relatar a metade das coisas que vi e ouvi; pois algumas eram incompreensíveis até para mim, e outras seriam mal compreendidas se eu tentasse relatá-las. Vi nosso Senhor em muitos lugares diferentes. Até no mar ele me apareceu santificando e libertando tudo na criação.

Os espíritos malignos fugiam à sua aproximação e se lançavam no abismo escuro. Também contemplei sua alma em diferentes partes da terra, primeiro dentro do túmulo de Adão, sob o Gólgota; e, quando ele estava ali, as almas de Adão e Eva se aproximaram dele, e ele falou com elas por algum tempo.

Depois visitou os túmulos dos profetas, que estavam sepultados a uma profundidade imensa abaixo da superfície; mas atravessou o solo num piscar de olhos. Suas almas imediatamente voltaram a entrar em seus corpos, e ele falou com eles e lhes explicou os mais maravilhosos mistérios.

Em seguida, vi que ele, acompanhado por um grupo escolhido de profetas, entre os quais notei especialmente Davi, visitava aquelas partes da terra que haviam sido santificadas por seus milagres e por seus sofrimentos.

Com o maior amor e bondade, ele lhes indicou os diferentes símbolos da antiga lei que anunciavam o futuro; e lhes mostrou como ele próprio havia cumprido todas as profecias.

A visão da alma de nosso Senhor, cercada por essas almas felizes e radiante de luz, era de uma grandeza inexprimível, enquanto ele deslizava triunfalmente pelo ar, às vezes passando sobre rios com a velocidade de um relâm-

pago, depois atravessando as rochas mais duras até o próprio centro da terra, ou se movendo sem ruído sobre sua superfície.

Não consigo me lembrar de nada além dos fatos que acabo de relatar sobre a descida de Jesus ao Limbo, aonde foi para apresentar às almas ali retidas a graça da Redenção que havia merecido para elas por sua morte e por seus sofrimentos; e vi todas essas coisas num espaço de tempo muito curto; de fato, o tempo passou tão depressa que me pareceu apenas um instante.

Nosso Senhor, contudo, mostrou-me ao mesmo tempo outro quadro, no qual contemplei as imensas misericórdias que ele concede nos dias de hoje às pobres almas do Purgatório; pois, a cada aniversário desse grande dia, quando sua Igreja celebra o glorioso mistério de sua morte, ele lança um olhar de compaixão sobre as almas do Purgatório e liberta algumas daquelas que pecaram contra ele antes de sua crucificação.

Neste dia vi Jesus libertar muitas almas; algumas eu conhecia, e outras me eram desconhecidas, mas não posso nomear nenhuma delas.

Nosso Senhor, ao descer ao Inferno, plantou, se assim posso me expressar, no jardim espiritual da Igreja, uma árvore misteriosa cujos frutos — isto é, seus méritos — se destinam ao alívio constante das pobres almas do Purgatório. A Igreja militante deve cultivar a árvore e colher seus frutos, para apresentá-los àquela parte sofredora da Igreja que nada pode fazer por si mesma.

Assim acontece com todos os méritos de Cristo; devemos trabalhar com ele se quisermos obter nossa parte neles; devemos ganhar nosso pão com o suor de nosso rosto. Tudo o que nosso Senhor fez por nós no tempo deve

produzir frutos para a eternidade; mas devemos colher esses frutos no tempo, sem o que não podemos possuí-los na eternidade.

A Igreja é a mais prudente e atenciosa das mães; o ano eclesiástico é um jardim imenso e magnífico, no qual todos esses frutos para a eternidade são reunidos, para que possamos fazer uso deles no tempo.

Cada ano contém o suficiente para suprir as necessidades de todos; mas ai daquele jardineiro descuidado ou desonesto que deixa perecer qualquer fruto confiado aos seus cuidados; se ele deixa de dar o devido uso àquelas graças que devolveriam a saúde aos doentes, a força aos fracos ou forneceriam alimento aos famintos!

Quando chegar o Dia do Juízo, o Senhor do jardim exigirá uma prestação de contas rigorosa, não apenas de cada árvore, mas também de todos os frutos produzidos no jardim.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

60 — A VÉSPERA DA RESSURREIÇÃO

✦

Perto do fim do dia de sábado, João foi visitar as santas mulheres. Procurou lhes dar algum consolo, mas não conseguiu conter as próprias lágrimas e ficou com elas apenas por pouco tempo. Elas também receberam uma breve visita de Pedro e Tiago Maior; depois disso, retiraram-se para suas celas e deram livre curso à dor, sentadas sobre cinzas e cobrindo-se ainda mais com seus véus.

A oração da Santíssima Virgem era incessante. Ela mantinha sempre os olhos de sua alma fixos em Jesus e estava inteiramente consumida pelo desejo ardente de contemplar mais uma vez aquele a quem amava com amor tão inexprimível. De repente, um anjo apareceu ao seu lado e lhe disse que se levantasse e fosse à porta da casa de Nicodemos, pois o Senhor estava muito perto.

O coração da Santíssima Virgem saltou de alegria. Ela se envolveu depressa em seu manto e deixou as santas mulheres, sem lhes dizer aonde ia. Eu a vi caminhar rapidamente até uma pequena entrada aberta na muralha da cidade, a mesma pela qual havia entrado ao voltar do sepulcro com suas companheiras.

Eram cerca de nove horas da noite, e a Santíssima Virgem estava quase chegando à entrada quando a vi parar de repente num lugar muito solitário e olhar para o alto num êxtase de alegria, pois, no alto da muralha da cidade,

ela contemplava a alma de nosso Senhor, resplandecente de luz, sem sinal de ferida e cercada de patriarcas.

Ele desceu em sua direção, voltou-se para seus companheiros e, apresentando-a a eles, disse: 'Eis Maria, eis minha Mãe.' Pareceu-me que ele a saudou com um beijo e depois desapareceu. A Santíssima Virgem se ajoelhou e beijou com profunda reverência o chão onde ele estivera, e as marcas de suas mãos e de seus joelhos ficaram impressas nas pedras.

Aquela visão a encheu de uma alegria inexprimível, e ela voltou imediatamente para junto das santas mulheres, que estavam ocupadas preparando os perfumes e as especiarias. Não lhes contou o que havia visto, mas sua firmeza e sua força de espírito haviam sido restauradas. Ela estava inteiramente renovada e, por isso, consolou todas as outras e procurou fortalecer a fé delas.

Quando Maria voltou, todas as santas mulheres estavam sentadas junto a uma mesa comprida, cuja toalha pendia até o chão; ao redor delas havia montes de feixes de ervas, que elas misturavam e organizavam.

Perto dali estavam pequenos frascos com unguentos perfumados e água de nardo, bem como ramalhetes de flores naturais, entre as quais notei uma em particular, que parecia uma íris listrada ou um lírio. Madalena, Maria, filha de Cléofas, Salomé, Joana e Maria Salomé haviam comprado todas essas coisas na cidade durante a ausência de Maria.

Pretendiam ir ao sepulcro antes do nascer do sol no dia seguinte, para espalhar essas flores e esses perfumes sobre o corpo de seu amado Mestre.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

61 — JOSÉ DE ARIMATEIA É LIBERTADO MILAGROSAMENTE

✦

Pouco tempo depois de a Santíssima Virgem voltar para junto das santas mulheres, foi-me mostrado o interior da prisão em que os inimigos de José de Arimateia o haviam encerrado. Ele estava rezando fervorosamente quando, de repente, uma luz intensa iluminou todo o lugar, e ouvi uma voz chamando-o pelo nome.

Naquele mesmo instante, o teto se abriu e apareceu uma figura luminosa, estendendo um lençol semelhante àquele em que ele havia envolvido o corpo de Jesus. José o agarrou com as duas mãos e foi erguido até a abertura, que voltou a se fechar assim que ele passou por ela; a aparição desapareceu no instante em que ele se encontrou em segurança no alto da torre. Não sei se foi o próprio nosso Senhor ou um anjo quem assim libertou José.

Ele caminhou pelo alto da muralha até chegar às proximidades do Cenáculo, que ficava perto da muralha sul de Sião; então desceu e bateu à porta daquele edifício, pois as portas estavam trancadas.

Os discípulos ali reunidos haviam ficado muito aflitos quando perceberam a ausência de José, pois pensavam que ele havia sido lançado numa fossa, já que um boato nesse sentido havia se espalhado.

Por isso, foi grande a alegria deles quando abriram a porta e viram que era ele mesmo; de fato, ficaram quase tão felizes quanto ficariam alguns anos depois, quando Pedro foi milagrosamente libertado da prisão.

Quando José contou o que havia acontecido, ficaram cheios de espanto e alegria; depois de agradecerem fervorosamente a Deus, deram-lhe algo para comer e beber, de que ele muito precisava. Ele deixou Jerusalém naquela mesma noite e fugiu para Arimateia, sua terra natal, onde permaneceu até julgar que poderia voltar em segurança a Jerusalém.

Também vi Caifás perto do fim do dia de sábado, na casa de Nicodemos. Ele conversava com Nicodemos e lhe fazia muitas perguntas com uma gentileza fingida. Nicodemos respondia com firmeza e continuava a afirmar a inocência de Jesus. Eles não ficaram juntos por muito tempo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

62 — A NOITE DA RESSURREIÇÃO

✦

Pouco depois, contemplei o túmulo de nosso Senhor. Tudo estava calmo e silencioso ao redor. Havia seis soldados de guarda, sentados ou de pé diante da entrada, e Cássio estava entre eles. Sua aparência era a de alguém mergulhado em meditação e na expectativa de algum grande acontecimento.

O corpo sagrado de nosso bendito Redentor estava envolto no lençol mortuário e cercado de luz, enquanto dois anjos permaneciam sentados em atitude de adoração, um à cabeceira e outro aos pés. Eu os tinha visto nessa mesma posição desde que ele fora colocado no túmulo. Esses anjos estavam vestidos como sacerdotes.

Sua posição e a maneira como cruzavam os braços sobre o peito me lembravam os querubins que cercavam a Arca da Aliança, só que não tinham asas; pelo menos, não vi nenhuma. Todo o sepulcro me lembrava a Arca da Aliança em diferentes períodos de sua história.

É possível que Cássio percebesse a presença dos anjos e a luz intensa que enchia o sepulcro, pois sua atitude era a de alguém em profunda contemplação diante do Santíssimo Sacramento.

Em seguida, vi a alma de nosso Senhor, acompanhada daqueles entre os patriarcas que ele havia libertado, entrar no túmulo através da rocha. Ele lhes mostrou as feridas que cobriam seu corpo sagrado; e me pareceu que o lençol mortuário que antes o envolvia foi retirado, e que Jesus desejava mos-

trar às almas a imensidão do sofrimento que havia suportado para redimi-las.

O corpo me pareceu inteiramente transparente, de modo que se podia ver toda a profundidade das feridas; e essa visão encheu as santas almas de admiração, embora profundos sentimentos de compaixão também lhes arrancassem lágrimas dos olhos.

Minha visão seguinte foi tão misteriosa que não consigo explicá-la nem mesmo relatá-la com clareza. Pareceu-me que a alma e o corpo de Jesus foram retirados juntos do sepulcro, sem que, no entanto, a primeira estivesse completamente reunida ao segundo, que ainda permanecia sem vida.

Julguei ver dois anjos, que estavam ajoelhados em adoração à cabeceira e aos pés do corpo sagrado, erguê-lo — mantendo-o na posição exata em que jazia no túmulo — e carregá-lo descoberto e desfigurado pelas feridas através da rocha, que tremia à sua passagem.

Então me pareceu que Jesus apresentou seu corpo, marcado pelos estigmas da Paixão, a seu Pai Celestial, que, sentado num trono, estava cercado por inúmeros coros de anjos, alegremente ocupados em entoar hinos de adoração e júbilo.

Provavelmente aconteceu o mesmo quando, na morte de nosso Senhor, tantas almas santas voltaram a entrar em seus corpos e apareceram no Templo e em diferentes partes de Jerusalém; pois não é provável que os corpos que elas animavam estivessem realmente vivos, já que, nesse caso, teriam sido obrigados a morrer uma segunda vez, enquanto voltaram ao estado original sem dificuldade aparente; mas deve-se supor que sua aparição em

forma humana fosse semelhante à de nosso Senhor quando ele, se assim podemos nos expressar, acompanhou seu corpo ao trono de seu Pai Celestial.

Nesse momento, a rocha foi sacudida com tanta violência, desde o alto até a base, que três dos guardas caíram e ficaram quase sem sentidos. Os outros quatro estavam ausentes naquele momento, pois tinham ido à cidade buscar alguma coisa.

Os guardas que foram assim derrubados atribuíram o abalo repentino a um terremoto; mas Cássio, que, embora não soubesse ao certo o que tudo aquilo poderia anunciar, sentia interiormente que era o prelúdio de algum acontecimento extraordinário, permaneceu imóvel numa expectativa ansiosa, esperando para ver o que aconteceria em seguida. Os soldados que haviam ido a Jerusalém logo voltaram.

Contemplei novamente as santas mulheres: elas haviam terminado de preparar os aromas e descansavam em seus aposentos particulares; não estavam estendidas nos leitos, mas apoiadas nas roupas de cama, que estavam enroladas. Desejavam ir ao sepulcro antes do amanhecer, porque temiam encontrar os inimigos de Jesus; mas a Santíssima Virgem, que estava completamente renovada e cheia de novo ânimo desde que vira seu Filho, consolou-as e lhes recomendou que dormissem por algum tempo e depois fossem sem medo ao túmulo, pois nenhum mal lhes aconteceria; elas então seguiram imediatamente seu conselho e procuraram dormir.

Era por volta das onze horas da noite quando a Santíssima Virgem, movida por sentimentos irresistíveis de amor, levantou-se, envolveu-se num manto cinzento e saiu de casa completamente sozinha.

Quando a vi fazer isso, não pude deixar de sentir apreensão e dizer a mim mesma: 'Como é possível que esta santa Mãe, tão esgotada pela angústia e pelo terror, se aventure a andar sozinha pelas ruas a uma hora dessas?' Vi que ela foi primeiro à casa de Caifás e depois ao palácio de Pilatos, que ficava a uma grande distância; acompanhei-a com os olhos durante todo o seu percurso solitário por aquele trecho que seu Filho havia percorrido carregando sua pesada Cruz; ela parava em cada lugar onde nosso Salvador havia sofrido de modo especial ou recebido alguma nova ofensa de seus cruéis inimigos.

Enquanto caminhava lentamente, sua aparência era a de alguém que procurava alguma coisa; muitas vezes se inclinava até o chão, tocava as pedras com as mãos e depois as cobria de beijos, se nelas estivesse o precioso sangue de seu amado Filho.

Deus lhe concedeu naquele momento luzes e graças especiais, e ela pôde distinguir, sem a menor dificuldade, cada lugar santificado pelos sofrimentos dele. Acompanhei-a durante toda a sua piedosa peregrinação e procurei imitá-la da melhor maneira possível, até onde minha fraqueza permitia.

Maria foi então ao Calvário; mas, quando estava quase chegando, parou de repente, e vi o corpo e a alma sagrados de nosso Salvador diante dela. Um anjo caminhava à frente; os dois anjos que eu havia visto no túmulo estavam ao seu lado, e as almas que ele havia redimido o seguiam às centenas.

O corpo de Jesus era resplandecente e belo, mas sua aparência não era a de um corpo vivo, embora dele saísse uma voz; e eu o ouvi descrever à Santíssima Virgem tudo o que havia feito no Limbo e depois assegurar-lhe que ressuscitaria com seu corpo glorificado; que então se mostraria a ela, e que

ela deveria esperar perto da rocha do monte Calvário, naquele ponto onde o vira cair, até que ele aparecesse.

Nosso Salvador seguiu então em direção a Jerusalém, e a Santíssima Virgem, depois de se envolver novamente em seu véu, prostrou-se no lugar que ele havia indicado.

Creio que já passava da meia-noite, pois a peregrinação de Maria pela Via-Sacra havia levado pelo menos uma hora; em seguida, vi as santas almas que nosso Salvador havia redimido percorrerem, por sua vez, a dolorosa Via-Sacra e contemplarem os diferentes lugares onde ele havia suportado sofrimentos tão terríveis por elas.

Os anjos que as acompanhavam recolhiam a carne sagrada que havia sido arrancada pelos frequentes golpes que ele recebera, assim como o sangue que salpicava o chão nos pontos onde ele havia caído.

Mais uma vez vi o corpo sagrado de nosso Senhor estendido como o contemplara pela primeira vez no sepulcro; os anjos estavam ocupados em recolocar as vestes que haviam recolhido de sua carne, e recebiam auxílio sobrenatural para fazer isso. Quando voltei a contemplá-lo, ele estava em seu lençol mortuário, cercado de uma luz intensa e com dois anjos em adoração ao seu lado.

Não consigo explicar como todas essas coisas aconteceram, pois estão muito além de nossa compreensão humana; e, mesmo que eu as compreenda perfeitamente quando as vejo, elas parecem obscuras e misteriosas quando procuro explicá-las aos outros.

Assim que surgiu no oriente um tênue clarão da aurora, vi Madalena, Maria, filha de Cléofas, Joana Chusa e Salomé saírem do Cenáculo, bem envoltas em seus mantos. Levavam pacotes de aromas; e uma delas tinha na mão uma vela acesa, que procurava esconder sob o manto. Vi que dirigiam seus passos trêmulos para a pequena porta da casa de Nicodemos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

63 — A RESSURREIÇÃO DE NOSSO SENHOR

✦

Contemplei a alma de nosso Senhor entre dois anjos, que estavam vestidos como guerreiros: ela era brilhante, luminosa e resplandecente como o sol ao meio-dia; atravessou a rocha, tocou o corpo sagrado, entrou nele, e os dois se uniram instantaneamente, tornando-se um só. Vi então os membros se moverem e o corpo de nosso Senhor, reunido à sua alma e à sua divindade, levantar-se e sacudir de si o lençol mortuário: toda a gruta ficou iluminada e cheia de luz.

No mesmo instante, vi um monstro assustador irromper da terra sob o sepulcro. Tinha cauda de serpente e erguia orgulhosamente sua cabeça de dragão, como se desejasse atacar Jesus; e também tinha, se me lembro bem, uma cabeça humana.

Mas nosso Senhor segurava na mão um bastão branco, ao qual estava preso um grande estandarte; ele colocou o pé sobre a cabeça do dragão e golpeou sua cauda três vezes com o bastão, depois do que o monstro desapareceu.

Eu já tivera essa mesma visão muitas vezes antes da Ressurreição, e vi um monstro igual, que parecia tentar se esconder, no momento da concepção de nosso Senhor: ele se assemelhava muito à serpente que tentou nossos primeiros pais no Paraíso, só que era mais horrível.

Pensei que essa visão se referia às palavras proféticas de que 'pela descendência da mulher a cabeça da serpente seria esmagada', e que tudo se desti-

nava a demonstrar a vitória de nosso Senhor sobre a morte, pois, no mesmo instante em que o vi esmagar a cabeça do monstro, o túmulo também desapareceu de minha vista.

Vi então o corpo glorificado de nosso Senhor se erguer e atravessar a rocha dura com tanta facilidade como se ela fosse feita de alguma substância maleável. A terra tremeu, e um anjo vestido como guerreiro desceu do Céu com a velocidade de um relâmpago, entrou no túmulo, levantou a pedra, colocou-a do lado direito e sentou-se sobre ela.

Diante dessa visão tremenda, os soldados caíram por terra e ali permaneceram, aparentemente sem vida. Quando Cássio viu a luz intensa que iluminava o túmulo, aproximou-se do lugar onde o corpo sagrado havia sido colocado, olhou e tocou os panos de linho em que ele estivera envolto e saiu do sepulcro, com a intenção de ir informar Pilatos de tudo o que havia acontecido.

No entanto, demorou-se por algum tempo para observar o desenrolar dos acontecimentos; pois, embora tivesse sentido o terremoto, visto o anjo mover a pedra e olhado o túmulo vazio, ainda não havia visto Jesus.

No exato momento em que o anjo entrou no sepulcro e a terra tremeu, vi nosso Senhor aparecer à sua santa Mãe no Calvário. Seu corpo era belo e luminoso, e sua beleza era a de um ser celestial.

Ele estava vestido com um grande manto, que num momento parecia de um branco deslumbrante, enquanto flutuava no ar, ondulando de um lado para outro a cada sopro de vento, e no momento seguinte refletia mil cores brilhantes quando os raios de sol passavam sobre ele.

Suas grandes feridas abertas brilhavam intensamente e podiam ser vistas de muito longe: as feridas em suas mãos eram tão grandes que nelas se poderia colocar um dedo sem dificuldade; delas saíam raios de luz, que se abriam na direção de seus dedos.

As almas dos patriarcas se curvaram diante da Mãe de nosso Salvador, e Jesus lhe falou sobre sua Ressurreição, dizendo-lhe muitas coisas que esqueci. Ele lhe mostrou suas feridas; e Maria se prostrou para beijar seus pés sagrados; mas ele a tomou pela mão, ergueu-a e desapareceu.

Quando eu estava a certa distância do sepulcro, vi novas luzes brilhando ali, e também contemplei uma grande mancha luminosa no céu, diretamente sobre Jerusalém.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

64 — AS SANTAS MULHERES NO SEPULCRO

✦

As santas mulheres estavam muito perto da porta da casa de Nicodemos no momento da Ressurreição de nosso Senhor; mas não viram nenhum dos prodígios que aconteciam no sepulcro. Não sabiam que guardas haviam sido colocados ao redor do túmulo, pois não o tinham visitado no dia anterior, por ser sábado.

Perguntavam umas às outras, ansiosas, o que seria preciso fazer com a grande pedra à entrada e a quem seria melhor pedir que a removesse, pois estavam tão absorvidas pela dor que não haviam pensado nisso antes.

Sua intenção era derramar unguentos preciosos sobre o corpo de Jesus e depois espalhar sobre ele flores das espécies mais raras e aromáticas, prestando assim toda a honra possível ao seu Divino Mestre no sepulcro. Salomé, que havia trazido mais coisas do que qualquer outra, era uma senhora rica que morava em Jerusalém, parente de São José, mas não era a mãe de João.

As santas mulheres decidiram deixar suas especiarias sobre a pedra que fechava a entrada do monumento e esperar até que alguém viesse rolá-la para trás.

Os guardas ainda estavam caídos no chão, e as fortes convulsões que ainda os sacudiam mostravam claramente como havia sido grande o seu terror. A grande pedra estava lançada de lado, de modo que a porta podia ser aberta sem dificuldade.

Eu podia ver, espalhados pelo túmulo, os panos de linho nos quais o corpo de Jesus havia sido envolvido, e o grande lençol mortuário no mesmo lugar em que o haviam deixado, mas dobrado sobre si de tal maneira que logo se via que já não continha nada além das especiarias que tinham sido colocadas ao redor do corpo. As faixas estavam do lado de fora do túmulo. O pano de linho com que Maria havia envolvido a cabeça sagrada de seu Filho ainda estava ali.

Vi as santas mulheres entrando no jardim; mas, quando perceberam a luz das lamparinas das sentinelas e os corpos dos soldados caídos ao redor do túmulo, a maioria delas ficou muito assustada e recuou em direção ao Gólgota. Maria Madalena, porém, teve mais coragem e, seguida por Salomé, entrou no jardim, enquanto as outras mulheres permaneciam receosas do lado de fora.

Madalena se sobressaltou e, por um momento, pareceu aterrorizada ao se aproximar das sentinelas. Recuou alguns passos e voltou para junto de Salomé, mas ambas logo recuperaram a calma e caminharam juntas por entre os guardas caídos, entrando na gruta onde ficava o sepulcro.

Perceberam imediatamente que a pedra havia sido removida, mas as portas estavam fechadas, provavelmente por Cássio. Madalena as abriu depressa, olhou ansiosamente para dentro do sepulcro e ficou muito surpresa ao ver que os panos nos quais haviam envolvido nosso Senhor estavam de lado e que o lugar onde haviam depositado seus restos sagrados estava vazio.

Uma luz celestial enchia a gruta, e um anjo estava sentado do lado direito. Madalena ficou quase fora de si, de decepção e espanto. Não sei se ouviu as palavras que o anjo lhe dirigiu, mas saiu do jardim o mais depressa possível

e correu à cidade para contar o que havia acontecido aos Apóstolos que estavam reunidos ali.

Não sei se o anjo falou com Maria Salomé, pois ela não entrou no sepulcro; mas eu a vi sair do jardim logo depois de Madalena para contar tudo o que havia acontecido às demais santas mulheres, que ficaram ao mesmo tempo assustadas e encantadas com a notícia, mas não conseguiam decidir se iriam ou não ao jardim.

Enquanto isso, Cássio havia permanecido perto do sepulcro na esperança de ver Jesus, pois julgava que ele certamente apareceria às santas mulheres. Mas, como nada viu, dirigiu-se ao palácio de Pilatos para lhe contar tudo o que havia acontecido.

Antes, porém, parou no lugar onde as demais santas mulheres estavam reunidas, para lhes dizer o que tinha visto e incentivá-las a ir imediatamente ao jardim. Elas seguiram seu conselho e foram para lá sem demora. Mal haviam chegado à entrada do sepulcro, viram dois anjos vestidos com trajes sacerdotais da mais deslumbrante brancura.

As mulheres ficaram muito assustadas, cobriram o rosto com as mãos e se prostraram quase até o chão; mas um dos anjos lhes falou, dizendo que não tivessem medo e que não deviam procurar ali seu Senhor crucificado, pois ele estava vivo, havia ressuscitado e já não habitava o túmulo.

Ao mesmo tempo, mostrou-lhes o sepulcro vazio e ordenou que fossem contar aos discípulos tudo o que tinham visto e ouvido. Disse-lhes também que Jesus iria à frente delas para a Galileia e lembrou-lhes as palavras que nosso Salvador lhes havia dirigido em outra ocasião: 'O Filho do Ho-

mem será entregue nas mãos dos pecadores, será crucificado e ressuscitará ao terceiro dia.' Os anjos então desapareceram, deixando as santas mulheres cheias de alegria, embora, naturalmente, muito abaladas.

Elas choraram, olharam para o túmulo vazio e para os panos de linho e logo se puseram a caminho de volta à cidade. Mas estavam tão tomadas pelos muitos acontecimentos espantosos que haviam ocorrido que caminhavam muito devagar, parando e olhando para trás com frequência, na esperança de ver nosso Senhor, ou ao menos Madalena.

Enquanto isso, Madalena chegou ao Cenáculo. Estava tão agitada que parecia fora de si e bateu à porta apressadamente. Alguns dos discípulos ainda dormiam, e os que já estavam de pé conversavam entre si. Pedro e João abriram a porta, mas ela apenas exclamou, sem entrar na casa: 'Levaram o corpo do meu Senhor, e não sei onde o colocaram', e voltou imediatamente ao jardim.

Pedro e João entraram de novo na casa e, depois de dizer algumas palavras aos outros discípulos, seguiram-na o mais depressa possível, mas João deixou Pedro muito para trás. Vi então Madalena entrar novamente no jardim e dirigir-se ao sepulcro; parecia muito agitada, em parte pela dor, em parte por ter andado tão depressa.

Suas roupas estavam muito úmidas de orvalho, e o véu pendia de um lado, enquanto os cabelos abundantes, dos quais antes tanto se orgulhara, caíam em mechas desgrenhadas sobre seus ombros, formando uma espécie de manto. Como estava sozinha, teve medo de entrar na gruta, mas parou por um momento do lado de fora e se ajoelhou para enxergar melhor o interior do túmulo.

Tentava afastar os cabelos compridos, que lhe caíam sobre o rosto e atrapalhavam a visão, quando percebeu os dois anjos sentados no túmulo, e ouvi um deles lhe dizer: 'Mulher, por que você chora?' Ela respondeu com a voz embargada pelas lágrimas, pois estava completamente dominada pela dor ao constatar que o corpo de Jesus realmente havia desaparecido: 'Porque levaram meu Senhor, e não sei onde o colocaram.' Não disse mais nada, mas, vendo o lençol mortuário vazio, saiu do sepulcro e começou a procurar em outros lugares.

Sentia um pressentimento íntimo de que não apenas encontraria Jesus, mas de que ele já estava perto dela naquele momento; e a presença dos anjos não parecia perturbá-la nem um pouco. Nem sequer parecia perceber que eram anjos, pois todas as suas faculdades estavam absorvidas por um único pensamento: 'Jesus não está aqui!

Onde está Jesus?' Eu a observava vagando como uma pessoa fora de si, com os cabelos soltos ao vento. Seus cabelos pareciam incomodá-la muito, pois ela tentou novamente afastá-los do rosto e, dividindo-os em duas partes, lançou-os sobre os ombros.

⁂

Então ela ergueu a cabeça, olhou ao redor e percebeu uma figura alta, vestida de branco, a uns dez passos do sepulcro, no lado leste do jardim, onde havia uma pequena elevação na direção da cidade. Uma palmeira ocultava parcialmente a figura de sua vista, mas ela se sobressaltou um pouco quando a figura lhe dirigiu estas palavras: 'Mulher, por que você chora?

Quem você procura?' Ela pensou que fosse o jardineiro; e, de fato, ele tinha uma pá na mão e um grande chapéu na cabeça, aparentemente feito de casca de árvore. Sua roupa era semelhante à do jardineiro descrito na parábola que Jesus havia contado às santas mulheres em Betânia pouco antes de sua Paixão.

Seu corpo não era luminoso; sua aparência geral era a de um homem vestido de branco e visto à meia-luz. Às palavras 'Quem você procura?', ela olhou para ele e respondeu depressa: 'Senhor, se foi o senhor que o tirou daqui, diga-me onde o colocou, e eu o levarei.' E olhou ansiosamente ao redor.

Jesus lhe disse: 'Maria.' Ela reconheceu imediatamente sua voz amada e, voltando-se depressa, respondeu: 'Rabôni (Mestre)!' Ajoelhou-se diante dele e estendeu as mãos para tocar seus pés; mas ele lhe fez sinal para que ficasse quieta e disse: 'Não me toque, pois ainda não subi para meu Pai; mas vá aos meus irmãos e diga-lhes: Subo para meu Pai e seu Pai, para meu Deus e seu Deus.' Então ele desapareceu.

Mais tarde me foi explicada a razão das palavras de Jesus, 'Não me toque', mas só tenho uma lembrança vaga dessa explicação. Penso que ele usou essas palavras por causa da impetuosidade dos sentimentos de Madalena, que a fazia, em certa medida, esquecer o extraordinário mistério que se havia realizado e sentir como se o que contemplava ainda fosse mortal, em vez de um corpo glorificado.

Quanto às palavras de Jesus, 'Ainda não subi para meu Pai', disseram-me que significavam que, desde sua Ressurreição, ele ainda não havia se apre-

sentado ao Pai para lhe agradecer por sua vitória sobre a morte e pela obra da redenção que havia realizado.

Ele queria que ela compreendesse, por essas palavras, que os primeiros frutos da alegria pertencem a Deus e que ela deveria refletir e lhe dar graças pela realização do glorioso mistério da redenção e pela vitória que ele havia alcançado sobre a morte.

Se ela tivesse beijado seus pés como costumava fazer antes da Paixão, não teria pensado em nada além de seu Divino Mestre e, em seus arroubos de amor, teria esquecido por completo os acontecimentos maravilhosos que causavam tanto espanto e alegria no Céu.

Vi Madalena levantar-se depressa, assim que nosso Senhor desapareceu, e correr para olhar novamente o sepulcro, como se acreditasse estar sob o efeito de um sonho. Viu os dois anjos ainda sentados ali, e eles lhe falaram sobre a ressurreição de nosso Senhor com as mesmas palavras que haviam dirigido às outras duas mulheres.

Viu também o lençol mortuário vazio e então, certa de que não estava iludida, mas de que a aparição de nosso Senhor era real, voltou a passos rápidos em direção ao Gólgota para procurar suas companheiras, que andavam de um lado para outro, esperando ansiosamente sua volta e alimentando uma espécie de vaga esperança de ver Jesus ou de ouvir alguma notícia dele.

Toda essa cena durou pouco mais de dois ou três minutos. Eram cerca de três e meia quando nosso Senhor apareceu a Madalena, e João e Pedro entraram no jardim justamente quando ela saía. João, que estava um pouco à

frente de Pedro, parou à entrada da gruta e olhou para dentro. Viu os panos de linho de um lado e esperou até que Pedro chegasse.

Então entraram juntos no sepulcro e viram o lençol mortuário vazio, como já foi descrito. João acreditou imediatamente na Ressurreição, e ambos compreenderam com clareza as palavras que Jesus lhes havia dirigido antes de sua Paixão, assim como as diversas passagens das Escrituras referentes àquele acontecimento, que até então lhes haviam sido incompreensíveis.

Pedro colocou os panos de linho debaixo do manto, e eles voltaram às pressas para a cidade pela pequena entrada que pertencia a Nicodemos.

O santo sepulcro tinha a mesma aparência quando os dois Apóstolos entraram e quando Madalena o viu pela primeira vez. Os dois anjos em adoração estavam sentados, um à cabeceira e o outro na extremidade do túmulo, exatamente na mesma postura em que estavam quando o adorável corpo dele jazia ali. Não creio que Pedro tenha percebido sua presença.

Mais tarde, ouvi João contar aos discípulos de Emaús que, ao olhar para dentro do sepulcro, tinha visto um anjo. Talvez tenha se assustado com essa visão e por isso tenha recuado e deixado Pedro entrar primeiro no sepulcro; mas também é bem possível que não tenha mencionado essa circunstância em seu evangelho porque sua humildade o levava a querer ocultar o fato de ter sido mais favorecido do que Pedro.

Nesse momento, os guardas começaram a recobrar os sentidos e, levantando-se, recolheram suas lanças e retiraram as lamparinas que estavam na porta, de onde lançavam uma luz fraca e tremeluzente sobre os objetos ao

redor. Vi então que saíam apressadamente do jardim em direção à cidade, com evidente medo e tremor.

Enquanto isso, Madalena havia se reunido às santas mulheres e lhes contado que tinha visto o Senhor no jardim e o que os anjos lhe haviam dito depois. Elas então relataram imediatamente o que tinham visto, e Madalena seguiu depressa para Jerusalém, enquanto as mulheres voltaram para aquele lado do jardim onde esperavam encontrar os dois Apóstolos.

Pouco antes de chegarem, Jesus lhes apareceu. Estava vestido com uma longa túnica branca, que escondia até suas mãos, e lhes disse: 'Eu as saúdo.' Elas se sobressaltaram de espanto e se lançaram aos seus pés; ele disse algumas palavras, estendeu a mão como se lhes apontasse alguma coisa e desapareceu.

As santas mulheres foram imediatamente ao Cenáculo e disseram aos discípulos ali reunidos que tinham visto o Senhor. Os discípulos estavam incrédulos e não quiseram acreditar nem no relato delas nem no de Madalena.

Trataram ambos os relatos como efeitos de suas imaginações exaltadas; mas, quando Pedro e João entraram na sala e contaram o que também tinham visto, não souberam o que responder e ficaram cheios de espanto.

Pedro e João logo saíram do Cenáculo, pois os acontecimentos maravilhosos que haviam ocorrido os deixaram extremamente calados e pensativos. Pouco depois, encontraram Tiago Menor e Tadeu, que tinham desejado acompanhá-los ao sepulcro. Tanto Tiago como Tadeu estavam profunda-

mente comovidos, pois o Senhor lhes havia aparecido pouco antes de encontrarem Pedro e João.

Também vi Jesus passar bem perto de Pedro e João. Acho que o primeiro o reconheceu, pois se sobressaltou de repente, mas não creio que o segundo o tenha visto.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

65 — O RELATO FEITO PELAS SENTINELAS QUE FORAM POSTADAS AO REDOR DO SEPULCRO

✦

Cássio apressou-se em ir à casa de Pilatos cerca de uma hora depois da Ressurreição, para lhe dar conta dos acontecimentos extraordinários que haviam ocorrido. Pilatos ainda não havia se levantado, mas Cássio teve permissão para entrar em seu quarto. Relatou tudo o que havia acontecido e expressou seus sentimentos com palavras da maior força.

Descreveu como a rocha havia se partido e como um anjo havia descido do Céu e afastado a pedra; falou também do lençol mortuário vazio e acrescentou que, com toda a certeza, Jesus era o Messias, o Filho de Deus, e que havia verdadeiramente ressuscitado.

Pilatos ouviu esse relato; tremia e estremecia de terror, mas disfarçou sua agitação o melhor que pôde e respondeu a Cássio com estas palavras: 'Você é supersticioso demais; foi uma grande tolice ir ao túmulo do Galileu; os deuses dele se aproveitaram da sua fraqueza e mostraram todas essas visões ridículas para assustá-lo.

Recomendo que fique calado e não conte essas histórias tolas aos sacerdotes, pois você acabaria levando a pior com eles.' Fingiu acreditar que o corpo de Jesus havia sido levado por seus discípulos e que as sentinelas, que haviam sido subornadas e adormecido, ou talvez sido enganadas por feitiçaria, haviam inventado esses relatos para justificar sua conduta.

Quando Pilatos disse tudo o que podia sobre o assunto, Cássio se retirou, e Pilatos foi oferecer sacrifícios aos seus deuses.

Os quatro soldados que haviam guardado o túmulo chegaram pouco depois ao palácio de Pilatos e começaram a lhe contar tudo o que ele já havia ouvido de Cássio; mas ele não quis ouvir mais nada e os enviou a Caifás. Os demais guardas estavam reunidos em um grande pátio perto do Templo, que estava cheio de judeus idosos.

Estes, depois de se consultarem previamente, chamaram os soldados de lado e, por meio de subornos e ameaças, procuraram convencê-los a dizer que haviam adormecido e que, enquanto dormiam, os discípulos tinham vindo e levado o corpo de nosso Senhor.

Os soldados, porém, fizeram objeções, pois o depoimento que seus companheiros tinham ido dar a Pilatos contradiria qualquer relato que eles pudessem inventar agora, mas os fariseus prometeram acertar tudo com o governador.

Enquanto ainda discutiam, os quatro guardas voltaram de seu encontro com Pilatos, e os fariseus procuraram convencê-los a ocultar a verdade; mas eles se recusaram e declararam com firmeza que não mudariam em nada seu primeiro depoimento.

A libertação milagrosa de José de Arimateia da prisão havia se tornado pública, e, quando os fariseus acusaram os soldados de terem permitido que os Apóstolos levassem o corpo de Jesus e os ameaçaram com os castigos mais severos caso não apresentassem o corpo, eles responderam que lhes se-

ria tão impossível apresentar o corpo de Jesus quanto seria aos soldados encarregados de guardar José de Arimateia trazê-lo de volta à prisão.

Falaram com a maior firmeza e coragem; promessas e ameaças foram igualmente inúteis. Declararam que diriam a verdade e nada além da verdade; que a sentença de morte pronunciada contra Jesus era injusta e iníqua; e que o crime cometido ao matá-lo era a única causa da interrupção da solenidade pascal.

Os fariseus, completamente furiosos, mandaram prender os quatro soldados e lançá-los na prisão, e os outros, que haviam aceitado os subornos oferecidos, afirmaram então que o corpo de Jesus havia sido levado pelos discípulos enquanto dormiam; e os fariseus, saduceus e herodianos procuraram espalhar essa mentira com todas as suas forças, não só na sinagoga, mas também entre o povo; e acompanharam essa falsa declaração com as mentiras mais caluniosas a respeito de Jesus.

Todas essas precauções, contudo, pouco adiantaram, pois, depois da Ressurreição, muitas pessoas que estavam mortas havia muito tempo se levantaram de seus túmulos e apareceram àqueles de seus descendentes que não estavam tão endurecidos a ponto de serem insensíveis à graça, e os exortaram a se converter.

Essas pessoas mortas também foram vistas por muitos dos discípulos que, dominados pelo terror e abalados na fé, haviam fugido para o campo. Elas os exortaram e encorajaram a voltar, restaurando sua coragem enfraquecida. A ressurreição dessas pessoas mortas não se assemelhava em nada à Ressurreição de Jesus.

Ele ressuscitou com um corpo glorificado, que já não estava sujeito à decomposição nem à morte, e subiu ao céu com esse corpo glorificado à vista de todos os seus discípulos; mas os corpos mortos de que falamos acima eram cadáveres imóveis, e às almas que antes os habitavam foi permitido apenas entrar neles e reanimá-los por algum tempo.

Depois de cumprirem a missão que lhes fora dada, as almas deixaram novamente esses corpos, que voltaram ao seu estado original nas profundezas da terra, onde permanecerão até a ressurreição no dia do juízo. Seu retorno à vida também não podia ser comparado à ressurreição de Lázaro dentre os mortos, pois ele realmente voltou a uma nova vida e morreu uma segunda vez.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

66 — O FIM DAS MEDITAÇÕES QUARESMAIS

✦

No domingo seguinte, se bem me lembro, vi os judeus lavando e purificando o Templo. Ofereceram sacrifícios expiatórios, retiraram os escombros e procuraram esconder os efeitos do terremoto, colocando tábuas e tapetes sobre as fendas e rachaduras que ele havia aberto nas paredes e no pavimento; e recomeçaram as solenidades pascais, que haviam sido interrompidas pela metade.

Declararam que a perturbação havia sido causada pela presença de pessoas impuras e procuraram dar uma explicação que descartasse a aparição dos mortos. Referiram-se a uma visão de Ezequiel, mas já não me lembro de que maneira. Ameaçaram com excomunhão e outras penas severas todos os que ousassem dizer uma palavra sobre os acontecimentos ou se atrevessem a murmurar.

Conseguiram silenciar umas poucas pessoas de coração endurecido que, conscientes da própria culpa, desejavam afastar o assunto da mente, mas não causaram impressão naqueles cujo coração ainda conservava alguns vestígios de virtude; estes permaneceram em silêncio por algum tempo, escondendo sua crença interior, mas depois, recuperando a coragem, proclamaram sua fé em Jesus em alta voz ao mundo.

Os sumos sacerdotes ficaram muito desconcertados ao perceberem a rapidez com que as doutrinas de Cristo se espalhavam pelo país. Quando Estêvão era diácono, toda a região de Ofel e o lado oriental de Sião eram peque-

nos demais para abrigar as numerosas comunidades cristãs, e uma parte delas foi obrigada a se estabelecer na região entre Jerusalém e Betânia.

Vi Anás num estado de furor tão grande que agia como um possesso; por fim, foi necessário mantê-lo recluso, e ele nunca mais apareceu em público. Caifás demonstrava menos exteriormente, mas por dentro era consumido por tamanha raiva e inveja extrema que sua razão ficou abalada.

Vi Pilatos na quinta-feira de Páscoa; ele mandava procurar sua esposa por toda a cidade, mas seus esforços para encontrá-la foram inúteis; ela estava escondida na casa de Lázaro, em Jerusalém. Ninguém pensou em procurá-la ali, pois não havia outra mulher na casa; mas Estêvão levava comida para ela e a informava de tudo o que acontecia na cidade. Estêvão era primo de São Paulo.

Eram filhos de dois irmãos. No dia seguinte ao sábado, Simão de Cirene foi procurar os apóstolos e pediu para ser instruído e receber o batismo.

As visões da irmã Emmerich, que haviam continuado de 18 de fevereiro a 6 de abril de 1823, chegaram aqui ao fim.

APÊNDICE.

Relato avulso sobre Longino.

Em 15 de março de 1821, a irmã Emmerich apresentou o seguinte relato avulso de partes de uma visão que tivera na noite anterior sobre São Longino, cuja festa caía justamente naquele dia, embora ela não soubesse disso.

Longino, que, creio eu, tinha outro nome, exercia uma função em parte civil e em parte militar na casa de Pilatos, que lhe confiava o dever de super-

visionar tudo o que acontecia e lhe apresentar um relatório. Era digno de confiança e pronto a prestar um serviço, mas, antes de sua conversão, faltavam-lhe muito a firmeza e a força de caráter.

Era excessivamente impetuoso em tudo o que fazia e desejava ser considerado uma pessoa de grande importância; e, como era estrábico e tinha a vista fraca, muitas vezes era alvo de zombarias e motivo de riso entre seus companheiros.

Eu o vi muitas vezes ao longo desta noite e, em ligação com ele, vi ao mesmo tempo toda a Paixão, não sei de que maneira; só me lembro de que estava ligada a ele.

Longino ocupava apenas uma posição subordinada e tinha de prestar contas a Pilatos de tudo o que via. Na noite em que Jesus foi levado diante do tribunal de Caifás, ele estava no pátio externo, entre os soldados, indo e vindo sem cessar. Quando Pedro se alarmou com as palavras da criada que estava perto do fogo, foi ele quem disse certa vez: 'Você também não é um dos discípulos deste homem?'.

Quando Jesus era levado ao Calvário, Longino, por ordem de Pilatos, o seguia de perto, e nosso Divino Senhor lhe dirigiu um olhar que tocou seu coração. Depois, eu o vi no Gólgota com os soldados. Estava a cavalo e levava uma lança; eu o vi na casa de Pilatos, depois da morte de nosso Senhor, dizendo que as pernas de Jesus não deviam ser quebradas.

Voltou imediatamente ao Calvário. Sua lança era feita de várias peças que se encaixavam umas nas outras, de modo que, ao puxá-las para fora, a lança

podia atingir três vezes seu comprimento original. Ele acabara de fazer isso quando tomou a súbita decisão de perfurar o lado de nosso Salvador.

Converteu-se no monte Calvário e, pouco tempo depois, expressou a Pilatos sua convicção de que Jesus era o Filho de Deus. Nicodemos convenceu Pilatos a lhe entregar a lança de Longino, e eu vi muitas coisas sobre a história posterior dessa lança. Longino, depois de sua conversão, deixou o exército e se juntou aos discípulos.

Ele e outros dois soldados, que se converteram aos pés da cruz, estiveram entre os primeiros a ser batizados depois de Pentecostes.

Vi Longino e esses dois homens, vestidos com longas roupas brancas, voltarem à sua terra natal. Viviam ali no campo, numa região árida e pantanosa. Foi ali que morreram os quarenta mártires.

Longino não era sacerdote, mas diácono, e viajava de um lugar para outro nessa função, pregando o nome de Cristo e relatando, como testemunha ocular, a história de sua Paixão e Ressurreição. Converteu um grande número de pessoas e curou muitos doentes, permitindo que tocassem num pedaço da lança sagrada que levava consigo.

Os judeus estavam muito enfurecidos com ele e seus dois companheiros, porque eles divulgavam por toda parte a verdade da Ressurreição de Jesus e a crueldade e os enganos de seus inimigos.

Por instigação deles, alguns soldados romanos foram enviados à terra de Longino para prendê-lo e julgá-lo, sob a alegação de que havia deixado o exército sem licença e perturbava a paz pública. Ele estava cultivando seu

campo quando chegaram, levou-os para sua casa e lhes ofereceu hospitalidade.

Eles não o conheciam e, depois que lhe contaram o objetivo da viagem, ele chamou tranquilamente seus dois companheiros, que viviam numa espécie de eremitério não muito distante, e disse aos soldados que ele e os companheiros eram os homens que procuravam. A mesma coisa aconteceu com o santo jardineiro Focas.

Os soldados ficaram muito aflitos, pois haviam criado grande amizade por ele. Eu o vi ser levado com seus dois companheiros a uma pequena cidade vizinha, onde foram interrogados. Não foram postos na prisão, mas tiveram permissão para ir aonde quisessem, como prisioneiros sob palavra, sendo obrigados apenas a usar uma marca distintiva no ombro.

Mais tarde, os três foram decapitados numa colina situada entre a pequena cidade e a casa de Longino, e ali foram sepultados. Os soldados colocaram a cabeça de Longino na ponta de uma lança e a levaram a Jerusalém como prova de que haviam cumprido sua missão. Creio me lembrar de que isso aconteceu pouquíssimos anos depois da morte de nosso Senhor.

Depois tive uma visão de coisas que aconteceram numa época posterior. Uma conterrânea cega de São Longino foi com seu filho em peregrinação a Jerusalém, na esperança de recuperar a visão na cidade santa onde os olhos de Longino haviam sido curados. Era guiada pelo filho, mas ele morreu, e ela ficou sozinha e inconsolável.

Então São Longino lhe apareceu e disse que ela recuperaria a visão quando retirasse sua cabeça de uma fossa na qual os judeus a haviam lançado. Essa

fossa era um poço profundo, com as paredes revestidas de tijolos, e toda a sujeira e os detritos da cidade corriam para dentro dele por vários escoadouros.

Vi algumas pessoas levarem a pobre mulher até o local; ela desceu ao poço até ficar mergulhada até o pescoço e retirou a cabeça sagrada, recuperando então a visão. Voltou à sua terra natal, e seus companheiros conservaram a cabeça. Não me lembro de mais nada sobre esse assunto.

Relato avulso sobre Abenadar.

Em 1 de abril de 1823, a irmã Emmerich disse que aquele dia era a festa de São Ctesifonte, o centurião que estivera presente na Crucificação, e que durante a noite ela havia visto vários detalhes de sua vida. Mas também havia sofrido muito, o que, junto com distrações externas, a fizera esquecer a maior parte do que vira. Ela relatou o seguinte:

Abenadar, depois chamado Ctesifonte, nasceu numa região situada entre a Babilônia e o Egito, na Arábia Feliz, à direita do lugar onde Jó viveu durante a segunda metade de sua vida. Havia ali certo número de casas quadradas, com telhados planos, construídas numa encosta suave. Muitas árvores pequenas cresciam naquele lugar, e ali se colhiam incenso e bálsamo.

Estive na casa de Abenadar, que era grande e espaçosa, como se poderia esperar da casa de um homem rico, mas também era muito baixa. Todas essas casas eram construídas dessa maneira, talvez por causa do vento, pois ficavam muito expostas. Abenadar havia se juntado como voluntário à guarnição da fortaleza Antônia, em Jerusalém.

Entrara para o serviço romano a fim de ter mais facilidades em seu estudo das belas-artes, pois era um homem instruído. Tinha caráter firme, era baixo e corpulento e tinha a pele escura.

Abenadar logo se convenceu, pela doutrina que ouviu Jesus pregar e por um milagre que o viu realizar, de que a salvação se encontrava entre os judeus, e havia se submetido à lei de Moisés. Embora ainda não fosse discípulo de nosso Senhor, não lhe queria mal e o venerava em segredo.

Era por natureza sério e sereno e, quando chegou ao Gólgota para render a guarda, manteve a ordem por toda parte e obrigou todos a se comportarem ao menos com a decência comum, até o momento em que a verdade o venceu e ele deu testemunho público da divindade de Jesus. Como era rico e voluntário, não teve dificuldade em deixar imediatamente seu posto.

Ajudou na descida da cruz e no sepultamento de nosso Senhor, o que o aproximou dos amigos de Jesus, e depois do dia de Pentecostes foi um dos primeiros a receber o batismo na piscina de Betsaida, onde tomou o nome de Ctesifonte.

Tinha um irmão que vivia na Arábia, a quem contou os milagres que presenciara e que, assim chamado ao caminho da salvação, veio a Jerusalém, foi batizado com o nome de Cecílio e recebeu, junto com Ctesifonte, a tarefa de ajudar os diáconos na comunidade cristã recém-formada.

Ctesifonte acompanhou o apóstolo São Tiago Maior à Espanha e também voltou com ele. Depois de algum tempo, foi novamente enviado à Espanha pelos apóstolos e levou para lá o corpo de São Tiago, que havia sido martirizado em Jerusalém.

Foi feito bispo e residiu principalmente numa espécie de ilha ou península não muito distante da França, que também visitou e onde fez alguns discípulos. O nome do lugar onde vivia se parecia com Vergui, e mais tarde esse lugar foi devastado por uma inundação. Não me lembro de Ctesifonte ter sido martirizado.

Escreveu vários livros com detalhes sobre a Paixão de Cristo; mas alguns livros lhe foram falsamente atribuídos, e outros, que realmente saíram de sua pena, foram atribuídos a diferentes escritores. Roma posteriormente rejeitou esses livros, cuja maior parte era apócrifa, mas que, ainda assim, continham algumas poucas coisas realmente escritas por ele.

Um dos guardas do sepulcro de nosso Senhor, que não se deixou subornar pelos judeus, era seu conterrâneo e amigo. Seu nome era algo como Sulei ou Suleii. Depois de passar algum tempo preso, retirou-se para uma caverna do monte Sinai, onde viveu sete anos.

Deus concedeu muitas graças especiais a esse homem, e ele escreveu alguns livros muito eruditos no estilo de Dionísio, o Areopagita. Outro escritor fez uso de suas obras, e assim alguns trechos delas chegaram até nós. Tudo o que dizia respeito a esses fatos me foi revelado, assim como o nome do livro, mas eu o esqueci.

Esse conterrâneo de Ctesifonte mais tarde o seguiu até a Espanha. Entre os companheiros de Ctesifonte naquele país estavam seu irmão Cecílio e alguns outros homens, cujos nomes eram Indalécio, Hesíquio e Eufrásio.

Outro árabe, chamado Sulima, converteu-se nos primeiros dias da Igreja, e um conterrâneo de Ctesifonte, com um nome parecido com Sulensis, tor-

nou-se cristão mais tarde, no tempo dos diáconos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0